

o b s t i n a d o
a t r e v i d a

SE ENTREGANDO AO AMOR | *livro 2*

A G A T H A S A N T O S





Série Se Entregando ao Amor – Livro 2

Agatha Santos

2019

Copyright © Agatha Santos

Capa: **Will Nascimento**

Diagramação: **Criativa TI**

Revisão: **Hellen Caroline**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



No auge dos seus vinte e oito anos, Aldria Garcia jamais imaginou viver as confusões que a cercam. Dona de uma boca muito atrevida, uma personalidade marcante e um corpo avantajado, ela se vê confusa e atrapalhada, quando o grande amor de sua vida resolve que a quer de volta.

Um homem obstinado e de opinião determinante, Júlio Gouvêa, após sete anos longe da mulher de seus sonhos, resolve que é o momento de resgatar o amor perdido.

Um homem com uma meta: conquistar a mulher que ama.

Uma mulher com um propósito: dificultar os avanços de seu único amor.

Entre confusões e mal-entendidos, eles constroem sua história à base de muitas risadas, algumas incertezas e uma boa dose de erotismo.

Dedicatória

*Dedico esta história a pessoa que me cuidou e protegeu até eu descobrir minha
essência.*

A você, minha irmã

.



Mais uma noite chega e eu, como sempre, no tédio. Agora minha realidade se tornou um pouco mais solitária que o normal.

Vega está recém-casada. Aquela vaca sortuda ganhou na loteria da vida com aquele marido gostosão. Pois é, nem todas nascem com essa sorte.

Lucca resolveu sair e me abandonou nesse apartamento que se torna cada vez maior com a solidão que me toma.

Merda! Eu jurei que não me permitiria sentir mais assim. Eu jurei naquele maldito dia de bosta.

Anos atrás...

— Aldria, venha. Vamos pro refeitório — Vega grita do corredor.

— Já vou! Vou passar na biblioteca.

— Ai, por Dios. Não sei o que tanto você faz nessa biblioteca! — vai reclamando pelo corredor afora.

Eu tenho que enrolá-la. Nem Vega, nem o Lucca, sabiam o real motivo de todos os dias eu passar pela biblioteca. Assim como não sabem das minhas saídas à noite do apartamento,

quando eles já estão dormindo.

Saio e caminho rapidamente ao meu destino. Meu coração quase pulando pela boca. Eu o vi praticamente todos os dias no último mês e mesmo assim esse nervoso não sai de mim. Acho que estou me apaixonando.

Ainda não sei o que faremos quando ele for para a faculdade nos Estados Unidos, mas daremos um jeito. Ele sempre diz que daremos um jeito e eu acredito nele. Eu confio nele.

Entro na biblioteca e vou direto para o acesso aos livros específicos de Direito. Um lugar meio apertado e pouco frequentado este horário. Perfeito para nós dois.

Entro na saleta e o vejo mexendo no celular, apoiado à uma mesa no canto da sala. Eu paro encostada na porta e nesse momento ele levanta o olhar, me encarando. Isso já é minha perdição.

Perco o ar, o raciocínio e o bom senso.

Antes que me dê conta, estou acelerando os passos de encontro a ele, que só tem tempo de soltar o celular sobre a mesinha, enquanto abre os braços para me receber.

Ele me pega pela cintura e sua boca encontra a minha em um beijo descarado. Júlio Gouvêa não brinca em serviço. Além dos seus dotes físicos, um metro e oitenta e cinco de altura, corpo esculpido e malhado, com tudo exatamente em seu devido lugar, uma bunda que — meu paizinho do céu — me tira do compasso. Ele tem “a pegada”. Eu sou realmente encantada pelo seu sorriso. Quando ele sorri, parece que tudo em volta se ilumina. É como se eu enxergasse um pedacinho da sua alma, já que é tão raro ver esse sorriso, principalmente na frente dos outros.

Ele tem sido minha total perdição há pouco mais de um mês. O primo preferido da Vega, minha melhor amiga. Eu me sinto uma vadia traidora por esconder isso dela e do Lucca, mas ele me pediu que não dissesse nada. Júlio é muito reservado e não quer a família maluca dele interferindo no que temos. Palavras dele.

Findo o beijo obsceno sem ar e sem raciocínio.

— Oi, gata! — ele diz com a cara de safado que lhe é peculiar.

— Oi, gato! — devolvo o elogio. A diferença é que eu realmente quero dizer isso, e ele... Bem, ele faz uma graça quando fala essas coisas para mim.

— Seguinte, boneca. Vamos nos ver hoje à noite. Vai ser algo especial e eu te quero a noite inteira — ele diz isso próximo ao meu ouvido e, como o safado está se esfregando em mim, sinto algo especial quando ele me pressiona. Ofego, afinal, é o que me resta.

— Tudo bem. Vou inventar uma desculpa para aqueles dois — falo, enlaçada ao pescoço dele, dando beijinhos em seu rosto. Eu sei, parece bobo e idiota, principalmente para mim, que tenho irritação dessas coisas melosas. No entanto, com ele não consigo ser diferente.

— Ótimo! Te pego às dez, no mesmo lugar.

— Tudo bem. — Olho no meu relógio de pulso. — É melhor eu ir, ou vão dar falta de mim.

Júlio me junta novamente pela cintura e me dá um beijo arrebatador. É um beijo intenso e cheio de significados que eu, sinceramente, não confio em meu julgamento para definir.

Despeço-me dele e saio da biblioteca à surdina. Encaminho-me ao refeitório para encontrar meus amigos e quando chego à mesa em que eles estão, invento qualquer desculpa sobre um livro e me entupo de comida para não responder aos questionamentos dos dois. É cada vez mais difícil esconder deles o que está acontecendo.

O que eu posso fazer? Eu também não sei o que será de mim e dele, afinal, dentro de algumas semanas ele estará na faculdade e nós ainda não conversamos sobre futuro ou qualquer outra coisa.

Passo o restante do dia ansiosa e não consigo me concentrar em nada. Saber que estarei com ele e que vamos novamente passar uma noite juntos me deixa nervosa, tensa e extremamente excitada.

Ainda me questiono a todo o momento como um deus grego daqueles olhou para mim. Eu sei que sou uma gordinha ajeitada, como já ouvi por aí. Tenho minha vaidade e não me deixo abater pelas várias anoréxicas que tentam me colocar para baixo, mas, realmente, ele se interessar dessa forma, deixa-me com alguns questionamentos sobre mim.

Na hora marcada eu saio do apartamento, inventando a desculpa de estar indo estudar com uma colega. Coloco uma roupa relativamente simples, mas que ainda me deixa com certa sensualidade.

Uso um shorts branco tipo social e uma blusinha de malha fina, amarela clara. Como tenho quadril bastante avantajado, o conjunto me deixa meio menina, mas com um toque sexy. Sapatilhas brancas e pronto.

Eu sempre o encontro a dois quarteirões do apê, próximo a um pub muito legal, que tem nas redondezas. Como cheguei mais cedo que o combinado, resolvo, então, pedir uma cerveja e beber no balcão do pub mesmo.

Estou muito ansiosa. Mesmo já tendo saído com ele diversas vezes e saber o que me aguarda, não consigo controlar as borboletas que pairam na minha barriga.

Fico quente só de imaginar tudo que Júlio Gouvêa fará comigo. Eu não sou nenhuma experiente em sexo. Antes do Júlio eu saí com dois carinhos que, meu Deus do Céu, foi algo terrível e muito ruim.

Com ele, aprendi a sentir prazer e me dar prazer. Júlio me mostrou muita coisa em pouco tempo. E é muito engraçado o quão à vontade me sinto com ele. Meu Deus, ele é um menino. O meu menino.

Ele não usa meu corpo. Ele me envolve em uma dança erótica de mente, corpo e alma, e isso torna todo o ato mais que especial. É muito fácil para mim, lidar.

Já estou na minha segunda cerveja e nada dele. Penso em ligar e quando saco o celular do bolso, vejo uma loira alta e muito bonita entrando no pub.

Ela me encara de imediato e vem em minha direção. Penso em ignorá-la, mas ela sorri pra mim como se me conhecesse.

— Olá. Aldria, não é? — Fico confusa e estendo a mão para cumprimentá-la.

— Sim. E você, é? — pergunto, desconfiada. Não estou gostando nada disso.

— Eu sou Isabela, namorada do Júlio.

Sinto meu corpo inteiro estremecer. Um zumbido incômodo se instala em meu ouvido e eu sento na banquetta, tentando voltar meu raciocínio ao prumo.

— Ah, querida. Ele não te falou, né? Bom, Júlio tem esse costume mesmo. Ele não virá, querida. Hoje foi sua partida para os Estados Unidos e eu estou aqui para tirar dessa sua cabecinha qualquer ilusão que você possa criar. — Eu a encaro com raiva transbordando em mim.

— Mentira! Ele não tem namorada e ainda não foi para os Estados Unidos — falo, trincando os dentes.

— Ah, querida — repete. — Eu faço vista grossa para essas extravagâncias do Júlio, afinal, serei a futura Sra. Gouvêa. Mas é fato que você é isso, um passatempo e uma foda ocasional dele.

Eu não raciocino e quando percebo, minha mão arde e uma Isabela chocada segura o rosto, no lado em que eu a acertei.

— Sua louca! — ela esbraveja, me olhando horrorizada. — Você achou realmente que ele assumiria você? Uma garota sem graça e gorda? Você foi a foda da vez porque estávamos brigados, meu bem — diz com todo o prazer estampado em sua face.

Viro, pegando minha bolsa e saindo daquele lugar antes que eu cometa uma loucura. Quando estou na rua a caminho de casa, não resisto e pego meu celular, mandando uma mensagem pra ele.

"Onde você está?"

Não acusa recebimento. Chego a casa, ainda não me permitindo deixar que as palavras sujas daquela garota tenham efeito sobre mim.

Tiro a roupa e vou pra cama. No dia seguinte ele com certeza verá a mensagem e me ligará, aí poderemos esclarecer as coisas.

Volto à minha realidade e tomo um gole do meu vinho. A lágrima inevitavelmente escorre e eu nem me dou ao trabalho de pará-la. O vazio que senti naquele dia, tomou conta de mim e vem me assombrando até hoje.

A mensagem nunca foi respondida e, dias depois, tomando coragem, eu perguntei a Vega sobre o primo e ela contou que ele havia voltado para os Estados Unidos dias antes.

Naquele dia eu jurei para mim mesma que Júlio Gouvêa pagaria arduamente por tudo que me fez e pelo tanto que me humilhou.

E assim tem sido até hoje. Ninguém sabe do nosso casinho sujo. Ele ainda namora aquela vadia loira e eu nunca soube com propriedade sobre a história deles. Apenas faço questão de pisar nele em cada oportunidade que tenho.

Eu não sou mais aquela menininha ingênua e nunca mais vou me permitir ser sujeitada ao bel prazer daquele porco egoísta.

Bebo mais um gole do meu vinho e me preparo para mais uma noite solitária, sonhando com aquele demônio com cara de anjo.



Capítulo 1
Día de Merda

Meses atrás

Júlio Gouvêa

Hoje realmente não é o meu dia.

Tive uma merda de dia no escritório, perdi a porra da audiência porque o infeliz do meu assistente não me passou a nova data no processo de um cliente importante do escritório.

Desci o inferno na Terra. Odeio incompetência. Eu nunca perdi ou me atrasei para qualquer coisa.

Resolvi isso da melhor forma. Coloquei o idiota na rua por justa causa.

Fui obrigado a aguentar o Eduardo me enchendo a porra do saco e dizendo o quanto sou frio e incoerente.

Um homem frio é um homem que não é movido por emoções, não se deixa levar pelo momento, e isso eu sei fazer muito bem. Mas se querem me dar um título, aceito esse de bom grado.

Ainda tive que lidar com a Isabela, me torrando o saco dizendo que está vindo pra cá e quer ficar no meu apartamento. Eu já perdi as contas de quantas vezes disse que não durmo com ninguém.

E pra fechar com chave de ouro, minha tia Lena resolveu fazer mais uma de suas reuniõezinhas e eu não posso faltar. Já fui avisado pelo meu tio Pedro, que um cliente importante estará lá.

Sou Júlio Gouvêa e tenho vinte e seis anos. Dizem que sou um cara trabalhador, obstinado, implacável, reservado e ainda afirmam que sou infalível nos negócios, pois tudo que almejo, eu consigo.

Eu gosto de pensar que sou só um cara de metas. Traço meu caminho e executo. Simples e fácil.

Pratico aula de artes marciais e sempre estou no centro de treinamento de tiro, minha segunda paixão, pois a primeira é o Direito. Tenho um escritório de advocacia, voltado para a área criminal, localizado próximo ao prédio da empresa Gouvêa & Associados, onde sou membro do conselho executivo de toda a organização, além de ser um dos melhores advogados do Brasil. Muitos me conhecem no tribunal como o homem de gelo, mas sou apenas um cara centrado nos meus objetivos e vitórias, pois perder não existe no meu vocabulário.

Moro sozinho e tenho a Célia, minha empregada, que cuida de tudo para mim. Quando decidi morar só, minha mãe me impôs a Célia, pois somente assim ela ficaria mais tranquila.

Chegando a casa, vou me arrumar para o jantar. Decido ir todo de preto, jogo uma jaqueta de couro por cima e o meu sapato *Broken Rules*, também preto. Pronto, estou preparado para este jantar, e, também, ficar de olho em Aldria.

Esse é outro problema que vem me tirando do sério há muito tempo.

Maldita mulher que consegue aflorar o pior de mim!

Ela tem o poder de me irritar com tão pouco. Fora que, quando estamos sozinhos, consegue me tirar muito mais do que a irritação. Sinto a necessidade de domar aquela fera.

Depois de meia hora, chego a casa dos meus tios. Entro e cumprimento a todos, mas nem sinal dela por aqui e, como sempre, minha noite tinha que ser irritante. Para completar e tirar meu juízo, chega o engraçadinho do meu irmão, Olavo. Esse não tem jeito mesmo, adora tirar sarro da minha cara. Somos irmãos de sangue, mas não poderíamos ser mais diferentes no gênio.

— E aí mano, como anda?

Olho-o desconfiado, pois ele não é de vir falar comigo sem segundas intenções.

— Olha, Olavo, hoje eu não estou para suas gracinhas. Tive um dia de merda e não

quero estragar o jantar dos nossos tios — falo para ele, deixando claro que não estou disposto a brincadeiras.

— Calma aí, Sr. Júlio Gouvêa. Eu vim apenas te cumprimentar e dizer que a mamãe está à sua procura.

Penso um pouco e vejo que exagerei, afinal, ele não tem culpa do meu dia estar uma droga. Desculpo-me e penso em sair à procura dos nossos pais, mas quando dou um passo, eis que a mulher que rouba meu prumo, deixa-me possesso e de pau duro, entra belíssima num vestido preto em couro com um decote “me coma”, toda sorridente ao lado da minha querida prima, Vega Velásquez. E como eu imaginava, meu irmão, que está atrás de mim, solta suas proezas.

— Mas olha só, mano, se não é a delícia da Aldria e nossa prima. Poxa, eu tenho realmente que investir nesta mulher e hoje, ela veio vestida para matar. Minhas mãos chegam a coçar para apalpar aqueles peitos.

Nesta hora sobe em mim uma raiva incontrolável. Viro-me pra ele, segurando-o pela gola da camisa.

— Escuta aqui, Olavo. Você nem ouse olhar e muito menos tocar na Aldria, ou do contrário, eu não respondo por mim — ameaço o safado que, na mesma hora, levanta as mãos em sinal de rendição e solta uma gargalhada, fazendo algumas pessoas na sala se virarem e nos olharem. Solto-o e arrumo sua camisa. *Inferno!* Nem a cumprimentei e já estou perdendo a mente.

Vejo o Sr. Machado se aproximar da nossa prima com um cara ao lado que eu não conheço e então percebo que esta noite não vai prestar. Sem pensar, saio em disparada ao encontro das duas, com o Olavo na minha cola. Quando chego, me deparo com o amigo frangote do Sr. Machado soltando gracinhas para o lado da Aldria, e a safada é toda sorrisos para ele. Antes que eu tome uma atitude impensada, meu irmão se adianta.

— Ei, ei, ei... Quem és tu? E o que fazes com minha linda aqui? — pergunta um Olavo sarrista, mas que no momento demonstra a posse da família e se coloca entre Antônio e Vega, abraçando-a pelo ombro. Percebo um olhar muito estranho do Sr. Machado, mas não dou muita vazão a isso, afinal, estou de olho na atirada da Aldria.

— Eu sou Antônio Machado, e você?

Percebo que o Sr. Machado não conhece nem a mim nem a Olavo, mas eu o conheço, pois a Vega está numa investigação na sua empresa e como vai precisar da minha ajuda, já me falou a respeito dele e do que se trata a investigação. Por ora, resolvo fazer de conta que também não o conheço.

— Ele é Olavo Gouvêa e eu me chamo Júlio Gouvêa. Somos a família dela — afirmo com cara de poucos amigos, apontando para uma Vega muito sem graça para o meu gosto. E nesta hora o amigo do Sr. Machado entra com suas gracinhas para o lado da Aldria.

— Ok. Todo mundo já foi apresentado e eu, por sinal, sou João. Deixemos a macheza de lado e vamos aproveitar. Aldria, minha coisa linda e maravilhosa, como consegue ser tão desejável a cada dia? — Puta que pariu! É hoje!

Ela fica roxa de tão vermelha. Na hora, olha em minha direção.

É, Srta. Garcia, se você pensou em me deixar possesso com a roupa, realmente seu amigo conseguiu atingir o objetivo com esse comentário.

A porra mais perfeita. Viro meu copo de uísque e simplesmente dou-lhes as costas e saio.

Vou atrás dos meus pais e tento me distrair na conversa. Preciso ficar equilibrado. Estou num jantar em família, de negócios, e não posso perder a cabeça.

Algun tempo depois vejo Aldria indo ao banheiro e sem usar nenhum equilíbrio, eu a sigo. Vou tirar essa história de gostosa a limpo.

Parto em sua direção, deixo-a entrar no banheiro e quando ela acha que vai fechar a

porta, entro com tudo. Fecho a porta e a imprenso contra a pia do banheiro.

— O que você pensa que está fazendo, Júlio? — questiona Aldria, muito alterada e zangada com a minha atitude repentina.

— Você não está em condições de perguntar nada, Srta. Garcia, pois quem dá as cartas aqui, sou eu! — Ela olha para mim muito espantada e começa a me xingar.

— Você é um safado, arrogante, prepotente e que se acha no direito de agir assim, mas olhe aqui, Sr. Júlio Gouvêa, você manda na vagaranha da sua namorada, em mim você está longe de mandar, seu cafajeste!

Não resisto àquela boca e a calo com um beijo. Nossas línguas duelam e eu me esbaldo, passando a mão naquela bunda gostosa. Subo seu vestido, coloco sua calcinha para o lado e enfio o dedo na sua boceta molhadinha, que somente eu tenho o prazer de provar.

— Oh, minha safada. Diga, quem manda? Responda ou eu paro agora de enfiar meus dedos nesta sua bocetinha rosada.

Envolvida pelo prazer que está sentindo, ela diz sem pestanejar:

— Você quem manda, Júlio. Somente você.

— Boa menina, Srta. Garcia — digo próximo a sua boca.

Continuo estocando meus dedos em sua vulva e aproveito para beijá-la. Céus, isso acaba comigo. O gosto de sua boca me deixa louco e eu quase — digo quase — perco totalmente o raciocínio. A vontade de fodê-la aumenta e quando eu libero meu aperto de seu cabelo para baixar o zíper da minha calça, ela tem um estalo de consciência e se liberta desse torpor que nos colocamos.

Ela me empurra e como eu não esperava, acabo me chocando contra a parede atrás de mim. Ofegante, me diz:

— O que você pensa que está fazendo? Eu não sou suas putas! — ela praticamente grita.

Eu avanço e coloco uma mão sobre sua boca para calá-la.

— Cale a boca! Tá maluca? Vão nos escutar — falo num sussurro sério para que ela entenda a gravidade da situação.

A doida morde minha mão.

— Ai! — Solto-a, segurando meus dedos, pois ela deve ter decepado um.

— Não se preocupe, garoto. Ninguém vai saber que você tentou abusar de mim no lavabo — ela diz com todo seu sarcasmo. Aldria sabe que eu odeio quando me chama de garoto. *Caralho, ela é só dois anos mais velha que eu!*

— Aldria... — Não me deixa terminar.

— Nunca mais coloque essas patas imundas em cima de mim, seu cachorro!

Dito isso ela abre a porta, saindo e me deixando pra trás muito puto e com uma ereção desconcertante.

Verifico minha mão e vejo que não sangrou muito. O corte que seu dente fez em minha pele foi superficial, porém, o suficiente pra doer pra porra.

Saio do lavabo e decido, para o bem de todos, principalmente o meu, ficar longe dela. Antes de terminar o jantar já estou fora de lá e agora me encaminho para meu apartamento.

Minha vontade é ir para o estande de tiro e descarregar minha princesa até que eu consiga exorcizar esse maldito incômodo que eu sinto toda vez que eu estou com ela. Meu celular toca e pelo horário, só podem ser eles.

— Alô.

— Estamos te aguardando no lugar de sempre. — E a linha fica muda. Inferno de dia que fica cada vez pior!

Aldria

Vejo que o cachorro do Júlio já saiu. Menos mau. Eu deveria ter arrancado os dedos dele fora quando tapou minha boca.

Nunca vou entender aquele imbecil. Se ele tem tanta vergonha de mim, por que insiste em fazer esse tipo de coisa?

— Olá, deusa! — Lucca diz, se aproximando.

— Oi.

— Tô vendo que o advogado delícia já te tirou do sério. Eu o vi te seguindo lá pra dentro antes do jantar, viu?!

— O quê? Tá doido? Eu hein! Não tenho nada a ver com aquele engomadinho.

— Aldria. *Oiê!* Sou eu, tá, mona?! Não faça “a loca” comigo.

— Bicha, não tem nenhum bofe pra tu jogar sua purpurina, não? — Uso meu sarcasmo. Por mais que Lucca saiba de tudo que rolou entre o projetinho de homem e eu, não quero que ele fique me enchendo.

— Infelizmente, não tem.

— Então para de me torrar, ok?!

Quando Lucca está para retrucar, o Sr. deuso, peguete da minha amiga, se aproxima.

— Olá, Boa noite!

— Olá, Sr. Machado.

— Oi de novo, Sr. Machado — cumprimento-o, rindo da cara de pastel do Lucca. Ele nunca vai se acostumar com a beleza desse homem.

— Gostaria muito de conversar a sós com a Vega. Eu preciso resolver algumas questões

e ela não me atende, nem quer falar comigo. Entendo que vocês são amigos dela, mas, de verdade, eu não a quero mal — ele diz mais em tom de súplica do que qualquer outra coisa.

— Nós entendemos, Sr. Mas Vega tem suas questões e...

— Vou perguntar só uma coisa, Antônio, e espero que não minta — digo, cortando a baboseira do Lucca.

— Tudo bem. — Ele me encara. Eu gosto desse cara.

— Tu comeu a vadia loira?

Mando na lata.

— Aldria! — Lucca exclama, colocando a mão no peito, horrorizado. Não entendi. Fui tão objetiva.

— Se você está se referindo a Adriana, a resposta é não. Pelo menos, não desde muito antes de conhecer a Vega.

— Tudo bem. Vou ajudá-lo.

E assim bolamos o plano mirabolante para unir minha amiga àquele deus novamente.

Já que eu não consigo ser feliz nesse âmbito e o Lucca é exigente demais pra deixar qualquer “homo” chegar perto dele, preciso realizar meus sonhos através da única amiga que tenho. Eu sei que ela ainda vai me agradecer no fim das contas.



Fazem malditas duas semanas que estou me descabelando feito louca, porque a minha amiga vadia resolveu trombar com o seu príncipe encantado e foder, viajar, foder, noivar, foder, casar e ainda por cima, sair em lua de mel pra foder mais ainda. Ok, eu sei que o cara é um deus, e pelo pouco que a Vega fala — pois acredite em mim, eu tentei arrancar muito mais daquela vadia —, ele é o verdadeiro Dom Juan. Claro, se eu acreditasse em príncipes, diria que ele é um, mas não acredito.

Ele é a porra do Dom Juan que sabe trabalhar em torno para conseguir o que quer e eu acredito que minha amiga, que não é nem um pouco santa, muito pelo contrário, com certeza mantém aquele pecado muito bem ocupado.

E por que eu estou falando tudo isso? Porque eu que me fodi — e não foi no bom sentido —, e agora tenho que lidar com o meu trabalho, parte do trabalho da Vega, e pra fechar todo o circo, tenho o “imbecil” no meu calcanhar.

Aquela coisa ridícula que se intitula como um dos melhores advogados do país resolveu tirar suas tardes ocupadíssimas pra me azucrinar na Gouvêa & Associados. Desde que a Vega partiu para sua festinha de orgia com seu deus e deu adeus ao seu pai, o Sr. Gouvêa, eu estou me desdobrando em cinco para dar conta de tudo.

Como se não fosse o suficiente estar sobrecarregada de serviço, o Sr. Gouvêa teve a brilhante ideia de colocar o imbecil e eu para lidarmos com o departamento de controladoria, que

antes era gerido somente pela Vega. Como realizamos um ótimo trabalho em equipe nas questões relacionadas à empresa do Antônio, o Sr. Gouveia achou que isso funcionaria muito bem no primeiro momento, pois Vega cumpriu alguns contratos para não atrapalhar o andamento, fazendo um intensivo comigo e com o peste, para assim podermos dar sequência aos processos sem mais delongas. Eu não tenho problemas quanto ao trabalho e a sobrecarga nas minhas funções. Sou competente e capacitada. Confio plenamente em meu taco e sei que dou conta de cobrir essas brechas, até que a diretoria consiga reequilibrar os departamentos.

O meu problema é o imbecil. Aquele ser, que antes eu convivia numa escala muito menor de interação, agora praticamente respira no meu cangote. E Deus sabe o sacrifício que faço para não sucumbir a cada respiro daquele maldito em cima de mim.

Desde o casamento da Vega, duas semanas atrás, eu não o tenho visto. Parece que anda ocupado com um caso criminal do seu escritório particular e alegou não ter tempo para a burocracia daqui. Estou mais uma vez sozinha com tudo. Até que não me importo, assim pelo menos tenho sossego. E de qualquer forma eu tenho Lola, a antiga assistente da Vega, que passou a ser meu braço direito aqui na empresa.

Por falar nela, onde foi que se meteu?

Pedi alguns relatórios de dois contratos que estão com pendências de avaliação e até agora nada. Sou uma ótima pessoa, brinco e me divirto, sou a favor do clima leve e descontraído no ambiente de trabalho, só não tolero incompetência. Sou firme quando se trata das minhas responsabilidades e andamento do serviço que me cabe.

Resolvo ir atrás da doidinha. Saio da antiga sala da minha melhor amiga, que agora é minha, e vou à busca da assistente maluca. Viro no corredor do departamento empresarial e trombo com alguém.

— Merda! — solto e olho para cima, vendo Henrique, novo responsável provisório do departamento pessoal, enquanto estou nesse pebolim empresarial.

— Desculpe, Srta. Garcia. — *Ai, essa voz me dá coisas.* O cara é um gatinho, pena que não me dá bola.

— Não foi nada, Henrique. E já te disse que corte essa merda de Srta. Garcia. — Ele ri do meu linguajar. *Eu sei, não tenho filtro.*

— Desculpe! É que só nos vemos aqui no âmbito profissional, então tenho esse costume de manter a formalidade. Quem sabe se um dia a Srta. resolvesse nos acompanhar no *happy hour*, eu não passasse a ver a moça por trás da chefia — ele diz tudo isso e eu ainda não processei direito.

Fico olhando-o com cara de besta — tenho certeza —, até que consigo me recuperar e responder:

— No final da semana, quem sabe. No *pub*, a duas quadras daqui — falo, seguindo meu caminho, como se não estivesse nem um pouco abalada com o convite que ele fez.

— Combinado, Srta. Garcia — responde ele e, como estou de costas, não vejo seu rosto, mas tenho certeza de que está sorrindo.

Entro na primeira porta que vejo para respirar a situação. O que foi tudo isso? Será que ele estava flertando comigo? Tem mais coisa ali que eu não sei? Não.

Não viaja, Aldria! Está achando que agora tudo quanto é homem te quer? Se toca!

Ele está querendo puxar o saco da chefia. Sabe que depende de mim a aprovação para efetivá-lo em meu lugar.

— Isso, gatinha. Chupa tudo, vai...

Que merda é essa? Agora que percebi que estou dentro do almoxarifado interno da empresa, olho para trás através das prateleiras e reconheço quem é o dono da voz.

— Olavo — sussurro.

Fico atrás da primeira estante para que ele não me veja. É claro que eu preciso descobrir

com quem o Olavo está de safadeza dentro da empresa. Usarei isso como arma quando ele vier me importunar e me deixar sem graça como costuma fazer.

— Isso, Lola. Porra, vou gozar gostoso na sua boca... — Epa! É a minha assistente!

— MAS QUE MERDA É ESSA AQUI? — Saio de onde estou para ser vista pelos dois, mas engulo minha explosão quando vejo Olavo gozando na boca da sirigaita da minha assistente.

Ai, que merda!

Viro de costas rapidamente, mas não sem antes ver o tamanho do pau do garoto. *Que isso, meu paizinho do céu?* Isso é mal de família. Escuto a risada grossa do safado se recuperando do seu arroubo e os ruídos dele arrumando as calças.

— Olá, minha delícia! — cumprimenta-me ele, todo sorridente. Da infeliz da Lola não escuto nem a respiração.

— Não fale comigo com seu amigo pra fora! — peço, horrorizada. Isso já é intimidade demais.

— Já guardei o campeão, delícia. Pode virar. — E é aí que me arrependo. Quando me volto para ele, vejo-o terminando de ajeitar as calças e, sim, é quente pra porra, mesmo ele sendo um garoto. O que me deixa mais sem graça é o estado da minha assistente.

— Lola.

— Srta. Garcia, eu posso explicar.

— Ah, pode. Eu imagino que vai me dizer que os documentos que estão em atraso, e que eu lhe pedi há mais de trinta minutos, estavam nas calças do Sr. Olavo, certo? Espere... Acho que você vai me dizer que fez uma pesquisa de campo peniana e isso virou questão indeclinável na empresa?

— Aldria, pegue leve — Olavo pede, parecendo constrangido.

— Ao senhor eu não tenho nada a dizer. Ah, tenho sim. Ela pode lhe processar por

assédio e isso seria a merda perfeita, agora — opino e ele arregala aqueles dois olhos claros em minha direção.

— Não, Srta. Eu não vou processá-lo, eu não... Eu... Sinto muito...

— Chega! Você está suspensa. Três dias. Não quero ver sua cara e irei pensar, se de fato, devo te chamar para uma conversa.

— Sim, senhora. — Ela sai cabisbaixa.

Olho para Olavo, que me encara com um sorriso de canto. Outra marca registrada de família, tirando a primeira que é a indiscutível, abundância de rola.

Jesus, Aldria. Mantenha a compostura!, repreendo-me.

— Não precisava de tudo isso, delícia. Eu guardei o melhor pra você.

— Me poupe, Olavo. Isso pode dar uma merda das grandes e você sabe. E agora sou eu quem se ferra mais uma vez, pois vou perder minha melhor assistente.

— Não precisa perder. Deixe-a voltar.

— Pra quê? Pra eu olhar pra cara dela e lembrar dela de joelhos e engolindo seu pau? — Merda! Não pensei de novo antes de falar.

— Ô, delícia. Calma que sobrou muito pau pra você — ele diz, colocando o dedo indicador no meu queixo e beijando meu rosto.

— Você precisa levar as coisas mais a sério, garoto — afirmo, advertindo-o.

— Eu tenho tudo sob controle. Não se preocupe, delícia. — E assim ele sai da sala.

— Eu mereço — lamento-me e saio também do almoxarife, dando de cara com a besta mor.

— Srta. Garcia — saúda, me encarando carrancudo. *Oh, merda.* Como eu queria que esse babaca fosse um pouco feio, sem sal, mediano. Mas não! Pra que Deus ia facilitar para a obesa aqui, né?

— Posso saber o que a Srta. estava fazendo dentro do almoxarifado com meu irmão? —
Hã?! Do que ele está falando?

— O-o quê? Eu não estava... Olha aqui, Sr. Júlio. Eu não estava no almoxarife com seu irmão. E mesmo que estivesse, isso não é da sua maldita conta — esbravejo, o encarando e colocando a mão na cintura.

Ele chega mais perto, embora não estivéssemos distantes, logo, não há a menor necessidade de ele praticamente tomar meu espaço pessoal. Sinto seu perfume e, meu pai amado, isso acaba comigo. Maldito homem cheiroso! Ele percebe o quanto me afeta com sua aproximação e mesmo assim mantém sua postura. Adorando o fato de me desestabilizar.

— Tudo que tem a ver com você dentro da porra do almoxarifado da empresa com o devasso do meu irmão é da minha conta — ele diz isso em tom baixo, porém não perco o perigo que coloca em sua voz.

— Júlio. Finalmente te vejo por aqui.

Sr. Gouvêa, como sempre, tem o *timing* perfeito para entrar em cena. Júlio se afasta de mim e como sempre faz, coloca sua máscara de bom moço e se vira para o tio.

— Olá, tio. A benção! Consegui deixar as coisas em ordem no escritório e vim verificar como estão as coisas por aqui — ele responde normalmente, como, se meio minuto atrás, não estivesse quase me enforcando atrás de explicações descabidas.

— Eu entendo. Vamos até a minha sala. Tenho algumas questões para ver com você e aproveitando, já aviso aos dois que terão um jantar de negócios amanhã com o pessoal da Titã Lub. Aquele peixe está escorregando e eu conto com vocês para mostrar que nosso diferencial é de suma importância para a empresa deles — ele diz naturalmente e sai a caminho de sua sala.

Júlio me encara com a cara amarrada antes de seguir o mesmo caminho que seu tio. E eu? Bom, eu fico com cara de idiota no meio do corredor, tentando lembrar o que eu vim fazer aqui, pensando no que farei em três dias sem minha assistente e procurando não surtar por ter

que encarar o Sr. Júlio Gouvêa em um jantar de negócios, onde eu sei que ele fará de tudo pra me tirar o juízo.

Volto à minha sala, mas antes passo na mesa da Lola, pegando toda a documentação que preciso para trabalhar. Eu ainda enforco a Vega por me deixar nesse barco sem ela. A vadia deve estar curtindo todas com o deuso, transando feito louca e eu aqui... trabalhando e na seca do século. Começo a divagar sobre há quanto tempo estou de fato sem transar e, claro, tem que vir ele, o imbecil, na minha cabeça. Minha última transa foi com ele, assim como a penúltima, a antepenúltima e assim por diante.

Me nego a admitir que temos um caso. Nós não temos. Ele é um imbecil, compromissado com a loira comprida e nós só sucumbimos porque na verdade brigamos com nossos egos. Exatamente. Eu dou pra ele porque quero que entenda que ele é só mais um e ele me come porque... Ah eu sei lá o porquê.

É a mentira mais descabida que já inventei para mim mesma, principalmente porque em muito tempo ele tem sido minha melhor foda, e olha que eu procurei — e como procurei. Minha vida é uma verdadeira tragédia grega.

Perdi minha virgindade quando tinha dezessete anos de idade. Uma menina boba, fútil e gorda. Pois é, consegui mudar os dois primeiros, só a gordura que não me larga. Hoje consigo lidar bem com isso. É simples. Se me olham atravessado, já “meto logo o pé” pra ver que comigo ninguém tira onda.

Mas quando eu era menina, tinha o péssimo hábito de achar que as pessoas tinham bom coração, assim como eu.

Meu Deus, Aldria. Quando e em que vida o carinha mais famoso da escola, aquele que todas as meninas ficam no pé, o topzinho da turma, daria mole pra você e iria querer você como sua garota?

Eu era ingênua mesmo. Apreendi a duras penas que o ser humano é cruel com aqueles

que não se encaixam em seu modelo de perfeição. O babaca *topzinho* tinha feito uma aposta com os amigos, também babacas, e adivinhem quem pagou o pato?

O imbecil me enrolou por um mês. Foi o suficiente para a anta aqui cair de paixão e jurar que seria amor eterno, entregando o bem mais precioso. Foi a coisa mais sem graça que já fiz, num motel de quinta, com um sem noção sem experiência nenhuma e que quando terminou aquilo que ele chamou de foda, disse-me que foi só uma aposta entre amigos.

Até aquele dia eu realmente me achava uma garota de sorte, que tinha sonhos e vontades. Aspirava estudar feito uma doida, já que minha família era humilde e meus pais não teriam condições de bancar minha faculdade. Sonhei com os estudos, trabalhar e quem sabe encontrar um cara legal que soubesse que mesmo acima do peso, eu tinha um bom coração capaz de amar e ser amada. Pensei que talvez essa pessoa visse meu lado bom, já que no físico nada era tão bom assim.

Mas eu nomeei aquele dia, de dia “D”. O dia de deixar de ser fraca. Bom, naquele dia, posso dizer que eu saí daquela espelunca mais forte, e ele teve que ser carregado. Acertei sua cara e seus ovos. Rezei para que o coitado pudesse ter filhos um dia.

Após aquela horrenda ocasião, prometi que jamais seria enganada dessa forma. Não me iludo com mais ninguém. Batalhei muito e consegui uma bolsa de estudos atrelada a uma ONG da qual minha mãe participava. Meu plano de nova garota se concretizou em minha primeira semana na faculdade, quando conheci Vega e Lucca. Eles foram minha injeção de ânimo e coragem para seguir em frente e mudar alguns de meus conceitos comigo mesma.

Eles sabem resumidamente desse episódio. Não gosto de lamentar o que já foi. Comecei uma campanha *fitness* e entrei na linha. Alimentação, exercício, estudo e esporte, fazendo parte do time de *handball* da faculdade. Como eu era grande, servia como uma boa barreira. Perdi mais de dez quilos, mesmo assim nunca consegui ficar magra feito Vega ou o padrão perfeito que todos impõem. Sempre fui grande — toda grande —, mas no resultado final, fiquei satisfeita.

Vega e Lucca sempre insistiram que eu procurasse ajuda terapêutica para minhas paranoias de peso e autoestima. Balela. Não preciso dessa merda. Basta que eu não deixe ninguém se aproximar demais, que fica tudo certo.

Segui meu caminho e quando eu achei que estava encontrando meu lugar no meio dessa zona que chamava de vida, cai na minha frente àquele imbecil delicioso. E quando eu digo cair, foi porque o idiota fez exatamente isso.

Vega, Lucca e eu estávamos saindo da faculdade no último ano, quando me distraí com o Lucca fazendo uma imitação fajuta da menina chatinha que sentava próximo a gente no refeitório todos os dias, e então me espatifei no chão de bunda, levando um peso enorme sobre mim.

Na hora não consegui xingar. Mesmo meio atordoada, eu senti aquele cheiro. Maldito perfume desse babaca! Perdi os sentidos, não pelo tombo, mas sim pelo cheiro inebriante e o calor escaldante que começou a subir pelas minhas pernas, me incendiando inteira. Quando abri os olhos, vi a coisa mais bonita da minha vida: Ele. E eu sabia, naquele momento, que estava me perdendo novamente.

— Oi — disse, passando a mão pelo meu rosto. Eu já não sentia mais seu peso esmagador. Ele, por sua vez, já havia se recuperado e estava parcialmente sobre mim. Eu não falei, somente sorri. Estava hipnotizada por aqueles olhos negros, penetrantes, profundos e que queriam gritar algo que eu não conseguia identificar. Entretanto, quando se tem amigos como os meus, eles não sabem o limite de nada, e a gralha da Vega veio me salvar.

— Júlio, seu idiota. Saia de cima da minha amiga! — Ela tirou o tal Júlio de cima de mim, que desviou seu olhar do meu e encarou Vega. — Anda, primo. Saia de cima da Aldria. — Ele saiu e eu entendi tudo. Esse era o primo Júlio, que a Vega tanto falava.

— Nossa, me desculpe. — Ele se levantou rapidamente e quase lamentei. Patético! — Eu me desequilibrei nessa porcaria de calçada. Você está bem? — me perguntou, estendendo a

mão para me ajudar a levantar. Dei-lhe a minha e quando eu achei que ele me daria a outra para servir de apoio, puxou-me de uma vez. O homem me ergueu tão rápido que me espantei.

— Sua amiga não fala, prima? — questionou, ainda me olhado, porém, agora com uma cara meio sacana.

Meu Deus, ele continuava delicioso.

— Sim, eu falo. Somente com pessoas educadas que não saem me derrubando por aí — falei, limpando minha calça e braços. Na verdade, o intuito era só fugir de encará-lo. Escutei sua gargalhada e senti meu coração dar um salto tão forte que cheguei a pensar que estava tendo um princípio de infarto.

— Tudo bem, moça bonita. Vou me redimir com você.

Quando o encarei, ele estava com a mão estendida e se curvando em sinal de cortejo. Eu bufei e escutei risadas, só então me dando conta de que estávamos com a plateia, Vega e Lucca.

— Pare de ser bobo, Júlio. Diga-me o que está fazendo aqui — Vega perguntou, o abraçando.

— Encerrei os projetos da faculdade mais cedo e tenho três meses de folga de tudo. Reta final, prima.

Vega disparou numa gritaria sem fim e eu encarei Lucca, que também não estava entendendo bulhufas.

— Gente, isso quer dizer que meu primo está praticamente no terceiro ano da faculdade NYU?

Minha amiga festejou novamente e ele a abraçou. Lucca sorriu e o cumprimentou também, com um daqueles abraços de homem, mesmo não sendo um totalmente. Quando ele me olhou para me cumprimentar, seu semblante mudou, ficando mais sério e compenetrado. Eu estendi minha mão para desejar minhas felicitações. Ele a encarou, pegando-a na sua e em seguida puxando-me para um abraço. Quando senti sua mão rodear meu quadril, eu prendi o ar.

Já fazia algum tempo que eu não tinha um contato tão próximo assim de um garoto. Bom, o garoto em questão, não tinha cara de garoto, nem corpo de garoto, muito menos atitude de garoto. Ele deveria ter seus dezenove ou vinte anos, e eu, vinte e um. Mas isso não fazia a menor diferença, quando você se deparava com o tipo bem de frente. Simplesmente lindo e praticamente irresistível.

— Te espero no *pub* a duas quadras do *apê* de vocês, hoje às vinte e três horas — afirmou isso num sussurro tão gostoso que eu quase gemi. Tensionei, não sabendo se realmente ouvi isso, ou se foi fruto da minha mente pervertida. Quando me afastei, ele me observava, dando uma piscadinha com cara de que tinha algo muito sujo em mente.

— Precisamos ir, Aldria — Vega me chamou a razão. Ela se despediu do primo e nós seguimos nosso caminho para a aula de economia aplicada. Sinceramente, eu não conseguia me lembrar nem do caminho até a sala, quem dirá prestar atenção em alguma coisa durante àquela tarde.

Não preciso contar que mais uma vez a trouxe aqui fez o papel de boba do ano, não é? O que eu achei que seria a minha chance de sentir o amor, de provar a mim mesma que o que aconteceu no passado foi um caso isolado, se transformou em algo horrendo e uma verdade dolorosa. Eu não vim a esse mundo para amar e muito menos ser amada. Nenhuma humilhação que já passei equiparou-se com o que aquele idiota me fez.

Quando ele voltou de vez para o Brasil, foi trabalhar diretamente na Gouvêa & Associados. Eu já fazia parte do quadro da empresa desde que saí da faculdade, então foi óbvio que começamos a nos esbarrar. Não eram mais encontros em festas comemorativas uma ou duas vezes ao ano — nas quais, por sinal, sempre fiz questão de ser áspera e rude com ele. A partir daquele momento, Júlio fazia praticamente parte de meu convívio diário.

Nós pegamos um ódio mútuo, onde eu sei meus motivos de querer esfolá-lo vivo, mas eu não sei o porquê de ele querer me afrontar, afinal, a ofendida sempre fui eu. Resumidamente, eu não sei o que acontece que começamos sempre brigando e terminamos fodendo. Nós nos

insultamos e seguimos cada um seu caminho.

Já saí com vários caras de baladas, encontros, arranjos e por aí vai. Uns bons, outros nem tanto. Já fiz as minhas loucuras por aí, mas não consigo me amarrar a ninguém.

Passo o resto da tarde enfurnada naquele escritório, tentando buscar forças e alguma forma de manter meu equilíbrio ao lado daquele pecado encarnado, que me tenta como uma louca.



Chego a casa tão cansada que passo batido por Lucca que está cozinhando, provavelmente, algo realmente bom, já que o cheiro instigou meu estômago.

— Oi pra você também, Mortícia. — Escuto quando já estou no corredor. Tanto faz.

Entro em meu quarto já tirando a roupa. Preciso urgente de um banho para tirar toda a fadiga deste dia. Abro meu *Spotify* no celular e coloco Pink, *Fucking Perfect*. É a merda do meu hino. Abro meu chuveiro no máximo, entro na ducha, deixo que a água caia e respiro fundo. Saber que amanhã estaremos tão próximos deixa-me instável.

— Olá, deusa. Está tudo bem? — Lucca pergunta, do lado de fora da porta.

— Está sim. Só estava precisando de um banho — respondo, enquanto me ensaboo.

— Ok. Bom, eu deixei a janta feita. Estou saindo para um evento e devo chegar tarde.

— Tudo bem, “mamãe” — digo, desdenhando de todo o cuidado de Lucca. Sei que ele se importa e eu gosto disso, mas gosto mais ainda de provocá-lo.

— Sua malcriada! Aproveite e lave a boca com sabão. *Tô indo.*

— Também te amo — grito do lado de dentro. Dos três, Lucca sempre foi o mais cuidadoso conosco. Ele sempre manteve a mente ajuizada nesse trio, afinal, Vega e eu sempre fomos meio irreverentes.

Termino meu banho e vou para a cozinha verificar o que ele fez que está cheirando tão bem. Destampo a panela para ver um delicioso caldo verde — amo caldos. Sirvo-me de uma boa

porção e vejo que Lucca já deixou um pão fatiado para eu comer. Balanço a cabeça em sinal de negação. É incrível como ele olha por mim.

Às vezes me sinto meio mal por isso. Eu gostaria de ser mais atenciosa nesse sentido. Sou uma boa amiga, quer dizer, qualquer um dos dois que precisar que eu chute suas bundas para que mantenham a mente no lugar, eu farei sem hesitação. Quando estou no final do meu caldo, ouço meu celular tocando e corro para pegá-lo no quarto. Olho o visor e rio ao perceber quem é.

— Fala, vaca egoísta. — Mantenho-me séria.

— Credo! Tá azeda por quê? Duas semanas sem me ver e é desse jeito que me trata? Que espécie de amiga é você? — fala a rainha do drama.

— Quem resolveu tirar férias pra foder os miolos foi você — respondo sarcástica.

— E não é que foi? — Escuto sua gargalhada. *Vaca!*

— Ligou pra esfregar na minha cara o quão bom está aí com o deuso, é? Dispensio — falo, fingindo-me de ofendida.

— Ok, tudo bem. Ai, estou com saudade de vocês. Falei com Lucca ainda agora. Ele está em evento, né? Então, eu chego no fim de semana e eu quero vocês lá no meu apartamento.

— Resolveu voltar do recanto das orgias? — pergunto, rindo.

— Pare de ser boba. Eu sei que você está louca de saudades de mim.

— Ha, ha, ha... Nem morta, querida! Agora esse apartamento está ótimo só para mim e aquela bicha-mãe.

— Imagino o quão *mãe* ele está contigo, agora que não estou aí.

Enfatiza a palavra “mãe”.

— Você não faz ideia. Está até sufocante.

— E você está amando isso, que eu sei.

— Tanto faz. — Dou uma de louca. Não vou admitir isso nunca.

— Sei. Bom, amiga, vou desligar. Te espero sábado em casa.

— Vou verificar minha agenda. Tchau. — Desligo o telefone.

Olho para o apartamento. Ele agora está realmente muito grande e vazio. Um silêncio que nunca foi comum aqui. Droga! Aquela vaca sabe que eu estou morrendo de saudades dela e, principalmente, morrendo de saudades de ter nós três juntos em casa.

Agora as coisas são diferentes.

Ela é uma senhora casada e só sobramos eu e Lucca nesse *apê* imenso.

Vou para frente da TV assistir meu amado *Netflix*. O que seria de mim sem minhas séries? Acordo no meio da noite, estou coberta e a TV que antes passava minhas séries, agora está desligada. Lucca.

Levanto e vou cama, verifico as horas e são quase seis da manhã. Graças a Deus, ainda tenho uma horinha de sono.

Acordo num sobressalto, pego meu celular e vejo que estou atrasada. Merda! Levanto correndo e pego o primeiro vestido que vejo. Não tenho tempo para um banho. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo meio bagunçado enquanto escovo os dentes.

Saio do quarto calçando meus sapatos, coloco minha bolsa em um braço e passo pela cozinha pegando as chaves. Por sorte, meu *apê* não é tão longe assim do prédio da empresa. Chego a minha sala e me desespero por me lembrar que estou sem assistente e tenho exatamente quinze minutos para preparar a documentação de uma reunião importantíssima com um cliente bem chato.

— Toc, toc. Bom dia! — Henrique entra na sala no momento em que estou curvada na mesa, procurando a documentação. Na minha pressa de chegar o quanto antes aqui, não me dei conta de que ao invés de eu pegar meu vestido azul marinho, manga três quartos, gola quadrada, peguei meu vestido preto com decote profundo frontal. Pelo menos ele é compridinho, indo até os joelhos.

— Bom dia, Henrique. Eu tô meio ocupada aqui. Precisa de alguma coisa? — falo, ainda revirando uma papelada, e quando ergo meu olhar para ele, vejo que está estático, olhando para os meus peitos. Levanto-me e o encaro com uma sobrancelha erguida. Tudo bem que estou ousada, mas, poxa, vamos manter o mínimo do decoro.

— Ow, eu não. Tudo bem, posso falar contigo mais tarde. — Ele tem a decência de parecer constrangido. Fico com pena e resolvo brincar para descontraír.

— Claro. Desde que não queira desmarcar nosso *happy hour* na sexta — digo, sorrindo.

— Isso jamais! — Ele sorri e eu fico tipo... Uau, que sorriso lindo. Recomponho-me da cara de tarada.

— Bom, já achei o que preciso. Se me der licença, eu tenho uma reunião em dez minutos — falo enquanto caminho para a porta e eu tenho a infeliz ideia de tentar passar por ele que está parado na entrada dela. Santa Maria, que eu quase esfrego meus peitos nele e ele se mantém no mesmo lugar. Safadinho.

— Te espero, Srta. — Eu poderia jurar que tem mais significado nessas palavras do que está parecendo. Nós nos encaramos por segundos que parecem eternos e eu quase desencarno com a voz que escuto vindo de trás de mim.

— Bom dia, senhores. — *Júlio*. Sempre o demônio.

Eu termino de passar pela porta e dou um bom-dia apertado ao meu caro colega.

— Bom dia, Sr. Júlio! — Henrique estende a mão para cumprimentá-lo e a besta nem se dá ao trabalho de olhá-lo. Ele mantém aqueles olhos, que no momento estão afogueados, em mim. — Err... Com licença. Depois eu volto pra falar com a Srta.

—Tudo bem, Henrique — digo, dando um sorriso amarelo. Assim que ele parte, dirijo-me ao Shrek à minha frente. — Não dava pra ser ao menos educado e ter cumprimentado o Henrique? Ele é chefe do Departamento Pessoal, se não sabe.

— Provisório — afirma com veemência. — Desculpe, Srta., mas eu não tenho o costume

de interagir tanto quanto você com os funcionários dessa empresa.

— O que você está insinuando? — indago, apertando meus olhos em sua direção. Ele me dá aquele costumeiro sorriso de canto.

— Hoje te pego às vinte horas. Esteja pronta. Sem atrasos — diz isso e sai em direção à sua sala. É um presunçoso.

Consigo desenrolar minha reunião muito bem. Ao que parece, as problemáticas do sistema fiscal deles estão mais equilibradas agora e, graças a Vega, que trabalhou com eles antes de sair, a empresa tem se mantido em estável cuidado com os procedimentos inseridos por ela.

Encerro a reunião e passo pelo departamento pessoal. Preciso ver com Henrique alguém para me ajudar, enquanto a Lola não retorna da suspensão.

— Toc Toc. Posso entrar? — Paro na porta da minha antiga sala. Henrique, que está compenetrado numa pilha de relatórios, olha-me e mais uma vez dá aquele sorriso lindo.

— Claro. Sinta-se em casa.

— Preciso me desculpar com você, pelo baba... Quer dizer, pela falta de tato do Sr. Júlio. Ele anda estressado com todas essas mudanças. Enfim, não está lidando muito bem com a sobrecarga — falo, me acomodando na cadeira à frente de sua mesa.

— Não tem problema. Eu entendo. Mas você não veio aqui somente pra isso, não é? — ele diz isso se recostando em sua cadeira, apoia um braço no descanso dela e o outro, que está segurando uma caneta, leva até a boca. Sexy pra caramba! *Meu Deus, eu preciso transar.*

— Não — admito. — Na verdade, eu preciso que você me indique uma estagiária ou substituta aqui do departamento para me auxiliar até a Lola voltar — falo cruzando minhas pernas e apoiando as duas mãos entrelaçadas no joelho. Preciso me conter. Repito isso o tempo todo como um mantra.

— Tudo bem. Tem a Elizabete. Ela é assistente aqui e como as coisas andam tranquilas, posso sedê-la a você.

— Ótimo. Peça para ela ir o quanto antes. Preciso colocar muita coisa em ordem — digo, levantando-me, e caminhando em direção à porta. Paro abruptamente, me lembrando de algo.

— A propósito, você foi mais cedo à minha sala. O que queria?

— Sim. Eu queria lhe passar alguns relatórios do fechamento de pessoal.

— Mas isso cabe a você, Henrique. Está na função de chefe do departamento, e você é totalmente apto para verificar esse tipo de coisa.

— Sim, claro. Eu só não quero passar a imagem errada, Srta.

— Não entendi — Ele se levanta e vem até mim.

— Eu não quero que nada aqui atrapalhe a gente lá fora. — Fico olhando para ele e finalmente cai a ficha. Henrique tem medo de prejudicar um possível envolvimento nosso. Ah, se ele soubesse...

— Não se preocupe com isso — tranquilizo-o, dando uma piscada. Ele sorri aquele sorriso *megawatts* dele e eu saio de lá. Melhor me manter distante pra não fazer besteira.

Trabalho o restante da tarde, colocando todas as documentações pendentes em ordem. Elizabete tem sido uma excelente ajuda. Muito competente. Encerro o expediente um pouco antes para me preparar para o bendito jantar.

Passo no salão perto de casa e faço um penteado moderno e ao mesmo tempo clássico. Pedi que fizessem uma escova com leves ondulações nas pontas e também, que puxassem todo o cabelo para um lado só.

Chego a casa e Lucca está na cozinha.

— Olá, gatão — saúdo-o, indo até ele e lhe dando um selinho.

— Olá, deusa, que está mais deusa ainda. Alguma ocasião especial?

— Nada demais. Um jantar de negócios. O Sr. Gouvêa pediu que eu e Júlio

atendêssemos esse pessoal. São meio escorregadios, se é que me entende — explico, enquanto fuço o que quer que seja que ele está fazendo.

— Sei. E precisa de tudo isso pra impressionar o cliente ou o Sr. Júlio? — Lucca me encara. Olho para ele tentando manter uma postura indiferente, mas não consigo sustentar.

— Tudo bem. Talvez eu queira mostrar para aquele babaca o que tenho de melhor.

— Querida! Você já abriu as pernas pra ele esqueceu? — Olho para Lucca horrorizada.

— Não acredito que você disse isso. Bicha má! — Jogo um pedaço de cenoura nele.

— Eu menti? Aldria, são anos que vocês ficam nesse chove e não molha. Pelo amor de Deus! Quando os dois vão parar com essa teimosia e assumir logo isso? — questiona, cruzando os braços em frente ao peito e me encarando.

— Quando? Está doido, né? Esqueceu que a besta tem namorada e que eu não quero nada com ele? — é a minha vez de questionar, mantendo uma firmeza que não sei de onde vem.

— Ah, tá bom, querida. Se engane, mas não me engane, ok?! E sobre a namorada, tanto você quanto eu sabemos que essa merda é pura idiotice. Eles vivem mais separados do que juntos, segundo fontes seguras. — Essa fonte tem nome: Vega. — Pelo visto você não vai jantar em casa. — Balanço minha cabeça em negação e continuo fuçando suas panelas. — Eu vou terminar essa massa e congelar, assim ainda terá comida para amanhã.

— Por que diz isso?

— Eu saio amanhã bem cedo e volto sábado à tarde. Então a senhorita terá três dias livre de mim por aqui. Espero que se comporte como uma boa menina, alimente-se decentemente e nada de orgias no *apê*.

— Trabalho longe? — Faço beicinho. Odeio ficar sozinha.

— Sim. Não posso deixar passar. — Ele vem até mim e me abraça, beijando meu rosto. — Nada de drama, dona Aldria. Sábado a Vega chega e nós vamos botar pra quebrar.

— Ok. Eu vou tomar um banho. O Sr. engomadinho virá me buscar e ele não tolera atrasos. — Bufo quando menciono a última parte.

Vou para o quarto e separo meu vestido de hoje. Escolho um vestido preto corte reto, que tem duas faixas em Pink nas laterais do vestido. A faixa se alarga na parte do quadril, dando a impressão de um violão. Lindo, fino, sexy e muito charmoso.

Tomo banho, faço uma *make* básica e ajeito o cabelo dando uns retoques. Visto uma lingerie preta, meia e cinta liga. *Sim, hoje eu estou para matar.* Finalizo com meu sapato meia pata, também de cor preta e minha bolsa tira colo de alça de metal dourada.

Saio do quarto e vejo Lucca na sala.

— Como estou? — pergunto, dando uma voltinha.

— Pronta pra foder. Uau, garota, arrasou! — meu amigo elogia, levantando e vindo me rodear.

— Gostei do termo, mas hoje não vai rolar.

— Já disse, querida. Se engane, mas não me engane — novamente ele afirma, dessa vez, próximo ao meu ouvido. Viro, mostrando a língua para ele e escuto a campainha tocar. Merda, é ele!

— Tô indo — me despeço com um selinho e sigo para atender a porta.

— Oi — falo, olhando aquele pecado encarnado que me mede dos pés à cabeça.

— Olá — ele diz, sério, quando atinge meus olhos. — Vamos! — E se vira, caminhando para o elevador. É um ogro.

Entramos no elevador em silêncio absoluto.

São só cinco andares, penso comigo mesma.

Chegamos ao térreo e eu já estou escaldante. Apenas por estar próxima dele eu já fico totalmente fora de mim.

Aldria, controle-se.

Ele abre a porta do carro para mim e quando eu passo por ele para sentar do banco do carona, Júlio agarra meu braço e me puxa bem próximo de seu corpo.

— Você está divina — elogia, inalando os meus cabelos. Sinto minha respiração acelerar ainda mais. Não o olho, pois sei que se fizer isso, irei sucumbir ao desejo latente em mim.

— Obrigada — agradeço, soltando-me do seu aperto e sentando-me no banco. Ele bate a minha porta com mais força que o normal. Já percebo que azedei o humor dele. Ótimo.

Ele entra no carro e dirige até nosso destino. E, mais uma vez, o silêncio impera entre nós. Lembro-me que a última vez em que estive nesse carro as coisas estavam bem diferentes. Foi logo que voltamos da Espanha e ele teve a brilhante ideia de que tínhamos que comemorar o feito na empresa de Antônio. Também foi a última vez que transamos e a última que eu transei.

Sáímos para jantar e acho que bebemos umas três garrafas de vinho. Foi tudo muito bom e muito gostoso. Incrivelmente, naquele dia não nos alfinetamos e nem brigamos. Curtimos um jantar íntimo e gostoso, conversamos sobre a nossa época de faculdade e ele pareceu bastante interessado em saber da minha vida amorosa naquela época.

Claro que a coisa esquentou quando entramos no carro, e eu nunca vi Júlio com tanta fome da minha boca e do meu corpo. Chegamos ao apartamento dele e nem descemos do carro, acabamos fodendo ali mesmo. Se havia câmeras no local, demos um *show* à parte. Aliás, se eu for levar em conta todos os lugares estranhos que já transamos, meu Deus, daria um belo filme de voyeurismo.

Volto à realidade quando sinto o veículo parando em frente ao restaurante, que é de muito bom gosto, claro. Ele dá a volta abrindo a porta para mim e me dá a mão para apoio.

— Obrigada.

— Não por isso. — Ele estende o braço e por um minuto eu fico sem entender sua

atitude. Percebendo que me sinto meio perdida, Júlio pega minha mão e a passa pelo braço dele.

— Para que tudo isso? É um jantar de negócios — falo baixo, mas deixo claro meu incômodo com essa cena. Júlio nunca foi um cavalheiro comigo.

— Pare de ser chata! — exclama ele, caminhando entre as mesas até o nosso destino.

Viu? Eu disse que ele nunca foi cavalheiro.

Chegamos à mesa e nosso convidado já está nos esperando. Nossa! Não sei que maré anda me cercando ultimamente, mas como ando vendo homem bonito. Esse, que está a minha frente agora, encarando-me, é um homem um pouco mais velho. Deve estar em torno de seus quarenta, mas, *Senhor Jesus*, que coroa delícia! Um rosto endurecido e muito bem talhado na beleza bruta, olhos negros e penetrantes, e uma boca que promete coisas... coisas bem sujas.

— Muito prazer, senhor Ferraz. Sou Aldria Garcia. — Júlio endurece ao meu lado quando o tipo a minha frente pega a minha mão e a leva até os lábios. Nunca deixando meu olhar, ele beija o dorso dela e demora mais tempo que o necessário nesse cumprimento intimista. E eu, claro, incendeio.

— O prazer, com certeza, é todo meu, Srta. — ele diz, soltando minha mão, e Júlio mantém a postura cavalheiresca, me ajudando com a cadeira para que eu me sente.

— Vamos tratar de negócios? — Júlio pede, sentando-se ao meu lado. Ele está ainda mais sério.

— Calma, Sr. Júlio. Temos tempo para isso. Uma noite tão bonita, num lugar tão belo, com uma linda mulher à minha frente... Quero aproveitar o momento. — *Uau!* O cara é bem direto. Quando vou responder algo, o ogro toma a frente.

— Sim. Realmente tudo muito lindo, Sr. Ferraz. Mas estamos aqui para um jantar de negócios, não para um jantar íntimo.

— Claro. Se fosse, você não estaria aqui — ele responde com todo desdém ao Júlio. *Eita!* Vou ter que intervir.

— Senhores. A noite está muito agradável, então não vamos estragá-la, certo? Sr. Ferraz, o que meu colega quer dizer, é que podemos aproveitar ao belo jantar enquanto discutimos suas dúvidas em relação ao contrato.

— Sábias palavras. Além de linda, uma mulher inteligente e eloquente — Sr. Ferraz afirma, me encarando.

Júlio chama o garçom e fazemos nosso pedido. O outro homem pede uma garrafa de vinho pra lá de cara. Nessas horas agradeço aos jantares de negócios. Me farto de comida e de bebida boa sem precisar gastar.

No jantar, apesar de uma disputa de testosterona, consigo contornar o mau-humor de Júlio com as diretas do Sr. Ferraz. Explano o máximo que consigo as dúvidas do nosso cliente e acho que consigo fisgar o peixe. Peço licença em dado momento para ir ao toalete.

Meu Deus! Calma, Aldria. Está quase acabando, falo para mim mesma, olhando-me no espelho enquanto lavo as mãos e molho um pouco minha nuca.

Volto à mesa e noto um ar pesado. Júlio encara Ferraz, e ele, por sua vez, olha para Júlio como se ele fosse um garoto idiota.

— Está tudo bem? — pergunto, me sentando à mesa.

— Tudo perfeito. Sr. Ferraz, encerramos por aqui. Qualquer dúvida entre em contato com a empresa — Júlio diz, levantando-se.

— Calma aí, rapaz. Srta. Garcia, eu gostaria de conversar com a Srta. sobre alguns detalhes. — Olho para ele desconfiada.

— A Srta. Garcia veio comigo e vai embora comigo — afirma Júlio com veemência, pegando meu braço.

Ai, ele está me apertando.

— Acho que ela é capaz de responder por ela — Ferraz rebate, também se levantando.

Mas que merda está acontecendo aqui?

— Olha só — Solto-me do aperto de Júlio —, eu não sei quanto a vocês, mas eu sou perfeitamente capaz de decidir quanto ao que eu quero e o que eu posso. Sr. Ferraz, entendo que ainda tenha reservas e dúvidas, mas cumprimos nosso papel. Agora cabe ao senhor confiar na Gouvêa & Associados e deixar que façamos nosso trabalho. Quanto aos detalhes, marque uma nova reunião e estarei lá. — Vejo Júlio cruzar os braços em sinal de vitória. É um babaca!

— Tudo bem, Srta. Eu ligo pra você ainda esta semana — diz ele, vindo em minha direção e pegando minha mão para beijar.

— Ficaremos no aguardo — Júlio fala, me puxando mais para o seu lado. Isso faz com que minha mão se solte do galanteador Sr. Ferraz. Estou começando a gostar disso.

— Boa noite, Sr. Ferraz — despeço-me e sou praticamente rebocada pelo esquentadinho aqui.

— Que panaca! Ele não ouviu metade das coisas que foram ditas, mas tenho certeza de que sabe exatamente o tamanho do seu sutiã.

— Se eu usasse um, pode até ser que ele soubesse — retruco, petulante. Ele me vira de frente para ele com brusquidão.

— Você vem pra um jantar de negócios sem a porra de um sutiã? — ele quase grita e as pessoas que também estão aguardando seus carros à nossa volta, me encaram.

Perfeito!

— Dá pra falar baixo, cacete?! E além do mais, não é da sua conta o que uso ou deixo de usar, e se o cliente está me cantando ou não.

— Pensei que você fosse profissional, Srta. Garcia. Seduzir o cliente para um contrato? Isso soa meio baixo — fala isso tão próximo do meu rosto que eu nem raciocino direito. Quando dou por mim, desferi uma bofetada em seu rosto.

Ele me encara fuzilando meus olhos, junta-me pelos braços e me beija. Não, ele não

beija. Ele come minha boca. *Pelo amor de Deus*. Ele praticamente me engole e eu, que não tenho juízo nisso que chamo de cabeça, agarro-o pelo pescoço. Quando a coisa esquenta de vez, ele para abruptamente e me olha intensamente.

— Hoje você me paga! — Arregalo os olhos para ele. Júlio tem o hábito de descontar todas as suas frustrações comigo, na cama. Ele pega meu braço e me enfia no carro que acabou de chegar.

Droga, ele está bravo.

O maldito toma o volante e sai cantando pneu da frente do restaurante.

Vejo que liga o sistema de som do carro e os alto-falantes enchem o pequeno espaço com Kings Of Leon, *Sex on Fire* e, se não fosse a minha tensão, eu estaria gargalhando da ironia dessa música, bem neste momento.

— Abra as pernas! — Acordo da minha divagação com a ordem.

— O quê? Tá louco? — Ele não dá brecha. Enfia a mão no vão das minhas pernas, abrindo espaço.

— Eu disse pra você abrir a porra das pernas! — Não sei como ele consegue, mas antes que eu reaja, o filho da mãe consegue encontrar meu caminho necessitado e, *doce Jesus*, eu me perco. Ele é hábil com os dedos, aliás, Júlio Gouvêa é hábil com qualquer coisa relacionada a sexo. — Já está molhada, sua safada. Isso tudo é pra mim, ou você estava planejando dar para aquele velhote? Hã? Diz pra mim, Aldria! — Eu não consigo nem pensar, quiçá dizer alguma coisa.

— N-não... Eu não... Oh, meu... — Ele enfia os dedos com vontade em minha vulva e eu perco o raciocínio de vez. Júlio soca os dedos em mim, judiando da minha intimidade da melhor maneira. Sinto meu corpo inteiro tremer. Merda! Ele consegue me fazer chegar ao ápice tão rápido. Quando estou à beira do precipício ele tira os dedos de mim. — MAS QUE MERDA VOCÊ ESTÁ... — ele me interrompe.

— Ruim ficar à borda, não é? É assim que você tem me mantido há muito tempo, safada. No almoxarife com meu irmão, de conversinha fiada com aquele babaca engomadinho, e agora dando trela para o velhote no jantar.

— EU NÃO FIZ NADA DISSO, SEU IDIOTA, BABACÃO, FILHO DE...

— QUIETA! Não quero nem mais um pio, Srta. Garcia. Sua tortura está só começando.

Tô fodida! Literalmente.



Entro no seu apartamento sendo empurrada por ele, que me joga na parede ao lado da porta e me ataca. É uma loucura, mas é a loucura mais deliciosa que já provei na vida. Já saí com muitos caras de várias idades, tamanhos, tipos, enfim, eu tenho material de base para analisar. Júlio Gouvêa é imbatível, não que eu vá dizer isso a ele.

Ele sobe meu vestido e grunhe ao perceber o que uso.

— Safada! Sabia que ia dar nisso, né? Você se produziu inteira só pra me provocar. — Devora minha boca enquanto termina de subir meu vestido até a cintura. Ele tateia meu vestido na parte de trás, procurando o zíper e o abaixa quando encontra. Tira a parte de cima e encara meus seios desnudos. — Adoro esses peitos! — E ele volta a devorar, mas agora são meus mamilos as vítimas.

Júlio segura meus dois seios e enquanto os chupa, lambe e morde um bico, o outro ele aperta entre seus dedos. Eu vou enlouquecer. Ele sabe fazer isso com maestria, apesar de não necessitar de muita coisa para eu entrar em combustão ao lado dele.

Ele se afasta e vai se abaixando à minha frente. Ofego, pois sei exatamente onde isso vai dar e eu adoro. Agora ele está ajoelhado diante de mim, me encarando com aquele olhar sacana de quem sabe que eu amo isso e eu sei que ele adora me colocar assim. Ele afasta a minha calcinha de lado e delicadamente passa a língua na minha fenda.

— Delícia de boceta! Vamos ver se ainda continua com aquele gosto incrível que eu

amo — ele fala isso me olhando e com a boca tão próxima da minha amiguinha, que eu chego a estremecer.

Não perde mais um segundo e afunda sua boca na minha vagina, chupando, lambendo, mordendo e sugando com afinco. Eu fico louca de desejo e me apoio como posso na parede para não me estabacar em cima dele. Começo a sentir um formigamento no fundo do meu ventre. O safado consegue construir meus melhores orgasmos, eu não sei se pelo prazer físico ou pela linda imagem dele me devorando de joelhos. Seus gemidos se intensificam. Ele gosta disso tanto quanto eu. Júlio é um homem bastante dominador na cama, que gosta de saber que causa prazer a sua parceira e isso o excita ao extremo.

Ele se afasta, parando esse contato maravilhoso, mas não tenho tempo de reclamar, já que ele me gira, me deixando de frente para a parede.

— Mãos na parede e pernas afastadas! — ordena ele, próximo ao meu ouvido por trás de mim. Agora sim, eu gemo, mas de prazer. Faço o que ele manda e escuto o barulho de sua calça sendo aberta. — Eu vou te comer gostoso, sua safada. Assim você entende de uma vez que me pertence. Isso aqui — Ele pega a minha vagina com uma mão — é meu! Eu posso comê-la do jeito que eu quiser, entendeu?! — A outra mão ele junta meu cabelo, que já virou uma bagunça, e puxa com força, fazendo-me inclinar para trás.

— S-sim... sua, toda sua... — eu ofego. Ele me solta e rapidamente volta a me pegar pelo quadril. Sinto-o esfregando a cabeça de seu membro em minha entrada já muito úmida e escorregadia. — Me fode logo... — Era para soar como uma ordem, mas sai como lamento.

— Como queira, Srta. Garcia — dizendo isso, ele afunda em mim de uma vez e, Deus, ele é enorme. Solto um grito de prazer e dor. Mais de prazer, claro. Adoro quando ele está assim, bruto e firme. Me põe louca e a vadia que me habita vem à tona.

— Isso. Me fode gostoso, Júlio. — E a cada palavra minha ele intensifica suas estocadas. Eu rapidamente venho à borda, gozando loucamente em meio às suas estocadas.

— Arrrhh... caralho... Isso, aperta meu pau... foda.... eu vou gozar.... arrhhhhhh. — E ele vem praticamente junto comigo.

Júlio continua estocando, mas lentamente. Sinto-o inchar dentro de mim e isso aumenta meu prazer, mesmo eu tendo acabado de chegar ao orgasmo.

— Delícia de boceta!

— Muito gentil, seu ogro — digo rindo, apoiada na parede. Ele sai de mim também rindo.

— Venha. Ainda não acabamos — impõe, puxando-me para o andar de cima, onde fica seu quarto. Conheço esse apartamento de ponta à ponta. Na verdade, fui a primeira a conhecer quando ele comprou. Lembro-me de quando o adquiriu. Foi logo que ele voltou do exterior após concluir seu curso. Estávamos a caminho de uma reunião onde ele precisou me levar, a pedido do Sr. Gouvêa, e acabou dizendo que tinha que passar por aqui para assinar uns papéis. Eu ainda acho que ele queria exibir essa beleza de *apê* na minha cara, mas nega como nunca. Claro que transamos aqui. Ainda sem móveis e totalmente vazio, mas ele fez questão de me foder na sala e na cozinha naquele dia. Terminou jurando que me traria para batizar os outros cômodos, mas eu acabei perdendo a cabeça e discutindo com ele. Como sempre.

Voltei diversas vezes depois daquele dia. O problema não é como eu chego e sim como eu vou embora. Não há uma única vez que passemos a noite tranquilos, relaxados e curtindo a presença um do outro. Sempre rola um arranca rabo, que eu, sinceramente, não sei dizer como começa, mas sei como termina. Eu gritando com ele, ou lhe jogando um sapato, ou também pode ser uma bofetada bem dada, juntando minhas coisas e indo embora.

Volto à realidade e Júlio sai do banheiro. Pelo barulho, colocou a banheira para encher. Realmente nunca usamos essa banheira. O que será que esse ser dos infernos está aprontando?

— Eu tenho que ir embora — falo, tentando colocar meu vestido no lugar. Júlio se aproxima de mim calmamente e segura meus pulsos. Tento relutar, mas ele me olha com uma

carinha que não resisto. Me abraça pela cintura, levando minhas mãos junto com as dele na base da coluna.

— Não. Você não tem que ir e sabe disso. Vamos dar uma trégua... Hein?! Eu quero curtir a Aldria que eu conheci. Estudante de faculdade, sonhadora e que almejava conquistar o mundo.

— Essa Aldria se foi — rebato num fio de voz. Não sei que merda ele está fazendo, mas isso está mexendo com coisas que eu não quero ver.

— Impossível. Eu ainda olho dentro dos seus olhos e vejo aquela garota e eu a quero.

Ele me beija e pela primeira vez em muito tempo, é um beijo calmo, tranquilo, e cheio de significados. Eu me entrego a esse beijo e isso me traz lembranças de um tempo que há muito tempo eu não revivia. Eu me lembrei da garota boba e apaixonada, o que faz com que meu coração vibre loucamente dentro do peito.

Droga!

Não, Aldria!

Eu não posso fazer isso. Não posso deixar aquela garota vir à tona, não posso fraquejar novamente. Ele pode ter meu corpo e meu desejo, mas meu coração Júlio Gouvêa jamais terá novamente. O empurro e ele me olha espantado pela minha atitude brusca.

— Corta essa, garoto. Já fodemos e é só isso. Tô indo nessa — aviso, reunindo todo o desdém que eu consigo e seguindo para a porta em busca dos meus sapatos e bolsa, que provavelmente estão jogados na sala.

— Aldria, volte aqui!

Escuto-o esbravejando do quarto. Acelero o passo. Se eu não escapar agora, eu não saio mais, e eu não estou pronta e nem quero relembrar passado e sentimentos idiotas. Chame-me de medrosa, eu não me importo.

— Tô indo nessa, neném! — Paro na sala e calço meus sapatos rapidamente. Olho para

trás e o vejo parado somente de *boxer* branca.

Pai Amado, isso é tentação demais para mim.

— Vai fugir, covarde? — Ele cruza os braços na altura do peitoral. Pelo amor de Deus, isso é sacanagem!

— Fugir não, benzinho. Já consegui o que queria: um orgasmo. — Agora ele realmente parece bravo. Descruza os braços e antes que ele me alcance eu saio pela porta e corro em direção ao elevador, que por sorte está aberto e eu praticamente pulo dentro dele. Olho para trás e vejo Júlio quase se aproximando, mas o elevador é mais rápido e fecha a porta em sua cara.

Graças a Deus! Respiro audivelmente. Chego ao térreo, já recomposta da minha fuga. Localizo um Uber e não espero nem dois minutos pelo carro. Entro, confirmo meu endereço e vou para casa. Essa noite já teve emoções demais para mim. Escuto o som do carro e está tocando 4 Non Blondes, *What's Up*, e eu começo a pensar que Deus está me enviando sinais através de músicas.

— Boa música — elogio, olhando pela janela o movimento da cidade.

— Música de qualidade, moça. Sempre — o homem me responde, entusiasmado. Dou-lhe um sorriso apertado que não alcança meus olhos e volto a refletir na letra, admirando a cidade encostando minha cabeça na janela do carro.

Chego a casa e noto o *apê* muito quieto. Lucca já deve ter ido dormir. Vou à cozinha pegar um copo de água e me engasgo com a bendita, quando escuto atrás de mim:

— Que jantar demorado, hein?! — *Putá que pariu!*

— AI, LUCCA... Que susto, cacete! — falo, colocando a mão no peito e tossindo o resto de água que me engasgou.

— Ainda lavo essa boca suja sua com sabão — repreende-me, parando apoiado na bancada do centro da cozinha.

— Que foi? — pergunto, desentendida da cara de bobo que ele está fazendo.

— Tô esperando. Quero saber como foi o jantar com o cliente, mas, principalmente, como foi com o Júlio delícia.

— Pare de chamá-lo assim! E não tem nada. Fui ao jantar, que por sinal, era com um coroa lindo que me deu maior mole e deixou Júlio possesso, mas acho que a gente ganha a conta.

— Deixou, é? Tipo como? Ciúmes?

— Corta essa, ô Alice. O país das maravilhas não habita meu mundo. Era briga de ego. Homens!

— Sei. E esse jantar foi até agora? — Ele olha para o relógio que fica acima na parede — Tipo, uma hora da manhã?

— Não. Eu... Ele brigou comigo na saída do restaurante, por causa do cliente que estava me cantando e eu me irritei e aí...

— Vocês foderam! — ele conclui por mim. Eu balanço a cabeça em sinal de afirmação e fico alisando a bancada de mármore. Ignoro o provável olhar de repreensão do meu amigo. — E por que você está aqui e não lá? Fugiu de novo?

— Ei! Eu não fujo, tá legal?! — Lucca me encara erguendo uma sobrancelha. — Tá, talvez eu não curta esse lance meloso e também, eu nos poupo do constrangimento de no outro dia ele me expulsar.

— Como você é ingênua, amiga. Tão esperta para algumas coisas e tão burrinha para outras.

— Do que você está falando, Lucca? Você viu, estive comigo todo esse tempo. Ele partiu sem dar uma satisfação. Eu o amei e você foi prova do lixo que fiquei na época. Ainda tive que aturar aquela loira lambisgoia esfregando o amor deles na minha cara.

— Eu sei. Eu estava com você, amiga, mas eu acho isso tudo muito esquisito. Ele namora, mas não dá a mínima pra garota, você sabe disso. Tem mais de quatro meses que ela está em Curitiba com os pais.

— Mas ela veio no casamento da Vega.

— Que ninguém sabe como, afinal, nem ele havia convidado.

— Isso não interessa mais. Já faz muito tempo e eu já te disse, essa coisa entre a gente é mais uma guerra de egos do que qualquer outra coisa.

— E eu já te avisei, não tente me enganar. Mas me diga, o que rolou dessa vez?

— Nada. Nós fodemos, como sempre maravilhosamente bem, e ele veio com um papo estranho sobre ver a antiga Aldria. Eu saí de lá o mais rápido que pude. Não vou ser usada de novo, Lucca. Hoje sou eu quem uso.

— Tem certeza disso, deusa? Hum? — questiona ele, contornando o balcão e vindo me abraçar. Eu o abraço e não sei por que acabo chorando.

— Eu não sei. Eu só queria entender essa merda toda, Lucca. Ele nunca disse nada. Voltou e me tratou como se mal me conhecesse — eu digo em meio ao choro e soluços.

Merda, eu odeio ficar assim.

Culpa daquele ser infernal que mexe com minha sanidade.

— Calma, deusa! Venha, vamos. Vou colocar você no banho e enquanto isso eu preparo um leite quente pra você. Vai dar tudo certo — afirma ele, me afagando enquanto leva-me para a cama.

Acordo assustada.

Droga, perdi a hora de novo?

Pego meu celular e vejo que ainda estou no horário. Deito novamente, estou com uma dor de cabeça dos infernos. Lembro-me de Lucca que ontem carinhosamente me fez um leite quente, que estava horrível, cuspi tudo na xícara. Ele me chamou de grosseirona e me colocou para dormir. Eu amo aquela biba.

Levanto e tomo uma ducha. Visto-me com uma calça social branca corte reto e uma

blusa social amarela, sapatos e pronto. A caminho da empresa, me pego pensando na atitude de Júlio e tudo que ele disse ontem. Lucca tem razão. Já passou da hora de conversar e acertarmos essas diferenças. Eu quero... Não, eu preciso saber o que aconteceu e o porquê de ele ficar fora por quatro anos e não me dar nenhuma satisfação. Além de voltar com aquela atitude hostil, achando-se superior a mim e me tratando como uma total desconhecida.

Chego à empresa e vou para minha sala colocar minha agenda em ordem. Resolvo as questões mais urgentes com a Elisabete e dou andamento em alguns contratos. Pego-me em vários momentos pensando no quanto preciso resolver essa situação com o babaca, afinal, eu preciso seguir em frente.

Eu até cheguei a namorar logo que entrei para a Gouvêa & Associados. Leonardo. Um cara bacana, boa transa, mas eu nunca me permiti sentir. Aquela coisa de borboletas no estômago e ansiar para estar com o outro, nunca aconteceu com ele. Namoramos acho que cerca de um ano e meio, mas acabou. Não foi algo que sentamos e decidimos. A coisa simplesmente foi acontecendo e quando percebi, ele nem estava mais frequentando os mesmos lugares que eu e simplesmente deixamos a coisa morrer.

Lembro-me de ficar quase um mês sem vê-lo, e quando o encontrei numa festa em uma boate, ele estava acompanhado de uma loira muito bonita. Cumprimentamo-nos normalmente, sem clima, sem nada. Eu não me abalei, então percebi o quão oca eu estava neste relacionamento.

E assim vem correndo minha vida. Depois do Leonardo, nunca mais fiquei tanto tempo com alguém. Tive alguns casos, caras interessantes, mas aquele sentimento de entrega ficou guardado. Somente ele conheceu isso.

Penso em Henrique. Um cara bonito, bacana, simpático, parece estar afim de mim. Temos um *happy hour* marcado para amanhã.

Será que vale a pena investir nisso? Eu não sei.

Já sei o que vou fazer. Vou falar com o ser dos infernos. Preciso resolver minhas questões com ele, colocar em pratos limpos, para eu exorcizar esse sentimento e seguir meu caminho. Aí sim, quem sabe, o Henrique não seja uma boa aposta?!



Volto de mais uma reunião com a equipe, quase no fim da tarde. Confiro meu relógio e acho que ainda pego Júlio na empresa. Prefiro ter essa conversa em sua sala. Aqui na empresa eu sei que ele manterá o mínimo de decoro. Afinal, ele não vai querer que os outros descubram seus casos e claro, não descobrirão que eu sou um deles.

Chego a sua antessala e peço à secretária que me anuncie. Ela me olha espantada. A coitada já presenciou algumas discussões minha e dele. A última, se não me falha a memória, foi antes de irmos para a Espanha resolver as questões da empresa do Antônio. Naquele dia extrapolamos mesmo. Gritamos um na cara do outro, tendo-a como testemunha. Sorte que só nos ofendemos moralmente e mais nada.

— A Srta. pode entrar agora.

— Obrigada, querida. — Sorrio tentando ser o mais simpática que consigo, a fim de limpar a imagem de doida varrida daquele dia. Entro em sua sala e paro diante da cena. Júlio está lendo algo em seu computador e usa óculos de leitura. Ele só faz uso deles quando passa tempo demais em frente à tela. Está sem o terno, as mangas da camisa arregaçadas até o cotovelo e ele apoia uma mão no queixo, enquanto a outra ele clica no mouse. Delicioso.

— Vai ficar aí parada me olhando ou vai dizer o que quer? — pergunta, continuando a olhar a tela. Eu ainda não achei meu raciocínio. Ele se vira pra mim e cruza as mãos sobre a mesa e me encara. — Então?

— Oi. Boa tarde, Júlio. Você tem um minuto pra conversarmos? — indago, hesitante.
Que merda está me dando? Eu não hesito.

— Já está aqui, já me interrompeu, então sim. Tenho um minuto para você — ele diz, se recostando na cadeira e apoiando um braço nela. Jesus! *Força, Aldria.*

— Ok. Bom, eu gostaria de conversar com você algo de ordem pessoal, mas eu preferiria que fosse aqui. Assim mantemos algum controle. Enfim, eu preciso entender o que você quis dizer ontem com "ver a velha Aldria" — enrolo-me um pouco, mas consigo colocar para fora.

Ele parece meio assustado com minha pergunta. Se mexe na cadeira, retira seus óculos de leitura — que por sinal o deixam lindo — e levanta. Continuo encarando-o e espero por uma resposta. Ele vai até o barzinho que fica no canto da sala — incrível como só ele consegue colocar um desses em sua sala, não sendo da diretoria — e serve-se de uma dose do que eu acredito ser uísque.

— Por que quer saber isso agora? — questiona, ainda de costas para mim. Eu não sei qual sua expressão e nem o que ele espera. Droga! Vejo-o levando sua bebida à boca e tomando um gole. Ele vira-se e caminha até a lateral da mesa, onde contorna a cadeira que faz jogo com a que estou sentada e senta-se virando sua cadeira de frente para mim. Então, com uma mão ele dá um puxão na minha cadeira para que ela se vire de frente com a dele.

— Ai, que susto! — exclamo, colocando a mão no peito por sua atitude.

— Você ainda não respondeu. Por quê? — Agora ele me encara com aqueles olhos que já estão incendiados. Acho que minha ideia foi péssima. Eu deveria ter mandado uma mensagem pelo celular e pronto.

— Eu... Eu preciso me libertar de certas coisas, quer dizer... Nós precisamos... E aquele comentário ontem... Eu fiquei intrigada... — *Droga, eu estou divagando.*

— Libertar? Intrigada? Eu realmente não estou te entendendo, Srta. Garcia. — O filho

da mãe está se divertindo com meu desconforto. Isso me irrita e eu alfineto.

— Corta essa, garoto! — Seus olhos se incendeiam de vez. Ele odeia que o chame assim.
— Eu quero resolver nossas questões de uma vez. Chega dessa merda de nos alfinetarmos e fodermos e voltarmos a brigar, ok?! — falo, me alterando. *Calma, eu não posso perder o prumo agora.*

— E você não gosta quando fodemos? — ele pergunta, mudando o tom.

Caralho, eu conheço esse meio sorriso e isso não é bom.

Ele diz isso inclinando seu corpo para frente e apoiando os cotovelos nas próprias pernas. Eu, como estou sentada ereta na ponta da cadeira, com esse movimento, fico muito próxima dele. *Que droga! Esse ar condicionado está ligado? Que calor!*

— Essa... não... essa não é a questão. — Tento manter minha mente.

— Então qual é a sua questão, Srta.? — pergunta ele, ainda próximo, e eu sinto seu hálito de bebida e Júlio, e, *meu paizinho amado, como isso é bom!*

— Eu quero saber o que houve, há sete anos. Quando você partiu — digo isso olhando em seus olhos. Tenho dúvidas se ele entendeu, pois minha voz sai num sussurro. Eu finalmente estou fazendo essa pergunta.

— Pois eu também gostaria muito de saber, Srta. — Agora ele me olha com... mágoa?! Não entendo. Quando vou perguntar o que ele quer saber, seu celular toca em sua mesa, nos despertando dessa conversa muito estranha.

Ele se levanta dando a volta na mesa para atender.

— Alô! — ele diz, ainda me encarando. Seu semblante muda e agora ele parece realmente irritado.

— Já falei pra não ficar me ligando, caralho! — *Uau!* — Eu sei que você chega hoje, porra. Eu já disse que estarei no aeroporto. — Faz mais uma pausa, escutando a pessoa do outro lado. — Tudo bem. — E então desliga. Já não me restam dúvidas de que ele está falando com a

seriema de grife.

— Nossa, como você é acolhedor com sua namorada — comento em tom sônico.

— Isso não é da sua conta. Aliás, não me lembro de você se preocupando com ela ontem, enquanto eu te fodia contra a parede.

— Ei! — Levanto-me e aponto o dedo na cara dele. — Eu não sou ela. Então não tente agir como um imbecil comigo — falo isso e saio em direção à porta. É melhor eu ir embora. Dessa conversa só vai sair mais farpas ou sexo, e eu realmente não estou interessada.

— Aonde você vai? Estávamos conversando.

— Não mais! — respondo e saio pela porta. A assistente dele me olha desconfiada. Acho que ela pensa que eu o matei pela quietude que vem da sala de seu chefe.

— Não se preocupe. Ele está respirando — digo enquanto passo por ela. A coitada mal se mexe.

Retorno a minha sala mais intrigada ainda com tudo isso. Não entendi o seu olhar quando o questionei sobre o que aconteceu há sete anos. Caramba, ele que partiu, ele me deixou. Paro em frente à minha janela, mas dessa vez não admiro a bela vista dos prédios de São Paulo e sim, minha total miséria de vida. Sinto-me tão confusa em relação a tudo, e o pior, eu não sei como sair desse círculo vicioso que se chama Júlio Gouvêa.

A porta da minha sala é aberta em um rompante e quando me viro pra ver quem a invadiu dessa forma, eu o vejo. O ser que não sai da minha cabeça, nem quando eu durmo. Ele avança diretamente a mim feito um trem bala. Não tenho tempo de falar nada. Júlio circula minha cintura com uma mão, nos fundindo corpo a corpo, e com a outra, ele faz um emaranhado nos meus cabelos, que hoje, escolhi usar soltos. Com isso ele me tem a sua vontade e eu não tenho força nenhuma para afastá-lo.

Ele me encara e eu seguro em seus braços. Nada é dito, mas o sentimento que vejo em seus olhos me responde coisas que eu não sei se são frutos da minha imaginação sonhadora ou

realmente verdades.

— Cansei de lutar. Cansei de resistir. Eu quero você, linda. Eu sempre quis só você. —
Então ele me toma em um beijo profundo.

Júlio serpenteia minha boca com sua língua suculenta e, meu Deus, eu me perco em seu gosto. Não há nada melhor no mundo que o gosto dele. Ele me beija com afinco, tomando não só a minha boca, como também meu coração, mente e todos os meus pensamentos.

Ele termina o beijo, diminuindo a pressão em minha boca e passa a dar pequenos beijos em meus lábios e a mordiscá-los. Afasto-me olhando em seus olhos e apesar do desejo que ele despertou em mim com essa atitude, cresceram em igual escala a minha confusão e curiosidade com suas palavras.

— Eu não entendo... — digo confusa, olhando em seus olhos.

— Eu sei, eu... — Seu celular novamente nos interrompe. Ele solta a mão que está em meu cabelo e saca o celular que está no bolso de sua calça. — Alô! — atende, ainda mantendo seu aperto em minha cintura. Sinto-o tencionar. — Eu já disse que estou indo, Isabela. Me dá um tempo, ok?! — Assim que ouço o nome da magrela ridícula, me esforço e consigo soltar-me de seu aperto. Ele me encara enquanto fala no telefone.

— Eu chego aí em trinta minutos — diz, finalizando a chamada. — Por que você se afastou? — ele pergunta como se não fosse óbvio.

— Você é muito cara de pau. Agora vai ficar falando com ela enquanto está comigo em seus braços. Essa merda tá errada há muito tempo, Júlio. Isso tem que acabar e tem que ser agora! — exclamo, cruzando os braços em uma postura defensiva.

— Sim. Isso vai acabar, mas é com você em meus braços e eu lhe fazendo gozar de todas as formas possíveis e prováveis — declara, dando um passo em minha direção, e eu, por segurança, recuo um passo. *Droga de periquita que não pode ouvir nada sacana vindo dele que já dá sinal de vida. Isso aqui não é mais uma festinha, amiguinha. Se aquiete aí.*

— O que deu em você? Que papo é esse agora, Júlio?

Ele para seu avanço e só me encara. Parece que trava uma guerra absurda dentro dele. Vejo em seus olhos a indecisão. Ele solta uma lufada de ar e balança a cabeça em negativa.

— Eu preciso ir — fala mais para si, e com isso se vira, saindo. Quando ele alcança a porta, eu chamo:

— Júlio! — Ele se volta, me encarando. Aparecem tantas emoções em seu olhar, que eu não consigo definir uma resposta. Sem dúvidas o que eu mais enxergo ali é indecisão, o que me resta saber é: de quê?

Ele me lança um sorriso maroto, que há muito tempo eu não via em seu rosto bonito. Vejo-me retribuindo esse sorriso involuntariamente e ele simplesmente se vai.

Fico parada encarando a porta. *Que merda toda foi essa?* Dou a volta, me sentando à mesa. Continuo encarando o nada. Minha mente trabalha incessantemente em uma resposta coerente, quer dizer, ele agir dessa forma, suas palavras, isso não é seu normal. Eu pensei que ele me odiasse. Que coisa é essa de me querer? E por que raios ele saiu daqui dizendo que me queria, mas foi atrás daquela magrela azeda?

— Aldria? Está tudo bem? — Assusto-me quando olho pra cima e vejo Henrique. *Como ele entrou aqui?* Ele percebe minha confusão. — A porta estava aberta e Elisabete já foi. Eu te chamei da porta, mas você parecia absorta em um outro mundo. — Sorri descontraído.

— Sim. Eu... eu realmente estava em outro mundo — falo, ainda me sentindo estranha.

— Eu vi que o Sr. Júlio Gouvêa saiu ainda pouco da sua sala. Ele disse algo que lhe ofendeu? Quer dizer, todo mundo sabe dos embates entre vocês, então... Eu achei que ele pudesse ter feito algo — diz ele, me olhando com atenção.

— Não, ele não fez nada. Eu que não estou muito bem hoje — desconverso. Percebo sua curiosidade e também que não engoliu muito bem minha resposta evasiva.

— Entendo. Se quiser, podemos cancelar o *happy hour*. Talvez semana que vem? — ele

me questiona, parecendo ansioso.

— Não! O que eu mais preciso agora é de uma ou duas cervejas. Vamos exorcizar essa semana que foi muito confusa — falo me levantando. Pego bolsa e celular.

— Ótimo! — Seu rosto se ilumina em um sorriso lindo.

Ele abre passagem para eu sair à sua frente. Eu sei que isso é o correto e cavalheiresco, mas eu tenho certeza que esses homens fazem isso na verdade, para darem aquela conferida no material sem serem notados. Tudo sem vergonha. E como que para comprovar, eu inclino minha cabeça para trás e *bingo*. Ele está olhando para o meu traseiro. Eu disse.

Continuo caminhando como se não tivesse percebido nada, aproveito e jogo mais intensidade nos quadris. Ora, não me julguem! O babacão saiu daqui depois de dizer coisas bem confusas e foi encontrar a amada nojenta dele. Então eu me dou o direito de ser conferida por um cara gatinho, que parece estar bem interessado em mim. Isso descobriremos daqui a pouco.



— Mais duas — Henrique pede ao atendente do *pub*, assim que termino minha primeira Corona. Acho que esse cara está mal-intencionado. E eu com a cabeça no ser infernal, que me deixou com a pulga atrás da orelha.

— Então você tem trinta e dois anos. Nossa, não parece — digo, voltando ao assunto.

— Pois é. E então, como estão as coisas no setor de controladoria?

— Nem me fale! Não é minha área, na verdade. Estou cobrindo a saída da Vega.

— Ouvi sobre ela. Um gênio! — afirma ele, bebendo um gole de sua cerveja.

— Sim, ela é. E a vaca me deixou aqui sozinha e partiu pro mundo da fodeção com o marido gostoso — eu solto minha pérola e Henrique quase cospe sua cerveja, tendo uma crise de riso. Rio junto com ele, só que não me empolgo tanto, afinal, eu só disse a verdade.

— Você é hilária.

— Jura? Já me chamaram de muita coisa. Mas de hilária é a primeira vez. — Dou um gole em minha cerveja e noto Henrique tomar uma postura diferente. Ele me encara de uma forma como se... Me avaliasse? — Que foi?

— Você é natural.

— Ok. Agora foi esquisito. — Mexo-me desconfortavelmente na minha banquetela.

— Não. Eu... eu quis dizer que você é o que é. E isso é tão raro. É encantador — ele diz encarando-me nos olhos. Sinto meu rosto esquentar. *Droga!* Eu não enrubesço com facilidade,

mas a forma como ele diz isso... Não sei, parece admirado de verdade.

Ele continua me olhando como se quisesse me desvendar. Estamos conversando há certo tempo aqui e nem posso dizer que a bebida tomou conta dos nossos sentidos. Eu começo a me sentir uma menina perante seu olhar e isso me assusta. Solto um riso conciliador. Nos alto-falantes do *pub* começa a tocar Pitty - Me Adora - e eu simplesmente amo essa música.

— Oh, meu Deus! — Pulo da banquetta.

— O que foi? — pergunta ele, rindo do meu entusiasmo.

— Essa música é perfeita. Vamos dançá-la — digo isso pegando em sua mão e o puxando para a pista de dança que tem no *pub*. Henrique torna a rir, mas não resiste ao meu convite e me acompanha. Tem algumas pessoas na pista e eu a invado, me mexendo e cantando.

Viro para Henrique e ele está meio que se mexendo desajeitado, mas ri como um menino. Eu me contagio com seu sorriso e fecho os olhos, continuando a me movimentar e cantar. Adoro fazer isso com meus amigos. Bom, eles não estão aqui, então Henrique cumpre o papel muito bem.

Viro-me de costas para Henrique, ainda dançando, e é inevitável que eu analise a letra. Sim, claro que eu tenho que me lembrar dele. Sempre tive vontade de cantar essa música em sua cara, mas a oportunidade nunca se fez. Abro os olhos e penso que minha mente está me pregando à maior peça. Júlio está parado na entrada do *pub*, me olhando.

Olhando é modo de dizer. Na verdade, ele está perfurando meus olhos, porque daqui eu sinto seu humor de cão. De cara fechada, percebo que até sua respiração está mais intensa. Eu dou meu sorriso mais sínico e continuo dançando e cantando. Aproveito-me do refrão "que você me adora...", "que me acha foda", e o encaro enquanto canto.

Ele não se mexe e não desvia o olhar, então resolvo mostrar a ele que, se ele tem a loira magrela azeda, eu também tenho companhia. Viro-me de costas para ele e volto a encarar e dançar com Henrique. Ele nem se dá conta do que está acontecendo, continua sorrindo e

dançando desajeitadamente.

Sinto um puxão pela cintura que me tira do chão. Cacete!

— Mas que merda... — Não preciso dizer quem é, né?!

— Fora! — Júlio encara Henrique que olha atônito para a cena ridícula que se forma. Ele me tem presa pela cintura, e olha que não sou pequena, e encara Henrique com raiva. — Não ouviu?

— Desculpe, Sr. Júlio, mas eu estou aqui com a Aldria e só vou embora com ela — Henrique diz, mantendo a educação, porém, percebo sua postura ficar na defensiva. Isso vai dar merda.

— Uma porra que vai! Ela vai embora comigo!

— Uma porra que vou! Me solta, Júlio, seu idiota! — Tento a todo custo me soltar dele e não consigo. Ele intensifica seu aperto em mim. *Ai, que ódio!*

— Quieta! Com você me entendo daqui a pouco — ele diz a mim, mas sem desviar os olhos de Henrique. *Ui, que medo dele.* Aproveito meu salto agulha e dou-lhe um pisão no pé, que faz com que ele me solte.

— Que merda, Aldria!

— Aldria, você está bem? — Henrique vem até mim.

— Ela está ótima. — Júlio entra na frente de Henrique, impedindo-o de chegar a mim.

— Eu vou embora — aviso, circulando Júlio e indo até o bar pegar minhas coisas.

— Eu te levo — os dois respondem ao mesmo tempo. *Mereço.*

— Não. Eu vou de Uber, meninos. Modernidade do século. Obrigada — digo enquanto pego minhas coisas. Viro-me para sair e os dois estão me encarando. — Henrique, obrigada pelo *happy hour*, mesmo com as perturbações — falo, agora olhando para Júlio, assim não lhe resta dúvida da sua idiotice pública.

— Tudo bem. A gente se vê segunda — ele diz com um sorriso amarelo. Coitado, deve estar perdido no meio das minhas merdas com o babacão.

— Eu te acompanho até lá fora — Júlio fala.

— Não precisa. — Levanto minha mão em sinal de pare e caminho para a saída. Cansei. Saio e vou caminhando na calçada que está bem movimentada. A noite já ganhou São Paulo e o movimento está intenso. Penso em chamar o Uber, mas caminhar será melhor para minhas ideias. Meu apê é pertinho.

Nem sei em que pensar. Primeiro aquela conversa esquisita. Júlio se comportando de uma forma que há muitos anos eu não via. E o que foi isso no *pub*? Aliás, o que ele estava fazendo no lá? Eu pensei que ele estivesse com a loira azeda da namorada, que eu nem sei se é mesmo namorada.

Nossa, eu nunca vi Isabela em nenhum dos eventos da empresa e nem nas comemorações na casa dos pais da Vega. Relacionamento mais esquisito, quer dizer, se eles estão juntos desde a época da faculdade, isso tem sete anos. O mesmo tempo em que ele não sai da minha cabeça. *Meu Pai do Céu, quando eu vou parar com esse sofrimento?* Eu só quero seguir meu caminho. Finalmente eu quero viver algo, sem pensar no que eu ou ele erramos anos atrás.

Me perco em pensamentos, tentando entender tudo que está acontecendo, quando dou por mim estou em frente ao meu apê. Dou sinal para o porteiro que destrava o portão social, mas levo um susto enorme quando escuto uma voz atrás de mim.

— É perigoso andar sozinha nessas ruas — ele fala bem no pé da minha nuca.

— Principalmente com um perseguidor ao meu encalço — digo, ainda de costas e controlando a respiração do mini AVC que tive.

— Zeloso. Eu só estava cuidando do seu bem-estar, linda. — Ele ainda está próximo. Droga! Já perdi a irritação com a palhaçada dele.

— O que você quer, Júlio Gouvêa? — pergunto enquanto me viro para ele.

— Você! — declara ele, se aproximando mais de mim. Sinto minha respiração pesar.

— Pare com isso, *tá* legal?! Chega! Hoje você disse coisas que eu realmente ainda não entendi, e depois foi encontrar a magrela... Quer dizer, sua namorada. E ainda teve a audácia de se meter entre Henrique e eu — começo falando, mas no final minha voz já subiu o tom.

— Você não ia sair com aquele engomadinho do caralho, né? — Olho para ele com uma sobrancelha arqueada — *Tá* falando sério? Ele é funcionário da empresa, sabia?

— Oh, você nunca se importou com isso em todas as vezes que me comeu. Seu irmão não liga pra isso, quando fica trancafiado no almoxarife com alguém chupando o pau dele. — Eu me viro indo ao encontro do elevador.

— Você é diferente. E que merda é essa de alguém chupando o pau do Olavo? Espere aí. Aquele dia você e ele no almoxarife? Você não... — Me viro apontando o dedo na fuça dele.

— Não me ofenda, Júlio Gouvêa!

— Ok. Eu entendi, mas como você sabe disso?

— Eu o peguei com a minha assistente no almoxarife naquele dia. — Viro-me e entro no elevador. Ele me segue e eu o paro. — Onde tu pensa que vai? — Agora é a vez de ele arquear a sobrancelha.

— Subindo com você.

— *Tá* maluco? O Lucca está aí — digo, cruzando os braços e coçando o nariz com a ponta do dedo.

— Mentira.

— O quê? Não, claro que não. — Coço o nariz mais ainda.

— Você está coçando o nariz e só faz isso quando mente — *Nossa, como ele sabe disso?* Fico parada olhando para ele.

— Vai me deixar subir ou vai tentar inventar outra desculpa pra esconder o quão medrosa você está de ficar comigo?

— Bobinho! Eu não tenho medo de você — afirmo, debochando dele.

— Eu não disse isso — revida, entrando no elevador. Ele aperta o botão do meu andar e fica de frente para mim. Eu praticamente estou grudada na parede atrás de mim feito lagartixa. Júlio se aproxima e eu vejo surgir em seus lábios aquele sorriso que ele usa quando sabe que está no controle. Ele apoia as mãos, uma de cada lado na parede, na altura do meu rosto. Prendo o ar. *Gente, isso está parecendo à cena do Grey com a Ana no elevador! Por Deus, diga "foda-se a papelada"!*

— Eu disse que você tem medo de ficar comigo — fala tão próximo da minha boca que sinto o ar quente saindo de seus lábios e, se eu esticasse meu pescoço somente um pouco para frente, selaríamos nossas bocas. Contudo, ele gosta da tortura. Ele gosta de me torturar. — Chega de fugir, linda.

Eu fecho os olhos absorvendo tudo que ele está dizendo e também para fugir dessa imagem dele, praticamente sobre mim. Quando acho que ele vai me beijar e acabar com essa agonia que cresce em mim, o elevador apita, indicando que chegamos ao meu andar. Abro meus olhos e Júlio já se afastou e está saindo do elevador de frente para mim, com uma cara sacana que me descompassa. Finjo estar brava e passo por ele, que me espera agora na saída do elevador. Eu vou até a porta e pego as chaves da minha bolsa. Fico procurando a chave correta e sinto Júlio tão próximo de mim, que começo a ficar nervosa de verdade. Continuo procurando a chave, tento encaixar umas quatro e não acerto. *Para que tanta chave em um chaveiro? Jesus!*

Vejo uma mão enorme cobrindo as minhas e tirando as chaves delas. Tento me afastar para lhe dar melhor acesso à fechadura, mas com a outra mão ele me mantém no lugar, segurando-me pela cintura. Eu arfo. *Ah, doce Pai! Não sobreviverei.* Somente com uma mão, ele localiza a chave e abre a porta. Eu sei... Humilhante!

— Respondendo a sua pergunta, eu não tenho medo de estar com você — digo, colocando minha bolsa sobre o sofá e me virando para ele. Júlio entra fechando a porta atrás de si, com a maior calma do mundo. Ele está jogando, eu sei, mas nem por isso esse nervosismo diminui dentro de mim. É a primeira vez que estamos a sós, aqui no apartamento.

— Não é isso que parece, linda. — Ele continua caminhando até estar novamente invadindo meu espaço pessoal.

— Você quer uma bebida? — pergunto, dando um passo para trás e apontando para a cozinha. Ignoro totalmente seu comentário. Ele ri. Um riso baixo e discreto.

— Não. O que eu quero beber está bem na minha frente, não na cozinha. — Solto uma respiração mais irregular e ele percebe, claro. — Posso tomar o que é meu, Aldria? — ele pergunta se aproximando de mim vagarosamente. Eu não respondo. Não consigo. Ele circula seus braços fortes em torno de mim, juntando-me próximo ao seu corpo. Ele cava em mim e ao sentir o tamanho da sua excitação, fecho os olhos. Inebriante. Ele aproxima seu rosto me cheirando, passa sua face pela minha e vai para minha orelha, descendo pelo pescoço e inalando meu cheiro.

— Meu... — gemo, sentindo o calor do seu corpo se fundir ao meu. Ele me embriaga em sua teia e eu já me perco em qualquer questionamento ou entendimento do por que tudo isso ser estranho. Não importa, eu só o quero aqui e agora.

— Te quero. Na sua cama — declara isso e me beija, devorando meus lábios com a mesma fome que eu sinto dentro de mim. Eu o agarro como posso e sinto-o me tirar do chão. Não sei de onde ele tira essa força. Eu sou pesada, poxa. Ele não interrompe o beijo e nos leva pelo corredor até meu quarto.

— Esp... Espere... — falo, terminando aquele beijo gostoso. — Me deixa tomar uma ducha, sim?! — peço, meio sem graça. Um dia inteiro de trabalho, eu preciso dar uma refrescada nas partes.

—Junto comigo — volta a me beijar e nos leva para o banheiro. Ele me coloca no chão e leva as mãos ao cóis da minha calça, abrindo o botão e zíper. Eu aproveito e vou abrindo os botões da camisa dele, e todo esse malabarismo incrível sem pararmos de beijar.

Júlio abaixa minha calça junto com a calcinha, arriando-as até o chão para tirar minhas sandálias e eu apoio a mão em seus ombros. Era pra ser constrangedor eu estar nua da cintura para baixo e ele bem ali de cara no pecado. Ocorre totalmente o contrário. Eu fico ainda mais acesa com a cena. Ele olha para cima e encara minha amiguinha, aproximando-se e plantando um beijo molhado em minha pélvis. Gemo e ele me olha. *Como eu amo esse olhar sacana dele.*

Ele levanta, abrindo sua calça para tirá-la. Aproveito e tiro minha blusa e *sutiã*. Ele tira a camisa e nos encaramos. Com nossas respirações profundas e irregulares, entramos no chuveiro e ele toma o sabonete em suas mãos. Eu estou de costas para ele e ele começa a me ensaboar. Comigo sem salto, Júlio fica ainda mais alto, então praticamente me engole com seus braços e ensaboa todo o meu corpo. Viro-me de frente para ele, que me encara nos olhos. É sexual, mas tem algo a mais nessa energia que nos envolve. Ele termina de passar o sabão pelo meu corpo e eu retribuo o favor, passando no seu, quando ele deixa transparecer o quão está afetado, pois seu pênis está tão duro e ereto, robusto e firme. Chego a salivar de vontade de tê-lo em minha boca.

— Ainda não, linda. — Ele adivinha meus pensamentos, torna a me enlaçar e nos encaminha para a cama. Não nos damos ao trabalho de enxugar a água que escorre de nossos corpos. Sinto a cama bater nas minhas pernas e ele me deita, com suavidade. Júlio continua me beijando, mas agora desce para meu queixo, pescoço e alcança meu colo. Diferente de todas as outras vezes, ele agora parece saborear o momento, como se quisesse marcar minha pele com seu toque.

Ele passa os lábios por meus mamilos somente atíçando-os, sem se aprofundar, e ao perceber que gemo, dá um sorrisinho, ainda descendo seu caminho pelo meu corpo. Minha respiração aumenta quando atinge o topo da minha pélvis. Ele está abaixado entre as minhas pernas, passa suas mãos por dentro das minhas coxas e as abraça. Conseguindo manter as minhas

pernas bem abertas, ele está literalmente de cara no prato. Júlio beija molhado nas laterais internas das minhas coxas e vai se aproximando da minha vulva.

Como sempre, ele começa degustando-a, dando pequenas lambidas languidas, sentidas e profundas. Eu que já estava molhada, agora me encharco. A sensação dele ali me tira do sério e eu perco minha mente. Ele continua seu ataque lento, provando do meu sabor a cada chupada. Sinto minha vulva pulsar cada vez que ele puxa meu clitóris e os prende em uma sucção intensa.

— Ohhh, Deus... Eu vou... Ahhh, isso, Júlio... — divago. minha vontade é gritar como louca e exorcizar tudo que ele está me fazendo sentir. Ele é impiedoso e continua me devorando.

— Você não respondeu se posso tomar o que é meu, Aldria. — *O quê? Que pergunta é essa a essa hora?*

Ele para tudo que estava fazendo e me encara. Percebo que quer uma resposta. Inferno de homem que ama jogar com a minha mente.

— Sim! Droga, tome tudo que quiser, é tudo seu — confesso, elevando a voz. Essa frustração e retardo que ele está causando no meu orgasmo estão elevando minha temperatura e transformando minha excitação em raiva. — Me chupa e toma tudo que quiser!

— Eu sabia! — Ele volta a me atacar, dessa vez, certo. Sem provocações me chupa e degusta com intensidade e força. Eu rapidamente recupero meu orgasmo eminente e me deixo voar. Gozo gritando seu nome, minha cabeça gira e sinto que o ar em meus pulmões falta.

Recupero-me do gozo quando Júlio já está escalando meu corpo languido na cama. Ele se coloca no vão das minhas pernas e sinto sua ereção cutucando a entrada da minha vagina. Mesmo tendo um orgasmo devastador, a minha fome com esse homem só aumenta e já me vejo arqueando o corpo para criar um atrito prazeroso para ambos.

— Eu não quero barreiras entre nós. Não mais. — O encaro e logo entendo que ele está falando de camisinha. Nunca transei sem, nem com ele. Por mais que já tenhamos transado em lugares inusitados, ele sempre estava precavido de preservativos. — Se você não quiser, posso

pegar... — eu o calo quando enfio minhas mãos entre nós e seguro seu pau que está pulsando. Ele geme e eu sinto a ponta úmida pelo pré-sêmen.

— Eu quero — digo simplesmente e coloco seu pau na entrada da minha vagina. Ele não vacila e se enfia em mim. Foi rápido e forte. Delicioso. Ambos gritamos de prazer.

— É incrível! — ele apenas sussurra. — *Você é incrível!* - Júlio começa a se mover devagar, como se sentindo cada centímetro que entra e sai de mim, neste movimento vagaroso. É torturante e prazeroso na mesma medida.

— Sim... — digo fechando meus olhos e me perdendo nessas sensações. Eu começo a sentir coisas que há muito tempo eu não sentia. Sensações que eu vivi uma vez, anos atrás, e que só ele foi capaz de despertar. Sinto que estamos fazendo amor. Fundindo corpo, coração, mente e alma. Reacendendo o que eu achava que estava morto há anos. Eu não sei o que vai ser de tudo isso, mas não tenho forças para resistir de me entregar a esse amor.



Acordo assustada. Olho em volta e não vejo ninguém.

Eu sabia, ele foi embora. Aproveitou-se do momento, da situação e novamente jogou comigo. Sinto meus olhos arderem e sinto raiva de querer chorar por ele ter feito isso comigo.

Eu já deveria estar mais do que acostumada. Não conseguindo mais ficar deitada, levanto-me e coloco a camisola saindo do quarto para buscar uma água.

— Caralho! — Levo um baita susto quando trombo num corpo muito duro no corredor escuro do apartamento. Sinto seus braços fortes me circularem e ele me segura.

— Que foi, linda? Saindo feito foguete assim no escuro, pode se machucar — ele diz e me beija castamente.

— Eu... eu esta... Você não foi embora?! — Não sei se isso saiu como uma pergunta ou uma afirmação.

— Não. Claro que não — responde sorrindo. — Eu não vou mais embora, Aldria. Acostume-se — ele sussurra essa última parte em meu ouvido. Sinto meu corpo arrepiar inteiro.

— Pois se eu fosse você não contaria com isso. Esse apartamento já tem moradores demais — falo isso me soltando dele e indo à cozinha. Agora mais do que nunca eu preciso daquela água.

Escuto sua risada baixa e sinto que ele me segue. Inferno! Eu não sei como me comportar. Nunca tivemos essa coisa de ficar juntos e agirmos como casal. Não! Definitivamente

não é isso. *Ele tem namorada, Aldria!*

— Aliás, sua namorada sabe dessa sua decisão? Acho que ela teria algo a dizer, não acha? — falo, me virando para ele, que para no batente da entrada da cozinha, usando apenas *boxer* branca. *Que sacanagem!*

— Esquece ela. Eu já esqueci. — Recupero-me da minha analisada corporal e fico indignada com a frieza que ele fala. Tudo bem, eu odeio a vagaranha, mas eu odiaria que isso acontecesse comigo também.

— Como, esquecer? Que tipo de homem você é, Júlio? O seu prazer é o quê? Torturar garotas que gostam de você e ver a qual limite da loucura e entrega você consegue levá-las? — Eu sinto que estou começando a hiperventilar.

— Isso quer dizer que você gosta de mim, linda? — questiona, caminhando até mim calmamente.

— Isso quer dizer que você é um babaca, egocêntrico, que se preocu... — Ele me junta pela cintura e me beija. Cala minha boca e também os pensamentos. A raiva que era crescente se desfaz e eu me entrego em seu beijo, como sempre acontece.

Júlio termina o beijo e continua acariciando meus lábios com os seus. Ele desce a mão para minha bunda e a amassa. Eu gemo, ele grunhe e ataca meu pescoço. Doce Jesus! Eu me torno somente uma massa mole e entregue, e nesse momento, eu faria qualquer coisa para ele e por ele.

— Egocêntrico? Sério isso? — ele pergunta, fazendo-me voltar à realidade. Solto-me de seu aperto e dou a volta na bancada para pegar um copo de água.

— E eu menti? Isso que você faz não é certo e você sabe disso — Por mais que me doa, é a verdade.

— Você pode deixar isso para lá? Pelo menos hoje? — Ele espalma a mão no balcão. Está tão lindo e apetitoso. Faço igual a ele, apoiando minhas mãos no balcão, e o encaro.

— Não! Não posso. Eu quero saber o que é tudo isso — Faço sinal de círculos exagerados entre nós com uma mão — que está acontecendo.

— Estamos nos curtindo — esclarece, dando-me um sorriso de lado e se inclinando no balcão, passando a língua na minha boca. Oferecido.

— Corta essa, Júlio. Eu não entendo. Nós nos odiamos desde sempre, você sempre fez questão de ser rude comigo. Essa coisa entre a gente, está mais do que clara que é uma questão de ego. Mas aí você vem com essa coisa de “linda” e de passar a noite. Eu não entendo - falo tudo atropelado e agora estou ansiosa com a minha confusão.

— Questão de ego? — pergunta e parece indignado.

— Você está agindo de forma muito estranha. Aquela cena no restaurante e hoje com o Henrique no *pub*...

— Questão de ego?! — repete a pergunta. Eu paro de falar e fico encarando-o. — Você está me dizendo que isso — Agora é ele quem faz a roda exagerada, só que com as duas mãos — é questão de ego? O que aconteceu com você enquanto estávamos juntos? Foi abduzida para outra dimensão? A forma como te toquei, te beijei e te penetrei é para você, só uma questão de ego? — *Opa!* Ele parece meio agitado.

— Se não é ego, o que é? Faça-me o favor, Júlio. Você sempre fez questão de me humilhar. Desde a sua partida sete anos atrás. Mandou aquela sem vergonha me dar o recado de que estava voltando para os Estados Unidos, depois retorna em visitas onde me ignora e finge não me conhecer. E finalmente, quando volta de vez para o Brasil, faz questão de desfilando com a namorada na minha frente. Engraçado é que nas costas de todos, eu bem que sirvo para um encontro rápido, mas claro, desde que ninguém saiba. — termino de falar e já estou gritando e batendo no balcão. Como ele me irrita quando tenta sair como vítima.

— Você é louca?! Eu nunca te mandei recado nenhum, que história é essa? E eu só te tratei da forma que você me tratou. Esperou eu virar as costas para logo estar desfilando com um

babaca qualquer e ainda esperava que eu corresse atrás de você? E eu nunca disse nada sobre nós, por que... Por que... Eu não queria te expor — Neste momento, eu solto uma gargalhada muito irônica.

— Você acha que eu sou muito idiota, né? Quer saber?! Já deu! Vai embora, Júlio. Eu não quero mais olhar na sua cara — falo isso e saio da cozinha, deixando-o com suas confusões para trás. Vou para o quarto do Lucca e me tranco.

Jogo-me na cama e começo a chorar. Não resisto e deixo tudo sair. Estou cansada dessa brincadeira, estou cansada de ter meu coração esmagado dentro do peito. Estou cansada de ser segundo plano.

Acordo com o sol batendo em meu rosto. Um gosto amargo cresce na minha boca e eu me levanto.

Ai, minha cabeça!

Vou até o banheiro. Não sei a que horas eu peguei no sono e muito menos por quanto tempo dormi.

Abro a porta do quarto de Lucca para sair do quarto e quase caio em cima de alguma coisa.

— Puta merda! — Escoro-me na parede e quando olho para o chão, eu o vejo. — Júlio! — grito.

— Ai, Aldria, que dor! Bom dia pra você também, linda. A propósito, dormir aqui é horrível — diz se levantando.

— Eu te mandei embora — eu falo, indignada.

— E eu disse que eu não iria mais — retruca, me encarando e cruzando os braços na altura do peito.

— Pois bem. Uma invasão de sem terras? Ok! — digo, passando por ele. Mal comecei o dia e sinto que preciso de um Rivotril para aguentá-lo.

— Você vai à casa da Vega mais tarde? — indaga, me seguindo.

— Não é da sua conta! — falo, irritadiça.

— Ainda mal-humorada quando acorda. Que feio, minha linda — diz ele me abraçando por trás. Tento lutar e me soltar dele, mas o filho da mãe, que é maior do que eu, ergue-me e nos encaminha para o banheiro. — Vamos esfriar essa cuca.

— O que você *tá* fazendo?! — grito quando ele entra no box do banheiro e abre o chuveiro. A água fria cai sobre nós dois — Ahhhhhh, Júlio, seu idiota! — exclamo enquanto sapateio com o gelo da água que me banha.

— Carinho?! Não seja assim. Venha cá que eu te esquento — fala em tom de deboche tentando me abraçar, mas me viro para ele, deferindo socos em seu peito.

— Carinho uma ova, seu idiota, babacão, filho de uma...

— Ohhhhhh! Olha essa boca! Se não se comportar eu vou ter que ocupá-la com algo muito mais útil, grande e gostoso — declara segurando meus pulsos e me encarando. O encaro também, bufando. *Que raiva estou sentindo!*

Ele me beija, atacando minha boca da forma bruta que eu conheço bem. Minha raiva vira necessidade e mesmo tentando resistir, eu não consigo negar o que meu corpo sempre quer. O corpo dele. Ele é minha droga, minha dependência, meu maior mal que traz consigo a minha cura.

Júlio faz as panquecas no fogão enquanto eu lavo algumas uvas e morangos. Ele fez uma verdadeira bagunça nessa cozinha para preparar um simples café da manhã.

— Você tem xarope? — ele pergunta enquanto joga a panqueca para o ar, e eu fico feito uma besta, olhando-o encantada.

— Oh, sim. Acho que sim — falo isso e vou até a geladeira buscar o xarope. O Lucca que é vidrado nessas coisas. Eu sou mais do pão com manteiga mesmo. Abaixo para pegar o

remédio que está na última prateleira. Estou usando minha camisola preta de seda, com beirada branca em renda. Ela é linda e tem um caimento tão leve. Aproveito-me da situação e demoro um pouco mais procurando. Vai que ele esteja dando aquela conferida.

— Você tem um rabo delicioso, sabia? — diz ele me segurando pela anca e esfregando sua ereção já muito dura no meu traseiro.

— Ei! Você tem que fazer panquecas e eu estou aqui numa missão. — Finjo indignação.

— Fodam-se as panquecas! Ache esse xarope que eu vou comer você inteira lambuzada dele — afirma enquanto leva uma mão ao meu seio e belisca meu mamilo. A outra mão ele me mantém parada para continuar cavando em mim com sua ereção. Eu gemo e escuto uma tosse vinda de longe. *Merda, fodeu!*

Levanto tão rápido que acabo pisando no pé do Júlio que solta um palavrão em protesto. Viro-me e dou de cara com Vega, Antônio e Lucca. *Jesus, Maria e José! Alguém, atire em mim!*

— Oi... Aldria... Ehrr... Oi... Primo?! — Vega nos cumprimenta com um misto de graça e surpresa em suas feições.

— Oi, prima — Júlio diz, vindo para trás do balcão. *Ah meu Deus, o filho da mãe está só de boxer e ostentando uma puta ereção.* Dou graças aos céus que minha camisola é sim sensual, mas não transparente.

— Eu vou ali e já volto — Antônio fala sacando o celular para disfarçar o constrangimento. *Ai, que vergonha!*

— Eu disse nada de orgias, Mortícia! — exclama Lucca, contornando o balcão e indo desligar o fogo das panquecas.

— Cale a boca! Vega! Nós não íamos para a sua casa? — questiono, indo até ela para abraçá-la.

— Pois é. Resolvi te fazer uma surpresa. Pensei que estivesse sozinha aqui, então resolvi vir — ela explica e encara por cima do meu ombro o primo.

Olho para trás e vejo o cara de pau ostentando o sorriso mais sacana do mundo. E aí me dou conta de uma coisa: Ele não está constrangido, quer dizer, a prima dele está aqui e não tem a menor possibilidade no inferno de negar o que estávamos fazendo. Parece não se importar e, ousou dizer, ele parece satisfeito com toda essa cena.

— No que depender de mim, prima, essa moça não fica mais sozinha — ele diz a Vega e me lança uma piscadinha. Pisco meus olhos várias vezes. Eu só sei que não estou sonhando porque Lucca, que está mais atrás de Júlio, faz vários sinais de joia, apontando para o teto.

— Finalmente, primo! — Vega ri daquela forma aberta que ela sempre faz e eu a encaro chocada. — Ah, qual é? Sua vaca, achou que ia me enganar até quando?

— Eu não queria mentir. É complicado, Vega. Eu...

— Ei, tudo bem, tá?! Você não estava preparada e eu entendo. — Ela me abraça percebendo meu desconforto e vergonha por omitir algo tão significativo em minha vida, de minha melhor amiga.

— Não quero minhas princesas desse jeito. Hoje é dia de festa — Júlio afirma, abraçando nós duas. Escuto um Jesus ao longe, provavelmente é o Lucca surtando.

— Primo, me solta. Você está quase nu. — Ele ri e larga Vega, vindo me abraçar por trás. Eu me sinto um *et*. Endureço feito estátua.

— Eu já vou. Tenho milhares de coisas pra fazer. Espero os dois hoje à noite lá em casa — Vega diz, dando beijos em nossos rostos. Antônio aparece na soleira da porta.

— Pequena, vamos. Preciso resolver algumas coisas ainda. — Eles se despedem e vão embora.

— Bom, se precisarem de mim, estarei em meu quarto tirando um cochilo.

Lucca sai o mais rápido que consegue. Essa biba safada provavelmente cansou de comer meu homem com os olhos. Meu homem?! Esquece isso, Aldria. Provavelmente Júlio teve um surto ou está sob efeito de alguma droga esquisita.

— Então?! Vamos terminar essas panquecas? *Tô* louco de fome, delas e de você — diz, lambendo minha nuca. *Pai do céu, tomara que ele nunca encontre o antídoto para essa loucura.*

Júlio Gouvêa

Flashback

Merda! Eu estava no momento crucial da minha vida. Finalmente eu poderia abrir o jogo de tudo com a Aldria. Eu ia esperar um pouco mais, bolar algum plano, quem sabe pedir ajuda de Vega.

Quando ela entrou em minha sala no fim da tarde, finalmente colocando para fora a conversa que nunca tivemos, percebi que não poderia mais esperar. Estava na hora de tomar o que era meu por direito. Desde que coloquei meus olhos naquela mulher, eu sempre soube que ela me pertencia.

Não me importa mais o passado. Ambos sofremos, ambos erramos, o que passou já foi e eu quero viver minha vida de forma plena. Agora que cumpri minha obrigação e dever, eu posso finalmente respirar e simplesmente viver.

Meu celular torna a tocar. Eu não preciso olhar para saber quem é. Inferno!

— O que você quer? — falo o mais ríspido que consigo.

— Credo, benzinho. Sou eu, Isa.

— Eu sei que é você. Inferno! Eu disse que estou indo.

— Mas eu já estou te esperando.

— Estou chegando.

Desligo o telefone e penso seriamente em atirá-lo pela janela. Respiro fundo diversas vezes, preciso me acalmar. Falta pouco, muito pouco. Ainda assim não resisto e passo pela sala da Aldria. Preciso fazê-la perceber que isso entre nós está mudando e para melhor.

Estaciono no aeroporto e vou para a área de desembarque. *Isso vai ser rápido e indolor,*

penso comigo. Avisto de longe Isabela. Engraçado como sempre a achei linda, porém somente por fora.

Quando éramos mais novos eu ainda tentei mostrar a ela que a vida é muito mais que as coisas fúteis que ela adora. Já na faculdade eu desisti e acabei largando de mão. Mantivemos a amizade enquanto eu estava longe, pois ela fazia questão de sempre falar comigo.

Confesso que eu mantive o vínculo, pois ela me dava informações mesmo que pingadas da Aldria. A maioria delas me doía como o inferno, mas eu era um sofredor por natureza e sempre que ela me chamava, eu já me via ansioso por alguma informação nova.

Volto à realidade com ela me abraçando. Isabela me aperta tanto que eu sinto que sufoco.

— Olá, benzinho. Que saudade!

— Nós nos vimos semana passada, Isabela — falo desvencilhando-me do seu abraço. *Rápido e indolor*, mentalizo novamente.

— Sim, mas você é meu namorado e eu posso sentir sua falta. Tenho uma novidade. Eu vim pra ficar de vez! Não é maravilhoso?

Mas que merda é essa?!

— Papai está com alguns problemas. Ele não me disse direito o que é e eu resolvi vir para São Paulo para ficar com você — diz isso dando gritinhos e tentando me abraçar. Eu seguro seu braço e a afasto. Eu sei bem os problemas de seu pai e não serão resolvidos facilmente.

— Desculpe, Isabela, mas isso será impossível. — Ela que até então sorria, fecha a cara e fica me olhando. — Eu ia até você no fim de semana para conversarmos, mas você me ligou hoje dizendo que já estava a caminho de São Paulo, então não tive como te impedir.

— Por que me impedir? Benzinho, o que está acontecendo?

— Para mim já deu. Terminamos por aqui, Isabela. Eu desejo tudo de bom em sua vida, mas eu não quero mais nada com você — afirmo, encarando-a. Ela me olha e fico na dúvida se

ela entendeu o que eu disse.

— O QUÊ? COMO ASSIM? VOCÊ ESTÁ ME ABANDONANDO EM UM AEROPORTO? — Droga! Começou o vexame.

— Isabela, contenha-se — peço ainda brando.

— Conter-me? Você é um canalha! O que está acontecendo aqui? É ela, não é? Aquela vadia da Aldria! — E aí eu perco a linha.

— Não fale assim dela!

— Oh, não acredito! Você não pode fazer isso comigo, Júlio! — ela fala, batendo o pé no chão. Patético.

— O que eu posso ou não, não é da sua maldita conta. Eu lhe comprei uma passagem de volta, não dificulte as coisas, Isabela — digo, entregando a ela a passagem. Ela a recebe, me encara e torna a olhar para a passagem, mas logo começa a rasgá-la em vários pedaços.

— Olha o que faço com a sua boa intenção, seu idiota! — diz. — Eu vim para São Paulo, eu fico em São Paulo.

— Pois bem! Eu tentei ser cortês. Se você não quer isto, não me importa. Passar bem. — Viro-me saindo do saguão. Ainda ao longe escuto seus gritos de protestos. Cansei.

Quase dois anos aturando e aguentando coisas que eu não viveria nem por dez minutos. Já estou farto. Agora vou à busca da minha mulher que rouba meu juízo e já tem meu coração. E nada e ninguém irá me parar.



Capítulo 8
Eu não vou deixá-la ir. Não mais.

Júlio Gouvêa

— Linda, vamos! A Vega já ligou duas vezes e ameaçou cortar minhas bolas se eu não te deixar sã e salva na casa dela em vinte minutos — chamo pela quinta vez a minha princesa que ainda não saiu daquele quarto. E eu não posso ir até lá tirá-la à força, porque provavelmente eu a tomaria para mim e aí sim, eu teria as bolas caçadas pela minha doce prima.

— Mande aquela vaca não me encher. E se ela cortar suas bolas, eu pego as bolas do marido dela — Aldria grita do quarto. Ela não tem filtro mesmo. *Epa! Espera um pouco aí.*

Disparo para o quarto e Aldria está em frente ao espelho passando batom. Viro-a bruscamente, seguro seu cabelo com uma mão e com a outra firmo sua cintura próxima do meu corpo.

— As únicas bolas que você pode ter, querida, são as minhas. Não quero ouvir sair dessa boquinha gostosa, nada relacionado a bolas de outro cara, entendeu?! — falo isso e mordo seus lábios. Não resisto e acabo beijando-a.

Termino o beijo e Aldria está me olhando com a cara de safada que só ela sabe fazer. Inferno, que eu já estou duro. Eu me afasto antes que eu perca minha mente. Essa mulher tem o poder de me descompassar com muito pouco.

— Agora, apronte-se, pois eu ainda quero as minhas bolas para enterrá-las profundamente em você mais tarde — digo e observo sua cara de chocada. Eu amo quando ela está assim, aberta e receptiva.

Saio do quarto e meu celular vibra no bolso. Pego-o e deduzo ser minha prima novamente. Atendo sem nem olhar para o visor.

— Calma, prima. Eu amo minhas bolas, então Aldria chegará o quanto antes em sua casa — falo, rindo. Escuto uma risada que reconheço na hora.

— Benzinho. Eu também amo suas bolas, querido, mas na verdade eu gostaria mesmo é de conversar com você. Posso ir ao seu apartamento mais tarde — ela diz com voz manhosa.

— Isabela, boa tarde. Sinto muito, mas hoje eu estou muito ocupado — aviso, fazendo um esforço sobre-humano para não mandá-la à merda.

— Então arranje um tempo para mim. Precisamos conversar! — Ela é mais enfática, e isso realmente me intriga.

— Vou ver o que posso fazer. Quem sabe no meio da semana — respondo, vago. Tenho que ganhar tempo com ela.

— Tudo bem. Então nos vemos quinta. Em seu apartamento? Às vinte horas? — insiste.

— Como eu disse, irei verificar e te ligo, ok?! — digo, deixando claro o quanto não gosto de ser pressionado e encerro a ligação. Viro-me e dou de cara com uma Aldria com uma cara muito brava. *Estou fodido.*

— Vamos? — ela pergunta, levantando uma sobrancelha. Eu não estou fodido, eu estou realmente perdido. Começo a temer pelas minhas bolas.

— Sim, claro! — Aldria passa direto por mim e eu solto a respiração. Não posso perder tudo que já conquistei. Eu sei que foi pouco, mas eu vou me apegar a isso e não vou deixá-la se esvair por meus dedos.

Percebo que a nossa intimidade, que estava se aflorando e que eu estava conseguindo, com muita persistência penetrar, Aldria acabou de fechar e trancou a sete chaves.

Ela só não sabe que eu ainda tenho uma vantagem: minha insistência. Sou obstinado. Eu consigo aquilo que quero, e ela... Ela é a meta da minha vida.

Descemos no elevador e a porra do polo norte poderia estar mais quente agora do que aqui. Ela finge que mexe no celular para me ignorar. Ótimo.

Destravo meu carro e abro a porta para ela. Ainda bem que não oferece resistência. Dou a volta no carro, entro e faço a manobra. Esse silêncio realmente está me incomodando.

Numa tentativa de brincar, escolho uma pasta de músicas que tenho na memória do carro e que leva o nome dela. Lembro-me de uma que já a vi cantando várias vezes e seleciono. *Hoje*, Ludmilla invade o carro e ela me olha chocada.

— Não sabia que era apreciador de *funk*. Na verdade, eu pensei que odiasse — ela diz, olhando para frente.

— Eu sei que você gosta. E a letra da música até que é interessante. — *Sutil feito um rinoceronte, Júlio!* Como eu consigo enfrentar a porra de um júri em uma audiência, mas me sinto a porra de um moleque sem noção perto dessa mulher?

Ela não me olha. Parece que quer mostrar indiferença. Aldria leva a mão no console, abre a pasta da *playlist* e eu a vejo selecionando outra música.

O ritmo entra e não me agrada. Um sertanejo misturado com outra coisa que eu realmente não sei o que é. Dou uma olhada rápida no painel e vejo marcando *Você partiu meu coração*, Nego do Borel/ Anitta / Wesley Safadão.

Presto atenção na letra. Eu sei que a Aldria tem essa coisa igual a Vega de falar com música. Fico quieto e analiso o que escuto, começando a bater o dedo no volante para controlar a irritação que me sobe. *Esquema o escambau!* Não tem merda de esquema nenhum. Essa mulher está maluca e eu vou ensiná-la que não têm outros, nem esquemas e nada de terceiros.

Chego mais rápido que o previsto no apartamento de Antônio, que agora também é da minha prima. Aldria me irritou com aquela música idiota e eu descontei no acelerador.

O porteiro libera nossa entrada e eu paro na vaga de visitas da cobertura. Desço do carro e ela não espera que eu abra sua porta, desce e bate à porta, encaminhando-se para o elevador. Retardo meus passos. Aproveito a visão privilegiada daquela bunda gostosa rebolando na minha frente. Ela está usando um vestido colado, cheio de babados de renda na ponta e que deixa boa parte das suas coxas de fora.

Para falar a verdade, começo a achar esse vestido muito ousado. Provavelmente o infeliz

do João vai estar aqui e eu não quero ter a infelicidade de ter que lidar com ele. Aliás, provavelmente meu irmão também estará. Eu sei que ele não faria nada de sério e não investiria na Aldria. Ele faz aquelas coisas para me provocar. O imbecil me conhece bem e sempre sacou minha queda por essa diaba.

Alcanço Aldria e enlaço sua cintura, acompanhando seus passos. Ela mais do que depressa tira minha mão de sua cintura. *Ô, mulher teimosa!*

— O que foi, linda? Estávamos tão bem — pergunto encarando-a com as mãos no bolso, enquanto esperamos o elevador. Ela me olha como se eu fosse um imbecil. Odeio isso.

— Faça-me um favor, garoto: Mantenha a distância lá em cima, ok?! — Meu pavio é meio curto e eu perco o pouco de paciência que tenho.

— Ah, entendi. Agora vai estar diante dos seus pretendentes. O que foi, Aldria? Chega com um e sai daqui com outro? — Além de falar essa merda, eu ainda sustento minha cara de sacana.

— Pois é. Desde que não seja para você que eu tenha que dar hoje, não é, bebê?! — Eu vou responder, mas o elevador apita. Algumas pessoas saem e nós entramos. Resolvo ficar distante. Essa irritação só vai dar merda.

Chegamos ao andar e somos recepcionados por Vega, que de cara percebe que algo não vai bem entre nós dois.

— Olá, casal apaixonado! — diz ela nos cumprimentando com beijos, e eu, como sou um babaca, não perco a oportunidade.

— Fale baixo, Vega. Aldria não quer que certas pessoas saibam disso — falo olhando para Aldria que continua encarando Vega.

— Aldria, coisa linda. — Escuto o escroto do João falando do meio da sala. Dou uma olhada por cima de Vega e vejo o infeliz com os braços abertos para ela.

— Com licença — ela simplesmente diz e vai ao encontro de João com um sorriso

deslumbrante. *Para mim ela não sorri assim*, penso indignado.

— O que aconteceu do amasso na cozinha, para esse gelo aqui, Júlio? O que você fez?

— Vega coloca as mãos na cintura e me encara como se eu fosse o único culpado disso tudo.

— Eu não fiz nada, juro. Sua amiga é doida — falo e passo por ela. Vejo Antônio em uma roda com meu tio, meu pai e meu irmão, e é exatamente lá que vou para fugir dessa tormenta.

Cumprimento a todos e Olavo não perde a oportunidade de me alfinetar.

— Chegou acompanhado e já perdeu a companhia, irmão? — pergunta, fazendo sinal com a cabeça. Viro-me para onde ele aponta e vejo o pascalho do João com os braços em torno da minha mulher. Respiro fundo.

— Não sei do que está falando, pirralho. Então, Antônio, como foi a viagem? — Incluo-me na roda e começamos a conversar. Fico de costas para a sala de propósito.

Provavelmente se eu tivesse Aldria em meu campo de visão e visse algo que não me agradasse, perderia a compostura. Antônio comenta sobre os lugares em que visitou na lua de mel, logo emendamos em um assunto sobre a situação política e financeira da Europa.

Eu não consigo focar demais nisso, estou tenso, quero-a perto de mim. Não quero filho da mãe nenhum em torno dela.

Olho adiante e vejo Caio em sua posição costumeira: À sombra de Antônio. E ele nem sabe o porquê desse apelido. Peço licença e vou ao seu encontro.

— Boa tarde, Sr. Júlio — ele diz, polido e direto.

— Corta essa, Caio. Semana passada você me deixou no tatame feito lixo e eu ainda não esqueci isso. — Ele solta um riso contido e baixo.

— Supere! — rebate e o vejo se mexer desconfortavelmente. Olho para onde seu olhar queima e vejo que sua mira tem nome, tamanho e irreverência: Amanda, irmã do Antônio.

— Problemas no paraíso? — pergunto em tom de deboche e bebo um gole do meu uísque.

— Não seja ridículo! Estou trabalhando, só isso.

— Sei.

— Já você, realmente deve ter um problema enorme nas mãos, não é?! — Olho para ele e desvio minha cabeça para onde está olhando.

— Filho da mãe... — Largo Caio pra trás e vou em missão de resgate. Resgatar minha mulher da mão dos abutres, João e Olavo. A safada ri e joga aquele cabelo que amo entrelaçar em meu punho. Está fazendo jogo. *Muito bem, princesa. Eu amo um bom jogo.*

— O que você vai fazer? — Vega surge na minha frente, e pela cara dela, não será fácil passar.

— Nada. Vou falar com meu irmão — digo fingindo inocência, mas não tiro meus olhos de onde eles estão.

— Deixe-a. Eu não sei que merda aconteceu, Júlio, mas ela está chateada contigo. Resolva isso depois.

— E eu vou permitir ela ficar se esfregando em cada pau dessa sala? — questiono, indignado.

— Júlio! Ela não está fazendo isso. Pare de ser ciumento. — Abro a boca para protestar, mas pensando melhor, não adianta. Eu preciso manter o controle.

Volto meu caminho. Só há uma coisa capaz de manter minha mente e não me deixar fazer uma idiotice.

— Está funcionando ainda? — pergunto para Caio.

— Sempre, chefe — ele responde com um leve ar de deboche.

— Ótimo. — Viro e procuro rapidamente a saída.

Entro na pequena academia do lado oposto da cidade. Nesse horário o movimento é tranquilo. Atravesso a arena — assim que chamamos a sessão onde acontecem os treinos pesados e combates —, entro no vestiário e vou até meu armário.

Pego meu *Ifú* — uma espécie de *kimono*, mas assim é conhecido no *Kung Fu* — e me troco. Meu *Ifú* difere de alguns, pois ele tem suas bordas azuis. Isso significa que eu sou formado no estilo de *Kung Fu* que fui ensinado. Podendo ser um instrutor.

Pego meu *Bō*, uma espécie de bastão feito de bambu. Ele tem um comprimento de cento e oitenta centímetros. Eu o utilizo para me exercitar. Sou um amante das artes marciais. Luto desde muito novo, por conta disso, hoje tenho o título de professor.

Já cheguei a cobrir algumas aulas neste Centro de treinamento que descobri logo que retornei dos Estados Unidos. Foi uma feliz coincidência encontrar Caio, em uma briga anos atrás, e ele ainda ser sócio desse lugar.

Eu o ajudei, afinal eram cinco contra um. Acabamos com os idiotas e no final, para agradecer, ele me convidou para conhecer o Centro.

Fui um dia e não saí mais. É pequeno e seletivo com quem frequenta. A maioria são os próprios novatos para o treinamento da área de segurança, onde Caio atua.

O Centro é composto de vários cursos de artes marciais: Defesa pessoal, vigilante, tiro, radiocomunicação, gerenciamento de crise, entre outros. Eu fico com a arte do *Kung Fu* e, claro, descarrego minha adrenalina no estande de tiro.

Claro que não foi tão simples assim conseguir entrar. Precisei fazer um intenso teste de capacidade no *Kung Fu*, cuja tarefa era derrubar os três mestres — isso incluía Caio — usando técnicas diferentes.

E para entrar para o estande de tiro, passei por avaliações psicológicas, teóricas, e então finalmente passar para a prática.

Volto à arena e vejo Felipe, instrutor de artes marciais, ensinando alguns movimentos aos novatos. Ocupo o tatame vazio do outro lado da arena.

Faço a saudação com o *Bō* e começo meu treinamento. Brinco e me aqueço com a técnica cujos movimentos dão o nome de Furacão, pois o bastão é rotacionado ininterruptamente ao redor do praticante e com o mínimo de esforço muscular possível.

Intensifico meus movimentos e passo a executar golpes de ataque. Eu não sei dizer quanto tempo se passa, pois eu simplesmente esvazio minha mente quando estou praticando.

A sensação é de que reencontro meu equilíbrio. No geral, me considero um homem bastante coeso e ponderado. Claro que a filosofia do *Kung Fu* sempre influenciou nisso.

Paro meus movimentos e percebo que Felipe está próximo ao tatame. Finalizo meu treino e saio do espaço, não sem antes fazer a reverência ensinada.

— Dia difícil, companheiro? — pergunta quando passo por ele.

— Posso dizer que sim. — Continuo andando e vou para o vestiário. Tiro meu *Ifú* e vou para o chuveiro.

— Vamos sair hoje, *tá* a fim? — Felipe comenta enquanto guardamos algumas coisas.

— Valeu, cara. Mas eu tenho que buscar minha mulher. — Penso na minha princesa.

— Ah, a Isabela, não é isso? E como estão? — Felipe pergunta. Esqueço que ninguém sabe que rompemos.

— Não, cara. Isabela e eu terminamos.

— Oww. Entendi. Cara, você é rápido! — brinca ele.

— Discordo, companheiro. Eu acho que demorei tempo demais — digo, terminando meu banho. Felipe me encara confuso com o pensamento que verbalizei. Não me dou ao trabalho de esclarecer.

Hoje só me reequilibrei. Não preciso descarregar a tensão na minha arma. Eu tenho algo

bem maior e bem mais atraente para domar. Aldria consegue testar todos os meus limites. Temos merdas aos montes para resolver, mas eu não vou deixá-la ir. Não mais.



Já revirei esse apartamento de ponta cabeça e não sei onde o Júlio se enfiou. Aproveitei que estava no meio de amigos e dei uma bela esnobada nele.

Sei que ele estava falando com a magrela nojenta ao telefone e só isso já me incomodou demais. Como ele consegue agir naturalmente com ela, estando comigo? Isso faz eu me sentir uma cadela, afinal, ela é a oficial.

— Eu sei que me diverti horrores naquele museu. *Madre de Dios!* Meu arrogante e eu quase fomos presos por atentado ao pudor — Vega termina sua história para Lucca e eu.

— Diva, que loucura! — Lucca se abana e eu olho para os dois, meio perdida no assunto.

— Legal — falo e tomo um gole da minha bebida. Vega e Lucca me olham como se eu tivesse chifres. — Que foi?! — pergunto, não entendo a cara dos dois.

— Você tá bem, amiga?! — Vega questiona, pegando em minha mão.

— O que aconteceu, Mortícia? — é a vez de Lucca perguntar, dando afagos nas minhas costas.

— Que isso? Vocês estão malucos? Eu, hein. Você que estava falando aí do... do... da coisa do museu... — falo tentando a todo custo lembrar qual era o enredo da história que ela contava.

— Aldria! Você não ouviu nada do que eu disse. É o Júlio? O que está acontecendo com

vocês dois? Eu saí da sua casa e vocês estavam praticamente se devorando e aqui se ignoraram. E não pense que eu não vi você jogando charme para o João e Olavo, só para provocá-lo. — Vega e sua mania de me colocar contra a parede.

— Está vendo coisas demais, bisbilhoteira. Vai cuidar do seu deus de Ébano e me esquece — falo bebendo mais um gole.

— Você quem sabe, amiga. Só acho que está mais do que na hora de sair desse chove não molha.

— Concordo com a Diva. Mortícia, chega, né?! Essa história já está com bodas de aniversário — Lucca fala e eu o encaro torcendo o nariz para que o linguarudo não fale demais. Vega não sabe de tudo, caramba! — E por que *tá fazendo* caretas? Tu pensa que Vega não sabe, mona?! Inocente, você! — Olho-o chocada e Vega ri. — Ai, quer saber? Fui! — E ele sai saltitante pela sala e vai se sentar próximo à Amanda, que conversa com uns amigos.

Olho para Vega que me encara com aquele sorriso vitorioso e cruza os braços fazendo a pose de fodona que ela adora sustentar. Eu mato aquela libélula. Vou cortar aquelas asinhas uma a uma.

— Nem vem! — já falo de cara.

— Eu não disse nada. — Ela continua na pose e agora muda para o modo irônica. Fica me encarando e eu que já estou de saco cheio e ainda não achei aquele demônio delicioso, rasgo o verbo.

— Tudo bem! Faz tempo que temos um "rolo" — faço aspas com as mãos — e eu estou meio perdida, porque de uns dias para cá ele está diferente. Parece outro. E ao mesmo tempo estou me culpando, afinal, ele tem namorada. Uma vadia, mas é namorada dele.

— Eu não vou perguntar quando exatamente isso começou, pois eu tenho certeza que vou querer dar na sua cara quando souber. Sobre te tratar diferente, eu já havia notado na época do problema na Espanha. Já sobre a namorada, não esquento. Ele largou dela — Vega joga a

bomba tão naturalmente e eu fico aturdida. *Quando foi isso?*

— *Peraí*. Ontem ele foi buscá-la no aeroporto.

— Sim. E segundo minha *madre*, que conversou esta manhã com a minha tia Rute, o namoro acabou no portão de desembarque. Ele mesmo não falou nada para meus tios. Foi a maluca que ligou chorando e gritando para minha tia.

Fico passada. Então ele saiu correndo da minha sala para ir buscar a lambisgoia e terminar com ela. Meu coração dá um salto, mas lembro da ligação de hoje.

— Só que ela ligou hoje e ele combinou de encontrá-la essa semana.

— Pois é, amiga. Parece que ela está louca atrás dele. Disse para tia Rute que não vai sossegar até conversar com Júlio. Insiste que eles têm assuntos inacabados. A vadia não admite que perdeu. Ah, tem mais...

— Tem? O que? *Me fala?* — sacudo Vega.

— Ela sabe de você. Disse que sabe que Júlio está de cabeça virada pela amiga da Vega. Palavras da tia Rute — *uau!*

É inevitável meu sorriso. Vega me acompanha e logo gargalhamos, fazendo com que alguns nos olhem e tenhamos que nos conter.

— O que há de tão engraçado? — Dou um pulo e sinto meu corpo se arrepiar quando escuto a voz macia e aveludada de Júlio.

— Nada, primo. Estou contando algumas coisas da viagem. Se me derem licença, vou ver o que minha *madre* e a sua estão aprontando na cozinha.

Júlio que estava um pouco atrás de mim me contorna e ficamos de frente um para o outro. Ele me encara com um sorriso enigmático, totalmente diferente do grosseirão que subiu comigo.

— Você sumiu — acuso simplesmente.

— Fui resolver um probleminha — ele diz sendo evasivo.

— Era Isabela, seu probleminha? — Me encara, apertando os olhos. Notei que não gostou, mas não estou nem aí. Quero explicações.

Quando acho que ele vai responder, Olavo entra na frente dele falando sobre alguma coisa engraçada que Amanda fez e sai me arrastando de perto do Júlio. Eu tenho quase certeza de que ele fez isso de propósito.

Finalmente Vega serve o jantar. Eu já estava ficando com medo da minha barriga roncar feito um porco na frente de todos. Vamos para a mesa enorme na sala de jantar do apartamento e eu tento sentar entre Amanda e Lucca, mas o idiota pula a cadeira, forçando-me a sentar ao lado de ninguém menos que Júlio.

Não sei se agradeço ou lamento o fato de João sentar à minha frente e, para fechar com chave de ouro, Olavo ocupa o lugar à frente de Júlio.

O jantar é servido e a conversa flui gostosa pela mesa, até, claro, começar meu inferno astral, que é Olavo e João a me provocar.

— Então, delícia. Vamos badalar hoje? — João indaga, balançando as sobrancelhas para mim.

— De jeito nenhum. Hoje Aldria é minha — Olavo provoca, mas não me olha. Ele direciona seu sorriso de deboche ao seu irmão.

— Não vou a lugar nenhum, meninos — falo desconversando. Júlio pigarreia e eu dou uma olhada de soslaio. Vejo-o dando um sorrisinho convencido. Idiota!

— Ah, qual é, delícia. Vamos?! — João insiste.

— Pare de chamá-la assim! — Escuto a voz dura de Júlio ao meu lado. *Ai, meu Pai do Céu!*

— Ou o quê? — João o encara na mesa.

— Ou eu vou lhe mostrar o que não dizer — sinto Júlio tenso e João não arreda o pé. Isso vai dar merda.

— É isso aí, João. Nenhum de vocês pode falar assim da minha Mortícia. Só eu — Lucca brinca fazendo uma graça. O assunto na mesa diminui e graças aos céus, eles abrandam e a tensão diminui em torno de nós.

Continuo comendo, mas sinto gosto de cimento na boca. Fico nervosa. Tem tanta gente conhecida aqui. Até hoje Júlio fez questão de nos manter em segredo e agora ele fica feito um pavão em torno de mim.

Observo sua mãe que, por sinal, não parou de me encarar hoje. Pelo que Vega disse, ela tem certas desconfianças baseado naquilo que a doida magrela falou para ela.

O que me resta saber, é de que lado ela está. Afinal de contas, se isso for realmente verdade, Júlio é um homem livre e pode namorar quem quiser.

Pare de fantasiar, Aldria! Até a semana passada você não passava de um nada para ele e agora, porque o bonitão ficou solteiro, acha que já vai se amarrar a você. Solto uma lufada de ar e sinto uma mão apalpando minha coxa. Olho para o lado e Júlio está me encarando, parecendo preocupado.

— O que houve, linda? — Fico encarando-o. — Você está incomodada. O que aconteceu?

— Nada. Só estou pensando — digo, remexendo meu prato.

— Depois... — diz ele, esclarecendo que conversaremos em outro momento. *Como ele pode saber?* Até um tempo atrás eu achei que ele mal me notasse. Que me usasse quando estava farto de sua namorada. E agora ele age como se soubesse tudo que se passa dentro de mim. Isso me aquece e me desespera.

Eu não sei qual caminho seguir. Não sei até onde posso confiar nele. Já fui ferida gravemente uma vez e eu não quero passar por isso de novo. Dessa vez eu sei que não teria volta.

Eu estaria inteiramente quebrada se ele aprontasse alguma.

Meu coração tolo sente que estou começando a viver um sonho, mas meu inconsciente grita que isso vai ser um pesadelo tipo o Massacre da Serra Elétrica e eu não serei a mocinha que sobrevive no final.

Terminamos o jantar e eu rapidamente volto para a sala, conversando com Lucca e Amanda. Não quero ficar perto dele. Não quero que as pessoas achem coisas que não existem.

— Lucca, querido! — *Ai, merda!* Minha talvez futura ex-sogra chega, cumprimentando Lucca, mas encarando a mim. *Fodeu!*

— Amada, como está? — Lucca a cumprimenta.

— Muito bem. Excelente, na verdade. Aldria! Como está, querida? — ela diz isso e segura meus braços e se aproxima de mim. Acho que ela vai me dar àqueles beijinhos que os ricos dão quando se cumprimentam, mas para minha surpresa, ela sopra em meu ouvido: — Estou muito feliz por você e meu filho.

Ela se afasta sorrindo e eu fico olhando-a com meus olhos saltando das órbitas. Sinto que meu rosto queima. Ela deve pensar que sou uma vadia, destruidora de lares. Uma golpista sem coração que... Espera! Ela disse que está feliz? Por nós?

— Quero aproveitar e convidar todos vocês para nosso piquenique dos Gouvêa. Será sábado que vem. Converse com o Júlio, querida — diz, agora olhando para mim. Lucca reprime o riso e eu fico um tomate, quase podre, de vergonha.

— Tudo bem — é só o que consigo responder. Nem minha voz quer sair.

Ela se despede e volta para a rodinha dos pais da Vega. *Onde está aquela indecente quando preciso dela?* Olho ao redor e encontro os olhos dele. Júlio me encara. Acho que ele viu a interação da sua mãe comigo, pois tem um sorriso sacana estampado nos lábios.

Sinto meu celular tocando na bolsa, olho o visor e vejo que é minha mãe. Estranho, pois ela nunca me liga tão tarde.

— Alô.

— Oi, filha. Como você tá?!

— Oi, mãe. *Bença*. Tô bem. Aconteceu alguma coisa? A senhora está ligando tão tarde — falo aflita.

- Claro que não, *uai*. Não posso ligar pra minha filha quando eu quiser, não?! — ela responde, fazendo logo uma pergunta em tom de bronca.

— Claro que pode, mãe.

— *Vem cá*. Quando é que você vem visitar seus pais? Parece que esqueceu a família — fala me cobrando.

Ela tem toda razão. A última vez que estive com eles foi antes de eu ir para a Espanha com o ser dos infernos. Depois disso só conversamos por telefone. Eles viriam para o casamento da Vega, mas meu pai com esse medo irracional de avião, preferiu não arriscar.

— Vou em breve, mãe. Tirarei alguns dias no próximo feriado. Assim fica mais fácil.

— *Tá certo*. Então beijo pra você, pra Vega e pro Lucca também. Fala pra Vega *vim* com o maridão bonito dela. Quero *vê esse partidão* de perto — minha mãe fala em tom de brincadeira e acabo rindo.

— Pode deixar, mãe. Eu falo pra Vega levar o Sr. gostoso.

— *Oia* a boca, menina. Filha minha *num fica de sem-vergonhice*, não, hein?!

— Ahh, mãe... Pare com isso. Já sou grandinha.

— É grandinha, mas eu ainda posso te dar uma coça, menina!

— *Tá bom*, mãe. Eu tenho que desligar. Vou falar com o pessoal para irmos no feriado.

— *Tá certo*. Deus te proteja, minha menina.

— Amém, mãe. Beijos, te amo — viro-me e vejo Lucca segurando o riso.

— Pode parar! — aviso.

— Vai apanhar da dona Isabel, garota levada.

— Você ouviu? Ai, minha mãe é fogo.

— Sim. E pode contar comigo. Neste feriado quero me esbaldar. Escapar para o sítio dos seus pais é uma ótima opção.

— Sítio? Também quero! — fala Amanda, que chega saltitando na conversa.

— Ótimo! Agora vou levar excursão para casa dos meus pais.

— Ahhh, eu vou — Vega também comunica, caindo na conversa.

— Meu Deus! Aqui não se tem privacidade pra falar nada — digo demonstrando um mau humor fingido.

— Nem vem. Sua mãe me adora e faz muito tempo que eu não a vejo. Quando vamos?

— Vega pergunta toda animada.

— No feriado — respondo.

— Eu estou livre no feriado. — Ouço a voz do demônio atrás de mim. *Agora lascou-se.*

— Eu também. Ai, que delícia! Vamos todos passear — Amanda pula e Lucca faz festa com ela.

— Ih, amada. Você vai amar aquele lugar. Vamos tirar fotos divas.

— Ótimo. Amanhã mesmo vejo nossas passagens — Vega determina, toda determinada.

— Prima, fecha com aquele site que te indiquei. Assim fazemos um pacote para todos — eu viro minha cabeça igual ao exorcista. De onde ele tirou que será convidado? Eu o encaro com os olhos apertados e tento fazer o meu melhor para mostrar o quanto me incomoda isso.

Ele me encara e sorri de lado, todo cínico. Lucca começa uma narrativa do lugar, dizendo o quanto é bom e divertido. As cachoeiras que se tem acesso e lugares para visitar. Júlio se aproxima do meu ouvido e sussurra só para eu ouvir:

— Não faça essa cara. Eu tenho que conhecer minha futura sogra, já que você estará

com toda a família Gouvêa semana que vem.

— Totalmente diferente. Todos aqui foram convidados e, além disso, nem sei se eu vou — falo baixo, mas deixo claro minha irritação.

— Minha mãe vai achar no mínimo, muito ofensiva sua negativa, linda. Vamos ver o que ela pensa? Ô MÃ... — viro feito uma louca para o lado dele e tapo sua boca com minhas duas mãos. Quem está em volta deve me achar uma retardada e Júlio só faz rir.

— Você está doido? — pergunto, indignada. *Meu Pai do Céu Amado, dê-me um socorro.*

— Sim — ele diz tirando minhas mãos da sua boca e envolve sua própria cintura com as minhas mãos, as deixando ali firmes, mas segurando-as, já que eu tento a todo custo tirá-las de lá.

— Me solta! — ordeno baixinho, muito constrangida.

— Nunca mais — fala, aproximando-se da minha boca.

Penso que vai me beijar, mas só fica me encarando. Meu rosto que já estava corado, agora assume um tom tomate. Sinto-me exposta e aberta. Tudo parece tão perfeito, tão certo e ao mesmo tempo tão errado e duvidoso. Balanço minha cabeça em negativa para afastar qualquer pensamento e ele solta minhas mãos.

— Deusa, eu estou indo embora. Vou levar Amanda, já que ela está sem carona — Lucca me chama e acaba me salvando de uma saia justa.

— Acho que aproveito e vou contigo. Estou sem carro mesmo.

— De jeito nenhum! — Júlio responde antes mesmo de eu concluir o pensamento. Lucca o encara e volta a me olhar.

— Tudo bem — ele simplesmente diz e vira, puxando uma Amanda que sorri da situação. *Filho da mãe. Ele me paga.*

— Por que você está fazendo isso? Era minha carona, sabia? Agora você vai ter que me levar desnecessariamente. Eu poderia ter ido com ele — falo, o questionando.

— Você não vai para o mesmo destino dele, linda — responde enigmático. Eu o encaro e aperto meus olhos, continuando com a mesma postura, para ver se ele conclui. Mas isso não acontece. Ele só sorri.

— Jura? E pra onde eu vou, garoto? — pergunto, fazendo cara de cínica.

Júlio muda sua postura. Toda a leveza que ele trazia se transforma. Ele fecha e muda a face. Eu vejo que dei mancada, mas não sei direito em que.

— Que foi?

— Nada. Vamos embora. Vou me despedir dos meus pais — ele diz e sai em direção à sua mãe. Que coisa maluca! Em um minuto ele me provoca, instiga, fala em códigos e me deixa maluca. No outro, se fecha em ostra e não fala nada.

— Vega e Antônio, eu já vou indo — falo, chegando à roda em que os dois estão.

— Ai, amiga. Já adiantei para o Tom e por ele, vamos para o sítio sim — diz Vega animada.

— Que ótimo. Nós nos falamos durante a semana — falo me despedindo e cumprimentando a todos.

Viro-me e vejo Júlio falando com o irmão. Vou até eles.

— Vamos?

— Ô, delícia. Vai embora com esse feioso? Tá escolhendo o irmão errado, gata. Sou mais quente. — Olho-o chocada. Muito abusado.

— Olavo, corta essa merda! Venha, Aldria. Vamos — Júlio responde mais seco.

— Que isso, irmão? — Olavo ainda tenta desconstrair, mas Júlio já está se movendo e me puxando pela mão. *Meu Deus, esse cara é temperamental demais.*



Fizemos o caminho inteiro para seu apartamento no mais absoluto silêncio. Deus, daí-me paciência, pois se me der força, eu soco a cara dele. Onde já se viu?! Parece que é bipolar. Será que é caso psicológico?

— Você faz análise? — pergunto.

— Hã?! O quê? De onde tirou isso? — questiona, confuso.

— Sei lá. Esse seu comportamento maluco. Nessa última semana você está diferente. Não fala coisa com coisa e muda constantemente de humor. Se não faz, deveria procurar uma opinião profissional. — Ele dá seta e encosta o carro em uma avenida que tem pouco movimento.

— Está insinuando que sou maluco, Aldria? — Agora ele está totalmente virado para meu sentido. Eu o encaro e ergo uma sobrancelha.

— Claro.

— Pois não sou louco! Você me deixa louco! — ele exclama e seu humor já se altera. Não falei?!

— Pois então, comporte-se como alguém normal — falo, analisando minhas unhas. Detesto quando ele fica me olhando com cara de indignado.

— Com você? Impossível! — Agora eu o olho com cara de inconformada.

— Escuta aqui, Sr. Júlio Gouvêa. Foi você quem começou toda essa palhaçada há sete

anos. Além disso, eu estava muito bem até você me agarrar no restaurante. Não contente, você veio atrás de mim no pub quando eu estava com Henrique e, desde então, está agindo feito um ogro possessivo, como se eu fosse sua propriedade. E que raios você e a Isabela tiveram ou têm? Você marca com ela no celular e some da festa por sei lá quanto tempo. Sim, porque nunca ninguém sabe dizer nada sobre o casal vinte e eu fico mais confusa ainda.

Ele fica me encarando com o rosto impassível enquanto despejo nele todas as minhas frustrações. Vejo que ele respira fundo e eu o encaro esperando uma resposta.

— Deixe Isabela fora de nós!

Isso. Ele só diz isso.

— Por quê? Não podemos tocar no nome da princesa do castelo? — indago, agora abanando os braços e alterando consideravelmente minha voz. Tô perdendo o compasso, eu sei.

— PORQUE ELA NÃO TEM NADA A VER CONOSCO! — Júlio fala, enérgico. Eu me calo. Raramente o vejo assim. — Desculpe... Eu não queria gritar... Eu... — Ele percebe que recuei o corpo diante de sua explosão.

— Tudo bem — digo olhando para baixo. Sinto sua mão encostar-se ao meu queixo. Ele ergue minha cabeça e eu o encaro. Sinto meus olhos lacrimosos, mas não quero chorar na sua frente. Eu não sou fraca, não quero parecer fraca.

— Não. Não está tudo bem. Olha, quando eu disse que você me deixa nesse turbilhão de emoções, eu não quis dizer que você é culpada de algo. Sou eu que fico assim, perto de você. Porque não quero que mais nada nos atrapalhe, mas parece que a cada passo que dou com você, algo sai errado, ou você simplesmente se afasta mais. E imaginar você distante de mim está fora de qualquer possibilidade na minha vida.

— Júlio...

— Não. Deixe-me falar. Quando eu disse para deixar Isabela fora disso, não significa que eu queira protegê-la de nada. Eu simplesmente quero que você saiba que ela é passado,

Aldria. O que eu tive com ela já foi e agora estou livre pra você.

Não aguento a emoção e sinto meu rosto molhar com a primeira lágrima que cai. Olho para Júlio, que me lança um olhar de súplica e eu sucumbo a esses sentimentos massacrando meu peito. Eu avanço o agarrando, e quando nossos lábios se tocam, gememos juntos. É tudo tão perfeito quando estou assim junto dele.

Entrego todo meu sentimento nesse beijo e sinto como se algo dentro de mim se partisse. Acredito que é uma das inúmeras barreiras que tentei erguer durante todos esses anos e, em seu menor esclarecimento, eu me entrego inteira. Ele me quer!

Ainda tenho muitas reservas. Foram sete anos sem entender o que aconteceu e alimentando aquele embate. Mas de que adiantaria eu criar mais desavenças? Quero me libertar e acima de tudo, viver. E sinto que só vou conseguir isso plenamente quando eu me permitir.

Nosso beijo tomou outra proporção, o que não seria muito diferente se tratando de nós dois. Júlio empurrou o banco do seu Land Rover Evoque branco conversível para trás. Eu consigo passar por cima do painel de controle que tem entre um banco e outro. O carro mais parece uma nave espacial do que um automóvel.

Agora montada sobre ele, continuo beijando-o ferozmente. Sinto sua mão deslizando da minha cintura para meus cabelos, onde ele os segura em um punhado e mantém minha cabeça direcionada para seu prazer.

A outra mão escorrega para o vão das minhas pernas. O vestido já subiu e o topo da minha virilha está à mostra. Ainda bem que esse carrão tem vidros escuros, ou eu estaria dando um show para qualquer um que passasse.

Ele continua me beijando. O que no começo partiu de mim já se transformou e agora o controle da situação está todo em suas mãos. Literalmente.

Ele passa a ponta dos dedos delicadamente sobre minha calcinha, bem no meu ponto de prazer, fazendo com que eu estremeça. Já estou mais do que ligada e muito úmida. Claro que

Júlio percebe e fica ali, me torturando com toques leves e muito sutis. Bem diferente do nosso normal, que é bruto e intenso. Ele quer me enlouquecer, só pode.

Estou pronta para reclamar meu direito de ter prazer decentemente, quando sinto uma batida forte no vidro. Dou um pulo e Júlio se inclina para frente me abraçando. Olhamos para fora e vejo luzes vermelhas e um homem de farda à nossa frente.

— Merda! — dizemos ao mesmo tempo. Eu mais do que depressa saio de cima de Júlio e volto ao meu lugar, sentindo meu rosto pegar fogo. Júlio volta seu banco para o lugar e abaixa o vidro do carro.

— Boa noite, policial — saúda-o, mantendo-se sério e adotando a postura de advogado.

— Boa noite, senhor. Nessa avenida não se pode estacionar.

— Sim, claro, eu entendo. É que estávamos com um problema, mas já está resolvido.

— Sei — o policial responde e eu tento me afundar ainda mais no assento do banco. Ai, que vergonha!

— Já estamos de saída, policial.

— Tudo bem. Só tome cuidado, rapaz. Pode ser que da próxima vez não encontre alguém tão bonzinho por aí.

— Pode deixar. E obrigado mais uma vez — Júlio se despede e dá partida no carro.

Eu não aguento e solto uma gargalhada muito alta que faz com que ele me encare com ar de sacana.

— Culpa sua! — Ri e leva a mão a minha coxa, dando um apertão. Apesar de sentir isso no meu íntimo, disfarço e continuo rindo.

O clima segue descontraído até chegarmos a seu apartamento. Eu sei que ainda não tenho nem um terço das explicações que anseio, mas só de ouvir de sua própria boca que ele me quer de fato, já me acalmo. Por enquanto.

— Agora eu posso abusar de você — Júlio diz, me prensando na parede do elevador enquanto subimos para seu apartamento. Eu rio do seu ataque, ele começa a se esfregar em mim e meu riso morre dando lugar a excitação que estava aguardando o melhor momento para aflorar novamente.

— Ainda estamos no elevador, Sr. Gouvêa. Isso ainda pode ser considerado atentado ao pudor — digo passando meus braços em seu pescoço e mordendo seu queixo.

— Bom, eu ainda posso requerer as filmagens amanhã cedinho... — ele fala enquanto morde minha bochecha, orelha e pescoço. Júlio consegue me deixar em chamas. Sou maluca ou essa coisa de estar exposta está me colocando à borda?!

Seguro seu rosto com as duas mãos e o beijo intensamente. Fiquei mais que acesa com o papo e agora preciso tê-lo. Júlio se entrega ao meu ataque e me beija deslizando suas mãos pelo meu corpo. Eu gemo em sua boca e ele grunhe em resposta.

Quando levo minha mão à barra da sua calça buscando o zíper para baixá-lo, Júlio segura minha mão com força.

— Não! Se fizer isso não vou resistir — ele diz ainda segurando minha mão, mas agora esfrega seu membro muito duro por cima do tecido na minha palma. Aproveito e começo a acariciá-lo. Ele geme e eu o aperto cada vez mais. Escuto o elevador apitar e Júlio me junta pela cintura, me erguendo e me beijando.

— Júlio, me solta! — peço, intercalando os beijos. Ele não precisa me carregar desse jeito. Sou pesada.

— Não! — ele fala e me beija de novo. Chegamos à sua porta e quando ele me coloca no chão a porta se abre e uma Isabela nada satisfeita nos encara. Merda!

— Isabela?! — pergunta ele, parecendo tão confuso quanto eu. Bom, eu estou mais para confusa, envergonhada e um pouco irritada.

— Olá, benzinho. — Tudo bem. Bastante irritada.

— Corta essa! O que está fazendo aqui? Como entrou? — Júlio questiona um pouco alto e passa por ela na porta, me rebocando pela mão logo atrás.

— Nossa, querido. Por que toda essa agressividade? Eu que te pergunto: O que está fazendo com essa aí, aqui? — ela diz, colocando uma mão na cintura e a outra apontando para mim.

Pronto! Explodi.

— Essa aí, o cacete! — Tento passar à frente de Júlio que me segura pedindo calma.

— Isabela, cai fora! — ordena ele, apontando para a porta.

— Não. Nós temos muito que conversar, Júlio Gouvêa. Eu sei que você me usou todo esse tempo. Queria tirar vantagens por eu ser filha de quem sou. Agora o cerco está se fechando e eu quero a minha parte — ela diz cruzando os braços em postura rígida. Júlio fica mudo, encarando-a. Afinal, do que ela está falando?

— Eu disse que nós conversaríamos durante a semana, entendeu?! — Júlio fala, dando um passo à frente e pelo seu tom de voz, está ficando nervoso. Isabela vacila, mas não abandona a pose de durona.

— E vamos mesmo! Eu não sou uma descartável, igual a essa aí. — Perco as estribeiras. Contorno Júlio rapidamente e quando junto Isabela pelo braço, que tenta correr, sinto as mãos fortes do Júlio em torno da minha cintura. Ele me segura e grita para eu me acalmar, mas meu ódio por essa loira azeda não tem fim. Eu chuto o ar na tentativa de acertá-la, no entanto, uma senhora entra na sala às pressas e puxa Isabela do meu agarre.

Droga!

Quem é essa?

— Quem é você? Me solta, Júlio. Eu vou dar na cara dessa vadia! — falo, agora me debatendo. Ele pode ser mais forte que eu, mas eu sou grande. Uma hora me solto dele.

— Célia, tira Isabela daqui. Não vou conseguir segurá-la por muito tempo — Júlio grita

para essa senhora e ela prontamente puxa Isabela pelo braço a caminho da saída.

— Volta aqui, vadia. Vou te mostrar a descartável — falo gritando. Vejo que a mulher sai com Isabela e fecha a porta. Só assim Júlio me solta.

Viro-me para ele bufando e começo a socá-lo no peito. Ele tenta segurar minhas mãos, mas sou mais rápida e saio do seu alcance e subo correndo as escadas.

Preciso respirar, por Deus.

Entro no primeiro quarto que acho e tranco a porta. Ótimo. Escuto do lado de fora passos apressados e pelo barulho que faz no chão, com certeza é Júlio me procurando.

Afasto-me da porta, vejo a sombra de alguém passar e a porta começa a ser espancada.

— Abra a porta, Aldria! — Ele esmurra repetidamente, parecendo que vai quebrá-la.

— Nããããão! — grito, desafiando-o.

— Foi você quem pediu — Júlio grita também e eu não sei do que ele está falando. De repente escuto um estrondo e a porta se abre inteira. Parte dela, já que metade ficou presa e metade foi ao chão.

— VOCÊ TÁ LOUCO?! — pergunto, indignada. Ele quebrou a merda da porta.

— Sim... Louco... — ele fala ofegante e chega perto de mim. Júlio me toma em seus braços e toda a irritação, pavor e susto que tomei desde que vimos àquela maluca na sala se desfaz e eu me transformo em um vulcão em erupção. O homem me beija enlouquecido, ergue-me em seus braços e me joga na cama.

— Eu te avisei. Nada vai ficar entre nós. — Oh, meu. Perdi mais uma calcinha. Vejo Júlio tirando seu cinto do passador da calça e eu começo a temer. Será que ele vai bater em mim?!

— O-o que... O que você vai fazer? — pergunto, temerosa.

— Vou mostrar qual o seu lugar na minha vida — ele diz isso e eu me perco em seus

olhos. Eles me mostram confiança, vontade, desejo, determinação e ainda arrisco dizer, carinho.

— Então mostra — autorizo-o simplesmente.

— Mãos acima da cabeça! — Faço como ele ordena e sinto minha respiração acelerar. Nunca o vi tão cru e ao mesmo tempo tão intenso.

Ele dá a volta na cama e junta minhas duas mãos, prendendo-as com o cinto na cabeceira de ferro. Engasgo quando percebo que ele limitou meu toque. Não sei se gosto disso. Nunca fui amarrada, nem nada dessas paradas estilo Christian Grey. Mas com ele sinto um fogo subir por minhas entranhas e confio meu corpo a ele.

— Você confia em mim? — Como adivinhou?

— Sim... — respondo ofegante.

Ele dá a volta, ficando na ponta da cama, de frente para os meus pés. Me encara entortando um pouco o pescoço de lado como se tentasse perceber tudo que se passa dentro de mim. Júlio se agacha segurando meus dois pés e os separando rapidamente.

— Ahh... — solto o ar pela boca. Ele está jogando em torno e eu estou caindo. Deliciosamente caindo.

— Quieta! — ele fala, sério, mas logo volta à postura ereta, encarando meus olhos. Ele abre o botão da calça, abre o zíper e vai baixando-a, deixando somente uma boxer branca. Lindo e irresistível! Umedeço meus lábios e continuo puxando a respiração pela boca. Minha vulva pulsa, pedindo atenção. Estar assim, presa pelos braços e aberta para ele está elevando e muito minha excitação.

— Vou te comer bem gostoso para que você entenda que não se pode colocar mais nenhuma barreira física ou emocional entre nós, entendeu?! — Eu balanço a cabeça cuidadosamente e bem devagar. Parece que não controlo mais meu próprio corpo.

Júlio sobe na cama e escala minhas pernas. Ele para na altura da minha cintura e segura a gola do meu vestido com força. Com as duas mãos ele dá um puxão para cada lado partindo

meu lindo vestido ao meio. Eu grito de susto e ele continua seu ataque até dividir o pobrezinho.

— Pre... Precisava disso... — indago ofegante, reclamando meu vestido novo. Ele não me dá atenção e agora desce pelo meu corpo, ficando em uma posição que ele pega minha calcinha e a puxa pelas minhas pernas. Ótimo! O vestido, ele detona, a calcinha fica inteira. Vai entender?!

Ele volta a abrir minhas pernas. Agora estou totalmente exposta para ele, que lambe os lábios olhando para minha vulva. Faço menção de fechar, mas ele as segura com as mãos. Sobe, encaixando-se no meio e se deita sobre mim.

Júlio me olha e me beija, casta e demoradamente. É tão suave e tranquilo, fazendo totalmente o oposto da brutalidade de momentos antes.

Sinto seu membro pulsar na entrada da minha intimidade. É como se ele já soubesse o caminho e que o encaixe fosse perfeito e certo. Bom, de fato foi.

Júlio entrou em mim de uma só vez. Gritei, mas de prazer. Eu já estava mais do que preparada para recebê-lo depois de tudo que ele fez. Ele volta, o tirando praticamente inteiro e torna a me penetrar.

Assumindo uma postura contínua, ele me beija, estoca forte e retrai devagar. Forte, intenso e enlouquecedor, ele começa a me levar para a borda da loucura.

Seus beijos são doces e gentis, como se com a boca ele falasse com meus sentimentos e, com seu membro, ele falasse com meu corpo. Minha cabeça gira e meu corpo entra em um processo intenso de necessidade. Preciso gozar.

Eu não preciso mencionar nada. Júlio intensifica seus movimentos, batendo seu eixo no meu íntimo. Minha respiração acelera e uma bola de fogo se forma dentro de mim.

Uma mão ele leva ao meu ponto de prazer e começa a fazer movimentos circulares; a outra, ele encaixa por baixo de mim, nas minhas costas. Estou cativa em seu enlace. Nos movimentamos juntos e a sincronia é mais que perfeita.

— Isso. Assim... — falo entre seus beijos. Júlio se afasta e fica me encarando, mas nunca parando seus movimentos. Olho-o no fundo dos olhos e vejo admiração.

— Goza pra mim, agora! — ele diz com a voz grossa pelo tesão e isso é minha perdição. Eu gozo intensamente, porém, em momento algum consigo tirar meus olhos dos seus. Ele quer ver minha alma e eu a mostro de bom grado.

Ainda sentindo os espasmos desse orgasmo avassalador, Júlio não perde o ritmo. Ele tira as mãos das minhas costas, segura meus quadris com força e continua batendo em minha intimidade com vontade.

Sinto-o inchar e seu rosto denuncia o quanto está perto. Olho-o fascinada, encantada. Ele sai de mim de repente, segurando seu membro e o direcionando para meus seios.

Urra meu nome enquanto solta seu líquido nos meus seios. Isso pode ser nojento para algumas mulheres, mas para mim é como se ele estivesse me marcando como dele.

Ele me olha admirado. Quis me marcar e agora está admirando sua obra prima. Eu sorrio tímida, ele se inclina e solta o cinto que prendia minhas mãos. Júlio os leva até sua boca, massageando e beijando.

— Venha, minha menina. Vamos tomar um banho. Nós ainda não acabamos nossa noite.



— Linda, acorde! — Sinto beijos estalados em meu pescoço. Estou de bruços e me encolho com o contato. Tento me mexer, mas parece que um trem de carga passou por cima de mim. Lembro-me de tudo que Júlio fez comigo durante a noite e entendo o motivo da minha exaustão.

— Humm... — resmungo e tento cobrir minha cabeça com o edredom. Escuto sua risada baixa.

— Nada disso, mocinha. Hora de levantar e aproveitar esse dia lindo que faz lá fora. — Faço um esforço e abro um olho, tentando enxergar através da porta-balcão do quarto.

— *Me deixa...* — Desisto de olhar quando noto que elas ainda estão fechadas.

— Você tem quinze minutos para estar lá embaixo me esperando. Eu te aconselho a se apressar — ele diz isso bem próximo ao meu ouvido. Meu corpo se arrepia, reconhecendo este tom.

Escuto a porta do quarto se fechar e percebo que estou sozinha. Levanto minha cabeça e olho em volta. O relógio na mesa de cabeceira marca sete horas da manhã.

— Ele está maluco! — falo para o quarto vazio. Volto a deitar.

Nem nos dias de semana eu levanto esse horário. Fecho meus olhos e me aconcho na cama, respirando o perfume dele, que se encontra nos lençóis.

Passo por um leve cochilo quando sinto o edredom ser arrancado de mim com força e

rapidez. Não tenho tempo de protesto, pois braços fortes e musculosos me pegam no colo e me levantam da cama.

— Arrhhh... Júlio, o que você está fazendo? *Me coloca* no chão! — protesto enquanto ele se dirige ao banheiro.

— Eu avisei, linda. Você tinha quinze minutos para fazer do seu jeito. Agora vai ser do meu. — Ele me coloca de pé embaixo da ducha e a abre.

— *Tá* fria! — protesto e tento sair, mas ele me mantém lá. — Que mania idiota de me colocar embaixo de água fria, seu babacão!

— Olhe essa boca! Eu te avisei. Agora desperta de uma vez. Vou terminar nosso café, espero você lá. E não me faça subir de novo. — Eu o olho irritada.

— Ou o quê? — pergunto, colocando as mãos na cintura.

Júlio para e me olha, analisando meu corpo dos pés até a altura dos olhos. Vejo brotar um sorriso diabólico em sua face e isso faz com que eu una as minhas pernas, afim de conter o desejo que ele me desperta.

— Não pague pra ver. — Ele me dá uma piscada e sai do banheiro.

É um safado. E eu amo isso.

Chego a sua cozinha e ela está toda bagunçada. Será possível que ele não consegue fazer nada sem causar um terremoto?!

Fico da porta observando-o. Ele está fazendo panquecas e o cheiro está maravilhoso. Reparo melhor no ambiente, pois nunca estive muito nesta cozinha. No máximo duas vezes. Uma quando ele comprou, então nem mobília tinha; a outra, foi em uma das vezes que ele conseguiu me arrastar para cá, mas eu estava tomada e entorpecida pelo desejo e não reparei em nada.

— Bom dia, linda! — Ele me tira dos meus pensamentos sobre o cômodo.

— Só se for pra você — falo me sentando na banqueta que fica em volta a bancada da cozinha. No fim das contas essa cozinha se parece muito com a minha. Isso deve ter dedo da Vega.

— Quanto mau humor. Fico feliz que tenha achado as roupas que deixei pra você — diz, apontando para mim.

— Sim. E como as conseguiu? — Me dou conta de que eu vim para cá com um vestido que ele rasgou ao meio.

— Arrumei uma pequena bolsa para você ontem, antes de sairmos do seu apartamento — ele simplesmente fala, como se fosse algo banal, enquanto serve as panquecas em dois pratos.

— Como assim? Você mexeu nas minhas coisas? Júlio, isso é abusivo, sabia?! — falo, indignada. Esse cara precisa de limites!

— Não vejo nada demais. Eu já sabia que você não iria para sua casa e aquilo que você chamou de vestido ontem não poderia ser usado hoje. — Encaro-o e analiso suas roupas.

Ele usa uma calça preta jeans justa e uma camiseta preta. Analiso-me e vejo que estou usando minha calça jeans preta cintura alta com uma bata estilo cigana e sapatilhas.

— Aonde vamos? — Desperta-me a curiosidade.

— Surpresa. Agora tome seu café. — Serve-me uma xícara de café fumegante e adiciona pouco açúcar, pois é assim que gosto.

Ele se senta ao meu lado e me passa o prato de panqueca. Nossa, tem umas sete panquecas. Empilhadas umas sobre as outras com uma calda que acho que deva ser caramelo.

— Uau. Sou gorda, mas não como tudo isso — digo, rindo para o prato. Sinto a mão de Júlio sobre a minha e o encaro. Ele está muito sério.

— Não diga mais isso! — Fico encarando-o, sem entender o porquê da mudança de

humor.

— O quê?

— Não coloque dessa forma o seu peso — ele continua me olhando.

Sinto meu rosto esquentar.

— É o que sou, não é?! — Dou de ombros, tentando mostrar que sou indiferente.

— Não. Você é muito mais que um peso na balança. Você é gostosa e ponto final. Eu não quero mais ouvir da sua boca, palavras pejorativas sobre si mesma — esclarece ainda sério.

— Gorda não é uma palavra pejorativa, Sr. Júlio — falo encarando-o.

— Não. Mas a forma como você a coloca, sim — ele diz e volta a comer.

Ele conseguiu fazer com que eu me sinta mal com tudo isso. Eu só falei a verdade. Começo a comer e um silêncio incômodo toma conta do ambiente.

— Termine seu café. Vou buscar umas coisas e te encontro na sala — levanta-se e deixa o prato na pia, saindo da cozinha.

Paro com o garfo no meio do caminho a minha boca, encaro por onde ele saiu e penso no que houve para ele ficar tão chateado. Afinal, eu sou gorda, isso é fato.

Perco o apetite e me levanto da bancada. Raspo minhas sobras no lixo e lavo a louça do café.

Vou para a sala e Júlio está descendo as escadas com uma pequena mala na mão. Não diz nada e passa por mim.

O que me resta é segui-lo.

Estamos no carro a caminho de não sei onde, com um Júlio calado. Minha irritação está em crescente. No carro toca James Bay, *Hold Back The River*, uma batida gostosa. A letra fala sobre a vida ter separado duas pessoas e como ele quer parar o círculo da água para olhar para

ela. Não sei se essa letra é uma feliz coincidência ou algo proposital, mas ela mexe realmente comigo.

— O que você tem? — questiono-o, abaixando o volume do rádio.

— Nada — ele responde sem me encarar.

— Uma merda que não é nada — rebato, cruzando os braços e bufando.

— Olha essa boca, menina bonita — diz ele e percebo pelo canto do olho que me olha.

— Você oscila de humor feito mulher na TPM e eu sou obrigada a aguentar calada? Por favor, né? — falo e ouço Júlio soltar uma respiração profunda.

— Eu me incomodo quando você se diminui. — Viro-me para ele.

— Como assim? Eu não me diminuo!

— Se diminui sim, minha linda. Você fez hoje na cozinha.

— Eu... Não... Eu sou gorda, Júlio. Isso é fato! — Irrito-me

— Você é muito mais que isso, Aldria. Você rotula seu peso e quer que todos olhem, entendam e aceitem. Mas, na verdade, quem não aceita é você — rebate de forma indignada.

— Você agora virou psicólogo? Eu não rotulo nada. Apenas falo o que é verdade. Se isso te incomoda tanto, é só me deixar ir. — Júlio para o carro no farol e sinto suas duas mãos me puxando e virando-me para ele.

— Isso não me incomoda. Nunca incomodou. Isso *te* incomoda, linda. Estou aqui e sempre estarei por você e não quero que pense essas merdas. Você é linda e perfeita. Tem o tamanho e as medidas que deixam meu pau duro por você. — Ele pega minha mão, a leva até seu membro e constato que ele está duro feito rocha. — Isso aqui é por você e não existe inferno suficiente que me afaste de você. Entendeu?! — Eu só balanço a cabeça concordando, pois perdi a fala.

Júlio toma posse da minha boca em um beijo intenso, cheio de vontades e que ao

mesmo tempo me respondia o tamanho da sua vontade de mim. Eu passo minhas mãos pelo seu pescoço e seguro sua nuca. O beijo me suga a ponto de faltar o ar, mas eu quero mais. Eu preciso de mais.

Escuto uma buzina vinda do carro atrás de nós, assusto-me e começo a rir. Júlio também ri e volta a sua posição. Vejo que o sinal já abriu, então ele segue o caminho.

— Não vai me dizer onde estamos indo? — pergunto, agora mais tranquila.

— Já disse que é surpresa. — Ele sorri de canto.

Não demora muito, Júlio estaciona ao lado de um prédio pequeno, de no máximo três andares. Estamos cercados de terrenos vazios a nossa volta e o lugar não tem nenhuma sofisticação.

Olho para ele intrigada.

Júlio pisca pra mim e desce do carro. Imito-o e desço batendo a porta do carro. Ele pega sua pequena bolsa e contorna o carro, pegando minha mão e nos levando, até que adentramos o prédio.

Quando passamos pela porta, vejo um pequeno letreiro no fundo da recepção, marcando Centro de Treinamento. Eu olho espantada para Júlio, que torna a dar aquele sorriso enigmático.

— Onde estamos?

— No lugar onde eu venho buscar equilíbrio para lidar com você — ele diz se aproximando e beijando a ponta do meu nariz.

— Aqui tem grupo de autoajuda para pessoas com problemas de bipolaridade? — pergunto com cara de sarcástica. Júlio gargalha.

— Você não existe, sua atrevida! — Dou de ombros.

Pegamos o elevador e Júlio aciona o último andar. Estou muito ansiosa e começo a bater o pé no chão. Júlio percebe isso e dá uma risada.

Quando as portas se abrem, vejo uma pequena movimentação de pessoas, aliás, homens. Tem uma pequena recepção e é para lá que Júlio nos encaminha.

— Bom dia, Margô. Poderia me dar um kit de segurança? — Júlio pede à mulher, que o encara como se fosse devorá-lo. Não gostei dela.

— Claro, Júlio! — Ela entrega a ele um saco com algumas coisas dentro.

— Venha, linda. Vou te preparar. — Eu o olho assustada.

— Eu não! Não sei fazer isso. Tenho medo dessas coisas, Júlio. E que lugar é esse? Como você descobriu isso? E desde quando você atira? — Pareço uma metralhadora.

Noto a criatura, Margô, soltar um risinho debochado. Vou acabar usando uma arma aqui de outra forma.

— Calma, linda! Venha. Eu vou te preparar e lhe explicar como funciona. Você vai gostar.

Desconfio muito disso, mas sigo Júlio para uma saleta que parece um vestiário.

— Atrás daquela porta fica a área de tiro. Você só pode entrar ali com esses equipamentos de segurança — explica ele, apontando para o saco e tirando de lá uns óculos transparentes, um fone de ouvido enorme e um cinto engraçado.

— O que são essas coisas?

— São: óculos de proteção, um abafador de ruído e um coldre de perna. — Eu continuo olhando para ele sem entender nada. — São para *te* proteger lá dentro. Você vai entrar sem arma, pois para portar uma aqui dentro, precisa ter autorização e cumprir certos requisitos.

— E por que eu estou entrando assim? Sem nenhuma identificação?

— Muito perspicaz, Srta. Garcia. Hoje você só está entrando direto, pois está comigo.

— Nossa, quanta humildade — eu falo enquanto ele me enlaça com aquele cinto, prendendo em minha cintura e perna. Começo a me sentir a Lara Croft, de *Tomb Raider*.

— É a verdade. Caio, segurança do Antônio, é um dos donos e eu conversei com ele sobre lhe trazer aqui, então consegui o passe livre. — Agora sim faz sentido. — Coloque os abafadores e nunca os tire lá dentro. Fique sempre dentro da nossa raia e sempre de frente para o para-balas. Entendeu?

— Sim. O que é um para-balas? — pergunto e Júlio ri.

— Desculpe, linda. Estou indo rápido demais. O para-balas é a parede que fica atrás do alvo. Ele faz a função de neutralizar o disparo. Quando digo para ficar sempre de frente para ele, é para que você não se distraia e acabe apontando a arma para qualquer outro lado. Mesmo com a arma descarregada, você nunca pode apontá-la para qualquer outro lugar que não seja sua linha de tiro.

— Agora eu entendi. Podemos ir? Estou me sentindo no *Tomb Raider* e doida pra atirar — Júlio ri e encaixa o fone enorme em minha cabeça.

Ele realiza os mesmos procedimentos que fez comigo nele mesmo. E só faltou a pipoca para eu ver esse tamanho de homem vestindo esse cinto engraçado, colocando os óculos e os fones.

— Vem. Mantenha sempre contato visual comigo — noto que ele fala mais alto, para que eu ouça e aponta dois dedos em seus próprios olhos. Reviro os olhos pela forma exagerada dele em me passar essas coisas.

Sigo-o e ele abre a porta que me levaria ao estande de tiro. Ele segura minha mão e eu olho em volta. *Uau!* Lá de fora eu não achei que fosse tão grande assim.

— É enorme! — Júlio que estava me olhando, responde:

— Sim. São vinte e cinco metros de profundidade para a modalidade que treino. — Olho em seus lábios para entender direito o que ele fala.

Ele me puxa, parando em frente a uma cabine vazia. Percebo que tem alguns homens em outras cabines. Todos usam os mesmos aparatos que nós e estão focados à sua frente, com

uma arma em punho cada um.

Júlio apoia sua bolsa em cima de uma mesa que nos separa da "zona de guerra". Ele tira de lá um estojo preto, colocando-o sobre a mesa. Digita um código no estojo que se abre, e lá está uma arma linda, não muito grande, toda preta e muito brilhosa.

— Esta é uma Pistola *Glock* 25, também conhecida como G25. Sua fabricação é austríaca, calibre 38, carregador de quinze disparos. As pistolas *Glock* utilizam uma ação do tipo *Safe Action*, que se caracteriza por um conjunto de três travas automaticamente liberadas quando do acionamento do gatilho, permitindo, assim, o disparo. Não se trata nem de ação simples, tampouco de ação dupla. É um sistema próprio da *Glock*, baseado nos sistemas de percussor pré-engatilhado — ele fala tudo isso enquanto monta aquela coisa e eu o olho atônita.

— Eu não entendi nada. Onde você aprendeu todas essas coisas? — Ele para me olhando e sorri enigmático. Mais uma pergunta sem resposta.

— Ela já está carregada e pronta. Venha, coloque-se na minha frente. — Eu faço o que ele manda. Ele passa os braços sobre meus ombros, sempre apontando aquela coisa para frente. — Aquele é o nosso alvo. O objetivo é atirar o mais próximo possível do ponto central. Vê? — Balanço a cabeça concordando.

— Agora, linda, eu vou lhe ensinar como se posicionar para atirar — Júlio coloca aquela coisa em cima da mesa a nossa frente e segura minha cintura. Isso começa a me dar um certo calor. — Sua base de apoio tem que ser seu lado dominante. Como você é destra, traga sua perna direita um pouco para trás, assim ela vai servir de apoio. Deixe uma distância de mais ou menos trinta centímetros de uma para a outra — ele fala espalmando uma mão na minha coxa, fazendo pressão para que eu a recue um pouco mais.

— Entendi — concordo com falha na voz.

— Flexione levemente seus joelhos, assim você terá mais estabilidade para lidar com o impacto do disparo — diz ele empurrando meu joelho por trás, usando o seu próprio joelho. Isso

o faz, literalmente, cavar em mim, e minha excitação que estava dando sinais de vida, aflora terminantemente.

— Ok — respondo e pigarreio. Escuto sua risada. É um sacana.

— Pegue a arma. — Estendo a mão pegando-a e tomo todo cuidado para sempre apontá-la na direção do alvo.

— Segure-a com seu braço condutor ou dominante, estique a frente e deixe o cotovelo levemente inclinado — faço o que ele manda. — Isso, seu braço de apoio te ajuda a segurar a pistola — continuo fazendo conforme indica.

Escuto alguns disparos e me assusto. Dou um pulinho e Júlio leva a mão à arma e a segura junto comigo.

— Calma! Ignore o que está a sua volta e foque em mim. Num momento de conflito, linda, você tem que estar focada no seu objetivo e se esquecer do caos à sua volta. — Sinto meu coração voltar ao normal em suas batidas. Não sei de onde ele tira tanta tranquilidade. Eu nunca irei estar no meio do caos com uma arma em punho.

— Acho isso besteira. Vamos parar! — protesto, ficando nervosa com minha imaginação criando situações parecidas com isso.

— De jeito nenhum! — Júlio está mais próximo de mim e agora ele cobre meus dois braços com os seus, forçando-me a manter a posição de tiro. — Respire, Aldria. O controle de sua ansiedade fica na respiração. Ache seu equilíbrio e, principalmente, sempre confie no seu instinto. — Concordo com a cabeça e faço o que ele manda. Respiro profundamente.

— Eu vou te soltar, então mantenha sua concentração no alvo. São vinte e cinco metros de distância. Vou reduzir para dez metros, já que é seu primeiro dia. Incline um pouco a cabeça e mantenha o foco na sua mira. — Faço como indicado. — Respire e atire quando estiver pronta. Não relaxe sua postura. Lembre-se de que a arma sofre recuo devido ao disparo.

Absorvo tudo que ele diz e faço como ele ensina: Olho através da mira da arma, respiro

fundo. Sinto como se tudo a minha volta sumisse, focando em meu alvo. Sinto uma queimadura em todo meu corpo. Minha ansiedade latente dá lugar a uma bola de fogo aguardando para sair.

Fecho os olhos e quando os abro novamente, levo meu dedo ao gatilho e disparo.

Sinto um forte tranco, meu braço recua e Júlio me firma para eu não perder o equilíbrio.

A minha adrenalina descarrega no barulho da bala saindo da arma, mas continuo respirando, só que agora, ofegante. Sinto meus joelhos amolecerem, e Júlio me segura pela cintura.

— Muito bem, linda. Vamos ver de perto o seu estrago. — Ele aciona um botão e o alvo começa a se deslocar para perto.

Coloco a arma sobre a mesinha, como ele ensinou e me viro para ele. Júlio ostenta um sorriso orgulhoso, segura-me pela cintura e me beija. Eu aproveito para terminar de tirar toda essa tensão de mim.

Nós nos devoramos de forma deliciosa e eu tenho certeza de que, se não fosse pelas outras pessoas no recinto, nós com certeza estaríamos transando.

Júlio termina nosso amasso e vira-me para o alvo que agora está bem a minha frente. Olho o buraco feito no papel.

— Bem próximo do alvo principal — Júlio diz e eu sorrio.

— Sou boa nisso. Fique esperto, Sr. Júlio.

— Estarei atento, linda. — Ele beija meu pescoço.

Continuamos treinando e Júlio me explica cada vez mais sobre como me portar e como fazer tudo com uma arma. Fico fascinada, o medo que eu sentia vai se desfazendo e já me vejo querendo ter meu próprio revólver.

— De jeito nenhum! Quando quiser, posso te matricular aqui e você utiliza minha pistola junto comigo.

— Ué, por que não posso ter uma, se você tem? — pergunto, emburrada, enquanto estamos saindo do estande e Júlio tira todos os aparatos de segurança de mim.

— É muito diferente. Eu fui obrigado a aprender devido ao caso... Devido a... Minha profissão. — Eu olho desconfiada para ele. Sinto que tem muito mais coisa aí, mas como sempre, terei informações conta-gotas dele.

— Sei — é só o que ele diz, recolhendo tudo que é nosso e então saímos de lá.

Entramos no carro e ele rapidamente o coloca em movimento.

— Para onde agora? — pergunto.

— Minha casa ou a sua. Você decide.

— Então, minha casa.

E ele acelera.

Vamos conversando sobre várias coisas. Continuo debatendo e defendendo a ideia de que posso sim ter uma arma minha. Júlio, como o ótimo advogado que é, tenta me persuadir e me fazer analisar todos os pontos de que isso seria totalmente errado.

Eu finjo escutar tudo com essa aulinha de hoje. Ele fez uma curiosidade e vontade imensa despertar dentro de mim. E isso me basta para não me fazer desistir fácil.



Capítulo 12

Melhor eu descarregar essa adrenalina na minha Glock.

Júlio Gouvêa

Entro em minha sala, seguido por Eduardo que ostenta um sorriso de orelha a orelha.

— Finalmente, dobrou sua paixão? — Ele senta em minha mesa.

— Eu diria que estou a caminho, amigo — respondo sorrindo. Adam, meu novo assistente, entra na sala e para assim que me vê.

— Desculpe, senhor. Não sabia que o Sr. Eduardo estava aqui. — Ele faz a menção de voltar, mas eu o paro.

— Adam, bom dia! Traga-nos um café forte, sim? Depois preciso que me passe qual a programação dessa semana, junto aos clientes e fórum.

— Tud... tudo bem. — Ele se ajeita e sai, parecendo desconcertado.

— O que houve com ele? — pergunto, ligando meu notebook e começando a revisar algumas documentações.

— O que houve com *você*? Todos estão estranhando essa simpatia repentina — Eduardo gargalha com o próprio comentário, eu faço cara de pouco caso e continuo trabalhando.

— Na semana do feriado, vou sair dois dias antes. Não marque nada para esse período — digo olhando para a tela.

— Tudo bem. A propósito, o Sr. Denis Montenegro nos ligou sexta-feira, solicitando nossos serviços advocatícios. — Paro tudo o que estou fazendo e me viro para Eduardo.

— Como é que é?! — indago, um pouco alterado.

— Exatamente, meu amigo. Seu ex-sogro quer nossos serviços numa causa contra o Ministério Público. Parece que ele foi investigado sigilosamente e agora a porcaria está explodindo. Foi chamado para averiguações sobre compras de ações de uma terceirizada que ganhou nada menos que dez licitações do governo no ano passado. E adivinha? O bondoso

Senador Montenegro não estava declarando isso em sua prestação de contas fiscais.

— Não! Nós não vamos defendê-lo — falo alterado. Adam entra com o café nesse momento, deixa a bandeja na mesa e se retira o mais depressa que consegue.

— Eu expliquei para ele que o fato de você ter ligação com sua filha impossibilitaria isso, afinal seria antiético. Ele disse que é irrelevante e insiste que seja você o responsável por sua defesa.

— De jeito nenhum!

— Imaginei que essa seria sua resposta. Mas ele disse que vai te procurar — Eduardo informa e levanta-se. — Vou para minha sala. Tenho que preparar duas petições.

Mas que merda está acontecendo? Montenegro tem um ótimo advogado em sua folha. Por que insistir comigo? Isso não está me cheirando a boa coisa.

Pego meu celular e seleciono o único número que pode saber o que está havendo.

— Alô. Alexandre? Sou eu. Precisamos conversar. Hoje!

Deixo o escritório e vou direto para uma audiência na qual represento uma empresa de transportes. O dono da empresa responde processo judicial na esfera criminal, tendo em vista que todos os tributos vinham sendo sonegados, assim como não cumpria as exigências fiscais da carga que transportava.

Esse caso já vem se protelando há seis meses e o promotor público simplesmente não alivia. Quer a condenação sobre o ato fiscal, tirando uma multa milionária do meu cliente e ainda dez anos de reclusão.

Quando finalmente consigo sair do fórum, verifico meu celular e vejo que tenho chamadas perdidas. Vou por ordem de prioridades e respondo primeiro as do escritório e as da Gouvêa & Associados. Minha mãe me ligou, mas deixo para retornar mais tarde.

Vejo cinco ligações de Isabela, isso me deixa com um início de dor de cabeça, então resolvo não lidar com ela agora. Tenho algumas ligações e pelo prefixo vejo que é o Sr. Montenegro. Não falarei com ele, pelo menos não até me inteirar do que realmente está acontecendo.

Aperto o passo. Preciso ir para meu treino de *kung fu* e ainda encontrar com Alexandre. Entro em meu carro, ativo o som e CPM22, *Um Minuto Para O Fim Do Mundo* - invade o sistema de som. Quando estou dirigindo, gosto de músicas com essa batida. Faz-me relaxar.

Eu viajo na letra e penso em minha linda. Realmente imaginar perdê-la *me* colocaria louco. Agora que tenho a oportunidade de estar com ela e senti-la como minha, não posso e não vou mais abrir mão disso.

Tenho muitas merdas ainda para resolver com ela, mas agora tenho tempo. Tenho a porra de todo o tempo do mundo. Ela não sairá da minha vida. Aldria foi feita exatamente para mim. Atrevida, impetuosa, cheia de marra. Ela consegue me pôr louco por ela, apenas com um olhar.

Lembro-me dos seus lábios atrevidos, tanto nas palavras, como em sua beleza e suculência. Ajeito meu pau nas calças. *Merda! Só de pensar naquela boca eu fico duro.*

Chego ao Centro de Treinamento e mando uma mensagem para ela.

Eu - Oi, minha linda, como foi seu dia?

Espero um pouco e a resposta não vem. Estranho, afinal ela não desgruda daquele aparelho. Subo para o segundo andar e vou me preparar para meu treino, encontrando no caminho um Caio um tanto agitado.

— Que foi, cara?

— Aquela coisinha petulante quer me colocar maluco — ele fala e esmurra o armário.

— Quem? Do que você está falando? Caio, se acalme, cara!

Ele que até então estava caminhando de um lado para o outro, para e me olha.

— Quero ver sua calma quando você for para a arena — ele diz, apontando o dedo em minha direção.

— Por quê? O que tem demais na arena? — questiono, soltando minhas coisas no banco e abro meu armário tirando minha roupa para o treino. Tiro meu terno e camisa, enquanto espero a explicação do agitado.

— Aquela coisinha petulante e a sua garota estão dando um *show* lá. — Paro tudo o que estou fazendo e me viro para ele.

— O QUÊ? — grito e não espero resposta. Saio feito foguete em direção à arena de combate e nada me prepara para a cena que está diante de meus olhos.

Aldria está deitada no meio da arena, tendo Fernando em cima dela, supostamente em uma manobra de *jiu-jitsu*. Eu fico cego. Avanço, passando praticamente por cima de todos os marmanjos que estão em volta babando na minha mulher.

Puxo Fernando de cima da Aldria com força e como ele não esperava, acaba caindo para trás.

— QUE PORRA É ESSA, J? — ele pergunta, esbravejando. Junto-o pela gola da camisa e me aproximo, bufando em seu rosto.

— Eu que pergunto, caralho! O que você pensa que está fazendo em cima da minha MULHER?! — indago, o final mais alto para que não só ele, mas todos em volta escutem quem é ela.

— Mulher? — Ele olha para ela e volta a me encarar. — Foi mal cara, eu não sabia. Ela chegou como aluna novata. Eu só estava fazendo meu trabalho.

— Júlio! Pare com isso agora! — Escuto a voz da atrevida insolente e solto Fernando. Viro-me para ela que ainda está sentada no chão.

Ela olha desafiando-me e eu chego perto. Abaixo-me, erguendo-a de uma vez.

— Você vem comigo! — falo enérgico. Ela entende que não estou para brincadeiras e se

cala. Eu a coloco a minha frente e a direciono para o vestiário.

Ela entra batendo o pé e eu bato a porta atrás de mim. Não tenho humor para mais nada. Simplesmente retorno, colocando de volta minha camisa e guardando minhas coisas.

— Posso saber que palhaçada foi essa? — Vejo pela minha visão periférica que ela está com os braços cruzados na altura dos seios, o que os deixa ainda mais em evidência. Respiro fundo. Eu não irei entrar no jogo dela.

— Venha! Vamos embora. — Viro-me com minha maleta e continuo andando.

Abro a porta do vestiário e abro espaço para que ela vá a minha frente. Ela passa por mim ainda de braços cruzados e pisando duro. Respiro fundo quando vejo aquela bunda gostosa rebolando na minha frente.

Quando passamos pela saída da arena, encontro Fernando encostado na pilastra com dois alunos.

— Então, Aldria. Vai se matricular?

Ele pergunta, tentando jogar conversa fora. Chego ao seu lado, passando a mão na sua cintura e respondo por ela:

— Não. Ela não vai. — Dou um sorriso seco, para que ele entenda que já passou qualquer limite.

— Mas é claro que eu vou! Escuta aqui, seu...

Viramos para a saída do andar, pois começou uma gritaria sem fim.

— ME COLOCA NO CHÃO, SEU BRUTAMONTES! — Eu riria da cena, se já não tivesse feito exatamente a mesma coisa com a esquentadinha aqui.

Caio está com Amanda suspensa pela cintura e ela se debate feito louca, chacoalhando braços e pernas, no intuito de sair de seu agarre.

— Que merda é essa? — Escuto Aldria sussurrando mais para si e quando ela dá o

primeiro passo em direção aos dois, eu a paro.

— Nem pense! Você tem sua própria batalha para travar e ela será com a gente, na cama — sussurro a última parte, tirando completamente o foco dela da tensão que está rolando com aqueles dois.

Só Antônio, que é muito inocente, ainda não entendeu que o problema desses dois é tensão sexual, e não uma birra de criança mimada.

Como isso nada tem a ver com minha vida, seguro firme a cintura da Aldria e resolvo descer de escada. Ainda estou uma arara com ela por ter feito aula de contato com aquele babaca do Fernando. Mas o dele está guardado, e o dela, já vou começar a cobrar.

Seguimos o caminho todo em silêncio. Somente o som do carro ganhando as ruas de São Paulo é que podia ser ouvido.

Penso naquela cena e vejo tudo nublado, vontade de socar sem fim a cara daquele sujeito. Respiro fundo.

Eu sei que ela fez isso para me testar. Ir naquele horário, naquela academia, era para me encontrar e me provocar. O que me resta é saber o porquê?

Temos tanta merda ainda para resolver entre nós dois e ela ficar testando meus limites dessa forma não está ajudando em muita coisa.

Quando dou por mim já estamos próximos ao seu apartamento. Ligo a seta e manobro o carro para entrar na garagem. Meu celular vibra no console onde o deixei quando entrei no carro e ele pisca. O visor ilumina a foto seminua de uma loira com lábios vermelhos e o nome Isabela marcando na tela. Merda!

— E ainda vem me dizer que não tem nada com ela... — Aldria fala, pegando sua bolsa e saindo do carro. Eu não consigo segurá-la.

— ALDRIA! — dou um grito de dentro do carro.

Ela não me dirige um segundo olhar e entra pela portaria social para o prédio. Meu celular continua tocando incessantemente. Pego-o com uma mão e com a outra, soco o volante.

— O que você quer?! — indago, descontando toda minha raiva e frustração em Isabela.

— Calma, benzinho! A fofinha não está dando conta de você? Se quiser, posso ajudar de alguma forma — ela fala manhosa e com desdém em sua voz.

— Vá direto ao assunto, sim?! — Respiro fundo. Eu preciso me controlar.

— Precisamos conversar. — Sua voz muda para urgente.

— Já disse que entro em contato com você.

— Pra quê? Quer entrar em contato com seus amiguinhos antes?

— Não sei do que você está falando, Isabela — tento soar o mais indiferente possível, mas a realidade de que a coisa é pior do que eu pensava toma conta do meu sistema.

— Pois acho que você sabe. Eu te espero amanhã à noite. Estou hospedada no mesmo hotel que costumo ficar quando venho te visitar.

— *Vinha*, Isabela. Isso é passado.

— Eu não diria isso, benzinho. Boa noite. Até amanhã. — E assim a linha fica muda.

Soco três vezes o volante, descontando toda a raiva que estou sentindo.

Eu não vou esperar mais nada.

Pego o celular e disco o número dele.

— Alô, Alexandre. Código vermelho.

— Ok!

Dou ré e saio cantando pneu. Hoje nem uma longa sessão de treino ou descarregar minha arma em um alvo vai ser capaz de tirar esse incômodo.

— EM QUE PORRA DE MUNDO, ELA SABE DE VOCÊS?! — Bato na mesa, levantando-me.

— Baixe a bola, Júlio! — Alexandre fala, sentado na outra ponta da mesa.

— O Caralho! Eu não entendo a sua tranquilidade, aliás, entendo sim. Não é seu pescoço que está à corte.

— O valente está ficando com medo? — ele debocha.

— Você sabe que não temo por mim. Aldria voltou pra minha vida, porra! Como vou evitar que ela se torne um alvo?

— Você deveria ter seguido a merda do protocolo, e ter se mantido longe da garota até resolvermos isso. Eu te avisei. A loira não era tão burra assim.

— É minha vida! Eu a atrasei por dois longos anos, a troco de nada.

— Nada, não. Você sabia tudo que implicava e aceitou. Não reclame agora.

— Vá à merda! — falo, chutando a cadeira. Ando de um lado para o outro.

— Acalme-se, ok? Vou colocar dois homens meus de olho na sua garota. Fique tranquilo. E sobre a loirinha, eu sugiro que você jogue com ela e descubra o que ela realmente sabe.

— Tá de sacanagem?! Se eu respirar perto da Isabela a Aldria *me* capa! — falo, fazendo sinais exagerados. *Maldita sinuca de bico que fui me meter!*

— Você não tem muitas opções. O caso ainda não está encerrado e ter a loirinha por perto vai nos facilitar muita coisa.

Continuo andando de um lado para o outro. Alexandre se levanta com toda a calma que seus quarenta e poucos anos lhe traz e caminha até mim.

Ele me para colocando as mãos nos meus ombros e me encara.

— Calma, ok?! Tá acabando. Eu vou manter meus olhos na sua garota e você dê um

jeito de se manter vivo entre as duas.

Uma sombra de sorriso aponta em seu rosto, e me imaginar nessa situação me faz sorrir.

— Tudo bem! Mas eu quero uma sombra nela.

— Não quero envolver Caio nisso...

— Não me interessa! Eu entrei nessa merda graças a você. Aldria não tem nada a ver com isso. O mínimo que ela merece é a proteção adequada.

— Tudo bem. Verei o que posso fazer.

Saio de lá um pouco mais tranquilo. Pelo menos, minha linda estará segura até tudo isso se resolver.

Dou partida no carro e ganho a estrada. Hoje não vou atrás da minha atrevida. Ela me testou demais e para completar, essa confusão sem fim com Isabela e o pai só me colocou no limite.

Melhor eu descarregar essa adrenalina na minha *Glock*.



Entro no meu apartamento socando a porta com o máximo de força que consigo. Aquele imbecil, idiota, arrogante de uma figa!

Deu seu showzinho na academia, tirou-me de lá feito um brutamontes que não respeita nada e trouxe-me embora.

Só para tocar a merda do celular dele com uma foto seminua daquela loira oxigenada, nojenta. *Ai, que ódio!*

Entro em meu quarto tirando a roupa. Preciso de uma boa ducha para acalmar meus nervos.

Ele nem se dignou a vir atrás de mim. Simplesmente saiu cantando pneu, provavelmente indo atrás daquelazinha.

Deixo que a água lave meu corpo e tire parte da tensão que estou sentindo, pois se ele pensa que vai controlar o que faço e como faço, está mais do que enganado. Amanhã mesmo eu retorno para a academia e vou ter minhas aulas, ele gostando ou não.

Termino meu banho, mas minha raiva continua latente. Eu não sei que merda estou fazendo, afinal, eu já o conheço de outros carnavais. Sei do que ele é capaz e mesmo assim estou me afundando na mesma merda.

Não preciso disso! Não mereço isso!

Acordo num sobressalto e escuto uma gritaria vindo da sala. Levanto correndo para ver o que está acontecendo. Meu coração acelera quando escuto a voz desesperada de Lucca.

— Saia daqui!

Escuto quando entro na sala e vejo Lucca empurrando um homem forte e alto em direção à porta. Fico parada observando Lucca que continua atacando-o e ele só o olha com cara de culpado.

— Suma da minha frente! Esquece que eu existo, Renan.

— Pare de babaquice! Isso não tem nada a ver. Eu nem sabia o nome do cara — ele fala, tentando segurar Lucca pelos braços.

— Tire as mãos de mim! Quem não te conhece sou eu! — Lucca se livra do toque do cara e se afasta. — FORA!

O tal Renan só o encara, balançando a cabeça em sinal de negação.

— Você vai se arrepender disso, florzinha — afirma ele mais sério e encara Lucca antes de sair.

Vejo que Lucca se retrai ao comentário final desse ser e meu lado "não mexa com meu xodó" entra em ação.

— A única florzinha aqui é você, ô margarida. Caia fora! — falo, indo em direção a Lucca, que se vira para mim assustado.

— Aldria... — chama meu nome, parecendo em choque.

— Quem é você, vadia? — O tal Renan me encara, parecendo não gostar de me ver aqui.

— Não é da sua conta! Vá embora! — Lucca vai em direção a ele e o empurra, agora com sucesso, para fora do apartamento.

— A gente se tromba por aí — diz, dando passos para trás, mas não encara Lucca e sim a mim.

Lucca não responde nada e bate à porta, trancando-a em seguida. Observo tudo atenta e quando ele se vira para mim, não é mais meu melhor amigo ali.

Parece um garoto fragilizado, perdido dentro de um redemoinho de emoções. Ele não me encara e quando tenta passar por mim, provavelmente tentando fugir de algum questionamento, eu o seguro pelo braço.

— Ei...

— *Me deixa!* — Ele se solta de mim de forma brusca, fazendo com que eu me assuste e recue. Nunca vi Lucca assim.

Ele sempre foi o equilíbrio entre Vega e eu. O amigo que sempre nos chamou a razão e sempre nos fez enxergar o lado bom de tudo.

Até mesmo quando me quebrei em minha história com Júlio, ele foi o que esteve ali, dando-me forças e me pedindo para analisar tudo com clareza.

Essa cena que acabo de presenciar não parece em nada com o menino bonito, cheio de amor e determinado que conheci na faculdade.

Tem muita coisa aí, e eu vou descobrir.

Chego no horário na empresa. Com a manhã tumultuada, corri feito uma louca, mas não me atrasei.

Não consigo parar de pensar em meu amigo. Sei que algo muito estranho está acontecendo. Quero ajudá-lo, já que inúmeras vezes ele esteve lá por mim.

A antessala do meu escritório está vazia. Penso onde estará minha assistente. Outro problema a se resolver: O que fazer com a Srta. Lola?

Entro em minha sala e vejo *a digníssima* sentada à minha espera. Empurro o problema do Lucca da minha cabeça ao menos por ora e me concentro na encrenca a minha frente.

— Srta. Garcia.

— Bom dia, Lola.

— Srta., eu gostaria de dizer que estou muito arrependida e envergonhada por me pegar naquela situa...

— Chega! Não quero mais me lembrar do pau do Olavo... É, quero dizer, não quero mais me lembrar daquela situação. O que foi, foi. Só te aviso uma coisa: mais uma dessas e você está fora.

— Sim, Srta. — ela responde num fio de voz e envergonhada.

— Olhe para mim. — Ela ergue seus olhos e me encara. - O que você fez foi errado para um ambiente de trabalho, mas isso não quer dizer que lhe diminui como pessoa ou mulher, entende? Só acho que você deveria investir suas "habilidades" em alguém que realmente vá lhe dar algum retorno. Olavo Gouvêa não quer compromisso.

— Tudo bem.

— Ótimo. Agora vamos trabalhar, afinal, você tem milhares de coisas para colocar em dia. Traga-me a pasta daquele cliente com que fui jantar semana passada. É da *Titã Lub*, Sr. Ferraz.

— Sim, Srta. — Ela levanta-se com um sorriso conciliador nos lábios. Doidinha, mas gente boa. Pena que não escolhe bem para quem abre a boca e outras coisas.

Olhe quem fala, não é?! Eu aqui pensando o quão tola Lola pode ser e o ser dos infernos me largou ontem para atender chamadas da "quase possível ex sei lá o quê".

Escuto uma batida na porta e levanto meu olhar, vendo um sorriso lindo, acolhedor e muito atraente. Henrique.

— Bom dia, pessoa.

— Bom dia, pessoa. — Sorrio. Apesar de não nos conhecermos direito, ele me deixa tão acolhida com aquele sorriso. Não se compara ao sorriso do ser infernal, que me coloca em chamas somente de olhá-lo.

Henrique desperta em mim conforto, calma e acolhimento. É diferente e agradável ao mesmo tempo.

— Vim saber como passou o fim de semana, depois daquela cena estranha — Ele se aproxima da mesa e me encara com um olhar confuso.

— Foi tudo bem. E desculpe pela cena. Júlio às vezes confunde-me com sua prima, fica de marcação e excesso de zelo — falo tentando parecer o mais convincente possível.

— Sei — responde de forma desconfiada. *Tudo bem. Nem eu engoli essa.*

— Então, o que lhe traz aqui?

— Isso eu também gostaria de saber — Escuto a voz do demônio vindo da porta. Henrique e eu nos viramos e dou de cara com a delícia encarnada, em um terno provavelmente muito caro, segurando sua pasta na mão e a outra em punho fechado.

Ele entra na sala encarando Henrique, que mostra não se abalar com a presença dele. Vem em minha direção e se abaixa, me pegando totalmente de surpresa com um beijo curto, porém intenso.

Júlio olha-me nos olhos e faz carinho em meu rosto. Vejo a sombra de um sorriso em sua face. Acho que ele está achando graça da minha cara de tapada. Eu não acredito que ele teve a audácia de fazer isso aqui dentro.

— Como passou a noite, minha linda? — *Filho da mãe.*

— Muito bem — respondo, tirando a mão dele do meu rosto.

Ele sorri amplamente e coloca-se ereto novamente, agora encarando Henrique que

observa toda a cena sem demonstrar qualquer incômodo.

— Então. O que faz aqui? — Júlio o questiona novamente.

— Vim falar com a antiga chefe do departamento que eu comando. Por quê? Algum problema, Sr. Júlio? — ele fala, colocando as mãos nos bolsos, mas noto sua postura defensiva.

— Nenhum. Desde que seja somente para isso — responde e se mantém ali, ao meu lado, parecendo um cão de guarda.

— Henrique, em que posso lhe ajudar? — falo, recuperando a voz momentaneamente perdida e procuro assumir ou tentar assumir uma postura mais profissional.

— Acho que agora você está ocupada. Nós nos falamos mais tarde — Henrique diz, trazendo nos lábios um sorriso maroto.

Eu sorrio involuntariamente e sinto um cutucão na cadeira. Olho para cima e vejo Júlio com uma cara nada satisfeita. Limpo minha garganta e fico séria.

— Tudo bem. Até mais tarde. — E com isso Henrique sai da sala, mas percebo a encarada que ele direciona para Júlio.

— Cara folgado. Eu vou falar com a diretoria...

— Porra nenhuma! O que você quer falar? Que entrou na minha sala e nada profissionalmente me beijou na frente de um funcionário?

— Só estava mostrando a ele que você não está disponível — ele fala, contornando a mesa e sentando-se a minha frente.

— Jura? Nossa, será que a querida Isabela está ciente disso? — pergunto, debochada.

— Ela não faz parte da nossa vida.

— Pois não foi isso que pareceu quando você saiu feito um louco da portaria do meu apartamento para ir atender a algum chamado dela.

— Eu não atendi nada. Saí de lá feito louco pra não lhe foder no capô do carro, pelo que

fez na academia — diz ele irritado.

Eu fico encarando-o e inevitavelmente imagino-me sobre o capô, com Júlio me dando uma boa foda de punição.

Meu Pai!

— Imaginou isso, não foi? — Me olha sacana.

— Não tente me distrair. Eu fui à academia sim. Há tempos estava querendo voltar a me exercitar e quando Amanda me convidou, eu achei oportuno.

— Foi Amanda que te chamou?

— Sim, por quê?

— Nada. Achei que tivesse feito aquilo para me irritar.

— Você acha que o mundo gira em torno do seu umbigo, Júlio Gouvêa. Eu nem sabia que você estaria lá.

— Mesmo assim. Nada de aula de contato. Se quiser ter isso, será comigo.

— E você agora luta? — pergunto com ironia.

— Você não faz ideia do que sou capaz na arena, linda — afirma e inclina o corpo para frente. Sua voz sai carregada de malícia e terceiras intenções.

Meu corpo reage ao dele e sinto um calor subindo do meu íntimo. Mexo-me na cadeira a fim de abrandar essa sensação.

— Não me interessa do que é capaz. Eu vou ter aulas, sim e você não vai interferir nisso.

— Veremos — diz levantando-se e saindo em direção à porta.

Finjo não ter ouvido nada, pois não adianta discutir com essa mula empacada. Quando chega à porta ele se vira e me joga um beijo seguido de uma piscada.

Não resisto e acabo rindo de Júlio e suas facetas. *O que mais eu irei descobrir da personalidade desse homem?*

Começo a trabalhar para não fundir meu cérebro e coração analisando demais o que está acontecendo entre nós.

Mais da metade do dia passa voando e só me dou conta de que estou com fome, pois a porta do meu escritório se abre dando passagem a Lola que empurra um carrinho com comida em cima, e o cheiro está divino.

— O que é isso? — Levanto-me indo verificar o que ela trouxe.

— Sr. Júlio pediu que a cozinha lhe servisse.

Acabo sorrindo. Penso em achar ruim e negar essa regalia, que não é dada a funcionários, mesmo com cargo como o meu, mas ele resolveu me agradar e essa atitude me deixou nas nuvens.

— Pode deixar que me viro por aqui, Lola. Aproveite e vá almoçar.

— Sim, Srta. — ela responde, porém, continua me encarando.

— Que foi? Quer um pouco? — pergunto, apontando para a comida.

— Não. Não, senhora. Eu só... É que, bem, o Sr. Júlio e a Srta. sempre estiveram em pé de guerra... E agora... Ele... Bem...

— Fala de uma vez garota! O que você quer saber? — Irrito-me com o lenga-lenga da garota.

— Vocês estão juntos, não estão? — Vejo um brilho em seus olhos. Acho isso esquisito já que Lola sempre foi discreta e nunca deixou transparecer nada de sua vida. Tirando o acontecido no almoxarife, eu nunca soube nada de sua vida pessoal. Nem se tinha ou não namorado.

E é aí que entendo.

A sua curiosidade não é comigo e sim com a situação. Eu, assim como ela, sou a empregada que caiu nos encantos de um dos Gouvêa. Coitada.

— Lola, venha aqui. — Pego-a pela mão e a levo até as cadeiras.

Sento-a e me acomodo a sua frente. Respiro fundo. Isso tem que ser de uma vez, para não ser doloroso.

— Esqueça essas ideias. — Ela me encara, confusa. — Júlio não é Olavo. Apesar de ele também não valer um tostão furado, Júlio e eu temos uma história. Coisa antiga, sabe?! — Ela balança a cabeça, concordando desanimada.

— Eu só pensei... Que...

— Eu sei o que pensou. Se um Gouvêa se encanta com uma funcionária, o outro também pode. Eu sei, querida. O meu Gouvêa é complicado e presunçoso, mas o seu... Ele é o fodedor da empresa — Lola me encara chocada.

— Eu sei — Abaixa a cabeça, resignada.

Não é possível que esses homens nos deixem assim. Resolvo dar um choque de realidade e empoderamento nesta pobre coitada. De boba dos garotos Gouvêa, já basta euzinha.

— Pare com isso! Você não é menos que ele, então não faça drama. Vamos combinar uma balada na sexta. Vou te dar meu endereço e você vai até lá, nós nos arrumamos e eu vou te deixar uma deusa. Vamos mostrar a Olavo Gouvêa que ele pode até ter um pau suculento, mas não é o único pau na face da Terra.

O rosto da garota se ilumina feito árvore de natal. Acho que ela realmente está precisando dessa injeção de ânimo.

— Combinado. — E do nada ela se joga em meus braços e me aperta tanto que quase sufoco.

— Ok. Me solta! — falo isso me afastando. Não gosto dessa coisa BFF. — Agora vá almoçar e me deixe comer, caso contrário, vou ter mau humor e você sofrerá as consequências disso.

— Tudo bem. — Ela levanta saltitando e sai da minha sala muito mais animada.

Ah, esses meninos Gouvêa. O que eles fazem com nosso coração bobo?! Bem, já que não posso me salvar dessa maldição, pelo menos eu salvo uma garota que possa viver fora das garras e calças deles.



Chego à porta da academia no horário combinado. Depois de mais uma maratona de contratos, análises e reuniões, consigo dar por encerrado o dia.

Falar com Lola me deu um novo fôlego e eu comecei a me analisar. Irônico como estou tentando salvá-la de um triste fim e em contrapartida eu me enfio ainda mais dentro da mesma rota de colisão que ela.

Decido que preciso dar continuidade a minha vida, independente de Júlio estar ou não empenhado em me convencer de uma mudança, que eu ainda não entendo. Eu não vou mais me parar ou deixar o foco da minha vida por ele.

Ainda temos muitas coisas para resolver e o nosso passado não para de gritar na minha cabeça, então decido que tirar o pé do acelerador é o melhor caminho.

Mandei uma mensagem agradecendo o almoço, ele respondeu cheio de corações e palavras doces, mas eu não dei trela. Meus dedinhos coçaram de vontade de retribuir, até cheguei a fazer uma dancinha para o *emoji* de coração que ele me mandou, mas consegui ser firme.

Afundi-me no trabalho e evitei ao máximo olhar para meu celular e para minha sorte. Minha vaca predileta, Vega, me ligou e combinamos de nos encontrar com a Amanda na academia que Júlio e Caio frequentam.

Parece que a loirinha foi esperta juntando reforços. Hoje eu quero ver o Caio bancando o machão com a Vega por perto.

Entro na academia sob os olhares atentos dos homens. Sinto que me olham com reprovação, provavelmente lembraram que eu faço parte da cena de machismo de ontem. Olho em volta e vejo as duas malucas perto da recepção, tagarelando sobre alguma coisa.

— E aí?! — falo para as duas que não param de tagarelar.

— Oie. Vem cá, minha Mortícia. — Vega me dá um abraço de urso, prendendo meus dois braços embaixo dela.

— Me larga! — peço, ríspida. Ela me solta sorrindo, sabendo que eu detesto isso.

— Oi, Aldria — Amanda me direciona um olhar superinocente. *Eita, menininha dissimulada*. Fingindo que o episódio de ontem nunca existiu. Começo a sentir pena do Caio que lida com ela.

— Olá, garota. — Dou aquela encarada nela para que saiba o que estou pensando.

— Aldria, o que houve com o Lucca? — Vega chama minha atenção para algo que rondou minha mente por todo o dia.

— Eu não sei ainda. Ele se fechou no quarto depois do que aconteceu, como lhe contei ao telefone.

— Saindo daqui, vamos para o apartamento. Ele vai ter que explicar tudo isso.

— Concorde. Agora vamos subir, provavelmente já está rolando alguma aula.

— *Vambora!* — fala Amanda, muito animada. — Ei, o que aconteceu com o Luh? Vocês falam em código e esquecem que eu estou por aqui. Quero saber! — diz Amanda, enquanto caminhamos até o elevador. Eu e Vega nos olhamos e caímos na risada. Essa menina não tem jeito.

— Vamos, pirralha. Eu te conto na subida.

Ela bufa com o apelido e eu entro nos detalhes do que aconteceu esta manhã no apartamento. Decidimos que vamos as três pensar Lucca na parede e descobrir o que está

acontecendo com a mãe-galinha do bando.

Chegamos ao segundo andar e logo de cara vejo Fernando, o treinador de ontem. Ele abre um sorriso radiante. Nem parece que teve Júlio em seu cangote.

— Olá, garotas — nos saúda, aproximando-se com os braços abertos e apoiando as mãos, uma em cada ombro de Vega e Amanda.

Amanda sorri seu riso mais inocente e Vega dá uma boa encarada na mão do coitado antes de fechar a cara e olhá-lo nos olhos.

— Boa noite — ela diz se esquivando do contato com o treinador.

Percebendo que fez algo que não deveria, Fernando diminui seu sorriso *megawatts* e pigarreia, esfregando uma mão na outra.

— Então. Vieram conhecer a arena? Aliás, a senhorita veio conhecer. Essas duas já conhecem — ele diz sorrindo em minha direção e de Amanda.

— Sim, eu vim conhecer, e é senhora. Sou casada — ela diz com toda a imponência que pode.

— Certo. Bom, vamos ao treino. Senhora e senhoritas, podem deixar suas coisas no vestiário e voltar aqui. A aula de preparação começa daqui alguns minutos — ele enfatiza o “senhora” com certa seriedade. Acho que Vega conseguiu mostrar seu limite.

— Tudo bem. Vamos, meninas. — Vega lidera o caminho para o vestiário, mesmo nunca tendo estado aqui. Acho que a convivência com o Sr. Arrogante está tornando-a uma mandona de marca maior.

— Cara abusado! — ela diz logo que passa pela porta do vestiário.

— Nem é pra tanto, cunhadinha — Amanda intervém, deixando suas coisas no banco.

— Concorde. — Vega vira para mim como se eu estive com duas cabeças em cima do pescoço. — Que foi? — pergunto encarando-a.

— Ele é abusado, sim! Ai, se Júlio visse o jeito que ele te olhou — ela fala enquanto também ajeita suas coisas.

— Já viu. Ontem — Amanda comenta como se não fosse nada demais.

— Viu? Como? — Maldita pirralha.

— Nada não. Ela deve estar me confundindo com alguma amiguinha dela. Acho que ser carregada por aí tem afetado seu entendimento dos fatos, pirralha! — digo, cruzando os braços e fazendo a maior cara de deboche que consigo.

— Do que vocês duas estão falando? Aliás, o que não estão me contando? — Vega para, encarando a nós duas.

Ficamos as três nos fitando. Amanda mais vermelha que tomate e eu fazendo cara de inocente, ou pelo menos tentando. Quando Vega pensa em dizer mais alguma coisa, seu celular começa a tocar insistentemente.

— Depois eu interrogo vocês — fala e vai até a bolsa atender quem quer que seja. Amanda me olha e faz um sinal de degolar com o dedo na altura da garganta.

Menininha petulante, essa! Não deixo por menos e simplesmente lhe mostro o dedo do meio.

Terminamos de nos arrumar e guardar nossos pertences, Vega como sempre se atrasou inteira, pois estava ao telefone com o deus de Ébano.

— Anda logo, Vega — chamo-a da porta e não espero resposta. Ela odeia que a apressem e no mínimo me daria uma resposta para lá de mal-educada.

Chego à arena e vejo uma movimentação mais intensa. Alguns rostos eu reconheço de ontem, outros são novos. O que não passa despercebido por mim é o fato de todos estarem nos encarando como se fôssemos seres de outro planeta.

— Parece que nunca viram mulher — Amanda comenta, rindo.

— Pois é. — Tenho que concordar.

— Meninas, podem se posicionar ao fundo. Tentem acompanhar os movimentos de base. Depois vou até vocês ensinar e explicar separadamente. — Concordamos e nos encaminhamos para o fundo.

Neste tempo, Vega nos alcança, meio esbaforida pelo atraso.

— O que temos que fazer? — ela pergunta baixo.

— Siga o mestre — falo e ela me olha sem entender. — Faça o que ele fizer — esclareço mais irritada. Não sei por que, mas algo não me cheira bem.

— Por que estamos afastadas de todos? — ela volta a perguntar.

— Ainda não sabemos. Mas eu vou descobrir — respondo.

Seguimos por um tempo a aula, mas não consigo me concentrar inteiramente. A todo o momento olho para trás, sinto que tem alguém me observando.

— O que foi? — Vega me questiona baixinho.

— Não sei. Eu... Deixe pra lá. — Paro meus movimentos e saio da arena.

Vou a busca de um bebedouro e vejo um homem andando apressadamente um pouco mais a frente. Eu conheço aquele andar.

Esqueço o bebedouro e vou atrás do fugitivo. Não sei o que me deu, mas parece que ele estava correndo de alguém. Como só tinha a mim naquele corredor, isso me leva a crer que é alguém que me conhece.

— Ei! — chamo logo que viro o corredor para as escadas e o que vejo, choca-me.

— Mas o que diabos vocês três estão fazendo aqui?! — Coloco as mãos na cintura, surpresa ao me deparar com Júlio, Antônio e Caio.

Os três me encaram sem reação alguma. Ficam paralisados, literalmente pegos com a mão na massa.

— Vocês estão nos vigiando? — indago, apertando os olhos, mas agora eu foco inteiramente no meu ser dos infernos.

— Linda, não é bem assim. Nós viemos treinar e acabamos dando uma passadinha na aula...

— Treinar? Essa hora? Então por que o Sr. Arrogante aí não veio em companhia da sua digníssima esposa, ou o *Superman* não acompanhou a vinda da Amanda?

Os três começam a balbuciar algo sobre não bater horários e agendas, ou qualquer coisa do tipo. Estão tentando é me enrolar.

— Pois eu vou agora chamar as duas e então tiraremos toda essa história a limpo. Coisa mais feia seguir-nos até aqui e ficar vigiando nossos passos. — Vou falando enquanto me viro, indo a busca de reforços.

Quando estou virando o corredor, sinto braços fortes me pegando e me erguendo do chão. Penso em gritar, mas uma mão tampa minha boca me impossibilitando.

A cena é tão patética que eu estaria gargalhando se não fosse eu a refém desses malucos. Eu debato-me da forma que posso, mas o aperto que conheço bem se intensifica em torno de mim.

— Shiiiiuuu... Linda, não precisa de nada disso — ele fala ao pé do meu ouvido, com uma voz rouca e *sexy* como o inferno. Bem que minha mãe dizia para não me deixar levar por homens de sorrisos fáceis e voz sedutora.

Quem mandou não ouvir, Aldria Garcia?!

E quem disse que é fácil resistir a isso?

No meio da minha batalha interna entre tentar sair do aperto do ser dos infernos ou ceder aos desejos que começam a crescer no meu íntimo, escuto a voz da sabedoria chamar.

— MAS O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI? — Agora nós quatro olhamos para perto do bebedouro e vemos Vega e Amanda com os braços cruzados a altura do peito e batendo

o pé insistentemente no chão.

Acordo do meu estado de transe e aproveito a distração de Júlio, pego sua mão e dou uma bela mordida. Ele me solta imediatamente, praguejando de todas as formas possíveis. Aproveito que ele me soltou e corro ao encontro das duas.

— Antônio Machado, o que significa isso?

— Eles estão nos vigiando — conto tudo. — E eu não sei por qual razão o maluco do seu primo ia me manter refém, quando disse que chamaria vocês.

— Então é esse o voto de confiança que nós declaramos na frente de todos há poucos meses?! — Vega questiona firmemente a um Antônio, que agora, começo a sentir pena.

— Pequena, eu estava preocupado... E você não...

— Não me venha com pequena, Antônio. Isso é errado e muito me admira esses dois darem ouvidos a você.

— Mas a ideia foi do Júlio! — Olho para ele, abrindo e fechando a boca.

— Seu perseguidor — acuso, apontando o dedo para ele.

— Boca grande — Júlio pragueja para Antônio, que só dá de ombros.

— Eu avisei que não daria certo. — Caio que até então se mantinha com os as mãos nos bolsos, nos observa.

— Falou a voz da razão. — Viro-me e vejo Amanda falando com todo o desdém que um ser humano pode carregar, em direção de Caio.

Ele não responde, mas a olha de um jeito que eu teria um pouco de medo. Não, acho que eu teria muito medo.

— Meninas, vamos embora — Vega nos chama, se virando em direção à arena.

— Pequena, espere! — Antônio diz, ameaçando ir a seu encalço.

— Parado aí, maninho. — Amanda aponta o dedo para ele. — Agora é o momento dela

conosco. E você vacilou feio — Amanda vira, indo pelo mesmo caminho que Vega percorreu.

Eu continuo ali, olhando para os três que de formas diferentes, parecem crianças que acabam de sofrer o maior castigo de suas vidas.

— Linda, nos vemos mais tarde — Júlio avisa e eu o encaro séria. Levanto um lado da boca num sorriso mais do que irônico e respondo:

— Oh, como você está errado, bebê — digo e me viro, indo em direção ao vestiário, deixando os três patetas para trás.

Saímos do Centro de Treinamentos cuspiendo barbaridades pela atitude daqueles malucos. Vega ficou chocada com o marido, acho até que ela está exagerando, mas jamais vou contra aquele sangue espanhol.

Ela foi, jurando o caminho todo até ao apartamento, que Antônio dormiria no sofá da sala e que se ele pensasse em algo diferente, ela unharia suas bolas. *Coitado!*

Amanda, depois do susto, acabou sendo mais complacente e rindo da situação. Três marmanjos espreitados e escondidos vigiando a nós três, realmente, chega a ser engraçado.

Eu me mantive mais calada. Foi realmente um choque encontrá-los lá. Entendo o ponto dos rapazes, afinal, Vega e Amanda são mulheres lindas. Mesmo não tendo nada confirmado entre Amanda e Caio, eu não sou boba, existe algo a mais ali, além de cuidados de segurança.

Agora, o que fico realmente confusa foi em ver Júlio lá. Não haveria a menor necessidade disso da parte dele, afinal, eu não sou uma das beldades com que ele está acostumado a sair.

Fico imersa em meus questionamentos que nem percebo que já entramos na garagem do *apê*.

Logo que entramos no apartamento, sinto um cheiro maravilhoso vindo da cozinha. Caminhamos as três apressadamente ao santuário de Lucca, onde ele faz barbaridades deliciosas.

— Nossa, esse trio chegando assim! Que caras são essas? — questiona ele, logo que nos vê entrando.

— Fome — respondemos as três. Nós nos entreolhamos e caímos na risada.

— Que bom! Pois acabei de fazer uma deliciosa torta de frango e seria entediante comê-la sozinho.

— Ei! Olha eu bem aqui — falo enquanto pego água para nós três.

— Você, Mortícia, agora passa mais tempo grudada naquela delícia advocátia do que neste apartamento. — Ruborizo consideravelmente com seu comentário.

— Ah é?! — Vega pergunta me encarando. — Bom, eu estou morrendo de fome e garanto que a loirinha aqui também.

— Opa! Falou em comida é comigo mesmo — Amanda brinca, esfregando as mãos e lambendo os beijos.

— Pelo amor de Deus! Tenho até raiva de ver vocês duas nesse apetite todo, comendo e não engordando uma grama. Tudo isso vai pra onde? Dedão do pé?

— Claro que não. Eu malho e muito — Vega esclarece, ofendida.

— Imagino mesmo — comenta Lucca, que ri descaradamente.

— Não seja indiscreto — ela reclama e eu rio pra valer.

— Tudo bem. Eu não preciso de detalhes, afinal, ele é meu irmão — Amanda fala, entendendo bem de qual tipo de malhação Lucca se referia.

— Como se você não fizesse essas coisas né, garotinha?! — brinco, me aproximando da mesa.

— É verdade, bebê. Até a Aldria tem tido uma malhação ativa ultimamente. — Engasgo com minha água, enquanto todos caem na risada. Aproveito o gancho e pergunto à Lucca:

— E você, querido? Como anda a malhação? Pelo pouco que notei mais cedo, não está

tão favorável, não é mesmo? — Lucca que até então estava rindo e se divertindo às nossas custas, se cala.

— Não, não anda. — Ele se vira para a pia e começa a organizar a bagunça que havia feito.

— Lucca... — Vega o chama com cautela.

— Deixa isso pra lá, ok?! — Ele volta-se para nós, bradando.

Todas nos calamos e nem a respiração nossa é ouvida na cozinha. Lucca nunca agiu de forma temperamental. Ele sempre foi o fôlego de alegria e serenidade em nosso trio, agora quarteto, com a intromissão da pirralha no bando.

— Só deixe pra lá... — agora sua fala sai em um lamento e ele rapidamente limpa sua mão em um pano de prato e sai da cozinha.

— Eu vou lá...

— Não, deixe-o. Você sabe que, quando ele estiver pronto, vai falar. — Paro Vega que estava se preparando para ir atrás de Lucca.

— Nossa! Eu pouco o conheço, mas esse não parece o Lucca dos últimos tempos — Amanda fala nos encarando.

— *Touché*, pirralha! Não parece mesmo. Mas como nós o conhecemos muito bem, sabemos que na hora certa ele vai falar — esclareço para Amanda, mas meu foco é Vega.

Eu sei o quanto essa meio espanhola é insistente quando acha que algo está causando incômodos em seus amigos. Já perdi as contas de quantas vezes brigamos por eu tentar mostrar a ela que existe sim uma diferença entre nós, e ela se chama peso.

Se há uma coisa que a deixa irritada é isso. Ela já começa com uma ladainha, que Deus me livre, e faz questão de me enumerar pelo menos quinze motivos para que eu não pense isso.

Eu só tento mostrar os fatos. Ela que não quer enxergar.

Mudamos o assunto para minha viagem de feriado que acabou virando nossa, no jantar na casa da Vega, e combinamos como vamos e por quanto tempo ficar.

Claro que a maldita torta foi devorada por nós três e quando nos demos por satisfeitas, despedimo-nos, mas não sem antes Vega me jogar a bomba.

— Nos vemos no piquenique — ela fala piscando para mim.

A vaca sabe o quanto fico tensa com tudo isso e faz questão de me lembrar a todo o momento que terei de enfrentar a família Gouvêa, agora na condição de alguma coisa sem nome, rotulado do Júlio.

— Tchau — Bato a porta na cara das duas e juro que posso ouvir as gargalhadas.

Eu não achei graça nenhuma!



O restante da semana passa tranquilamente. Bom, se é que posso chamar de tranquilo ser seguida, atormentada, *zapiada* e *stalkeada* por ninguém menos que o ser infernal.

Depois do ocorrido na academia, decidi fazer igual a Vega e dar um *iceberg* para Júlio. Claro que Vega não conseguiu aguentar e caiu nos encantos do seu deus de Ébano em praticamente vinte e quatro horas de guerra declarada.

Eu como sou mais firme, ou penso que sou, consegui me esquivar de encontrar com Júlio fora da empresa. Claro que contribuiu o fato de ele estar sobrecarregado de trabalho e casos a serem analisados.

Lola tem se mostrado mais do que uma secretária. Acho que ela realmente levou a sério o papo de se valorizar e entendendo que eu estava dando aquele "chega pra lá" em Júlio, ela me ajudou, e muito, não permitindo que ficássemos sozinhos em lugar nenhum dentro da empresa.

— Júlio, eu já disse. Não vou pra sua casa hoje! — falo, encarando um homem muito bravo a minha frente, que resolveu invadir minha sala no meio do expediente.

— Aldria, o que está acontecendo? Desde o dia da academia você não quer ficar sozinha comigo, mal responde minhas mensagens — ele fala frustrado.

O filho da mãe se aproveitou da hora de almoço da minha secretária e invadiu minha sala cuspindo teorias e determinando o que faríamos depois do expediente.

— Júlio, não vem com essa. Você está a semana toda sobrecarregado de serviço e eu

estou organizando meu espaço — digo fazendo cara de indiferente.

— Organizando espaço? Pare você de querer me enrolar! Meu trabalho nunca nos impediu de nada.

— Mas outras coisas sim!

— Do que você está falando, afinal? Passado? É isso? Tudo pra você é a droga do meu passado? Você não sabe viver o agora, Aldria. Fica aí com medo de encarar seus sentimentos e sua própria vida de frente, buscando motivos para se autoapiedar — Com isso ele consegue me irritar.

— SAIA DAQUI AGORA! — Levanto batendo a mão na mesa. — Você acha que me conhece? Acha realmente que cinco míseros minutos que você tem dedicado a mim vão mudar o passado que você diz que uso como motivo, mas a verdade é que quem foge de qualquer explicação é você!

— Eu não fujo de você. Prova disso é que tenho tentando falar com você tem mais de três dias! — Ele abre os braços, indignado com a minha declaração.

— Não mesmo! Você foge do nosso passado. Você foge de me explicar o que aconteceu há sete anos, quando me deixou sozinha plantada naquele *pub*. Você foge de me explicar porque raios aquela loira imbecil ainda está em sua vida. Você foge de explicar porque você frequenta um Centro de especialização em segurança. — Eu não consigo mais falar.

Sinto meu rosto molhado de lágrimas e tudo se torna intenso demais para mim. Viro-me em direção da janela, pois não quero que ele veja a dor que tudo isso ainda me causa.

— Eu tentei. Juro que tentei te avisar, mas eu não podia esperar por você... Eu não podia... — Ouço sua voz em um lamento.

Continuo respirando fundo para buscar equilíbrio dentro desse caos. Não sei como conseguimos pular de um "você vai dormir comigo hoje" para uma lavagem de roupa suja do passado.

É fato que toda essa situação tem causado mais mal do que bem e se eu for um pouco ajuizada, como minha mãe pensa que sou, preciso dar um basta nisso tudo.

Quando consigo me virar para encará-lo, eu estou sozinha. Como sempre sozinha.

Júlio Gouvêa

Eu preciso resolver essa merda. Penso, dando um soco na parede do lado de fora da porta da sala da Aldria.

É sempre assim. Toda vez que eu consigo me aproximar um pouco mais, algo acontece ou ela se fecha em uma ostra.

Balanço a cabeça frustrado e quando ergo meus olhos encontro no fim do corredor o engomadinho do Henrique me encarando.

Não vou com a cara dele e eu sei que ele não vai com a minha. Dou um aceno com a cabeça e sigo o caminho contrário. Preciso pensar.

Desde a minha conversa nada agradável com a Isabela há dois dias, eu tenho estado desse jeito, sem controle algum. Por conta disso, aproveitei dessa fuga da minha linda e inventei que tinha um monte de trabalho para não vê-la.

A proposta descabida daquela maluca da Isabela tem rondado minha mente e eu já vejo o preço disso sendo cobrado. Ela teve a ousadia de me pedir que eu me afaste de Aldria para que ela não entregue ao seu papai o *backup* do meu celular com todos os meus contatos com os federais.

Além da imunidade em todo o caso que está explodindo na face do Senador, ela quer, como uma vingança pessoal, me afastar da única coisa que me mostra que ainda sou humano, minha Aldria.

Em sua frente eu mantive o controle, como o bom advogado que sou. Tentei o meu máximo para não transparecer minha indignação com o disparate que ela me disse. Por dentro eu queria enforcá-la, e Deus sabe que, se eu estivesse um pouco mais a borda, essa seria uma opção válida para mim.

Saí de lá feito louco. Liguei para Alexandre e combinamos de nos encontrarmos no dia seguinte para decidir qual seria o melhor caminho.

Eu não temia por mim e sim por minha família e, claro, por Aldria. O ódio com que Isabela se referiu a ela deixou claro que essa punição não era por termos terminados e sim por eu ter ido atrás de Aldria.

Passei uma das piores noites da minha vida. Não preguei o olho e no primeiro raiar do sol, fui ao encontro de Alexandre.

— Ela não mentiu. Seu telefone estava grampeado — ele fala em um lamento.

— E como vocês deixaram isso acontecer? COMO? — Tento manter meu controle, mas termino gritando com ele e seu parceiro.

— EU NÃO SEI! Monitoramos a todos, sempre mantivemos o controle sobre os passos de Denis, mas nunca levamos em conta que aquela loirinha avoadada pudesse estar fazendo ou sabendo de algo.

— E olhe no que deu! Agora eu estou nas mãos da última pessoa em que eu poderia estar. Meu Deus!

— Calma, Júlio! Vamos resolver isso. Tire seu time de campo, viaje. Vamos te arrumar...

— Esquece. Eu não vou sair e deixar minha família, e, principalmente, Aldria para trás. Você só pode ter pirado! — falo, inconformado, e esbravejo com ele.

— Ei, eu entendo seu nervosismo, mas baixe a bola — manifesta-se o então calado parceiro de Alexandre. Olho-o bem no fundo dos olhos.

— Conserte essa merda! Eu cumpri o combinado, levei vocês à porta das falcatruas daquele homem. Forcei-me em um relacionamento quando minha verdadeira vontade estava correndo riscos de nunca virar realidade. Eu não vou perder o pouco que conquistei por conta de um erro amador de vocês.

— Eu sugiro que você se afaste de Aldria por enquanto.

— Eu não vou! — digo, enérgico.

— Então vai ser difícil segurar a loirinha — ele fala como se fosse algo muito simples.

E indiretamente tenho feito o que Alexandre aconselhou-me naquele dia. Eu estou mantendo-me longe, pelo menos fisicamente, da mulher que eu quero ao meu lado em cada maldito dia da minha vida.

Depois dessa burrice, eles conseguiram assegurar minha linha, então sei que nem Isabela ou qualquer outra pessoa tem acesso ao que faço.

Toda a confusão no dia que as meninas nos pegaram no Centro de Treinamento serviu para que eu ganhasse algum tempo para pensar no que fazer com relação a tudo isso.

Sei que Aldria tem mantido esse afastamento na tentativa de me bloquear de sua vida novamente, e, sinceramente, eu não posso culpá-la. Eu sei de seus anseios. Merda! Eu passei pelos mesmos questionamentos e agora com os últimos acontecimentos minha curiosidade sobre o passado tem aumentado.

Será que realmente tudo que Isabela me disse e mostrou há anos sobre Aldria é realmente verdade? Eu pensei que, apesar de tudo, Isabela fosse uma amiga de longa data.

Sempre soube de seu interesse por mim, mas nunca imaginei que ela iria tão baixo para conseguir alguma coisa. Principalmente forjar conversas de celular e e-mails a fim de me mostrar uma falsa imagem da Aldria que conheci.

Aldria Garcia

— Entra! — praticamente grito, assim que volto aos meus afazeres em minha mesa.

— Nossa! Alguém não está de bom humor hoje. — Um Henrique sorridente entra, e eu forço um sorriso para apaziguar os ânimos.

— Imagina. Só muito trabalho. Então, em que posso ser útil? — pergunto enquanto ele se aproxima da mesa fitando-me. Engulo em seco, sentindo seu olhar queimando em mim.

— Estava pensando em repetir nosso *happy hour*. O que acha? — Ele termina sua fala, prendendo o lábio inferior entre os dentes, e isso por mais que eu não queria, me causa certo rubor.

— Eu... Humm...

— Com licença, Srta. Garcia — Graças à "Santa das garotas que não sabem lidar com a flertada masculina", Lola chega me salvando da situação.

— Gostaria de saber se já posso ir. E também se às vinte e uma horas é um bom horário para encontrá-la em seu apartamento — Lola fala ainda da porta e quando olha para Henrique, também enrubesce.

Malditos homens que tiram nosso prumo facilmente com essas belezas típicas.

— Pode ir, sim. Aliás, eu também já vou. E às vinte e uma horas está perfeito. — Passo meu endereço a ela e aproveito para pegar minha bolsa.

— Pelo jeito meu convite será rejeitado — ele diz com uma carinha de cachorro pidão.

— Pois é. Eu já havia combinado uma balada com Lola. Sinto muito.

— Eu poderia encontrá-las por lá. Quer dizer, seria um *happy hour* um pouco mais tarde — Henrique se convida e fica muito sem jeito com o ato.

— Sim, claro. Vamos àquela boate que inaugurou semana passada.

— Sei qual é. Perfeito!

— Ok. Eu já vou... indo... — falo saindo de costas para a porta, o que me faz bater nela assim que a alcanço.

Henrique ri de meu ato atrapalhado e se aproxima de mim, ficando cara a cara comigo. Não tão cara a cara, pois ele é quase da altura do Júlio, mas ele fica bem próximo e se curva um pouco, quase invadindo meu espaço pessoal.

Ele leva a mão a minha lateral e segura a maçaneta da porta, destrancando-a. Eu engulo em seco novamente e tento controlar minha respiração.

Tudo bem, ele não é meu ser infernal, mas poxa, o cara é lindo e não há como uma mulher resistir a tudo isso diante de seus olhos e tão próximos de seu alcance.

— Já estou ansioso por vê-la mais tarde — afirma ainda próximo do meu rosto e se afasta.

Dando um passo para trás ele abre uma passagem pequena, mas que me facilita virar e sair de lá o mais rápido que posso.

Meu coração está batendo em meus tímpanos e eu procuro respirar e andar na mesma proporção. Alcanço os elevadores e dou graças por descer sozinha.

Assim que as portas se fecham, uma dor enorme se abre no meu peito. Eu não fiz nada demais, mas uma culpa sem tamanho toma conta do meu coração.

Não foi certo eu não parar Henrique logo que ele começou com o convite. Sempre soube que de sua parte existia um interesse muito maior que uma linda amizade, mas eu simplesmente não consegui me mexer.

Saio do elevador e não me sinto nada melhor. Minha consciência começa a me atormentar sobre algo muito errado que eu fiz. Tento argumentar que não fiz nada, afinal não fui eu que entrei em sua sala, não o convidei pra sair e não invadi seu espaço pessoal.

E minha infeliz consciência faz questão de lembrar-me que eu também não fiz nada para evitar tudo isso, e, talvez, eu esteja passando uma imagem totalmente equivocada para ele e falhando miseravelmente com meu ser infernal.



Como combinado, às vinte e uma horas em ponto Lola toca a campainha do *apê*. Lucca a atende fazendo a maior festa. Eu já havia comentado com ele os maus bocados que a garota estava enfrentando e ele, como uma boa mãe-galinha resolveu agregá-la e defendê-la das garras dos Gouvêa, como fez comigo há anos.

— Venha, Lolita! Hora de colocar sua diva para brilhar. — Ela o encara assustada. A coitada não está acostumada com nossa biba saltitante.

— Lucca, relaxe! Você está assustando a Lola — falo, tomando a mão da menina do aperto borboleta do meu amigo e puxo-a em direção ao meu quarto.

— Ele é sempre animado assim? — ela pergunta, encabulada.

— Só quando se trata da vida amorosa dos outros.

— Eu ouvi isso! — Escutamos Lucca gritar da sala.

— Tudo bem, deixe-me ver o que você trouxe aí — falo, apontando para a pequena mala que ela carrega.

Lola puxa a mala desajeitadamente para cima da cama e a abre, tirando de lá pelo menos uns cinco vestidos de tamanhos, cores e tipos diferentes.

Logo de cara descarto três modelos que serviriam somente para a missa de um domingo ensolarado. Pego o quarto modelo que tem uma cor vinho. Lindo.

O modelo é ajustado no corpo e provavelmente vai marcar seu bumbum e quadril. Ele

tem gola alta, mas é sem mangas e faz uma fenda bem na altura do busto. Sexy e envolvente na mesma medida. Perfeito!

— É esse! — aviso, apontando para a roupa e Lola arregala um par de olhos enormes para mim.

— Esse nem é meu. Uma amiga me emprestou tem uns dois anos, mas nunca usei e acabou ficando em casa — ela fala justificando como um modelo desses foi parar em seu guarda-roupa.

— Corta essa, garota! É lindo e é sinal que sua amiga foi uma excelente amiga esquecendo-o com você. Vamos nos arrumar. Me espere aqui, enquanto tomo uma ducha. — Ela só balança a cabeça concordando.

Acho que essa menina anda precisando de mais amigos e saídas assim. A turminha que acabei chamando para essa saída vai fazer bem a ela.

Claro que depois de muito pensar sobre tudo que aconteceu em meu escritório hoje, resolvi que ir para essa boate somente Lola e eu e, ainda por cima, encontrarmos com Henrique lá, não seria uma boa ideia.

Então chamei a tropa toda. E Deus me ajude, mas deixei meu ser infernal de fora, e espero que ninguém do bando faça o favor de chamá-lo para ir.

Coisa de uma hora e meia depois, estamos prontas, divas e arrasando. Descobri que Lola veste o mesmo número de sapato que o meu e acabei emprestando para ela uma sandália lindíssima que ganhei da Vega.

Como eu não queria ficar por baixo, capricho no *look* com um vestido justo de paetês. Ele começa preto e termina em *rosé*, fazendo um degrade no desenho do vestido sem mangas e um pouco comprido, o que não tira sua sensualidade, pois o brilho e aperto em minhas curvas nada discretas deixam-no ousado na medida e eu adoro.

Pouco depois chegamos à boate. Lucca todo animado sai em busca de caipirinhas, como

ele mesmo diz, uma caipirinha liberta tudo que uma mulher precisa. Lola parece meio deslocada no ambiente. Começo a pensar que ela nunca esteve em lugar como esse.

— Ah, não... — Escuto seu lamento.

Olho na direção que seu olhar está e vejo ninguém menos que Olavo Gouvêa com uma loira exuberante à tira colo, vindo em nossa direção.

— Relaxe! — falo entre dentes, já sorrindo para o casal.

— Olá, delícia! — Ele solta a loira oxigenada e vem me abraçar. Aproveito da situação e o agarro com vontade. — Ei, assim eu perco as minhas bolas, cunhadinha. — Ele se afasta dando uma piscadinha.

— Não seja bobo — falo, dando um tapa em seu braço.

A loira se mantém parada, olhando para todos os lados menos para nós duas. Garota nojenta!

— Olá, Lola — Olavo nem se aproxima para cumprimentá-la. Eu o vejo com uma cara de safado quando a mede dos pés à cabeça.

— Oi, Sr. Olavo — ela fala muito tímida. Essa garota não aprendeu nada comigo.

— Chegueeeeei... — E surge Amanda, uma amiga dela, João e Lucca em nossa roda.

Olavo desperta do seu ataque visual com a coitada da Lola e se afasta, cumprimentando a todos.

— Oi, coisa linda. Quem é essa belezinha aqui com você? — pergunta João que vem me cumprimentar, mas seu olhar se mantém para o lado de Lola.

— João, querido! Essa é Lola. Linda, sexy e solteira — falo na cara e João solta uma gargalhada, deixando Lola roxa.

— Que bom. Pois sou lindo, sexy como o inferno e solteiríssimo — ele responde encarando-a.

Acho que, se fosse possível, a coitada abriria um buraco no chão para enterrar a cabeça feito um avestruz.

— Venha, querida! Vamos dançar — diz ele, puxando Lola pela mão. Ela me olha quase atônita, e eu faço sinal de positivo com o dedo.

Olavo, que até então mantinha sua atenção para a loira à tira colo, muda completamente sua postura quando vê Lola sendo levada para a pista de dança por João. Ponto para mim!

— Vou dar uma volta — Amanda avisa pegando na mão de sua amiga, que acho que o nome é Claudinha, e as duas saem no meio da *muvuca*.

— Eu preciso achar um *gay* neste mar de homens — ouço Lucca reclamando.

— Pois é — lamento com ele, brindando com nossas caipirinhas.

Sinto uma mão em minha cintura nesse momento e meu coração acelera. Penso em meu ser infernal e me viro sorrindo.

— Olá, pessoa! — Eu me assusto ao ver Henrique, que, diga-se de passagem, está lindo vestindo uma camisa branca e um jeans bem ajustado no corpo. Meu sorriso morre aos poucos. Tinha esperanças de ser outra pessoa. — Não ficou muito feliz em me ver — ele constata e eu me recuperando da minha surpresa, tento consertar as coisas.

— Oh, não. Claro que não! Oi! — falo, meio atrapalhada, e o cumprimento com um beijo no rosto. Ele me segura pela cintura e mantém um pouco além do necessário o cumprimento.

— Olá pra você também — Lucca se intromete no nosso meio, me salvando da saia justa.

— Oi, você deve ser o Lucca?! — ele cumprimenta meu amigo com um sorriso acolhedor.

— Acertou! E você é...

— Henrique. Ele assumiu meu lugar no departamento depois que mudei de área por conta da saída de Vega — falo esclarecendo para Lucca que olha de mim para ele confuso.

— Ah, entendi — Lucca encara Henrique e volta a me olhar, e sei que pelo olhar, quer respostas.

— Henrique? Você aqui? — Chega Olavo de paraquedas na conversa.

— Sr. Olavo? Como vai? — ele cumprimenta Olavo, que agora se mantém ao meu lado.

— Onde está sua acompanhante? — pergunto a Olavo.

— Quem?! Ah, ela foi falar com umas amigas — responde Olavo que mantinha seu olhar na pista de dança, onde João dançava animadamente com Lola.

— Entendi — falo sorrindo.

— Então, que coincidência você aqui! — diz Olavo, puxando assunto com Henrique.

— Nem tanto. Combinei com Aldria de que viria — ele fala sorrindo. Merda!

— Ah, sei — Ele agora me olha com as duas sobrancelhas levantadas.

— Que foi? — Eu finjo que não entendi sua olhada.

Lucca percebendo o clima, puxa assunto com Henrique e emendamos em um papo sobre baladas, bebidas e noitadas que já fomos juntos.

Logo Amanda chega com sua amiga e ficamos conversando. Noto que a tal Claudinha não tira os olhos de Henrique, que fica alheio a ela, pois seu foco é em mim.

Olavo não se afastou do meu lado, mas seu olhar continuava na pista. Sinto-o tensionar quando Lola e João se aproximam da roda.

— Arrasando na pista, Lola — comento brincando com ela.

— Que nada. Ainda estou aprendendo — ela fala sem graça.

— Uma dançarina nata! — João diz divertido e Olavo bufa ao meu lado.

Ponto para Lola.

— Eu vou encontrar Andressa, e você se comporte, dona Aldria! — avisa, batendo o dedo em meu nariz.

— Eu sempre me comporto — falo enrugando o nariz para ele que sorri, mas dá uma boa encarada em Henrique antes de sair.

Passamos mais um tempo ali, conversando e brincando. Claudinha tenta de todas as formas chamar a atenção de Henrique, e ele foca em mim e faz questão de sempre falar comigo me tocando de alguma forma.

— Eu vou fazer xixi — digo alto demais e todos me olham rindo.

Dou de ombros e vou ao banheiro. Quando saio, dou de cara com Henrique que está encostado na parede de frente para a porta do banheiro feminino.

— O masculino fica do outro lado — indico para ele, que sorri.

— Eu sei — diz e se aproxima de mim.

— O que você tá... — não tenho tempo de terminar a frase. Henrique me pega pela cintura e invade minha boca com sua língua escorregadia.

Eu me assusto e por alguns segundos fico sem reação. Recupero-me do choque e juntando todas as minhas forças eu o empurro.

Como ele não esperava por isso acaba cambaleando para trás, me encarando. Eu limpo minha boca com a mão e o olho. Raiva borbulha dentro de mim.

— VOCÊ ESTÁ LOUCO?! — grito e ele me encara. — Nunca mais coloque suas mãos em mim!

Dou a ordem e saio, deixando-o para trás protestando alguma coisa e chamando meu nome. Alcanço Lucca que, quando me vê, sabe que algo vai mal.

— O que foi deusa? — pergunta, me abraçando.

— Me tira daqui, Lucca. — Sem pensar duas vezes ele sai me puxando para fora da

boate.

Quando alcançamos a rua, rapidamente ele chama um táxi e entramos. Lucca fala o endereço do *apê* e como eu ainda permaneço meio em choque, ele me embala, abraçando-me.

— Vai me dizer o que aconteceu? Foi Henrique, não foi? — O olho chocada.

— Sim... — confirmo. — Ele me beijou na saída do banheiro. Eu não queria... Eu o empurrei, Lucca... Eu...

— Shiii... Calma, deusa! *Tá* tudo bem. Foi ele quem avançou o sinal. Não tem que se culpar.

— Júlio não vai me perdoar — falo em lamento.

— Ele nem precisa saber. — Eu paro, olhando-o.

— Não sei se consigo esconder isso dele. É algo sério. Ainda mais que Henrique trabalha conosco.

Continuo me lamentando e tentando achar uma forma de consertar tudo isso. Eu acredito que acabei enviando sinais errados a Henrique.

Quando lhe dei uma brecha, acabei também me envolvendo com Júlio e a coisa vem acontecendo tão rápido, num curto espaço de tempo, que eu não sei o que pensar. Aquela agonia de mais cedo aumenta dentro de mim e eu sei que a única maneira de abrandar isso é estando com ele. Meu ser infernal.

— Moço, mudança de rota. — Lucca me encara e sorri com minha declaração, sabendo exatamente para onde eu vou.

Ajeito-me como posso e toco a campainha do apartamento do Júlio. Como o porteiro já me conhece e, para minha surpresa meu nome está na lista liberada sem anúncio para subir, ficou fácil estar aqui.

Os minutos ficam eternos esperando que ele me atenda, e aproveito para rezar a todos os deuses possíveis, que Júlio esteja com ótimo humor. Eu não vou esconder dele o que aconteceu. Não saberia viver com essa mentira.

A porta se abre e nada me prepara para a cena que vejo. Júlio usando somente uma *boxer* branca, a cara meio amassada — provavelmente estava dormindo — e seu cabelo todo bagunçado.

Fico encarando tudo aquilo e começo a ter pensamentos bem produtivos com tudo que eu poderia fazer com ele, quando aquela voz rouca chama-me a razão.

— Linda... O que você está fazendo aqui? — Ele me olha confuso e baixa seu olhar para minha roupa. Percebo-o trincando o maxilar, notando que não estou vindo de casa. *Ferrou!*

— Oi. Eu saí da balada agora e...

— Balada? Você não quis vir pra minha casa comigo por que ia pra balada? Posso saber com quem? — pergunta, agora cruzando os braços na altura do peito e, droga, parece que tudo da cintura para baixo se realçou.

— Eu... Bem... É que a Lola... Eu fui.. — gaguejo e me perco em uma explicação que na verdade não existe.

Júlio percebendo meu desconforto puxa-me para dentro fechando a porta atrás dele. Ele me abraça beijando meu rosto e quando sua boca se aproxima da minha, lembro-me onde minha língua esteve há pouco tempo e afasto o rosto.

— Que foi? — ele pergunta, confuso.

— Nada. Eu só estou com cheiro de bebida e pensei que pudesse ficar aqui... Afinal, amanhã temos um piquenique — digo saindo do seu aperto e caminhando pela sala.

— Sim, temos. Vem, eu vou encher a banheira pra você — ele diz estendendo a mão para mim e meu coração se aperta.

Se ele mantiver toda essa atenção e cuidado comigo, minha culpa vai me corroer.

Coragem, Aldria! Diga logo de uma vez.

Chegamos ao quarto e ele vai até o banheiro. Escuto o barulho de água e meu coração aperta mais um pouquinho. Logo o ambiente ganha um som e eu fico no meu limite.

Alicia Keys, *No One*, invade meus ouvidos e sinto cada palavra cantada, como a grande verdade do momento. Nada nem ninguém pode diminuir, confundir ou desfazer o que eu sinto por Júlio.

Sinto meu coração se encher um pouco mais, e uma certeza de que se ele sente realmente tudo que tem mostrado, o que aconteceu não irá nos separar.

Ele vai ficar louco e provavelmente querer me castigar ou até matar o Henrique com sua arma — o que eu aprovaria neste momento —, mas isso não terá força para nos afastar. Como ele disse: Nada mais vai nos separar.

Júlio volta ao quarto e eu estou tirando meu vestido. Ele para me encarando e vejo em seus olhos o mesmo fogo e vontade que sinto dentro do meu coração.

Termino de tirar meu vestido, agora fazendo uma cena, e Júlio só observa. Vejo que o volume em sua *boxer* aumenta e isso me incentiva a continuar o que estou fazendo.

Estando somente de sandálias, vou caminhando a seu encontro e ele estende os braços quando estou próxima. De bom grado eu me lanço para ele, segurando seu rosto entre minhas mãos.

Nós nos beijamos e tudo que eu estava sentindo se intensifica neste contato. Seu toque em minha pele queima, sua língua entorpecente termina de acender todo meu corpo e eu entrego-me a tudo isso.

Meu corpo o reconhece de uma forma que nem eu entendo. É como se ele sempre ansiasse por este contato e, quando isso acontece, recebesse sua dose diária e necessária para sobreviver.

O beijo a essa altura, já ganhou níveis elevados de excitação. Sinto a cama batendo em

minhas pernas e Júlio nos deita nela, nunca quebrando o contato de nossos lábios e corpos.

Ele escorrega seus lábios macios por meu queixo e pescoço, dando beijos molhados e intensos. Nossa fome um do outro cresce a cada toque e a necessidade de tê-lo dentro de mim aumenta.

O misto de sensações me deixa maluca, mas um sentimento inquietante ainda grita dentro de mim, pedindo para sair. É minha consciência me cobrando pelos últimos acontecimentos. Não resistindo a essa pressão, solto sem pensar:

— Henrique me beijou hoje na boate — falo de uma vez e prendo a respiração logo em seguida.

Sinto o corpo do Júlio tensionar à medida que ele paralisa seus movimentos. Ficamos assim por não sei quanto tempo. Eu deitada com os olhos fechados e ele sobre mim, parado.

Criando coragem eu abro meus olhos, encontrando seu olhar. Ele mantém uma postura séria, contida e percebo por seu maxilar, o quanto ele está se segurando.

— Eu não quis... Eu o afastei... Eu... — tento argumentar e quando toco seu rosto ele se afasta do meu toque. Isso dói demais em meu coração.

Júlio parece acordar de um transe e se levanta bruscamente. Ele coloca as mãos na cintura e anda de um lado a outro do quarto.

Eu me sento cruzando as pernas e cobrindo meus seios com uma mão na tentativa de me preservar.

— EU VOU MATAR AQUELE FILHO DA PUTA! — Ouço seu esbravejar e me assusto. Continuo encarando o chão, não sabendo o que dizer. Provavelmente se estivéssemos em lugares inversos, eu estaria estapeando-o agora.

— Desculpe! — falo tão baixo que tenho a impressão que ele não ouviu. Meus olhos se enchem d'água e uma lágrima escorre de meu rosto. Sinto-me envergonhada por tudo isso.

Escuto uma respiração profunda e Júlio se abaixa a minha frente, colocando as duas

mãos em minhas pernas.

Eu o olho e vejo ali raiva, mas de alguma forma ele se controla e me dá um sorriso que não alcança os olhos.

— Linda, você não tem culpa. Eu tenho certeza que aquele infeliz forçou algo — diz ele colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Como você tem certeza? — questiono, encarando-o confusa.

— Porque eu conheço você. E para você vir direto para cá agora e me contar, é sinal que isso realmente estava lhe incomodando.

— Sim... — respondo ainda chateada comigo mesma.

— Eu já desconfiei de seu caráter uma vez, linda. Não cometerei o mesmo erro — ele fala e eu o encaro.

— E quando foi isso, posso saber? — pergunto mais confusa ainda.

— Pode. Mas primeiro eu vou lhe dar um banho e lavar sua boquinha gostosa com amoníaco. Eu não quero a saliva daquele imbecil em contato com você — afirma, levantando-se e me levando junto.

— Não esqueça que a saliva dele já passou pra você, já que me beijou ainda agora — falo e como resposta recebo um tapa ardido em minha bunda.

— *Ouch*, que nojo! Agora vamos os dois lavar a boca com amoníaco — diz, me fazendo gargalhar.

Realmente Júlio está se saindo um homem completamente diferente do que eu imaginei. Fiquei muito curiosa com o que ele disse sobre meu caráter e claro que irei arrancar isso dele, só que mais tarde.

Agora eu só quero aproveitar meu ser infernal e tirar todas essas frustrações que vêm se acumulando em torno de nós dois, desde que ele resolveu me tomar de vez para si.



Acordo e espreguiço-me naquela cama que eu adoro. Olho para o lado e não encontro Júlio ao meu lado, o que acho estranho.

Depois da minha confissão, eu achei que de alguma forma ele se afastaria de mim, afinal, eu beijei outro cara. Ao contrário do que imaginei, Júlio me levou para o banheiro e me deu um banho maravilhoso e relaxante.

A única coisa que ainda denunciava seu incômodo com a história é que ele me fez escovar os dentes três vezes e passar enxaguante bucal mais duas.

Acabei fazendo e rindo dele, que realizou esse processo junto comigo. Saímos do banheiro aos beijos e Júlio fez questão de me possuir inteira e com tamanha intensidade que me tirou de órbita.

No fim, estava tão cansada que não me lembrei de questioná-lo sobre o que disse a respeito do meu caráter. Mais uma coisa para eu descobrir desse ser infernal que me mantém a margem do que se passa em sua cabeça.

Vou para o banheiro. Ainda não sei que horas são, mas não deve ser tão cedo. Preciso ir para casa trocar de roupa para o tal piquenique que, devido aos últimos acontecimentos, desviou minha atenção do dia de hoje.

Eu vou oficialmente a um encontro da família do Júlio, mas agora na qualidade de namorada. Penso sobre isso e percebo que nunca mais tentamos nomear o que temos.

Saio do banheiro e vejo um lindo vestido sobre a cama. Eu nem percebi que alguém entrou aqui.

Encaro o vestido, encantada. Mais do que depressa eu o visto e me olho no espelho.

É lindo!

Ele é sem mangas e faz um decote em "V" que realça meus seios, porém não revela nada. Um cinto de couro escuro que, bem na altura da cintura, contrasta com a leveza do pano do vestido que abre com graciosidade até o pé.

Mas o que mais me encantou é que ele é inteiro vermelho. Em um tom meio queimado que, apesar da cor marcante, consegue ser sutil. É contraditório e meu ser infernal não poderia ter acertado mais na escolha.

É a minha cara!

— Pelo sorriso, você gostou. — Olho através do espelho e vejo Júlio parado com as mãos no bolso da calça jeans clara que está usando com uma camiseta azul. Ambas muito bem ajustadas ao corpo. Delicioso.

— Eu amei! — Viro-me para ele mostrando o vestido.

— Está perfeita! Linda como sempre — ele diz me admirando e isso me intimida um pouco.

Vou até ele, abraço-o pela cintura e beijo sua boca. Ele não se move e também não me abraça. Estranho sua atitude.

— Vamos. Já está na hora — ele diz e eu o solto.

Seguimos todo o caminho em um silêncio impressionante. Começo a ficar receosa, pois estava tudo indo bem e agora ele parece distante.

Penso que ele começou a se arrepender sobre ontem à noite e meu coração acelera. Chegamos à casa dos Gouvêa, que é onde todos os eventos da família acabam acontecendo.

Júlio me ajuda a descer do carro e vamos de mãos dadas para o jardim onde acontece o evento familiar. Respiro aliviada por ele se manter perto de mim, mas sinto-o agir no automático e isso começa a incomodar-me seriamente.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto enquanto estamos sozinhos.

— Não.

— Então por que você está assim, esquisito?! — falo um pouco mais alto.

— Quieta! Não faremos uma cena aqui — ele responde friamente e isso é o meu basta.

Saio de perto dele e caminho para dentro. Como já conheço o caminho por várias vezes ter vindo aqui com Vega, fica fácil chegar ao banheiro.

Tranco a porta atrás de mim e respiro fundo. Eu não sei lidar com essa bipolaridade que ele carrega e isso me deixa maluca.

Vou até a pia molhando minha nuca e pulsos para acalmar meus batimentos. Acho que foi uma péssima ideia ter vindo até aqui. Estou em território inimigo e ele tem todas as vantagens.

Saio do banheiro dando uma bela trombada na última pessoa que eu gostaria de ver na face da terra. Isabela.

— Olha, se não é a fofinha — ela me diz com todo o descaso que consegue.

— Olha, se não é a pu...

— Isabela! — Ambas olhamos na direção da voz e vejo um Júlio com uma cara nada satisfeita encarando-nos.

— Júlio! Que bom que chegou. Estava mesmo precisando dar uma palavrinha com você.
— Ela vai até seu encontro e o beija no rosto, muito próximo à boca para meu gosto.

Ele não se mexe, não movendo um maldito milímetro para sair do avanço dessa loira azeda.

— Venha... — ela diz, puxando-o pelo braço.

E o que ele faz?

Vai!

O filho da mãe, safado e sem vergonha, vai com ela, deixando-me ali sozinha. Mais uma vez, sozinha.

Caminho o mais rápido que eu posso para fora. Eu preciso beber e tem que ser algo bem forte.

Sirvo uma dose de uísque. Eu nem gosto dessa merda, mas foi a mais forte bebida que achei por aqui. Então tem que servir.

— Nossa! Começamos cedo hoje! — Viro-me vendo Lucca, Vega e Amanda. *Graças a Deus!*

— Oi — limito-me a responder.

— Pelo visto as coisas não deram muito certo ontem, né?! — Olho para Lucca e tenho certeza que ele entende a minha cara de assassina para sua língua solta.

— Não faça essa cara. Eu já estou sabendo. — Vega menciona e agora sim eu fuzilo Lucca que finge não perceber meu olhar.

— Eu não tive culpa. — Amanda ergue as mãos em rendição.

— Não tiro a razão se meu primo estiver te dando um gelo. Você beijou outro cara, Aldria! Por favor!

— Quem beijou quem? — E minha quase ex-futura sogra resolve chegar para nos cumprimentar, bem neste momento.

— Eu! Conheci um gatinho ontem e estou nas nuvens, dona Rute — A pirralha me salva e eu a agradeço com o olhar.

— Vocês, jovens... Na minha época para se conseguir um beijo era um custo. Como vai,

querida? — dona Rute cumprimenta a todos e se direciona a mim. Fico tão sem graça quanto posso.

— Olá — limito-me a responder.

Vega e Lucca riem da minha reação. Não sei se pelo fato da mãe de Júlio quase descobrir que eu tive minha língua entrelaçada a alguém que não era seu filho, ou se é só pelo fato de eu ficar muito sem graça de agora estar nesses eventos familiares, mas como candidata ao seu filho.

— É impressão minha ou Aldria era mais falante, antes de ela e Júlio assumirem o que todos sabiam?!

Alguém, por favor, me afoga naquela piscina?

Essa mulher tem o dom de me deixar cada vez mais sem graça.

— Ela continua falante, mãe. Mas acho que estar perto de quem agora é sua sogra, deixa-a assim... Encabulada — Júlio diz, dando um abraço a sua mãe e vindo para o meu lado.

Aproveito que todos riem às minhas custas e dou uma bela cotovelada nele. Escuto-o gemer e agora rio com vontade. Palhaço!

— Você viu... Que a Isabela está aí?! — dona Rute menciona, muito sem graça, e me olha complacente.

— É claro que ele viu, dona Rute. Até já foi ter uma conversinha em particular com ela. Não é mesmo, querido?! — falo com toda a ironia que não consigo conter.

— Sim, mãe, eu a vi — ele se limita a responder, agora com a cara fechada. Ótimo!

Dona Rute se retira com o pretexto de atender os demais convidados, mas todos nós sabemos que ela quis se livrar do clima tenso que se instalou entre o ser infernal e eu.

— Eu vou falar com Antônio — Júlio se despede da roda e não me dirige um mísero olhar. Safado!

— Amiga, o que está acontecendo? — Vega faz a pergunta que grita na face de todos.

— Isabela está aqui e o palhação aí foi conversar com ela a sós, deixando-me para trás — falo com raiva e viro o restante do líquido do meu copo, aproveitando para servir mais uma dose.

— Vamos devagar, esponjinha. Não queremos uma Aldria bêbada e barraqueira perto da lambisgoia loira — Lucca intervém, tomando o copo da minha mão.

Quando penso em responder para ele quem é a barraqueira, estaco chocada. Todos se viram para onde estou olhando e pelo jeito também ficam chocados, pois ninguém consegue se pronunciar.

Olavo entra no jardim de mãos dadas com Lola. A minha garota caipira e inocente conseguiu dobrar o devasso Gouvêa.

— Podem fechar as bocas agora — diz ele se aproximando de nós.

— Nós só estamos admirados — Vega comenta, surpresa, mas noto o tom orgulhoso em sua voz.

— O que aconteceu com o João? — Não paro minha língua e pergunto de forma bem indiscreta.

— Sou mais irresistível que ele — responde Olavo em tom de brincadeira, fazendo todos rirem, mas eu percebo a postura defensiva que ele adota.

— Sei — falo mais para mim e dou uma piscada cúmplice para Lola, que só faz rir de forma tímida.

Depois de um tempo, uma sineta é tocada, chamando-nos para comer. Sirvo-me na mesa, mas agora escolho beber refrigerante com vodca. Assim o chato do Lucca não pega no meu pé.

Júlio senta-se ao meu lado após arrumar seu prato e mantemos uma conversa solta, sem nos direcionarmos um ao outro.

Eu mais bebo do que como nesse meio tempo em que estamos ali e começo a sentir sinais por ingerir álcool de estômago quase vazio. Levanto—me para ir ao banheiro. Preciso lavar meu rosto, pois a tontura está me tomando aos poucos.

Desequilíbrio-me assim que saio da mesa e mãos fortes me seguram firmemente. Quando recupero o prumo e ergo os olhos para agradecer meu salvador, eu empalideço com quem está me segurando.

— Henrique! — falo mais alto e fico em choque.

— Olá, pessoa — ele diz com um sorriso tímido.

Não tenho tempo de reagir, pois sou puxada com brusquidão para trás e vejo Júlio dando um soco no rosto de Henrique que, como também é pego de surpresa, não tem tempo de reagir, caindo no chão.

— FICA LONGE DELA, SEU FILHO DA PUTA! — Júlio grita a plenos pulmões e eu fico estática. Até a zonzeira que eu estava sentindo foi embora.

— Pega a pipoca. Briga de deuses! — Escuto Lucca falando atrás de mim e saio do meu estado de torpor.

— Júlio! O que significa isso?! — pergunto, enérgica com ele, e vou tentar ajudar Henrique a se levantar, mas sou parada por Júlio no meio do caminho.

— Você não vai se aproximar desse bosta!

A essa altura nem preciso dizer que o clã Gouvêa já está próximo e atento a tudo que se desenrola.

— Mas foi a boca do bosta aqui que ela beijou ontem.

Aí o pandemônio se formou com Júlio partindo feito um trem de carga pra cima de Henrique, que rapidamente se levanta, fazendo com que comecem uma luta de socos e pontapés.

— PAREM JÁ COM ISSO VOCÊS DOIS! — grito feito louca em volta, *mas quem*

disse que eles me dão ouvidos?

— Que horror! Quando Júlio estava comigo, ele nunca foi assim. Acho que sua influência tem prejudicado o melhor advogado do país. — Escuto a voz esganiçada de Isabela do meu lado e meu limite explode.

Viro-me tão rápido e a pego pela garganta, assustando-a e deixando a infeliz sem reação.

— O que você disse? — pergunto com o rosto muito próximo do seu.

— E-eu... N-não Co-cons... — ela tenta falar e eu aperto ainda mais.

— Solta ela, Aldria! — Lucca puxa minha mão do pescoço da maluca e eu acabo soltando-a.

— Sua... doida. — Ela tosse e tenta puxar o ar.

— Eu vou te mostrar a doida. — Tento avançar sobre ela e é preciso Lucca e Vega para me segurar.

— JÁ CHEGA!

Ouçõ a voz de seu Pedro, esbravejando com todos.

Eu me calo, envergonhada. Vejo que a briga entre Henrique e Júlio também está terminada.

— Henrique e Júlio acabem já com isso! E vocês duas, comportem-se como verdadeiras damas, que eu sei que são — seu Pedro fala e sai a caminho do escritório com Henrique e Júlio em seu encalço.

A mãe de Vega e minha quase ex-futura sogra terminam de apaziguar as coisas, puxando Isabela e eu para lados opostos.

Depois de um tempo tentando me acalmar e recolher o pouco de bom senso que me resta, procuro por Júlio para irmos embora.

— Ele já foi. Na verdade, ele foi levar Isabela — Olavo me responde em um lamento.

Eu. Não. Acredito.

Pego minha bolsa e saio de lá o mais rápido que posso. Pego o carro de Olavo que, vendo meu desespero para me afastar, entrega-me as chaves de bom grado.

Saio do lugar cantando pneu. Rapidamente sinto meus olhos turvarem com as lágrimas que correm pelo meu rosto. Sinto uma dor que já conheço bem: a do abandono.

Assim como há sete anos, ele continua tendo as mesmas atitudes. Larga-me para ir com ela, sempre ela, essa maldita.

Eu não posso culpá-la.

Afinal, todos temos uma escolha e agora eu vejo o quão errado eu venho fazendo as minhas nas últimas semanas.

Rodo por horas de carro a fim de abrandar meus sentimentos, o que acaba não adiantando. Volto para meu apartamento e espero que, no recanto do meu quarto, consiga diminuir essa dor.

Dessa vez, Júlio Gouvêa, não tem volta!



Entro no apartamento batendo a porta. Estranho encontrar tudo quieto. Eu achei que Lucca estaria aqui se descabelando, tentando me achar.

Vou até a geladeira e pego uma cerveja. Hora de afogar meu ódio no álcool. Quando volto para a sala, praticamente cuspo minha bebida, dando de cara com ele.

— Aldria...

— VAI EMBORA! SOME DAQUI, SEU FILHO DA PUTA! — falo e jogo a minha cerveja na direção de Júlio, que só tem tempo de desviar e a garrafa espatifa na parede atrás dele.

— Tá maluca! — pergunta, me encarando.

— Eu, não! Mas você vai ficar, se não sair daqui agora! — Pego um vaso que vejo no aparador da sala e ameaço jogar nele.

— Dá pra gente conversar?! — volta a perguntar, levantando as mãos para se defender de um possível ataque meu.

— Não tem conversa. O tempo de conversar já foi. Hoje, você pela última vez, fez sua escolha! — praticamente grito.

— EU ERREI! — ele, sim, grita e eu paro, encarando-o. — Eu errei, ok?! Errei há sete anos, errei quando voltei para o Brasil de vez e venho errando com você a cada passo do caminho desde então — Júlio se lamenta, levando as duas mãos na cabeça, despenteando ainda mais seu cabelo.

— Isso não é novidade, Júlio. Você errou muito comigo e eu sempre prometi que não me deixaria ser humilhada como fui há sete anos. Então hoje foi o meu basta! — Ele se vira para mim e encara-me com os olhos arregalados.

— Não sem antes me ouvir — determina e eu rio.

— Me obrigue! — debocho.

— Não preciso. Eu sei que a Aldria que eu conheço há tanto tempo é justa e verdadeira. Ela não vai cometer uma injustiça, mesmo que odeie a pessoa. No caso, eu — ele fala me encarando com um olhar culpado, e eu quase sinto pena dele. Eu disse, *quase*.

— Fala logo. Mas depois disso, você vai embora. De vez! — Júlio engole em seco e se senta no sofá, apoiando os cotovelos nos joelhos e colocando a cabeça entre as mãos.

— Eu não te abandonei há sete anos. Bom, pelo menos eu pensava, até pouco tempo, que não — ele diz e eu não entendo nada.

— Não entendi. Júlio, eu fiquei naquele bar te esperando como o combinado — lembro-o, de forma indignada.

— Sente-se, Aldria. Me deixe falar. Ainda é muito difícil para mim, lidar com isso tudo. — Não gosto do seu tom mandão, mas a curiosidade vence e eu sento para escutá-lo.

— Seja breve.

— Tentarei. — Ele respira fundo. — Até poucos dias atrás eu pensava que nossa separação há sete anos tinha sido por sua culpa. — Fico chocada. — Eu descobri essa semana que possivelmente todos os e-mails que recebi naquela época eram falsos, mas só tive a confirmação hoje pela manhã e você não faz ideia do quanto isso me dói. — Júlio parece realmente perturbado e eu mais confusa do que nunca.

— Júlio, eu não entendo. Que e-mails?

— E-mails que supostamente você me mandou, e outros que supostamente havia mandado para Isabela. — A menção do nome da vaca faz minha raiva voltar parcialmente. —

Naquele maldito dia, que eu te deixei me esperando no *pub*, na verdade eu pensava que você é quem havia me deixado, só que esperando no portão de embarque do aeroporto.

E ele continua:

— Eu deveria ter ido atrás de você! Eu deveria ter te ligado, mas meu celular descarregou e eu não sabia seu número de cabeça. Eu estava tão atrapalhado para não perder o voo e acabei aceitando ajuda de alguém que eu pensei que fosse uma amiga. — Agora ele já está de pé, andando de um lado para o outro enquanto fala.

— Eu continuo não entendendo... Você me deixou aquele dia no *pub*. Eu não sabia da sua volta para os Estados Unidos e foi aquela infeliz da Isabela que fez questão de tripudiar na minha cara sua volta para a faculdade e o fato de ser sua... Namorada — Não consigo conter a emoção quando me lembro daquele dia. Dói demais.

— Ela não era minha namorada. — Eu o encaro. — Ela mentiu pra você, assim como mentiu para mim. Usou do nosso orgulho e jogou conosco.

— Mas você não queria me assumir na época, eu me lembro.

— Não! Linda, você entendeu tudo errado. Eu não queria minha família pegando no nosso pé. Você era a melhor amiga da minha prima e eu logo teria que voltar para concluir a faculdade em outro país. Eu sabia que todos iriam contra, por vários motivos plausíveis. Mas eu não queria desistir de você. Eu nunca quis — ele fala me olhando de forma tão intensa e isso faz com que eu chore ainda mais.

— Quando eu te deixei na faculdade com a promessa de voltar à noite, fui direto pra casa — ele prossegue. — Sabia que meu tempo com você estava acabando, eu tinha que voltar. Resolvi falar com meu pai e abrir o jogo sobre você porque eu precisava que alguém me dissesse que tudo daria certo. Isabela sempre foi de casa. Nós crescemos praticamente juntos e sim, eu tive um rolo com ela, mas era coisa sem importância. Logo que entrei em casa, meu pai estava ao telefone e ele me chamou, era da faculdade. Eles haviam perdido minhas últimas informações

dos trabalhos e provas. Eu tinha que voltar imediatamente, caso contrário seria reprovado no semestre. Meu pai, que conhecia alguém da empresa aérea, conseguiu me encaixar em um voo que sairia em três horas de São Paulo para os Estados Unidos.

— Por que você não me ligou? Por que não disse? — pergunto, indignada.

— Minha bateria tinha acabado. Eu mal tive tempo de fazer as malas. Pensei que conseguiria chegar lá e te ligar. Eu ia te procurar, mas fui tolo a ponto de confiar naquela maluca da Isabela — ele esbraveja consigo mesmo.

— O que ela tem a ver com tudo isso?

— Ela chegou a minha casa enquanto eu estava saindo e era a única que sabia de você. Quando saímos pela primeira vez, no dia seguinte Isabela me procurou, você sabe, para sairmos. Eu contei a ela sobre você e disse que era algo sério e por conta disso não podíamos mais nos ver. Ela entendeu e se mostrou uma amiga. Sempre me ligando ou trocando mensagens, perguntando de você e como estávamos.

— E você como é muito idiota, caiu no conto dessa vaca.

— Sim. Eu fui muito idiota. Eu não tinha tempo para nada, então dei o endereço do *pub* e pedi que ela fosse até lá para lhe explicar o que havia acontecido. Pedi que ela pegasse seu e-mail para que eu pudesse falar contigo de longe, já que telefone seria difícil.

— E aí ela apareceu no *pub* dizendo-me que você partiu e eu era só um casinho sujo, pois ela era a namorada oficial. — Ligo os pontos.

— E para mim, logo que desembarquei, ela mandou mensagem de texto dizendo que você reagiu como se não se importasse. E conforme os dias foram passando, você não me chamava e eu não queria arriscar pedir a ajuda de mais ninguém e acabar levantando suspeitas. Então eu pedi que ela te procurasse novamente.

— Ela não me procurou. Ela nunca me disse nada — falo indignada.

— Eu sei, linda. Agora eu sei. Dias depois ela me mandou um e-mail falso, como se

fosse você. Dizendo que era para eu pedir a Isabela que ela parasse de te importunar, pois você não queria saber de um garoto como eu.

— Por isso você fica estranho quando te chamo de garoto? — Lembro-me de vários momentos que o chamei assim e ele reagiu mal.

— Sim. Em todo o e-mail, supostamente você deixava claro que não era nada a sério entre a gente e que você não queria saber de um moleque que não sabia lidar com a vida. Aquilo me deixou tão puto! Eu não queria acreditar. Jurei que te confrontaria assim que conseguisse voltar ao Brasil.

— E por que não falou...? — Eu não sei o que sinto, mas uma aflição sem fim toma conta do meu ser. Eu não acredito que sofri durante tanto tempo por um mal-entendido. Uma jogada suja de uma pessoa tão baixa feito aquele ser sem escrúpulos.

— As coisas se complicaram. Eu acabei perdendo todo o restante de recesso da faculdade e tive que emendar os semestres. Quando consegui voltar, encontrei com Isabela e ela me alertou que você já estava namorando. Eu fiquei louco! Queria tirar satisfações e quando fui atrás de você, eu te vi com ele. Você parecia tão feliz e eu acabei achando que não havia sentido ir tomar satisfações depois daquilo tudo.

— Eu não mandei merda nenhuma. Eu comecei a namorar a contragosto. Lucca me obrigou, na verdade. Eu virei um fiasco quando você se foi. Ele dizia que eu tinha que seguir em frente e que Leonardo seria uma ótima oportunidade para isso.

— Eu sei. Eu te entendo, linda. Juro que entendo — ele fala vindo me tocar, mas eu o paro.

— Sabe agora. Mas fez questão de tripudiar em mim todas às vezes que veio em visita. Tratou-me como se eu não fosse nada.

— Assim como você! — ele rebate e eu me calo. Realmente nos tratávamos com muita hostilidade. Era algo mútuo. — Percebe que tudo foi um jogo e que nós caímos direitinho no

plano da Isabela?

— Eu vou matar aquela loirinha — falo com raiva.

— Não. Você não vai chegar perto dela, entendeu?! — Eu o olho — Aldria, me prometa que você não vai chegar perto dela.

— Eu não sei se...

— Aldria! — ele diz como advertência.

— Tudo bem. — Ergo os braços e levanto do sofá.

Júlio me encara e se aproxima de mim cautelosamente. Ele parece estar testando o terreno para saber até onde pode ir comigo.

Quando está bem próximo de mim ele procura pela minha boca, tocando meu rosto com o seu. Nossos lábios se encontram e somente isso nos une em um beijo marcante. Não demora para que eu sinta suas mãos me envolvendo e eu levo meus braços em torno do seu pescoço.

Nosso beijo consome toda a nossa ânsia. Sinto como se estivéssemos exorcizando sete anos de frustrações e mágoas desnecessárias.

Eu preciso de mais. Eu quero mais dele.

Júlio sentindo a minha urgência desafivela o cinto do meu vestido e eu aproveito para desabotoar sua calça.

Rapidamente ele abre o zíper do vestido e puxa as alças para baixo. Deixando-me só de *sutiã* e calcinha, ele se afasta para tirar a camisa e a calça, ficando somente de *boxer* preta.

Ele ainda me mata com essas cuecas!

— Eu preciso estar dentro de você. Não terei tempo de prepará-la — ele fala se aproximando e praticamente me joga no sofá.

— Já estou pronta, amor. — Júlio para e me encara admirado. Só então eu entendo o que acabei de falar. Sinto meu rosto queimar com o uso das minhas palavras. Ele agora vai pensar

que estou em suas mãos.

Júlio deita-se sobre mim e me beija intensamente. Sinto-o pincelar minha entrada com a ponta do seu pênis e eu, que já estou bem excitada com tudo isso, começo a ser levada para a borda.

Sem que eu espere ele entra em mim com força, não me dando tempo para reação.

— Urrhh! — urramos juntos, ambos de prazer.

Ele começa a se movimentar dentro de mim de forma curta e ritmada, com certa intensidade ao me penetrar. Abro meus olhos e encontro os seus afogeados em mim.

— Sente isso? — ele pergunta enquanto se movimenta em mim e, sim, eu sinto. Não fisicamente, mas é como se pela primeira vez conseguíssemos voltar sete anos atrás, quando começamos a nos envolver.

Concordo com a cabeça, pois noto minha garganta fechar e uma emoção sem fim toma conta de mim. Júlio beija a lágrima que escorre pelo canto dos meus olhos.

— Acabou, amor. Nada mais vai nos impedir. Nada! — ele fala ainda se movimentando dentro de mim, agora de forma mais branda, como se estivesse me venerando.

— Jura? — pergunto e vejo determinação em seus olhos.

— Eu juro, linda. Agora, ninguém mais vai impedir de nos amarmos — eu fico chocada com o que ouço e ele me beija em seguida, aumentando o ritmo de suas estocadas, colocando-me à beira do abismo.

E eu caio dele e me entrego às sensações que Júlio me proporciona. Sinto o corpo dele também tencionando e ele goza intensamente dentro de mim. Mas nada em tudo isso que ele acabou de revelar surpreende-me tanto quanto o que ouço assim que ele derrama-se dentro de mim:

— Eu te amo, Aldria. Eu sempre te amei.



Mexo-me entre as cobertas e sinto o aperto de Júlio em torno de mim. Viro devagar e ele está lá, olhando atentamente para mim.

— Oi — ele diz, sorrindo preguiçosamente.

Eu sorrio em resposta e me ajeito na curva do seu braço. Depois da revelação bombástica, a foda de alívio e as palavrinhas mágicas que ele me disse, viemos para o quarto e ele me possuiu mais duas vezes.

Parece que o peso do passado que anuviava nossas vidas simplesmente se desfez e um novo sentimento surgiu disso. Algo leve, sereno e intenso, se é que isso é possível.

— Acordado? — pergunto, acariciando sua barriga por debaixo da coberta.

— Ainda não dormi — ele responde, fazendo-me um cafuné gostoso.

— Como você consegue? Fodemos três vezes e você está aí acordadão?! — Assusto-me quando mal termino minha frase e sinto Júlio saltar sobre mim.

Ele prende minha cabeça com as duas mãos e fica me olhando. Acaricia meu rosto devagar e se aproxima passando os lábios vagarosamente pelos meus.

— Nós não fodemos — ele diz de olhos fechados e ainda sentindo meu rosto com o seu.

— Não?

— Não. Nós fizemos amor. — E então ele me encara.

— Júlio... Eu...

— Não fala nada. Eu sei que pra você ainda é um choque, amor. Acredite, para mim também é.

— É muita coisa pra digerir. Eu não sei se estou preparada para assumir algo e depois me arrepender — confesso meus receios encarando seus olhos. Quero que ele veja a veracidade do que sinto.

— Eu sei. Eu entendo e lhe darei todo o tempo do mundo. Só não me peça para me afastar de você. Isso, eu não sou forte o suficiente para cumprir.

Beijo seus lábios, pois no fundo ambos sabemos que eu jamais pediria isso. Não ter Júlio em minha vida seria a minha morte.

Mesmo que eu ainda tenha dúvidas e receios com relação a nós, agora eu sei que nem tudo foi totalmente errado de sua parte. E se ele errou em não me procurar diretamente na época, eu também errei, deixando-me levar por aquela cobra peçonhenta.

— Só não entendo uma coisa — digo, me afastando dele.

— O quê?

— Se você descobriu tudo isso bem recentemente, por que terminou com ela e veio atrás de mim de repente? Se você tinha convicção do que eu fiz no passado, o que mudou? Praticamente dois anos depois que você voltou e estava namorando aquela naja, você largou tudo.

Júlio sai da posição que está e eu quase lamento. Ele deita ao meu lado novamente, puxa-me para seu aconchego e beija minha testa.

— Eu simplesmente cansei. Resolvi deixar o passado onde ele pertencia e viver aquilo que meu coração pedia. — Acho lindas as suas palavras, mas não sou boba. Júlio é um homem de fibra, orgulhoso e determinado. Algo aconteceu e pela tensão que sinto vindo de seu corpo, não estou tão errada em desconfiar de algo a mais.

— Sei. Não acredito que seja somente isso, Sr. Júlio Gouvêa. Mas não irei pressioná-lo agora.

Ele aperta-me contra seu corpo e novamente beija minha testa, mas dessa vez se mantém ali, próximo.

— Obrigado. E me desculpe por hoje. Eu sei que você tem suas reservas com Isabela e acredite, eu também as tenho. Mas eu ainda não posso tomar uma atitude — Foi a única coisa que ele respondeu, dando a certeza de que tem sim, algo a mais, mas ao mesmo tempo me confortando de que não irá lutar contra meus questionamentos futuros.

Hoje completa exatamente um mês, desde aquele dia conturbado no *pub*, onde Júlio resolveu que eu seria dele e ponto final.

O episódio com a *Isacobra* ficou esquecido. Bom, pelo menos é o que Júlio acha. Eu ainda guardo minhas reservas sobre o assunto. Henrique continua em suas funções na empresa, mas misteriosamente não nos encontramos mais. Nem dentro e nem fora de lá.

Também faz um mês que eu tenho dado mais do que minha vida inteira somada. Júlio tem se mostrado cada vez mais carinhoso, prestativo, atento e, claro, um amante excepcional.

Eu ainda não consegui mencionar as palavrinhas mágicas, sabe?! Aquelas que ele disse que teria paciência para ouvir.

Bom, ele tem indicado que não tem tanta paciência assim, já que todas às vezes que saímos em casais, com Vega e Antônio e rola uma cena romântica daqueles dois, Júlio faz questão de me olhar e erguer as sobrancelhas.

Além do fato de ele fazer questão de dizer a todo o momento que me ama. Ele fez isso semana passada no meio do jantar com os pais dele. Aliás, tenho me dado muito bem com minha futura possível sogra.

A família dele é muito acolhedora, e até as provocações entre os irmãos, que graças a

Deus abrandaram, já que Lola parece realmente ter conquistado o pervertido do Olavo, têm sido maravilhosas.

Mas como nem tudo são flores, eu não comentei com Júlio, mas de uns dias para cá tenho recebido ligações. O número sempre aparece como privado. Eu atendo e escuto uma respiração ofegante.

Já pensei milhões de coisas, assim como também já xinguei várias outras, mas tenho ficado receosa com isso. Elas ocorrem normalmente quando estou sozinha e minha cabeça neurótica começa a pensar que a pessoa sabe o momento certo de ligar.

— Aldria, ande logo! Vamos chegar atrasados no aeroporto — escuto Lucca gritando feito *uma louca*, da sala.

— Tô indo. Bicha chata! — reclamo.

— Eu ouvi isso, Mortícia! — Lucca exclama.

Termino de pegar minha bagagem e vou de encontro à histérica que está me aguardando na sala.

— E Júlio?

— Vai nos encontrar lá.

— Ótimo. Já chamei o *Uber*.

— Sabia que você anda muito azeda? — pergunto para ele.

— Será que é porque eu não tenho um pau quilométrico para brincar todos os dias, assim como você e Vega? — ele me responde com um sorriso irônico e cara de deboche.

— Você é má! — Tento mostrar alguma seriedade, mas falho miseravelmente rindo dele.

Chegamos ao aeroporto e eu avisto a tropa toda. Ainda não sei como Vega e Lucca me

convenceram de que seria uma excelente ideia levar todo esse povo para a casa dos meus pais.

— Isso não vai dar certo... — lamento e Lucca me cutuca.

— Relaxa, Mortícia. Vai ser divertido — ele fala animado.

Começa uma gritaria sem fim entre Vega, Amanda e Lucca, e eu provavelmente estaria nesse meio se não fosse meu ser infernal que veio ao meu encontro e me tirou do chão em um abraço de urso, beijando-me.

— Oi — ele diz quando termina seu ataque.

— Oi — sorrio, tímida.

— Desce ela agora, Júlio! Quero cumprimentar minha amiga — Vega praticamente grita.

— Só porque estou benevolente hoje, prima — ele ri safado e me coloca no chão. Flutuo com toda essa atenção.

— Amigaaaaaaaaaaaa... — Vega me dá um abraço apertado que quase me sufoca.

— Ok, pode me soltar. — A contragosto ela me solta e eu passo a cumprimentar todos os presentes, e isso inclui João.

— Delic... Quer dizer... Aldria, como vai? — João corrige a postura vendo a cara feia do Júlio para ele.

— Oi, João. Pronto para enfrentar a roça? — pergunto, brincando.

— Sou praticamente um homem do campo — ele fala todo pomposo e todos riem.

— Essa eu quero ver, vaqueiro — Júlio debocha e eu dou uma cotovelada discreta nele.

— Pois é. Sou especialista em pegar touro pelos chifres — ele rebate o deboche na mesma medida de Júlio.

Meu ser infernal bufa e eu rio. Sinto um puxão e o Sr. Esquentadinho sai, me arrastando em direção ao *check-in*.

— Ainda sento a porrada nesse cara!

— Para com isso, Júlio. Estamos tirando uma miniférias e não montando um ringue.

Conseguimos embarcar sem mais desavenças e agora estamos a caminho da casa dos meus pais. Faz um bom tempo que não venho. É muito longe e com minha vida corrida, fica difícil.

Claro, também tem o fato de eu ser totalmente o oposto deles. Eu amo meus pais de verdade, mas fui criada em um regime muito rígido. Coisa de antigos e quando eu finalmente consegui sair disso foi tão bom.

Eu sei que eles fizeram o seu melhor para me criar e trazer uma base sólida de caráter para mim, mas eu sou totalmente avessa a tudo que eles queriam que eu fosse.

Não sou e nunca serei uma dona de casa exemplar que limpa, lava, cozinha e ainda cuida do marido e dos filhos que ele fizer em mim.

— O que foi? — Júlio percebe minha distância e eu sorrio para ele.

— Nada. Só pensando no quão difícil é voltar para os costumes da casa dos meus pais.

— Eles são difíceis? — Júlio questiona, arregalando os olhos. Rio, percebendo que ele está mais apreensivo com eles do que eu fiquei com sua família.

— Eu diria que são antigos. — Deito em seu ombro e não digo mais nada.

Pouco mais de uma hora depois, desembarcamos no aeroporto de Belo Horizonte e alugamos dois carros. Seriam quase cinco horas de estrada.

João tentou a todo custo ir no mesmo carro que nós, mas Júlio, como sempre, determinou como os automóveis seriam divididos.

Lucca veio conosco e fiquei espantada quando Caio se ofereceu para vir também, afinal, ele é segurança de Antônio. Observei a carinha de Amanda, que ficou decepcionada e um pouco chateada, pois, provavelmente, Caio quis manter distância e ela entendeu o recado.

Fomos o caminho todo em um silêncio desconcertante. Paramos em dado momento para um lanche e esticar as pernas, e já desço do carro procurando pelas meninas.

— Que chatice! — Vega reclama chegando perto de mim.

— Nem me fale. Um funeral seria mais animado.

— Concorde, deusa — Lucca se lamenta.

— Tive uma ideia, meninas! — Amanda nos olha conspiratória.

— Não sei o que é, mas eu topo! — Lucca responde animado e Amanda nos confia seu plano.

Terminamos de comer, aproveitamos para usar o banheiro e saímos na frente, deixando os homens pagando a conta.

— Você pegou? — Amanda pergunta para Vega.

— Claro, *chica* — Vega responde jogando as chaves do carro para o ar.

Nós quatro disparamos em uma corrida para o carro em que Vega antes viajava com Antônio. Quando estamos todos dentro do carro, seleciono a *playlist* animada de Vega e vemos os quatro saindo do restaurante.

— Pequena! — Antônio chama, abrindo os braços com cara de poucos amigos e rosto confuso.

— Siga-nos, amor! — Vega grita e sai devagar para a estrada.

— Vega!

Escutamos o bradar de Antônio e rimos como loucos. Eu, na verdade, estava prestando atenção na cara espantada de Júlio, que balança a cabeça em negativa, enquanto Caio fica parado mais atrás com as mãos nos bolsos. E João, que ria da atitude de Antônio.

— Ele vai te matar — Lucca comenta.

— Não tem problema. — Ela ri.

— Às vezes eu acho que você gosta de irritá-lo — comento rindo.

— Pode ser. — concorda.

— Sexo de reconciliação! — Amanda grita no banco de trás e todos caem na risada.

— E o que você sabe sobre isso, dona Amanda? — Lucca questiona a menina, que fica vermelha na hora.

— Nada!

— Sei... — ele responde e ela baixa o olhar.

Seguimos viagem animadamente e o segundo carro que levava os rabugentos — foi assim que os apelidamos — continuou nos acompanhando.

A paisagem é linda durante o caminho. Já havia até me esquecido da quantidade de verde por quilômetros afora. A região da Serra da Canastra fica no sudoeste de Minas Gerais, possuindo algumas das mais deslumbrantes e desconhecidas paisagens do Brasil.

Durante muito tempo, estive isolada por precárias estradas de terra e só há poucos anos entrou nos roteiros de viagem como lugar privilegiado para a prática de esportes radicais, vivência ambiental e turismo ecológico.

Meus pais vivem em São Roque de Minas, uma das seis cidades que contornam o parque nacional. Eles compraram um sítio pequeno logo que venderam a casa no interior de São Paulo.

Chegamos à porteira Recanto da Canastra, nome que minha mãe deu ao seu pequeno pedaço de terra e que ela tanto ama.

Não precisei descer para abrir a porteira, pois Caio já estava se encaminhando para isso. Entramos e eu comecei a buzinar o carro, quase pulando em cima de Vega.

— Pare com isso, doida! — ela pede, mas está rindo.

— CHEGUEEEEEEEI — grito a plenos pulmões e vejo o casal mais lindo do mundo

vindo ao nosso encontro.

Meu pai balança a cabeça em sinal de negação, porém sorri. Ele sabe que tem uma filha meio doidinha e sempre me diz que essa alegria toda que eu carrego é o tempero para um bom casamento.

Eles só pensam nisso. Casar a única filha e ter dezenas de netos brincando por aqui.

— Pai! Mãe! — falo, pulando para fora do carro, e os abraçando tão apertado que escuto minha mãe gemer.

— Assim você nos mata, filha — minha mãe protesta com um sorriso largo no rosto.

— *Bença*, mãe! — digo, dando um beijo em sua mão — *Bença*, pai! — Repito o mesmo gesto.

— Deus te abençoe, filha — meu pai responde e muda sua fisionomia quando olha adiante e eu já sei que sua cara fechada está nos homens que nos acompanham.

— Pai, mãe, esses vocês já conhecem. — Aponto para Vega e Lucca. — Esse é Antônio, marido de Vega. — Minha mãe suspira. — Amanda, irmã de Antônio, Caio seu segurança, João seu amigo e Júlio, primo da Vega — falo rapidamente para que eles não acompanhem muito quem é quem.

O que não adianta em nada, já que olho para os dois e eles observam Júlio como se ele fosse um alienígena.

— Mas ele *num* é o engomadinho que você...

— AHHHHH! Mãezinha, eu *tava* morrendo de saudades. — Agarro minha mãe e sussurro em seu ouvido: — Agora não, por favor.

Meu pai cumprimenta a todos, enquanto minha mãe se recompõe do susto de conhecer Júlio, o ser infernal.

Bem, talvez eu tenha falado um pouco dele e, talvez, não tenham sido coisas muito

boas.

— Sejam bem-vindos! Querida, arrume os quartos para eles — meu pai se pronuncia.

— Não se incomode, senhor. Nós vamos para uma pousada aqui perto — Antônio se adianta.

— Você, né, mano?! Eu fico aqui com Lucca e Aldria — Amanda se manifesta.

— Ah, amor. Eu quero ficar aqui — Vega faz manha.

— Temos quarto para todos. Não precisa se incomodar com hospedagem. Aqui, em alta temporada, abrimos espaço para turistas — minha mãe explica ao Antônio.

— Verdade. Além do mais, minha mãe faz coisas maravilhosas na cozinha — digo abraçando-a.

— Prova de que Aldria não puxou a mãe — Lucca fala, batendo o ombro em Vega, que dispara a rir levando todos com ela.

— Isso é verdade. Essa menina desde pequena que não tem jeito pra cozinha. Coitado do marido que ela arrumar — meu pai fala rindo.

— Muito engraçado! Já acabou a sessão “tirar sarro das minhas não habilidades”? — pergunto, fazendo careta e colocando as mãos na cintura.

— Mas ela tem muitas outras qualidades, que superam o fato de não saber cozinhar. — Escuto a voz de Júlio, que até então eu evitei encarar.

Todos viram em sua direção e quando eu o olho, sinto seu olhar me queimar. Ele está curioso com toda a situação. Apesar de sorrir, noto sua mandíbula apertada.

Eu sabia que ele ficaria incomodado de eu não apresentá-lo como meu namorado, e para ajudar, minha mãe quase solta um dos apelidos que dei a ele.

— Uma delas é sua beleza incomparável — João se manifesta e o rosto de Júlio se contorce em desgosto.

— Sim, rapaz. Minha filha é linda — meu pai fala todo orgulhoso.

— Bom, vamos entrar? Esse povo já deve estar com fome. — Minha mãe percebe minha cara de desespero e encerra o assunto.

Todos concordam com a menção à comida e minha mãe lidera o caminho para entrar na casa. Fico mais para trás propositalmente. Quero falar com Júlio.

— Júlio! — chamo assim que ele passa por mim.

— O que foi? — Ele se vira, me encarando de forma nada amistosa.

— Eu... Eu queria me desculpar... por não falar nada e...

— Não tem problema. Pelo que percebi, por aqui eu sou o primo engomadinho da Vega — diz ele com desdém e se encaminha para dentro da casa.

Eu solto o ar pesadamente.

Ele tem toda a razão em estar bravo. Eu ainda não falei com meus pais sobre ele.

Respire, Aldria. No fim tudo dá certo.



Como a casa possui vários quartos, acaba cada um ficando em um. O meu quarto fica ao lado do quarto dos meus pais, tendo do outro lado o quarto da Amanda e em frente o do Júlio. Desconfio que minha mãe já fez isso intencionalmente.

— Ele está mais calmo? — Lucca pergunta, despertando-me de meus pensamentos.

— Até parece. Estamos falando de Júlio Gouvêa, o ser mais teimoso da face da Terra.

— Como se você fosse muito compreensiva, né?

— Afinal de contas, de que lado você está nessa história, Lucca? — indago, bradando com ele.

— Estou do lado da razão, minha Mortícia. E a razão diz que o seu ser infernal está coberto dela. Por que não fala logo com sua mãe?

— Ela vai me encher de perguntas — falo em lamento, sentando-me na cama ao seu lado.

— E você vai esconder isso até quando? Eles terão de saber, não é?

Quando penso em responder, alguém bate na porta. Me levanto e marcho até ela, abrindo-a. Uma Amanda muito irritada passa ventando por mim e se joga na minha cama.

— Fique à vontade — falo fechando a porta.

— Eu odeio aquele segurança metido.

— Caio? — Lucca pergunta.

— E tem outro segurança com a gente, inteligente? — questiono-o, irônica.

— Não seja chata! — ele diz, balançando a mão para mim e ambos olhamos para Amanda, que permanece deitada.

— Quer nos contar o que houve? — pergunto.

— Aquele imbecil do Caio foi induzir ao meu irmão, dizendo que não é seguro eu sair pra passear a cavalo com o instrutor. — Lucca e eu nos entreolhamos.

— Sei. E seu irmão, falou o quê? — Lucca questiona.

— Que o imbecil tinha razão. — Ela joga os braços para cima.

— Isso é falta de sexo — eu falo enquanto ajeito minhas roupas no armário.

Quando olho para trás, Amanda e Lucca estão me encarando. Ela já não está mais deitada e ambos têm os olhos arregalados para mim.

— Ah, qual é? Vamos continuar fingindo que Caio e Amanda não tem um tesão louco um pelo outro?

— Jesus, você não tem tato nenhum — acusa Lucca, levantando de onde estava.

— Eu... Eu não... Eu nunca fiz isso — Amanda fala de cabeça baixa e envergonhada.

— NUNCA TRANSOU? — praticamente grito no quarto, fazendo Amanda saltar da cama.

— Shiuuuu... Vai falar da minha vida sexual aos quatro quantos? — ela esbraveja comigo.

— Calma, lindinha. Essa maluca não tem jeito pra essas coisas. — Lucca encara-me como sinal de advertência e eu dou de ombros.

— Desculpe, ok?! Mas uma menina petulante como você... Jamais imaginaria que é virgem.

— Todo mundo pensa isso. Incluindo ele — novamente ela se lamenta.

— Tá bom, garota. Presta atenção aqui — falo estalando os dedos para que ela me olhe.

— Enquanto você se colocar nesse patamar de coitada, ele vai fazer de você gato e sapato. Mostre atitude e seja petulante, assim como você costuma ser com todo mundo.

— Eu não consigo... Com ele... Quando ele está perto de mim, eu perco o raciocínio.

— Conheço pelo menos mais duas que são assim. Pelo amor! O pau desses homens deve ser batizados, só pode! — Lucca fala.

Agora sou eu que o encaro e ele me mostra a língua com ar de riso. Babaca!

— Consegue, sim. Apesar de que, o que essa biba doida disse tem seu fundo de verdade.

— Encaro Lucca. — Nós sabemos o ponto fraco deles e usamos isso a nosso favor.

— Nisso eu tenho que concordar — Lucca apoia.

— Então me ensina. — Amanda abre um sorriso radiante e por mais que eu não queira outra pessoa nos três mosqueteiros, acabo então a transformá-lo no quarteto fantástico.

Quando finalmente descemos para o café, a casa está deserta. Encontramos minha mãe na cozinha e ela nos informa que Vega, Antônio, João e Caio, saíram para uma trilha.

Amanda resolve ir cavalgar depois da nossa conversa, mesmo contra a vontade do irmão. Lucca acaba acompanhando-a para conter os ânimos quando o deus da minha amiga souber da petulância dela.

— Então, minha filha. Pare de enrolar e me conte. O que aquele garoto está fazendo aqui? — Minha mãe como sempre não tem meio termo.

— Nada demais, mãe. Ele veio com a turma.

— Ele nunca veio com a turma, Aldria. E você está mentindo.

— Mãe, pelo amor de Deus!

— Aldria! — Ela agora me encara.

— Tudo bem. Estamos juntos — falo, cutucando a beirada da mesa.

— Juntos? Namorando? — Ela me olha espantada.

— Sim?! — Não sei se isso soou como uma afirmação ou uma dúvida.

— Sabia! — ela diz, socando o ar. Eu olho para ela espantada.

— Como assim?

— Filha, eu sempre soube que tudo que dizia sobre ele era amor. Seus olhos sempre brilharam com a menção do nome desse garoto.

— Que garoto? — Escuto a voz do meu pai atrás de mim. *Agora me borrei.*

— Nada!

— Júlio!

Eu e minha mãe respondemos ao mesmo tempo e eu olho para ela brava, por revelar o que não deveria. Falar com um já é difícil, imagina dois.

— Quer dizer que está namorando? — Meu pai senta-se à mesa.

— Mais ou menos. — Olho para baixo.

— Não foi isso que ele me disse.

— QUÊ? — praticamente grito.

— Conversamos esta manhã. Coisas de homem — Odeio quando meu pai faz isso.

— Como assim? A vida é minha!

Começo a ficar brava.

— A vida é sua, mas você é minha filha. Ele veio me pedir para namorar você e eu dei minha benção. Ele parece ser um bom garoto e eu já o adverti: não quero safadezas antes do casamento.

— Jesus! — Me levanto da mesa, chocada, para dizer o mínimo.

— Seu pai fez o certo, filha. E se ele procurou *teu* pai é porque tem boas intenções.

— EU TENHO VINTE E OITO ANOS DE IDADE! — grito.

— Abaixei o tom agora mesmo! — meu pai fala manso, mas sei que é uma advertência.

— Eu...

— Linda, o que está acontecendo? — Júlio chega, colocando a mão sobre meus ombros.

Respiro fundo. Já perdi as contas de quantas vezes eu tentei deixar claro para eles como eu gosto de seguir minha vida. Eu sei que fazem para meu bem, mas é irritante demais.

— Você! Você foi falar com eles sobre nós. — Direciono minha irritação ao meu ser infernal.

— Sim. Era o correto — ele responde tranquilamente.

Eu conheço essa cara. Ele está literalmente me dando o troco por ontem.

— Ah, sim. Pois é, e como regra número um, meu amor, nada de safadezas antes do casamento — falo e no final estampo um sorriso cínico no rosto.

Júlio me olha tão espantado que acho que perdeu um pouco da cor na face. Rapidamente ele se recupera e vira-se para meus pais.

— Casaremos em dois meses — ele declara.

Minha mãe solta um gritinho e aplaude; meu pai abre um sorriso de orelha a orelha; eu continuo olhando a cena e tentando confirmar que meu cérebro não fundiu de vez.

Mamãe vem me abraçar e começa a falar de festas, planejamentos, filhos, crianças com creche e por aí vai. Eu ainda continuo parada, sentindo que estou em estado de choque.

— Linda, você está bem? — Júlio me olha preocupado.

— Sim... — respondo no automático.

Ele me abraça e fala em meu ouvido:

— Eu estou falando sério. Quero você em minha vida para sempre. — Desperto do meu quase transe e o empurro.

Ele me encara assustado e eu não dou tempo para nenhum questionamento. Saio correndo pela porta da cozinha.

Simplesmente ando o mais rápido que consigo.

Eu preciso fugir. *O que ele fez? Para que tudo isso?* Tudo bem que algumas coisas em nossa história já estão esclarecidas e tudo entre nós está mais leve. Mas casar?

Isso não daria certo. Vivemos uma confusão só. Ele ainda me esconde algumas coisas, eu sei que sim. Temos tantas pendências a nossa volta, como vamos fazer isso funcionar?

Eu o amo? Sim! Claro, que amo! Mas tão grande quanto meu amor, é o meu medo de me entregar novamente e algo ruim nos separar.

— Aldria! — Escuto ele me chamar e não dou atenção.

Continuo andando até chegar próxima à lagoa. Ela fica um pouco distante da casa e tem uma vista linda para o verde que nos cerca.

Paro próxima à margem e me curvo para buscar um pouco de ar.

— Linda... O que aconteceu? — Ouço-o perguntar atrás de mim.

Quando me viro para responder, perco os pensamentos. Ele está simplesmente lindo. Usa uma camisa branca e calça jeans clara. Sua blusa está com a manga puxada até próximo do cotovelo e a claridade do sol o reflete, deixando suas feições ainda mais perfeitas.

Barba rala por fazer, uma boca linda e bem marcada, seus olhos que, apesar de determinados, sempre mostram seus sentimentos. Os cabelos estão bagunçados na medida, com ar desleixado que o deixa imensamente atraente.

— Gostando do que vê? — Ele abre os braços com um lindo sorriso de canto.

— Não! — Fecho a cara e limpo disfarçadamente a baba que provavelmente estava

escorrendo.

— Linda. O que foi? Por que saiu correndo?

— Você ainda pergunta? Casamento? Mesmo? — pergunto, indignada, recuperando meu raciocínio de pouco tempo atrás.

— Sim! Mas eu não ficarei sem sexo. De jeito nenhum.

— Isso é por causa do sexo? — questiono, chocada.

Júlio se aproxima de mim e me abraça pela cintura. Tento sair, mas ele é mais forte e eu não consigo resistir por tanto tempo. Júlio me beija intensamente e eu me entrego, como sempre.

— Não. Não é pelo sexo. Eu te amo! Quero você na minha vida.

— Acho que estamos indo rápido demais.

— Foram sete anos, linda. Já deu por tempo, não acha?

— Não. Nós não estávamos juntos.

— Mas você sempre foi minha, assim como eu sempre fui seu.

Perco todos os argumentos depois disso. Como resistir a esse homem se declarando desse jeito?

— Agora vai me contar o que ainda está acontecendo?

— Não tem nada acontecendo.

— Você está me enrolando e eu não estou gostando disso.

— Vamos relaxar? Isso é para ser uma miniférias, não é?

— *ME SOLTA!* — Viramos assustados com o grito estridente e damos de cara com Amanda sendo carregada no ombro pelo Caio.

— Ferrou! — ambos falamos e vamos ao encalço do “não quase futuro casal”.

Andamos apressadamente e vemos que Antônio, Vega e João vêm do outro lado.

— O que está acontecendo aqui? — Antônio questiona.

— Ela desobedeceu à suas ordens, senhor — Caio informa, colocando uma Amanda furiosa no chão.

— Me solta, seu brutamontes! — Ela empurra Caio, que parece ponderar muito sobre o que fazer.

— Amanda! Pare com isso! — Antônio esbraveja.

— PARE VOCÊ DE QUERER ME CONTROLAR. EU JÁ SOU CRESCIDA, ANTÔNIO. EU NÃO TENHO IDADE OU SACO PARA ESSE IMBECIL FICAR ME CARREGANDO.

— Não grite comigo, mocinha!

— Tom, calma. — Vega segura o braço de Antônio.

— Eu faço o que eu quiser — Amanda fala petulante.

— Ótimo! Então aja como uma adulta a partir de hoje. — *Eita, que agora vai dar merda.*

— Ótimo mesmo! Farei isso, irmãozinho. Assim não terei um cão sarnento no meu pé — ela diz e direciona o olhar para Caio que parece um leão pronto para dar o bote.

— Gente! Adivinhem?! Eu vou casar — solto a primeira coisa que me vem à cabeça, a fim de encerrar essa discussão.

— O QUÊ? — Vega, Lucca e João perguntam ao mesmo tempo.

Começa uma enxurrada de perguntas sobre como isso aconteceu. Maravilha! Para salvar a pele da pirralha, eu me coloco na linha de tiro.



Capítulo 21

Não é óbvio? Você tem o que ela quer

Júlio Gouvêa

Continuo jogando sinuca no automático. Minha linda anda tão estranha e depois das minhas últimas atitudes impulsivas, acho que acabei afastando-a um pouco.

— Acorda, Júlio! Sua vez — João declara.

Dou uma olhada dura para ele, que joga um beijo para mim. Eu ainda não engulo a fuça desse cara.

— Noivar te deixou distraído, irmão. Mas conta aí. Como foi o pedido? Afinal, Aldria não é fácil de ser convencida — ele fala usando o taco de apoio para seus braços.

— Não é da sua conta. — Ergo meu taco em sua direção.

— Uiii... *tá* irritadinho. Acho que a abstinência que o sogrão exige está mexendo com seus hormônios — ele fala e ri, fazendo com que os outros em volta façam o mesmo.

— Vou te mostrar meus hormônios agora, seu...

— Parou! — Antônio entra no meio e Caio se aproxima. — Relaxe, Júlio! João só está brincando.

— É, princesa. Relaxe! — ele fala rindo.

— Não provoca, Sr. Willians — Caio fala sério com João e ele parece finalmente ouvir.

Meu telefone toca, olho o visor e fico estático com a mensagem que leio.

Será que sua noivinha vai gostar de ver isso?!

Abro o vídeo e praguejo todos os nomes possíveis. Sinto alguém próximo.

— Deixe-me ver. — Caio pega o celular que eu entrego de bom grado.

— Isso tem data. Não faz nem dois meses — ele declara.

— Eu sei, porra! — concordo, levando minha mão à cabeça. Se a maluca mandou isso

para Aldria, ela vai surtar e cortar minhas bolas.

Que grande merda eu fui me meter? Agora estou pagando com juro por tudo isso. Logo agora que estou a um passo de ter o que sempre quis na vida: minha mulher, meu amor ao meu lado.

— O que está acontecendo, primo? — Vega se aproxima e Antônio a abraça.

— Amor, vamos subir — ele fala, mas ela não perde seu foco.

— Não. Júlio, o que está acontecendo?

— Nada! — respondemos todos.

João se aproxima de Caio, olha a tela do celular e pende a cabeça para um lado e depois para o outro.

— Belo traseiro, irmão — diz ele rindo.

— Cale a boca! — esbravejo e a porta da sala se abre e a minha linda garota aparece por ela, parecendo um touro bravo e eu me sinto a bandeirola vermelha a sua frente.

— Você! — Ela aponta e virando-se rápido, pega o vaso no aparador do seu lado e o lança em mim.

Minha sorte é que tenho um ótimo reflexo devido ao *kung fu* e consigo desviar do objeto. Ele se espatifa atrás de mim.

— Amor, calma! — falo, mas é inútil.

— SAIAM TODOS. AGORA! — grita.

Todo mundo que até então permanecia estático parece despertar do transe, começando a sair um por um. O último, para meu azar, é o babaca do João, que solta sua gracinha antes de sair:

— Ainda estou no jogo, irmão. — Levanto o dedo do meio para ele.

— Você vai me explicar direitinho essa porra toda — ela diz baixo, mas eu sei que cada

célula do seu corpo grita de ódio.

— Ela quer te desestabilizar, amor. Não deixe que ela consiga interferir entre nós — falo praticamente suplicando e me aproximo dela.

— Nem mais um passo, Júlio Gouvêa. Eu sei o que ela quer e acredite, está conseguindo. Quando foi isso?

— Amor... Deixe isso pra lá...

— EU FIZ UMA PERGUNTA! RESPONDE! — Aldria grita, histérica.

— Duas semanas antes de eu terminar com ela e te procurar no *pub*.

Ela continua parada, me olhando. Por um momento eu acho que ela não entendeu o que eu disse, até ela soltar um grito, vir para cima de mim com todo seu ódio e começar a me estapear.

— Pare! Aldria... Amor...

Eu tento me defender e pará-la sem usar minha força, mas ela simplesmente está descontrolada. Ameaço segurar seus pulsos e ela se esquivava.

— Eu te odeio! *Te odeio! Te odeio!* — E aquilo começou a doer. Não sua agressão física, mas suas palavras.

Eu senti sua angústia e eu sei que, em seu lugar, estaria louco de ódio. Eu iria matar o filho da puta que tivesse tocado nela. Por muito menos eu arrebentei a cara do babaca do Henrique.

— Eu te amo! — falo enérgico e isso a para.

Ela se afasta de mim e ri. Um riso que não alcança seus olhos.

— Isso não é amor. Isso é loucura. Eu tô fora! Fora! — Ela levanta os dois braços em sinal de rendição, e pela primeira vez em muito tempo eu tive medo.

Ela estava desistindo de nós. Estava desistindo de tudo que vivemos, por mais maluco

que fosse.

Eu não podia permitir isso.

Eu não deixaria isso acontecer.

Aldria Garcia

Desistindo. Eu estou desistindo dessa loucura.

Viro para sair e quando alcanço a maçaneta da porta, sinto as mãos de Júlio circularem minha cintura, encostando-se à porta e unindo seu corpo ao meu.

Sua respiração está ofegante. Tento me soltar a todo custo, mas ele me prensa na porta e por seu tamanho e força, acabo não tendo sucesso.

— Eu não vou permitir que você desista de nós.

— Você não tem mais direito nenhum sobre mim.

— Eu sou seu noivo.

— Não seja um babaca, Júlio. Esse noivado nunca existiu.

— Pra mim isso sempre foi certo.

— Até um mês e meio atrás, enquanto fodia aquela loira nojenta?

— Eu tive que fazer coisas que não queria, Aldria. Fazia parte da minha vida... Da minha rotina.

Ele me solta e me vira de frente para ele. Eu o encaro e vejo em seus olhos, medo.

— Você percebe o quão louco é tudo isso? Nós temos um histórico fodido. Você me esconde coisas, tem uma ex maluca sua na minha cola e ainda me pede em casamento para os meus pais. Meu Deus! Quem ouvir isso, no mínimo, nos chamaria de ridículos.

— É muito louco, sim. Eu finalmente tenho a mulher que eu sempre amei nos meus braços, estou tentando e lutando a cada passo para superar tudo que passamos, estou tendo que lidar com escolhas que fiz no passado por julgar que eram corretas, mas eu não fazia ideia do peso de suas consequências. Mas eu não acho nada disso ridículo, não quando eu tenho você do

meu lado.

Por que esse filho da mãe tinha que ser formado em Direito? Ele tem lábia e sabe falar tão bem. Já até me esqueci do que aconteceu que me deixou tão puta com ele dessa vez. Solto um “foda-se” contido e avanço sobre ele, que me recebe de braços abertos.

Eu busco sua boca com necessidade e ele me responde da mesma maneira. Nós nos devoramos e consumimos tudo que podemos dentro desse beijo.

Suas mãos descem pelas minhas costas alcançando o topo da minha bunda e sem cerimônia alguma, ele desce a mão, me erguendo do chão.

Júlio nos leva até a mesa de bilhar e mais do que depressa tira minha blusa e eu desabotoo sua calça. Ele desce sua língua pecaminosa pelo meu queixo e pescoço, fazendo com que eu gema no processo.

Suas mãos acariciam meus mamilos por cima do *sutiã* e bruscamente ele abaixa o bojo de ambos, tocando meus seios desnudos. Ele abaixa sua boca para eles e eu forço minhas costas para frente para que ele tenha total acesso na sua empreitada.

— Deliciosa...

Eu amo seu toque e principalmente quando ele intercala com seu vocabulário sacana, o que acontece sempre. Estando de saia, Júlio enfia as mãos no vão das minhas pernas, abrindo-as ainda mais e leva seus dedos a minha intimidade, puxando a calcinha de lado e me tocando lá.

— Já está toda molhadinha... Adoro... Ahhh, linda. Quando eu acabar com você, não saberá nem seu nome.

Jesus, Maria e José! Estou arruinada.

Júlio se abaixa, ficando cara a cara com minha vagina. Ele puxa meu quadril mais para frente e eu ofego. Ele me olha lá de baixo e me dá seu sorriso sacana. Meu coração dispara e eu sinto que o ar me falta.

Ele sabe muito bem os efeitos que me causa, e para testar seu ponto, começa a me dar

lambidas sutis, suaves, somente provocando. Eu gemo frustrada e ele ri.

— Me chupa! — peço, pegando em seu pescoço e forçando-o próximo da minha área necessitada. Ele entende o recado e para de me enrolar, devorando com gosto o que eu lhe oferto de bom grado.

— Adoro seu gosto. Sou viciado. — Ele continua lambendo e me deixando a cada minuto mais próximo da borda.

Quando ele para seu ataque, eu solto um lamento, mas não tenho tempo de protestar. Ele me tira da mesa e vira-me de costas, baixando meu tronco para que eu apoie nela.

— Empina esse rabo gostoso pra mim, vai! — Sua voz grossa pelo tesão me deixa ainda mais excitada.

Ele passa a mão em minha fenda e se afasta. Logo eu sinto seu membro roçando minha entrada e sem aviso nenhum, ele se enfia em mim.

Ambos gritamos de prazer e ele estoca em mim com força e pausadamente. A cada avanço eu sinto meu corpo chacoalhar. Escuto seu gemido em cada impulso e meu prazer começa a transbordar.

— Preciso de mais. — Era para sair como uma ordem, porém, na minha ânsia de necessidade, sai em lamento.

— É isso que você quer? — Ele pega meu cabelo e puxa com força, fazendo meu tronco arcar para trás.

Suas estocadas ficam intensas e ritmadas, fazendo com que eu chegue à borda do abismo rapidamente.

— Issooooo... — falo.

— Então toma! — ele grunhe em meu pescoço, ainda mantendo seu aperto no meu cabelo e me segurando pela cintura.

Ele aumenta seu ritmo, fazendo minhas pernas tremerem quando meu orgasmo chega. Escuto seu grunhido em meu ouvido alertando-me que ele também está próximo.

Sinto seu pau inchar dentro de mim e logo ele se derrama em meu interior, enquanto eu ainda sinto os espasmos do orgasmo alucinante que acabei de sentir.

Estamos cobertos com uma manta que minha mãe costuma deixar na sala, para os dias de frio. O tapete felpudo e as almofadas acabaram nos servindo de cama, depois da foda alucinante na mesa.

— Precisamos sair daqui antes que seu pai nos ache — diz ele acariciando meus cabelos.

— Relaxe. Já estamos vestidos — tranquilizo-o.

— Mesmo assim. Ele não vai gostar disso.

— Imagina se ele descobre que poucos minutos atrás você fodeu os miolos da filha dele naquela mesa — falo fingindo indignação e como resposta ele dá um beliscão no meu traseiro.
— Ai!

— Não seja atrevida!

Como eu estava deitada em seu peito, levanto-me parcialmente apoiando minha mão em seu peitoral firme e meu queixo em minha própria mão.

— Impossível — falo enrugando o nariz.

— Linda! Você é a coisa mais linda que eu já atropelei — ele fala com um sorriso sincero.

— E você é o garoto mais marrento que já passou na minha vida — digo rindo, mas percebo que ele tenciona o corpo.

— Garoto, hein? — Sorri sem graça.

— Ei! Aquilo não foi verdade e agora você sabe disso.

— Sim, eu sei. — Ele acaricia meu rosto e levanta a cabeça me dando um beijo estalado.

— Me conte alguma coisa — eu não pergunto, simplesmente digo.

Entendendo aonde quero chegar, Júlio solta o ar com pesar e torna a respirar. Continuo olhando-o, tentando mostrar uma calma que realmente não estou sentindo.

— Eu não quero envolvê-la nessa merda.

— Mais do que já estou? Júlio, você me negando informações, me faz pensar coisas erradas sobre você e a lambisgoia. Aquele vídeo está rondando minha cabeça e eu não estou nem um pouco feliz com isso.

— Eu sei. Eu... Eu sei, linda. Olha! Depois que tudo aconteceu há sete anos, eu segui minha vida. Não vou mentir, tive inúmeras mulheres e fiz diversas coisas. Mas eu nunca mantive nada com Isabela, nunca lhe dei esperanças.

— E como acabou namorando-a logo que voltou de vez para o Brasil?

— Eu não pretendia. Não queria, na verdade. Quando voltei, minha intenção era me aproximar de você e, talvez, conseguir resolver nossas questões para que pudéssemos ficar juntos.

— Você ia me procurar?

— Sim. Era minha nova meta na vida. Reconquistar você.

— Que fofo! — falo e me aproximo dando um beijo, que ele tenta aprofundar, mas eu o corto. — Continue.

— Poucos dias depois de desembarcar no Brasil, a polícia federal me procurou. Eles estavam monitorando a família Montenegro, mais especificamente o pai de Isabela, Denis Montenegro, senador da República. Como Isabela sempre manteve contato comigo, eles acharam interessante que eu, como tenho conhecimento pela minha formação na área de políticas

públicas, pudesse me infiltrar no convívio do Senador.

— Você é um espião! — constato, surpresa.

— Mais ou menos isso. — Ele ri da minha declaração. — Na verdade sou um colaborador da justiça. Infiltrei-me e por esses dois anos eu tenho “namorado” Isabela para colher informações valiosas para os Federais.

— Sei. E por que terminou agora?

— Porque consegui o que eles queriam. Denis Montenegro finalmente está sendo acusado de corrupção ativa, lavagem de dinheiro, entre outras coisas. Minha parte estava feita, então recebi meu passe livre.

— E por que você ainda está ligado a Isabela?

— Eu não estou ligado a ela, linda. Mas há complicações dentro disso. Montenegro me quer como seu advogado, já que é minha especialidade e por motivos óbvios eu não posso pegar seu caso. Além do mais, Isabela era mais esperta do que prevíamos.

— Por quê?

— Ela tinha conversas minhas gravadas com os federais. Provas de que eu passei informações do Senador para a polícia.

— Meu Deus! Você corre perigo! Deveria estar em algum tipo de programa de proteção à testemunha ou fora do país.

— Calma, amor. Não é bem assim. — Ele se levanta quando vê que estou ficando agitada com tudo isso.

— Ele é perigoso. Pode te fazer mal. E se Isabela gostava tanto de você, por que está fazendo isso?

— Isabela é mimada. Está se sentindo com o poder nas mãos e quer brincar.

— Mulher enganada é um perigo, Júlio. Não a subestime.

— Não estou. Estou ganhando tempo enquanto os federais tentam descobrir exatamente o que ela tem e, principalmente, onde está.

— E sua segurança? A qualquer momento ela pode abrir o bico e o Senador pode tentar alguma coisa.

— Fique tranquila. Estamos protegidos.

— Estamos?

— Sim. Temos seguranças por perto o tempo todo.

— Isso me inclui? — Me altero.

— Mas é claro que sim!

— E como você não me fala nada?! — Levanto-me, indignada.

— Não havia necessidade de te preocupar. Só estou te contando tudo isso para que não pense besteiras daquela doida e eu.

— Ah, então você não pretendia me dizer que tenho um segurança na minha cola, que eu nem sabia que existia?

— Era necessário — ele diz simplesmente.

Não consigo responder, pois alguém bate à porta e Júlio vai até ela atender.

— Caio.

— Senhor, pode me mostrar novamente a mensagem enviada?

— O que está acontecendo?

— Nada, Srta. Garcia.

— Uma pinoia que não é nada!

— Aldria! — Júlio me chama a atenção.

— Eu quero saber de tudo — falo com todo meu atrevimento.

— Tome, Caio. Aconteceu alguma coisa? — Ele ignora meu protesto e entrega o aparelho a Caio, que checa alguma coisa.

— Sabia! — ele fala e vira o celular para Júlio.

Júlio toma o celular para verificar o que Caio apontou e o segurança de Antônio pega outro celular do bolso e tecla alguma coisa.

— Código vermelho. Redobre o perímetro. — Ele encerra a ligação. — Senhor, é melhor acionar os federais.

— Júlio, o que está acontecendo? — Olho-o assustada e por algum motivo ele sai do seu estado de choque e vem até mim me abraçando.

— Calma, linda. Nada vai te acontecer. Nada! — Ele abraça-me, acariciando meu cabelo e beijando o topo da minha cabeça.

— Me diz... — peço em um sussurro.

— Na mensagem que Isabela me mandou, ela pergunta se minha noiva iria gostar de saber sobre o vídeo. Nós noivamos hoje à tarde, amor. Ninguém sabia. — Eu me afasto dele, encarando-o assustada.

— Ela está aqui? — pergunto, concluindo um pensamento.

— Provavelmente, senhorita. Senhor, sugiro que voltemos o quanto antes. Estamos vulneráveis demais aqui.

— Tudo bem.

— Eu não vou partir! Chegamos ontem.

— Já arrumamos as malas. — Antônio entra no ambiente, anunciando sua decisão.

— Faremos o mesmo — Júlio responde a Antônio, mas seu olhar está em mim.

— Isso é um exagero! — digo, cruzando os braços.

— Não. Não é, Aldria. Você já contou a ela? — Antônio pergunta a Júlio, que assente

com a cabeça. — Ótimo! Então você sabe que estamos falando de um dos homens mais influentes no país e que para evitar uma prisão, ele faria qualquer coisa. Ainda não sabemos ao certo o que a filha maluca dele tem, mas o fato é que você é o alvo principal. — O olho assustada.

— Eu? Mas eu pensei que fosse o Júlio.

— Porra! Antônio, cale a merda da boca! — Júlio vem até mim, abraçando-me. — Calma, amor. Não é bem assim.

— Ela precisa saber do perigo que a cerca — Antônio profere.

— Ela é minha mulher e eu decido o que, quando e como — Júlio vocifera e Antônio só o encara impassível.

— Senhores, vamos manter a calma. Já acionei os *sombras* e vamos seguir viagem imediatamente. Srta. Garcia, pode dizer a seus pais que surgiu um problema na empresa de Antônio que requer a atenção de toda a assessoria da Gouvêa. Assim, não levantamos suspeitas.

— Estou me sentindo uma fugitiva.

— Não por muito tempo, linda. — Júlio esfrega meus braços para me acalmar.

— Aldria, preste atenção! Vega, Lucca e Amanda não sabem o que está acontecendo e prefiro manter assim — Antônio menciona. — Para eles usarei minha empresa como desculpa. Isso deve funcionar.

— Tudo bem. Mas o que você quis dizer quando citou que eu sou o alvo de Isabela?

— Não é óbvio? Você tem o que ela quer — ele diz isso e levanta o queixo, sinalizando em direção a Júlio.



O silêncio no carro é mortal. Para não levantar suspeitas, viemos João, Caio, eu e Júlio em um carro, e no outro o restante do pessoal.

Minha conduta e cara espantada provavelmente alertariam os demais e aí sim, nossa volta para casa seria uma confusão.

Meus pais ficaram surpresos com a emergência a ser atendida, mas pelo pouco que contava a minha mãe da minha intensa rotina no trabalho, não foi difícil convencê-los.

Mais difícil foi enrolar Vega. Aquela lá tem cinco antenas ligadas na cabeça e ela sabe que Antônio estava mentindo em relação a problemas na empresa.

Deixei esse problema jumbo para ele resolver. Eu tinha questões demais para pensar. A coisa era mais complicada do que imaginei, já que Isabela não era somente a ex-namorada pegajosa, ela era uma criminosa igual ao seu pai.

Ainda estou muito intrigada com o que Antônio disse na sala de jogos. Eu sou o alvo dela, sendo assim, qual a moeda de troca que ela está exigindo de Júlio?

— Linda, você está bem? — Júlio coloca a mão sobre minha perna dando um leve aperto, conseguindo me tirar de meus pensamentos nebulosos.

— Sim, estou — me limito a responder.

Viajamos calados pela maior parte do tempo. Eu não me sinto com medo, também pudera, além do nosso carro e de Antônio, temos mais dois carros à frente e dois atrás, com o que eles chamam de *sombra*.

Caio deu uma rápida explicação sobre eles, dizendo que levam esse nome, pois são seguranças que trabalham disfarçados e camuflados. Nem mesmo os protegidos sabem onde eles estão e como estão lhe guardando.

Quando deixamos o aeroporto no jatinho de Antônio, sinto como se um peso saísse de meus ombros. Fiquei muito tensa durante a viagem. Depois da revelação de Júlio e a movimentação com a mensagem da maluca, eu não consegui mais relaxar.

— Vai me falar o que está se passando na sua cabeça? — Júlio me questiona.

— Nada e tudo. Estou pensando em tudo que me revelou, o que descobri, nossa retirada imediata do que deveria ser nossas férias. Estou cansada.

— Viu?! Por isso não queria te revelar nada e deixá-la preocupada de bobeira.

— Não é nada. E além do mais, eu tinha o direito de saber.

— Sim, você tinha.

Júlio Gouvêa

Três dias de merda e nenhuma resposta. Isabela simplesmente desapareceu. Os rastreadores que estavam na cola dela perderam o contato dias antes de viajarmos e, ao que parece, esqueceram-se de repassar isso ao Caio.

Quando voltei, imediatamente procurei por Alexandre e expliquei tudo que aconteceu. Ele disse que foi um alarde desnecessário e que isso não caracterizava perseguição ou algo do tipo.

— Você está brincando comigo? — Esmurro a mesa. Ele como sempre em sua postura fria, não move um músculo com minha explosão.

— Baixe a bola, garoto! Ela só quer provocar você e sua namorada, que pelo jeito estão caindo.

— Vá à merda! — Levanto-me com brusquidão e saio dali.

Algo não bate nessa história toda e eu vou descobrir. Por mais que tenha subestimado Isabela, eu a conheço desde a infância. Ela não teria mente para arquitetar e recolher provas contra mim.

Alguém a estava ajudando e eu, com certeza, pegaria o filho da puta.

Aldria tem estado estranha e calada. Isso tem mexido ainda mais com meu temperamento. Para mim é fácil lidar com a Aldria tempestuosa, atrevida, bocuda e impertinente. Esse silêncio da parte dela não me cheira nada bem.

— Bom dia, companheiro! — Eduardo entra na minha sala.

— Bom dia! — resmungo, mexendo em alguns papéis.

— Um passarinho me contou que alguém está de casamento marcado.

— Posso saber quem foi o passarinho? — Encaro-o e não transpareço boa vontade no comentário.

— Mal casou e já está azedo. Uau!

— Vá à merda! — Eduardo solta uma risada e senta-se à minha frente.

— Falando sério, meu amigo. Fico muito feliz por você. Ainda mais que sei parte do sofrimento que foi a história de vocês.

Logo que voltei de viagem, procurei por Eduardo e contei parcialmente meu histórico com Aldria e Isabela. Denis Montenegro ainda tentava a todo custo falar comigo e conseguir que meu escritório pegasse sua causa.

Achei melhor revelar parcialmente o que estava acontecendo, assim eu não corria o risco de Eduardo tomar alguma atitude que não devesse.

— Obrigado — falo com sinceridade.

— Mas como nem tudo são flores, meu amigo, soube por fonte segura que Montenegro está na cidade.

— Puta que pariu!

— Pois é. Melhor você se preparar, pois eu tenho certeza de que ele irá bater à nossa porta.

Aldria Garcia

— Quero um cappuccino com bastante canela — faço meu pedido a Fabinho da cafeteria e sento-me com Lola.

— Srta. Garcia, precisa dar um retorno ao Sr. Ferraz. Ele anda ligando insistentemente atrás da senhorita.

— Pois diga a ele que sua assessoria já está montada e isso não me inclui — falo olhando para a tela do meu celular, aproveitando para checar alguns e-mails.

— Mas ele insiste que a senhorita...

— Lola! — Levanto meu olhar para ela. — Diga a ele que sou ocupada demais e que não tenho tempo para pessoalmente atender às necessidades da empresa dele.

— Acredito que ele queira atender às próprias necessidades — ela diz com um risinho conspiratório.

Isso me faz rir. Balanço a cabeça em negativa e volto para meu celular.

— Então... Eu fiquei sabendo que a Srta. e o Sr. Júlio irão se casar... — Ela entra no assunto sem jeito.

— Lola, corta essa de senhorita e senhor! Somos praticamente da mesma família. Ou não?

Ela me olha com pesar.

Acho que perdi alguma coisa. Lola remexe-se na cadeira e passa a mão no beiral da mesa, condenando seu desconforto.

— Lola? — Cruzo as duas mãos sobre a mesa e encaro-a.

— Não, senhorita. Não somos... Não mais...

— Ok. Sinto que perdi alguma coisa. Pode me esclarecer.

— Eu terminei com Olavo. — Seus olhos transparecem sua dor e eu os vejo marejar com lágrimas que querem sair.

— Como assim? Vocês estavam bem quando saímos de viagem e isso durou três dias — falo indignada.

— Eu o peguei com outra, em seu apartamento. — O olhar doído que ela sustentava ganha um brilho diferente. Uma chama ardente, mostrando sua raiva com a situação.

— Safado! — falo um pouco alto demais, chamando a atenção dos que estão à nossa volta.

— Sim. O importante é que agora é passado e eu sigo com minha vida. — Ela limpa o canto dos olhos. Lola quer mostrar força e eu a admiro por isso.

— Isso aí, garota! Não se deixe abalar por um sem vergonha.

Ela assente e mudamos o foco do assunto para coisas mais amenas, ou nem tanto. Falamos sobre meu casamento, que por sinal eu ainda não olhei as centenas de mensagens e e-mails de Vega, que resolveu assumir o cargo de madrinha do ano e preparar tudo em tempo recorde.

Saímos do café rindo das mensagens malucas que Vega me mandou às quatro da manhã, quando eu trombo em alguma coisa. Ergo meu olhar pronta para xingar e fico estática.

— Renan...

— Olá, boneca! — Ele segura minha cintura dando um aperto forte e sua outra mão vai para meu maxilar. — Fico feliz que tenha se lembrado de mim. Eu também pensei em você — a última parte ele sussurra em meu ouvido, arrepiando minha espinha com sua frieza.

— Me solta! — Tento falar, mas ele aperta ainda mais meu maxilar, causando dor.

— Avisa a florzinha que eu quero meu dinheiro ou ele vai perder algo que lhe custa

caro. — O homem tem a feição fechada, mas no final pisca para mim dando um sorriso medonho.

— Solte-a agora mesmo! — Ouvimos uma voz vindo de trás dele e ele me solta, olhando para onde chamam nossa atenção.

Um homem maior que ele, usando roupas casuais e com uma cara de tão mau quanto Renan, está parado bem próximo a nós.

— Calma, parceiro. Só estou cumprimentando uma velha amiga — Renan muda sua feição, tentando ser mais amistoso e levantando as mãos em sinal de rendição.

— Srta. Garcia, a senhorita está bem?

— Sim — limito-me a responder, sem entender como aquele homem sabe meu nome.

— Por favor, volte para a empresa com sua assistente. — Eu encaro a situação e acho que o melhor a fazer é partir e não questionar.

— Mande lembranças ao Lucca. — Escuto Renan gritar para mim, mas não lhe dou um segundo de atenção. Pego Lola pelo braço e seguimos de volta para a empresa.

Mal entro em minha sala e ela é invadida por Júlio e Caio. Meu ser infernal vem até mim.

— Amor! Você está bem? Ele te machucou? — ele fala, me inspecionando inteira.

— Eu tô bem! — tranquilizo-o, segurando suas mãos e olhando para ele.

— Graças a Deus. — Ele solta, me abraçando.

— Srta., poderia me descrever o que ele disse? Meu homem não pôde agir muito, pois estavam em público.

— Aquele desgraçado me paga e a filha maluca dele também — Júlio esbraveja.

— Calma, Júlio. Isso nada tem a ver com os Montenegro. Foi o Renan. Ele é um

conhecido de Lucca.

Caio e Júlio encaram-me, querendo mais explicações. Ouço uma batida na porta e por ela passa Lola, ainda um pouco assustada com tudo que viu.

— Srta., o Sr. Lucca está aqui para vê-la.

— Pode pedir para ele entrar. Lola! — Ela olha para trás antes de sair. — Você está bem?

— Sim, senhorita. — Assim como entrou ela sai da sala, parecendo um bicho acuado.

— Deusa? — Lucca entra apavorado, vem direto a mim e me abraça.

— Pode me explicar o que está acontecendo, Lucca. Por que minha mulher foi ameaçada no meio da rua? — Júlio fala enérgico e eu me afasto de um Lucca arrasado à minha frente para lhe direcionar um olhar duro.

— Não foi nada demais — amenizo a situação.

— É demais sim!

— Não é não! — esbravejo ainda mais com a insistência de Júlio.

— Sr. Lucca, preciso saber o que esse tal Renan representa nesta situação. Meu papel é garantir a segurança de vocês. — Caio toma a sensatez que lhe cabe e conduz a situação.

— Eu... Ele é um... caso. Um erro em minha vida. — Lucca senta na cadeira e apoia as mãos em suas pernas, usando-as de apoio para a cabeça.

Vou até ele me abaixando, fico de joelhos e acaricio sua perna. Escuto o primeiro soluço e isso aperta meu coração.

Conheço Lucca a tempo suficiente e nunca o vi chorando dessa forma. Mesmo com uma família negligente por sua opção sexual, amores que entraram e saíram de sua vida, eu o nunca vi abalado.

— Amigo, me fala o que está acontecendo.

— Eu não posso. Sinto vergonha.

Sinto uma lágrima escorrer do meu rosto. Sempre fui forte o suficiente por mim, pois tinha meus amigos como meu pilar. Ver um desses pilares desabar à minha frente, deixa-me aterrorizada.

— Estaremos lá fora — Júlio anuncia saindo da sala com Caio.

Ficamos assim por um tempo. Ele escondendo seu rosto entre as mãos e eu ali, de joelhos, acariciando suas costas e perna, tentando passar força e coragem para acalmá-lo.

— Ele não é o que pensei que fosse. Aquela briga que presenciou foi nosso término. Descobri que ele não estava tão dentro da relação assim como eu.

— Canalha!

— Se fosse somente isso seria ótimo. Eu seguiria em frente como sempre fiz. O problema é que descobri que ele não era somente um agenciador de festas e baladas. Ele mexe também com a parte obscura da coisa.

— Como assim?

— Ele é receptador de drogas nesses eventos. Ganha para infiltrar drogas pesadas nessas festas e lucrar com isso.

— Mas ele mencionou dinheiro que você devia a ele.

— Ele só quer jogar com minha mente, deusa. Ele sabe que eu sei do seu esquema e quer garantir que eu não abra o bico.

— Lucca, ele é perigoso. Você precisa se proteger. Quem sabe abrir um processo contra ele. Podemos conseguir uma ordem de restrição. Posso falar com Júlio...

— Não! — Ele levanta-se bruscamente. — Não quero envolver ninguém nisso. Já me sinto envergonhado o bastante.

— E você vai ficar quieto?

— Eu darei meu jeito. — Ele se vira para mim com pesar nos olhos. — Me perdoe, minha deusa. Não era para isso ter te atingido.

— Não tem que se desculpar. — Vou até ele dando um abraço apertado. — Estamos juntos para qualquer coisa.

— Sempre!

— Sempre! — concordo.

Nós nos despedimos com a promessa de um jantar em breve, já que agora passo mais tempo no apartamento de Júlio do que no meu.

Manterei meus olhos atentos e abertos.

Tem tanta coisa acontecendo em minha vida ultimamente que tenho sido um pouco negligente com meu amigo, mas isso vai mudar.

Vou mostrar a ele que estarei aqui para o que precisar.



Capítulo 23

É bom que todo mundo entenda, não é, querido?!

Júlio Gouvêa

Mais de quinze dias se passaram e ainda nada da Isabela. Denis Montenegro está na cidade e por mais surpreendente que pareça, ele não nos procurou.

Os federais têm se mantido por perto, mas eu não tenho muitas esperanças de alguma ajuda vinda deles. Em paralelo, tenho trabalhado e contado com a ajuda de Caio, que está com afinco buscando por informações.

Olho para o quarto que é coberto pela penumbra da noite. Vejo um movimento na cama e a fraca luz do abajur me mostra minha linda. Ela se mexe, buscando algo no lado em que durmo.

Puxando o travesseiro, ela o abraça e volta a ressonar calmamente. Sorrio com a cena. Fico feliz em saber que mesmo em seus sonhos ela me procura.

Sua necessidade por mim tem a mesma proporção da que sinto por ela, e o homem das cavernas que me habita, infla ao perceber isso.

Fomos feitos um para o outro.

— Pare de me olhar e vem deitar. — Escuto sua voz rouca pelo sono chamar minha atenção.

— Como parar de olhar pra essa boceta linda que você tem? — provoco e ela imediatamente fecha as pernas. Solto uma risada alta.

— Seu tarado!

— Por você. — Aciono a minha caixa de som do quarto e *Far Away*, Nickelback, preenche o ambiente. E, claro, que a escolha não poderia ser mais perfeita.

Deito na cama e Aldria como sempre se aconchega a mim, jogando uma perna sobre as minhas, fazendo com que eu me sinta em casa. Não existe problema que tire a minha paz quando

a tenho em meus braços.

— Sua mãe me ligou hoje. — A não ser esse problema.

— Mesmo? — Eu sabia que ela tinha ligado. Ela também me ligou uma centena de vezes para reclamar que Aldria não está tão empenhada assim nos preparativos do casamento.

— Ela está me deixando maluca — ela reclama e eu sorrio com seu tom. Sei que está sendo cuidadosa por se tratar da minha mãe.

— Calma, amor. Ela só está nervosa por ter pouco tempo para resolver tanta coisa.

— Era para eu estar nervosa, não ela. Eu sou a noiva! — ela fala, indignada.

— Só mais um mês e tudo acaba. Estaremos casados e felizes. Tudo pronto pra amanhã? — pergunto sobre o jantar de ensaio que minha mãe quis marcar.

Como não fizemos um jantar de noivado e eu não dei oficialmente um anel à minha noiva, minha mãe programou esse jantar de ensaio para oficializar a coisa toda.

— Sim. Meu vestido será lindo.

— Você é linda de qualquer jeito. — Ergo seu queixo e a beijo.

De repente Aldria levanta correndo, tropeçando entre os lençóis e corre para o banheiro, fechando a porta. Fico parado sem entender ao certo o que houve e escuto um barulho vindo do banheiro.

— Aldria! Está tudo bem? — Me levanto indo para perto da porta.

— Sim... Eu... — Ela não termina de falar e eu entro no banheiro.

Rapidamente me aproximo dela segurando seu cabelo, enquanto ela vomita no vaso sanitário.

— Amor, calma, eu tô aqui. — Ela continua vomitando e tenta me afastar.

— Vai embor... — Mais vômito.

— Não vou a lugar nenhum. — Afago suas costas.

Quando o enjoo passa eu a deixo por um minuto, indo abrir o chuveiro. Testo a água vendo se está em uma boa temperatura, volto-me para ela tirando-lhe a minha camiseta que está usando.

— Quero escovar meus dentes — ela fala, passando por mim e eu vou até o armário da pia e pego seu kit higiene que fica na gaveta.

— O que foi isso, minha linda? — pergunto, preocupado.

— Não sei. Tenho estado assim na última semana. Deve ser o estresse de casamento e *Isacobra*.

— Pois então a esqueça! Ela não vai chegar perto de nós. E sobre o casamento, vou conversar com minha mãe. Ela vai pegar mais leve — falo para tranquilizá-la.

— Aumenta essa música e venha tomar um banho comigo. — Escuto o som fraco vindo do quarto e reconheço *All Of Me*, John Legend, tocando em uma versão de piano e violino.

Como um bom apaixonado que sou, obedeco a minha mulher e vou até o aparelho aumentando um pouco o volume e volto para o banheiro, tirando minha cueca e entrando no chuveiro para banhá-la.

Mesmo sob meus protestos, não ficamos somente no cuidado do banho. Aldria me testa e tenta até que eu cedo aos seus desejos e a possuo no chuveiro.

Seu mal-estar foi embora e seu fogo vem com força total. Como sou um mero vagalume à procura de luz, me queimo nela e por ela.

— Sem desculpas, Eduardo. É meu jantar de ensaio e você tem que ir. É meu padrinho, porra! — falo, saindo do escritório.

— Nos vemos lá, noivo! — ele desdenha de mim.

— Logo, logo, marido. E muito feliz. — Aponto o indicador para cima e continuo meu caminho. Meu amigo fica para trás, rindo

Deixei Aldria no apartamento sob os cuidados de Célia. Mesmo ela protestando mil motivos pelos quais deveria ir trabalhar, eu não permiti.

Assumi suas funções na empresa no período da manhã e com Lola me auxiliando, ficou mais fácil. Bom, fácil até Olavo invadir a sala de Aldria para tirar satisfações com Lola sobre Henrique.

Confesso que fiquei muito feliz em saber que Henrique e Lola estavam juntos. Isso tirava metade do peso das minhas costas em saber que aquele babaca pudesse estar de olho na minha mulher.

E pelo meu irmão, só lamento. Ele foi um idiota se deixando guiar por seu pau e agora tem que aguentar as consequências disso.

Digito uma mensagem para Aldria informando que logo estarei em casa. Alcanço o estacionamento e estou distraído no celular, não percebendo dois homens se aproximarem de mim.

— Sr. Júlio? — Ergo minha cabeça e paro, percebendo que algo estranho está acontecendo.

— Sim?

— Preciso que o Sr. nos acompanhe.

— Acho que não. — Aciono a tecla de pânico no meu celular. Cortesia de Caio.

— Eu acho que o Sr. não quer prejudicar sua noivinha.

— SE VOCÊS TOCAREM EM UM FIO DE CABELO DELA, EU...

— Não chame atenção! Venha e tudo ficará bem.

— Tudo bem — concordo apertando meu celular e a maleta em minhas mãos.

— Deixe suas coisas no carro. Será rápido.

Bufo e vou até meu carro destravando-o e deixando as coisas no banco. Volto para os dois gorilas e antes de me permitirem entrar no carro sou revistado.

— Pode entrar. — Ele abre a porta do carro preto, modelo importado.

Cada um entra de um lado, me deixando no meio. Um terceiro gorila estava na direção e assim que as portas se fecham, ele coloca o carro em movimento.

Passamos poucas quadras e entramos em um estacionamento de carros de andares. Ele circula o estacionamento até chegarmos ao último, que coincidentemente tem as luzes apagadas.

Vejo ao longe uma figura imponente da qual me recordo muito bem.

Denis Montenegro.

Mesmo na merda ele mantém a pose de fodão.

Desço do carro ajustando meu paletó. Não demonstro medo, até porque não é isso que sinto no momento. Minha vontade é socar a cara desse filho da mãe, ladrão de uma figa e jurar sua morte por tentar ameaçar a mim e minha família.

— Ora, ora. Se não é o meu ex-genro.

— Como vai, Denis? — Aperto sua mão estendida.

— Não tão bem. Tem visto os jornais?

— Sempre. — Coloco minhas mãos no bolso.

— Então já sabe que estou fodido e preciso de toda a ajuda possível.

— Onde quer chegar, Montenegro?

— Quero você como meu advogado.

— Impossível.

— Por quê? Por minha filha? Mas vocês nem têm mais nada. Não há mais vínculo, então não vejo problema.

— Mesmo assim não seria certo. Além do mais, estou sobrecarregado nas empresas e ainda tenho uma viagem para logo — falo impassível.

Ele me analisa e solta uma risada sarcástica me encarando.

Continuo na mesma postura.

— Claro. Você vai se casar com... Aldria, não é?

— Sim.

— Eu lhe desejo meus mais sinceros votos, meu amigo. Espero que esse casamento realmente se concretize.

— Não somos amigos, Montenegro. E o que você está querendo dizer com isso?

— Nada. Só que muita coisa pode acontecer em um mês e meio. Sabe como é... Imprevistos acontecem. — Ele dá de ombros, como se o que acabou de dizer, não fosse uma ameaça. — Pense no que eu disse, garoto. Você tem uma semana.

Ele finaliza o assunto e vira as costas, entrando em um carro parecido com o que eu vim. O carro que me trouxe o segue e só depois disso eu consigo respirar.

Vejo um carro encostando próximo a mim e não preciso olhar para saber que se trata de Caio.

— Conseguiu gravar?

— Sim.

— Ótimo! Vamos aos federais — digo entrando no carro.

— E seu jantar?

— Dará tempo.

Aldria Garcia

— Já ouvi dizer que é tradição a mulher atrasar na cerimônia, mas no jantar de ensaio eu não sabia que era costume de o homem fazê-lo — Lucca comenta na roda em que está Vega, Amanda, ele e eu.

— Não me deixe mais nervosa, ok?! — falo entre dentes, pois todos me olham com o mesmo questionamento.

Onde está meu noivo?

— Calma, Aldria. Ele deve ter tido algum imprevisto — Vega ameniza.

— De quase uma hora? — De novo me altero e olho para os lados sorrindo.

— Ouvi de fontes seguras que ele está com Caio — Amanda comenta na roda, conspiratória.

— Com Caio? Fazendo o quê? — Vega questiona.

— Isso eu não sei. — Amanda dá de ombros.

— Para tudo! Que coisa mais deliciosa é aquela entrando pela porta? — Nós três nos viramos ao mesmo tempo para saber o que encantou a libélula do grupo.

— Eduardo — comento, indo em sua direção.

— Apresentaaaa... — Lucca cantarola atrás de mim e eu acabo rindo.

—Aldria. Está linda! — ele me cumprimenta com um meio abraço e dois beijos no rosto. — E onde está o noivo do ano?

— É já que ele chega. Teve um imprevisto. — Rio sem graça. — Venha, quero lhe apresentar à madrinha e também aos meus amigos.

— Tudo bem.

Levo Eduardo até nossa roda e começo apresentando-o para minha madrinha de casamento. Ele a cumprimenta da mesma forma que fez comigo, então lhe apresento Amanda.

Ele faz o mesmo gesto e quando o direciono a Lucca, seu rosto se fecha e ele fica parado e estático, olhando-o.

— Olá para você também, querido. Sou a mãe postiça dessa deusa — Lucca brinca sem jeito e Eduardo parece acordar do seu estado hipnótico, resolvendo falar.

— Muito prazer. Eduardo Arantes. — Ele pega firmemente na mão do meu amigo, que parece sofrer de um ataque de pelancas.

— Aldria, querida. Venha comigo. A sobrinha da tia-avó materna do Júlio quer muito te conhecer — minha futura quase sogra me chama pela décima vez e eu vou de bom grado conhecer mais um parente que surge do nada.

— Fique à vontade, Eduardo. Lucca, faça companhia a ele — falo com um sorriso conciliador e meu amigo pisca para mim, entendendo o recado.

— Eu vou com você — Vega se prontifica.

—E eu vou vazar — Amanda fala, nada delicada.

Passo pelo menos trinta minutos ouvindo sobre todo o histórico familiar dos Gouvêa e de como sou sortuda em ter Júlio em minha vida. O menino de ouro.

Eu concordaria com tudo isso, se meu ser infernal não estivesse quase duas horas atrasado para o próprio jantar de noivado.

— Calma, amiga — Vega se aproxima, sussurrando em meu ouvido.

— Eu estou tentando — respondo no mesmo tom.

— Ainda não acredito que Júlio vai se casar. Parece que foi ontem que estávamos brincando na casa da árvore.

Não gostei dessa garota.

— Mas ele vai, Rita. Júlio tirou a sorte grande de ganhar o coração da minha amiga aqui.
— Vega levanta minha ao perceber meu desconforto.

— Grande... É, temos que concordar, Vega — ela fala rindo e algumas pessoas acompanham sua piada relacionada ao meu tamanho.

Meu sangue sobe tão forte que quando dou por mim já bati a mão na mesa e estou de pé. Coloco a mão na cintura e a encaro.

— Grande, gostosa e fogosa! — Escuto aquela voz que me enlouquece e me acalma ao mesmo tempo. Ele circula suas mãos em minha cintura e me abraça por trás. — Ela é meu número — diz, beijando meu rosto.

— Olá, querido. — Viro-me para ele.

— Olá, meu amor. — Júlio beija-me castamente e fica me olhando. — Como consegue estar cada vez mais linda? — Ele traz um sorriso conciliador, e por mais que eu quisesse esganá-lo a menos de dois minutos atrás, a forma como ele me defendeu na mesa e o sorriso que me dá agora faz com que eu empurre momentaneamente tudo de ruim para mais tarde.

— Você também não está nada mal. — Deslizo meu olhar para seu corpo e essa é minha má jogada. Sinto um calor inundando minha intimidade e me deixando queimar feito brasa a frente de todos.

— Comporte-se! Mais tarde eu sacio esse fogo que vejo em seus olhos. — Ele me beija e eu rio de seu comentário.

— Meu filho. Graças a Deus chegou! Onde estava? Você está atrasado, sabia?! — Dona Rute quebra nossa bolha feliz e voltamos à realidade do jantar maçante.

— Calma, mãe! Já estou aqui. Tive uns contratemplos — Eu busco o olhar de Júlio que confirma minhas suspeitas. Era algo relacionado aos Montenegro.

— Tudo bem! Agora venha. Acompanhe Aldria nas mesas e socialize um pouco. — Ela beija seu rosto e sai andando pelo salão.

— Ela está mais ansiosa que nós — afirma ele, sorrindo.

— O que houve? Que contratemplos foram esses? — O sorriso de Júlio morre aos poucos e ele se aproxima de mim, passando as costas da mão em meu rosto.

— Nada que tenha que se preocupar, minha linda.

— Mas que merda, Júlio! — Elevo a voz, chamando a atenção dos que estão à nossa volta.

— Xiuuu... Mais tarde. Isso é um jantar de noivado. *Nosso* jantar de noivado. Vamos aproveitar.

— Tudo bem. Mas não pense que eu vou esquecer.

— Venha cá, mulher atrevida. — Ele me abraça e começa a rodar-me no ar.

— PARE! PARE! — Eu rio e tento fazer com que pare, o que o faz continuar me rodando.

— Só paro se me der um beijo. — Seguro seu pescoço e ele vai parando de rodar, então eu o beijo com vontade, desejo e ardência.

Esqueço-me de quem está à nossa volta e aproveito o momento. O meu momento com o meu homem.

— É... O Júlio sempre foi o mais forte da turma. Aguenta uma sobrecarga. — Escuto a voz da irritante me provocando.

Júlio se afasta me colocando no chão e quando vira-se para a mesa, provavelmente para me defender do comentário preconceituoso da insolente, eu passo à sua frente e espalmo as duas mãos com força sobre a mesa.

— Escuta aqui, projeto de piranha — Ela e as outras pessoas que estão sentadas ficam espantadas com meu vocabulário. Pois é, eles não me conhecem —, você não faz a menor ideia da força do meu noivo para me sustentar. Isso que acabou de presenciar não é nada, queridinha.

Imagina quando estamos loucos de tesão e não aguentamos esperar até chegar ao quarto e ele me fode na primeira parede que vê pela frente. Ah, ele consegue sustentar todo esse peso aqui e quando termina, quer mais. — Ao final entorto a cabeça de lado e falo com ar conspiratório, como se a informação que eu tivesse acabado de dar fosse o acontecimento do século.

Acho que foi no mínimo reveladora, já que todos na mesa estão mudos e me encarando com os olhos esbugalhados.

— Muito bem. Já provou seu ponto, querida. Rita, vou pedir que se retire do jantar. Tenho grande apreço pela sua família, mas você desrespeitou não uma, mas duas vezes a minha futura esposa.

— Mas... Eu... — gagueja.

— Sem mais. Facilite as coisas, por favor. — Júlio faz sinal a um dos seguranças que se aproxima, e entendendo a situação, aguarda a tal Rita se levantar para escoltá-la.

Eu, que já voltei a minha posição normal, cruzo meus braços e observo enquanto a lambisgoia é escoltada para fora.

— Não precisava revelar nossa intimidade, amor — Júlio fala próximo ao meu ouvido, causando-me um arrepio na espinha.

— É bom que todo mundo entenda, não é, querido?! — Olho para ele e dou um sorriso forçado. Saio marchando para o banheiro.

Lucca

— Fotógrafo? Uau! Acho fascinante quem consegue passar emoção em seu trabalho.

— Acho que é uma questão de percepção. De estar atento ao que está à sua volta. Se algo vale a pena, você registra — falo bebendo um gole da minha *bud*.

— Eu diria que é bem mais que isso. Sou atento a minha volta, mas não sei se teria a sacada de pegar o ângulo certo para eternizar algo.

— Com o tempo você acostuma — falo e olho a minha volta.

Onde estão aquelas vadias quando eu preciso delas?

— Estou te entediando. Desculpe! — Eduardo fala, colocando seu copo de uísque sobre o balcão do bar.

— Não! Claro que não. É só que o dia hoje foi desgastante.

— Entendo. Vou lá fora tomar um ar. Quer vir?

Encaro Eduardo e muitas coisas passam pela minha cabeça. Ele é sócio do noivo da minha melhor amiga, um cara supereducado e de ótimo bom gosto, nota-se pelas roupas que está usando.

Eu sei que ele está me preparando para me enredar em seu charme. Já percebi.

O que ele não sabe é que eu sou quebrado para isso. Não quero mais transas de uma noite só e apenas curtir um momento, como muitos me propõem no meio que vivo.

Eu quero mais. Eu mereço mais.

— Acho melhor eu procurar as meninas — falo dando uma desculpa e percebo seu rosto se fechar em uma carranca.

— Calma, cara! Só estou querendo fumar um cigarro. Não vou te sequestrar. — Rio de

seu comentário.

— Ok. Sabe... Eu não tô a fim dessa coisa de uma noite e só. Estou cansado de flertes e joguinhos que no fim não dão em nada além de sexo. Quero alguém de verdade, entende?! Mereço viver algo real e verdadeiro e, mesmo que você esteja em achando superpiegas agora e provavelmente eu esteja sendo, eu sei que mereço mais. Você é um cara bacana, bonito e muito charmoso. Um perigo para alguém como eu.

Eduardo que até então me encarava, se aproxima e toca levemente meu queixo. Sinto um calor queimar o local por onde mão passou e quase solto um gemido por isso.

— Não te acho piegas e eu não sou homem de uma noite só. Jogos e flertes fazem parte de uma fantasia. É bom, mas só serve para instigar o outro. Sou muito direto naquilo que desejo, Lucca. E posso lhe garantir, eu quero você. E não acredito que uma noite vai ser o suficiente. Penso em algo mais interativo. Quem sabe um jantar, assistir a uma peça ou até um *show*. Nós podemos decidir isso juntos. — Ele ri e volta a ficar sério, mas seu olhar me transmite ternura. — Mas inevitavelmente, em algum momento, estaremos um sob a pele do outro. E eu aposto que isso — ele faz sinal de mim para ele com o dedo indicador — não será algo de momento.

Ele termina de falar e vira-se, caminhando para a porta de saída do *pub*. Eu que não havia percebido que estava sem respirar, puxo o ar para meus pulmões com força.

— Ei! O que houve? Você está vermelho — Amanda pergunta.

— Acho que ovulei. — Amanda me olha sem entender e eu passo meus braços por seu ombro. — Venha, vamos achar aquelas malucas e aproveitar a festa.

Entretenho Amanda com brincadeiras e piadas até encontrar toda a turma reunida em uma mesa. Sentamos para comer alguma coisa, mas minha mente não consegue abandonar as palavras daquele homem.

Intenso e determinado.

Será que finalmente eu vou conhecer o amor? Será que, dessa vez, a entrega valerá

pena? Será que Eduardo é o homem que eu sempre busquei nos lugares errados?

Não viaja, Lucca!

Sem sonhos e sem expectativas.

Viver um dia de cada vez. Esse é meu novo lema.



Capítulo 24

Ele tem que saber.

Júlio Gouvêa

Fazer o jantar de noivado no *pub* que nos encontrávamos à época da faculdade foi a melhor sacada que minha querida prima poderia ter do nosso casamento.

Minha última recordação daqui ainda é boa. Uma noite em que bebemos muito e Aldria dançou no palco do karaokê para mim e depois disso fomos para um motel e transamos feito loucos a noite toda.

Naquele dia eu já sabia que a amava, mas ainda era tolo e imaturo demais para admitir para mim e para ela.

Sei que a recordação dela não é das melhores, afinal, foi aqui que a Isabela deu seu primeiro golpe para nos separar. Ela se sentiu rejeitada e abandonada por mim e se eu pudesse, realmente apagaria isso de sua memória.

Quando Vega me chamou e disse sua ideia sobre o *pub*, sabendo que nos encontrávamos aqui à época da faculdade, eu achei excelente. Será minha maneira de tentar exorcizar da memória da minha linda, as lembranças ruins daquele tempo.

— Ela está linda! — declara João, encostando do meu lado no balcão do bar.

Ele aponta com sua cerveja para Aldria e eu sorrio. Sim, ela está linda.

Ela usa um macacão em cor areia. Um pano suavemente transparente e todo bordado com desenhos na mesma cor. Ele é de gola, porém com mangas cavadas que fazem uma abertura *supersexy* na altura dos seios. O forro do macacão vai somente até o topo de suas coxas. Abaixo o pano é totalmente transparente, deixando aquelas pernas que eu adoro me faltar, de fora.

Começo a ficar enciumado. Se eu estou vendo tudo isso e ficando excitado, tenho certeza de que os marmanjos em volta também podem ficar.

— Tire o olho! Ela é minha noiva.

— Oww... Relaxe, cara! Foi um elogio inocente. — Olho de canto e vejo o sorriso sacana de João enquanto ele leva um gole de sua cerveja à boca.

— Sei...

— Júlio, Caio me informou o que aconteceu. Como você pretende agir? — O sempre senhor de negócios, Antônio Machado, chega tapando minha linda visão da Aldria dançando na pista.

— Não pretendo fazer nada — falo desviando dele que não se toca e continua parado à minha frente.

— Como não? Montenegro lhe deu um claro aviso.

— Isso está com os federais.

— Besteira. — Agora é Caio quem se pronuncia.

— Por ora não posso fazer nada, ok?! Tenho os *sombras* de Caio prontos para agir, cuido para que principalmente Aldria não esteja desprotegida e sozinha, e mantenho meu olho aberto. Já passei para os federais e agora é aguardar. Se me dão licença, vou aproveitar meu noivado com minha mulher. — Deixo minha cerveja no balcão e vou para a pista de dança, recuperar minha noiva e tentar inibir todos de ficarem cobiçando-a.

Aldria Garcia

Estou na pista dançando com meus amigos, divertindo-me quando sinto um calor em minha nuca. Olho para trás e o vejo, meu ser infernal, vindo em minha direção com olhar predador.

— Oi — falo, passando minha mão por seus ombros enquanto ele enlaça minha cintura.

— Oi, delícia! Você está incrível nessa roupa e eu estou ficando com ciúmes do tanto de homem que provavelmente está de pau duro te olhando. — O encaro chocada e começo a rir.

— Você não existe. — Dou um tapa em seu braço.

— Eu não menti. Essa porra de roupa deveria ter mais pano nas pernas e aqui. — Ele passa a mão no vão do meu decote e eu me arrepio.

— Comporte-se, Sr. Gouvêa! — falo com cara de safada.

— Ah, eu vou. Vou me comportar direitinho — diz, passando sua boca pela minha mandíbula e descendo para meu pescoço. Ouço seu gemido e ele se afasta. — Merda! Tô duro!

— Oh, coitado! Morrendo de peninha de você, amorzinho — desdenho dele e num movimento, me vira de costas para sua frente, fingindo uma dança. Ele esfrega sua ereção em mim e isso faz com que toda a graça que eu estava achando morresse.

— Que foi amor? O gato comeu sua língua? — pergunta em meu ouvido.

— O gato não, mas você... bem que poderia. — Aproveito a música lenta e rebolo minha bunda, causando ainda mais atrito entre nós.

— Você é uma safada gostosa — ele diz isso e se afasta de mim.

Quando viro para trás, não o vejo e fico confusa. Uma luz foca em mim e eu vejo que as pessoas que dançavam a nossa volta se afastam, abrindo um espaço no meio.

Sorrio sem graça e vejo Júlio ao longe, vindo em minha direção com uma flor branca na mão. Ele chega próximo, mas não muito.

— Oi — fala sorrindo e é aquele riso do garoto tímido que se esconde atrás da fachada de advogado fodão.

— Olá — sussurro, tomando-me pela timidez.

— Há muito tempo eu sonho com isso. Com esse momento. Finalmente ele chegou, minha linda. E eu estou perdido nas palavras. — Ri e eu também. — Eu não sou um cara bom com palavras românticas, sou um homem de fatos. Então eu tentei buscar por algo que simbolizasse você em minha vida e encontrei o lírio branco.

— Eu sou uma flor — falo sorrindo.

— Sim. Você é a flor mais bela que apareceu em minha vida, Aldria. O lírio é a flor do amor. Tanto do atingível como do passionai, que simboliza a glória do amor em sua plenitude. Essa flor possui um dos perfumes mais inebriantes que existe. Ela ajuda na produção de endorfina, que é responsável pela sensação de tranquilidade e bem-estar em nosso organismo. Nosso momento de felicidade.

— Humm... Interessante, Sr. Botânico — digo rindo para ele.

Ele sorri com meu comentário e olha dentro dos meus olhos.

— Você é minha flor. Meu amor. Minha plenitude. Minha endorfina. Meu momento feliz. — A cada frase dita ele se aproxima de mim, até ficarmos cara a cara.

Sua mão roça meu rosto e ele limpa uma lágrima que estava ali e eu não havia percebido.

— Eu...

— O branco representa o perdão, a pureza, a paz e a lealdade. E isso é tudo que lhe peço e lhe dedico, minha linda. Perdão por tudo que passamos e pelo que ainda poderemos passar. Cultivemos juntos a pureza de nossos sentimentos. Fique ao meu lado e seja minha paz, como eu

quero ser a sua. E, finalmente, que a lealdade esteja sempre presente em nossos atos. Aldria Garcia, você aceita se casar comigo? — Ele termina a frase se ajoelhando aos meus pés e me estende o lírio branco.

Eu pego a flor e a cheiro. Meu rosto banhado em lágrimas e num fio de voz, consigo responder à sua pergunta.

— Sim. — Sorrio e me curvo, pegando seu rosto em minhas mãos e beijando-o intensamente.

Ele se levanta rapidamente e me ergue em seus braços, me girando pelo salão. Escuto uma música ao fundo, Lifehouse, *You And Me*. Ele me põe de volta no chão e começa a se mover lentamente.

— Eu te amo. — Sai tão naturalmente que não me dou conta que essa é a primeira vez que digo isso em voz alta.

— Obrigado. — Ele sorri e vejo toda a emoção que ele sente.

Beijamos calmamente um ao outro e aproveitamos para sentir esse momento, assim exorcizamos juntos todos os desacertos que nos cercaram até hoje.

Júlio me empurra contra a porta assim que consigo abri-la. Ele me prensa contra ela e começa a passar suas mãos pelo meu corpo.

— Júlio... Temos que conver... — Ele vira minha cabeça na direção de sua boca, calando-me num beijo ardente.

Suas mãos alcançam o topo das minhas coxas e ele as infiltra por entre minhas pernas, acariciando minha intimidade. Eu gemo e ele continua seu ataque ao meu pescoço, enquanto suas mãos trabalham lá embaixo.

— Júlio... Espera... Ju... Oh, Deus... — Vira-me bruscamente e encarando meus olhos, se afasta tirando o paletó que está vestindo.

— O que foi, minha linda? — Júlio começa a desabotoar sua blusa e a sombra de seu tórax malhado começa a despontar na camisa.

Respiro fundo tentando me recompor e lembrar que preciso conversar com ele.

— Precisamos conversar. — Reúno minhas forças quase inexistentes e me afasto da teia de luxúria que meu amado noivo cria facilmente em torno de mim.

— Agora? Onde foi parar o nosso costume de primeiro fodermos e depois discutirmos pra voltar a foder de novo? — ele lamenta, vindo atrás de mim na cozinha.

— Você quer voltar ao que éramos alguns meses atrás, amor? — pergunto enquanto pego água na geladeira.

Sirvo um copo cheio e quando me viro para a bancada, Júlio está com as duas mãos espalmadas nela, olhando-me intensamente com seu cabelo desganhado e a camisa parcialmente aberta, revelando o corpo gostoso que ele tem.

— O que quer dizer com isso? — Ele aperta os olhos para mim.

— Nada. Mas se você quer retomar aos velhos costumes, temos que fazer a coisa toda. Eu volto para meu apartamento, nós nos alfinetamos sempre que possível e você me nega informações, como sempre fez.

— Ah! É isso! Ainda está brava por eu ter me atrasado.

— Não, não estou brava e também não é pelo seu atraso. Quero que me conte o que aconteceu. E não venha me enganar, Júlio Gouvêa! — Tento passar firmeza em cada palavra dita, para que ele entenda que não ficarei no escuro.

— Tudo bem. Tive uma reunião de última hora com Denis Montenegro. Ele quis apresentar todo o caso dele para mim na tentativa de me convencer a representá-lo perante a justiça.

— Só isso? — questiono, desconfiada.

— Sim, amor. — Ele contorna a mesa e se aproxima de mim, enlaçando minha cintura e passando seu nariz no meu. — Ele está desesperado. Chegou de surpresa e eu não poderia simplesmente mandá-lo embora. Tentei ser sutil, mas deixei claro que não poderei representá-lo.

— Sei... — Ainda não acredito totalmente, mas a verdade é que Júlio não teria porque mentir para mim.

— Agora podemos foder? — ele pede, beijando meus lábios e os chupando.

— Posso pensar no seu caso.

— Vou lhe dar um incentivo. — Morde meu pescoço e eu começo a me pender em seu magnetismo.

— Merda! — Mais ânsia e mais vômito.

Não aguento mais passar mal. Acho que tudo isso que tem acontecido nos últimos meses tem alterado drasticamente meu emocional.

Saio do banheiro coletivo e vou até a pia, jogando um pouco de água na nuca e nos pulsos. Acho que minha pressão caiu.

Escuto um baque na porta e mal tenho tempo de ver Vega passando por mim e entrando em uma cabine.

— O que houve? — Como resposta, escuto-a despejar tudo no vaso.

— Eita! *Tá* passando mal também? — Ouço o barulho da descarga e uma Vega pálida e com olheiras sai da cabine.

— Oi, amiga. Desculpe, eu tive uma emergência. — Ela dá um sorriso amarelo e vai até a pia lavar o rosto.

— Sem problemas. Eu também tenho passado por isso. Acho que todo o estresse tem mexido comigo.

— Ah, não! Eu não estou nervosa. Amiga, eu estou grávida! — Vega solta a notícia e começa a bater palminhas e dar pulinhos no banheiro.

Eu daria meus parabéns a ela, se eu não estivesse agora mesmo fazendo mentalmente as contas de quando venceu minha injeção contraceptiva.

— Amiga? Aldria, você está bem? — Vega estala os dedos e eu acordo do meu momento de desespero.

— Eu... Meu Deus, amiga. Parabéns! — A abraço e a felicito.

— Obrigada. contei ontem para Antônio. Ele me levou para um passeio de helicóptero comemorando nossos três meses de casado e eu não aguentei a emoção e acabei falando.

— Nossa! Que bacana! — De repente algo que Vega disse me desperta. — Espera! Você disse três meses? Tem três meses que você se casou?

— Sim. Por quê?

— Ferrou! — Bato a mão na minha testa — Vega, eu preciso ir. Avisa a Lola que não volto hoje.

— Tudo bem. Não esquece que amanhã é a última prova do vestido. Faltam cinco dias para o seu casamento, *chica* — ela grita do banheiro enquanto eu saio esbaforida.

Preciso de um teste, urgente!

— Doutor, olha direito isso. Deve haver um engano! — falo, desesperada.

— Não há engano algum, Aldria. Sua injeção venceu há quatro meses. Tentamos marcar uma consulta, mas você estava sempre ocupada e remarcando.

— Era época do casamento da Vega. Eu estava ajudando e assumindo uma batelada de

coisas na empresa. Não tinha tempo para mais nada — falo em forma de justificativa.

— Tudo bem, sem problemas. Mas se você iniciou um relacionamento fixo com alguém e pelo que disse, bastante ativo, é mais do que normal isso ter acontecido.

— Mas essas coisas não têm um prazo para sair do nosso sistema?

— Obviamente que não! E pelo seu exame de urina, sim, você está grávida. Vou lhe receitar algumas vitaminas e marcar em algum dia da próxima semana para que retorne com o resultado dos exames de sangue que vou lhe prescrever. Tudo bem?

Só concordo com a cabeça. Eu não tenho raciocínio.

— Ótimo! Aqui estão os pedidos, suas receitas e alguns panfletos do que pode ou não fazer a partir de agora. Lembre-se, você carrega alguém aí dentro e ele precisa de todos os cuidados.

Despeço-me do meu ginecologista que me atendeu depois do escândalo monstruoso que fiz na recepção do consultório. Acho que ele entendeu minha emergência e resolveu ceder ao meu apelo. Ou gritos.

A partir do momento que o médico confirmou minha gravidez, eu passei a agir no automático. Não consigo pensar em mais nada. Eu achava que tudo entre eu e meu ser infernal estava intenso e rápido demais, mas de qualquer maneira, se algo desse errado eu largaria tudo e voltaria para minha antiga vida.

Claro que sofreria feito uma cadela sarnenta. Mas eu seguiria em frente e buscaria outro caminho para minha vida.

Um filho?

Isso torna as coisas muito mais verdadeiras, concretas e sérias. Tenho medo de ele não querer isso. É tudo tão novo. Ele pode não querer.

Respiro fundo. Nunca me acovardei na vida por nada. Não é agora que vou começar com isso.

Só há uma maneira de saber como ele vai lidar com essa nova situação em nossa vida:

Ele tem que saber.



Chego ao escritório do Júlio e não vejo o assistente na entrada. Acho isso estranho já que meu ser infernal é rigoroso com o método de trabalho daqui.

Passo direto pela recepção e quando me aproximo da porta de seu escritório, ouço vozes alteradas.

— Você achou que eu não sabia, garoto? Achou que poderia enganar essa raposa velha?
— Aproximo-me da porta para ouvir melhor.

— Eu não sei do que você está falando, Montenegro. — Levo minha mão à boca pelo susto.

— Não me venha com essa. A escolinha que você está entrando eu já sou formado. Eu te dei cinco dias para vir de bom grado até mim. Nada melhor que o garoto que ajudou os federais a me ferrar, agora defender minha causa.

— Mesmo que isso fosse verdade, o que mudaria?

— Quase nada. Mas a satisfação de fazê-lo pagar por tentar me enrolar não tem preço.

— Eu não vou aceitar!

— Claro que vai! Você não quer que nada de mal aconteça a sua noivinha, não é?! —
No meu desespero de poupar meu ser infernal de cometer uma burrada, invado a sala.

— Ele não vai fazer merda nenhuma pra você!

— Aldria! — Júlio tenta vir até mim, mas Montenegro está mais perto e me segura pelo braço, tirando uma arma de suas costas.

— Fique bem aí, heroizinho. Olá, moça. — Ele me encara dos pés à cabeça.

— Desculpe. — Olho para Júlio que parece atônito e anda de um lado para o outro.

— Acho que estamos prontos para um acordo, não é, garoto?! — O senador aponta a arma que está em sua mão para minha cabeça.

Sinto o cano pressionar em minha têmpora e Júlio para de se mover, nos olhando estático. Um medo descomunal me toma. Recordo-me então de que vim aqui para dar a notícia de que ele será pai.

Na ânsia de proteger meu bebê, levo minhas duas mãos à barriga a fim de tentar protegê-lo de alguma forma. Júlio olha nos meus olhos e seu olhar desce para minha mão.

Ele parece entender o que se passa e me olha novamente, mas agora com ternura nos olhos.

— Então, garoto? O que vai ser?

— Tudo bem! Eu assumo seu caso. Quero saber o que realmente precisa de mim. Solte minha mulher. Ela não tem nada a ver com isso.

— Ela fica até selarmos nosso acordo. Quero que me defenda publicamente e, por baixo dos panos, preciso que recupere as provas existentes contra mim.

— Você está maluco?! Quer que eu roube provas da polícia federal? Como?

— Isso é problema seu. Fale com seus amiguinhos, suborne, ameace ou mate se for preciso! Eu quero meu nome limpo! — Ele me solta e eu vou para perto de Júlio.

— Aldria! — Júlio me recebe em seus braços e me segura apertado.

— Estou com medo — sussurro próximo de seu ouvido.

— Calma. Vai ficar tudo bem. — Ele beija minha testa e volta-se para Montenegro, me

colocando mais atrás de si.

— Linda cena. Faça o que eu disse ou sua noivinha pode sair para um passeio e não mais voltar. — Montenegro coloca a arma de volta nas costas quando escuto um estrondo da porta sendo aberta e vários homens encapuzados passam por ela.

— Perdeu, patrão! — Ouço o primeiro homem falar e mais quatro rodeiam o Senador com armas em punho.

Olho para a porta e vejo Caio entrando com um homem mais velho. Ambos usam coletes e roupas pretas e, por mais que a coisa esteja tensa, sinto um calor subindo em minhas pernas.

Droga de hormônios!

— Acabou, Montenegro — o homem mais velho fala e um dos homens encapuzados revista o Senador, tirando-lhe a arma.

— Alexandre... Por que estou tão surpreso?

— Realmente eu não sei, senhor. E também não dou a mínima. Levem-no. — Os homens encapuzados obedecem ao tal Alexandre e levam o agora ex-senador.

— Vocês estão bem? — Caio pergunta, vindo até nós.

— Sim. — Júlio me abraça. — Cacete! Como ela entrou aqui, Caio? Você não tinha um *sombra* junto dela?

— Tinha. Mas quando me ligou dizendo que Montenegro batia à sua porta eu direcionei todos para cá — diz ele tranquilamente, fazendo Júlio bufar.

— Sr. Gouvêa, obrigado pela ajuda nesses últimos dois anos. Sua parte finalmente está concluída. — Olho espantada para Júlio. Então é por isso que quando ele voltou, não veio atrás de mim. Ele assumiu um caso como espião dos federais.

Uau! Isso é quente.

Que coletes e roupas pretas!

— Como conseguiu finalmente prendê-lo? — Júlio pergunta ao tal agente.

— Depois da declaração dele aqui nesta sala, foi fácil. Quando começaram as ameaças de Isabela e levando em conta que ela não era muito esperta, descobri que meu ex-colega estava envolvido com ela e era ele quem estava passando as informações.

— Filho da mãe!

— Sim. Mas infelizmente isso é comum nesse meio. O fato de Isabela ser apaixonada por você facilitou para termos uma brecha. Ela tentou usar isso para separar vocês, mas também passou a informação para o pai. Então investiguei paralelamente e peguei de onde vinha o vazamento.

— E o que aconteceu com ela?

Não aguento a curiosidade e pergunto.

— Ela ainda não foi localizada, estamos trabalhando nisso. Ela vai responder por obstrução da justiça e quebra de informações sigilosas — ele responde.

— Obrigado, senhor — Júlio estende a mão, cumprimentando o agente.

— Na verdade, agradeça ao Caio. Foi ele quem me ajudou paralelamente nessa investigação, o que facilitou bastante as coisas. — Ele se despede e sai da sala.

— Obrigado, Caio — Júlio o cumprimenta.

— Não foi nada. Paguei a dívida. — Júlio e eles riem de alguma piada que eu não entendo.

Ele também se despede e sai da sala, deixando eu e meu ser infernal para trás.

— Acabou? — pergunto e sinto meus olhos marejarem. Acho que toda a adrenalina que acabei de passar está finalmente se dissipando e eu sinto meu corpo amortecer.

— Sim. Calma, minha linda. Isso não fará bem ao bebê.

— Eu sei... Eu só estou... — Perco a fala e quando olho para cima, Júlio ostenta um lindo sorriso. — Como você sabe? — pergunto, espantada.

— Percebi quando levou as mãos à barriga, como se estivesse protegendo algo importante. Também me lembrei de que tem andado bastante enjoada, então só liguei os fatos.

— Um homem de fatos, não é?! — falo, enlaçando seu pescoço.

— E apaixonado. Agora, deixe-me ver isso. — Ele me afasta e se ajoelha à minha frente, acariciando com as duas mãos minha barriga.

— Ei, garotão! Eu sou seu pai. Estou doido pra te conhecer. Você será muito amado, meu filho. — Finaliza beijando minha barriga.

Sinto minhas lágrimas caírem. Nunca imaginei viver uma cena dessas e eu me tomo por uma felicidade sem tamanho.

— Como sabe que é menino? Pode ser uma garotinha — falo e ele levanta, segurando meu rosto entre suas mãos.

— Deus não seria tão cruel a ponto de me mandar uma garotinha atrevida e marrenta assim como você. — Acerto um soco em sua barriga. — Au!

— Foi pouco, seu idiota! — Ele ri e me abraça novamente.

— Vem, vamos embora. Você já passou por coisas demais no seu estado.

— Ah, por favor! Eu estou grávida e não doente.

— E eu agora sou um pai de família. Meu dever é zelar pelo bem-estar de vocês — ele fala enquanto me puxa pela mão para a saída.

Eu paro e ele olha para trás. Ficamos assim por um tempo até que ele toma a iniciativa e se aproxima de mim. Júlio acaricia meu rosto assim como eu faço no dele.

— Isso vai dar certo? Quer dizer... Foi tudo tão repentino. Agora eu sei o real motivo de você se manter afastado por tanto tempo. Primeiro, aquela maluca brincou com nosso orgulho;

depois, você foi chamado para fazer algo que julgava correto.

— Sim. Eu não podia te falar e te colocar em um risco maior. Quando voltei, eu só procurei por Isabela e fiquei com ela, pois estava envolvido com a polícia federal buscando informações para prender Denis Montenegro.

— E isso levou dois anos? Por que me procurou há poucos meses se ele ainda não estava preso?

— Porque eu já estava liberado por eles para seguir adiante, mas pelo que descobri, Isabela saber que eu estava envolvido no esquema a fez querer jogar também e isso acabou sendo o golpe de misericórdia para ela, Montenegro e o agente corrupto.

— Você não respondeu minha pergunta — falo alisando seu paletó.

— Se isso vai dar certo? Claro que vai!

— Como você sabe? — Eu o encaro em desafio.

— Porque eu sou obstinado, meu amor. E você? Você é minha atrevida gostosa, que adora testar meus limites e isso só faz com que eu me apaixone ainda mais.

— Venha cá, meu obstinado delícia! — O agarro e beijo sua boca com vontade.

Meu ser infernal corresponde da melhor maneira. Suspende-me pela bunda e coloca-me sobre sua mesa. Ele me beija intensamente. Boca, queixo, pescoço e vai descendo para meu colo.

— Eu preciso de você... — falo segurando o cós da sua calça, puxando seu cinto para abri-lo.

— Você me tem. — Ele se afasta puxando meu vestido para cima e o tira pela minha cabeça. — Gostosa! — fala, se aproximando de mim novamente em seu ataque sensual.

Consigo abrir seu zíper e puxo seu membro para fora da calça.

— Venha... — Eu o direciono para minha entrada.

— Calma, amor! Deixe-me prepará-la.

— Já estou pronta, Júlio! Me fode! — Me irrita com sua negação.

— Sempre com pressa. Foi você quem pediu. — Ele segura seu membro, esfregando-o em minha entrada.

Isso não seria necessário, pois já estou molhada, mas não deixa de ser delicioso. Ele fusta minha calcinha para o lado e desliza para dentro de mim, preenchendo toda minha carne necessitada.

Sinto meu interior pulsar à medida que ele avança e uma sensação de êxtase me toma. É como se finalmente tudo estivesse em seu devido lugar.

— Delícia... — solto com um gemido e Júlio busca minha boca.

Beijamo-nos ardentemente e ele começa a se mover vagarosamente dentro de mim. Sinto cada centímetro dele me tocando e me tomando nos pontos certos.

Uma ardência gostosa se forma no fundo do meu ventre me fazendo desejar mais intensidade. Não preciso explicar isso, pois meu ser infernal aumenta a pressão de suas estocadas, estimulando essa ardência que só faz crescer dentro de mim.

— Isso. Geme pra mim! — ele pede com a voz rouca e entrecortada.

Fecho meus olhos, tomada pelo prazer, e Júlio segura meu rosto com as duas mãos.

— Olhe pra mim! — ordena e eu obedeço. — Eu te amo! — Ele agora estoca brutalmente em mim e isso me leva para o nirvana.

Gozamos juntos e intensamente. Uma sensação de satisfação e bem-estar nos invade. Ficamos assim até que os espasmos se dissipam e nossas respirações tomam um ritmo mais coeso.

— Eu te amo — falo sorrindo e ele me olha sacana.

— Ah, eu estou vendo que vou amar essa gravidez — ele diz isso e sai de mim indo para o lavabo que fica em sua sala.

— Por que diz isso? — pergunto alto para que ele me escute.

Escuto o barulho da torneira e logo Júlio retorna recomposto em sua vestimenta e com um pano na mão.

— Porque você vai ficar ainda mais fogosa e eu pretendo usar muito desses hormônios em ebulição — ele fala enquanto me limpa lá, e eu solto uma gargalhada.

— Seu bobo!

Júlio pega meu vestido, colocando-o de volta em mim e me tirando de cima de sua mesa.

— Sou um apaixonado — ele fala beijando meu nariz. — Venha! Temos uma ótima novidade para contar a todos.

Engraçado como em poucos minutos de medo e apreensão, resolveram-se questões tão pesadas e enraizadas entre nós.

Cheguei aqui pensando e ponderando tudo que vivemos em sete anos e o que estávamos vivendo há poucos meses. A insegurança que estava me cercado por todo esse tempo simplesmente se desfez.

Realmente ele não foi o cara mais correto comigo, mas ele também não me feriu propositalmente. Ele tentou agir corretamente com sua consciência e seu caráter. Acabou causando mágoas para ambos, mas sua determinação nos trouxe aqui novamente.

Agora eu sei que posso viver plenamente um amor.

O meu amor.

O único amor que eu me permiti viver há sete anos e que me acompanha desde então. Idas e vindas aconteceram e nos tomamos por sentimentos negativos e situações confusas, mas nunca deixou de ser verdadeiro o que eu sempre senti desde que esse garoto obstinado caiu em cima de mim à época da faculdade.

Mal entramos no apartamento e ele é invadido pela tropa inteira. Todos falando ao mesmo tempo e meu bom humor, recuperado pela foda espetacular que eu tive no escritório, começa a sair de cena para dar lugar a minha habitual irritação.

— CALEM A BOCA! — Todos me olham espantada. — Por favor... — falo agora com calma, sentando no sofá.

— Minha deusa, você está bem? — Lucca vem até mim e se ajoelha à minha frente. — Me diz que está? — pede, aflito.

— Amiga, o que aconteceu, por *Dios*? Estou preocupada com você!

— Pequena, não se altere. Olha o bebê. — Ela olha para Antônio dando um sorriso conciliador.

— Acalmem-se! Aldria está ótima. Eu jamais permitiria que algo acontecesse a eles. — Júlio fala atrás de mim, colocando uma mão em meu ombro.

— Eu sei Júlio, mas ela é minha amiga e, poxa, eu fiquei preocupada. Lembra do que passei no sequestro? — ela fala, exagerada como uma boa espanhola que é.

— Espera. Você disse “eles”? Quem são eles, Júlio? — Amanda que até então se mantinha calada de pé na sala, alerta-os para algo que Júlio falou.

— Bem, gente. Eu... Eu estou grávida! — falo, cantando no final, e todos me encaram, sérios. Isso não dura nem dois segundos, quando Vega e Lucca me puxam num abraço coletivo e me parabenizam.

— Não acredito! Minhas deusas estão esperando pequenos deuses. Eu vou ser tio! — Lucca ri e me olha com os olhos cheios d’água.

Eu e Vega, que estamos uma bomba de emoções agora, começamos a chorar e Amanda vem me dar um abraço.

— Parabéns, futuro papai! — Antônio dá aquele típico abraço de homens em Júlio, que retorna o cumprimento.

— Olá. A porta estava aberta, então entrei. Espero não estar atrapalhando nada. — Eduardo aparece na sala em seu típico terno de grife e sua postura educada e charmosa.

— Pode entrar, meu amigo. Hoje é dia de festa.

— É mesmo? Posso saber o motivo de tanta alegria?

— Eu vou ser pai! — Júlio enche a boca para contar a novidade e isso faz com que eu me apaixone ainda mais por ele.

— E eu também! — Antônio aproveita o gancho.

— Nossa! Meus parabéns! — Eduardo vai até Júlio lhe dando um abraço e repete o gesto com Antônio.

— Aldria, querida. Meus parabéns! — Ele vem até mim me abraçando e vira-se para Vega. — Sra. Machado, minhas felicitações a você. — Ele pega sua mão, mas Vega em seu ímpeto espanhol, o abraça apertado.

— Pequena, já chega. — Antônio se aproxima da esposa. *Possessivo.*

— Não se preocupe, amor. Ele é namorado do Lucca — Vega solta a bomba e tanto Lucca como Eduardo ficam vermelhos.

— COMO ASSIM? — eu e Amanda perguntamos ao mesmo tempo.

— Sua linguaruda! — Lucca xinga Vega, mas depois sorri para Eduardo.

— Sim, somos namorados — Eduardo fala se aproximando de Lucca e coloca a mão sobre seu ombro.

— Que lindo! — dizemos as três.

— Já que estamos todos em casais, vamos sair pra jantar hoje? — indago me levantando.

— Como assim em casais? Amanda está sozinha — Lucca fala.

— Ué, Caio também está, então um acompanha o outro. — Resolvo o empecilho.

— Não é necessário, Srta. Eu estou a trabalho — Caio se pronuncia.

— E é claro que eu não iria com esse idiota. — Amanda abana as mãos, mas eu noto seu desconforto.

— Amanda! — Antônio brada com ela.

— O que foi? Já saí da sua asa, não foi? Agora me deixe!

Ela é muito petulante.

— Tudo bem. Depois resolvemos isso. Agora preciso de um banheiro e de algo pra beliscar. A fome me toma — Vega fala e todos dão risada.

Passamos o resto da tarde jogando conversa fora. Júlio abre o jogo e conta para todos como foram esses últimos dois anos e seu envolvimento em um caso policial.

Lucca e Eduardo parecem estar se entendendo e isso alegra meu coração. Meu amigo merece alguém que lhe proporcione a alegria de viver e parece que Eduardo sabe exatamente como fazer isso.

Observo Amanda muito calada. Por vários momentos ela direciona seu olhar para o canto da sala onde Caio se mantém mais afastado.

Eu não sei o que rola ali, mas que rola algo, isso eu tenho certeza.

— Aldria, gostaria de ter uma palavrinha com você — Eduardo me fala e eu estranho.

Vamos para a área de estar, um pouco longe de todos e assim podemos ter mais privacidade para conversar.

— Pois não, Eduardo. O que precisa de mim?

— Gostaria de saber se poderia depor a favor de Lucca na ação de restrição que abri em seu nome contra o Renan.

— Você moveu uma ação? Lucca sabe? Ele aceitou? — Fico pasma com a notícia.

— Sim, ele sabe. É que ele não queria te envolver, mas como foi com você que aconteceu aquela cena na rua e também presenciou a briga deles no apartamento, seria de grande valia sua participação.

— Sim, claro! É só dizer quando. Eu faria qualquer coisa por meu amigo.

— Eu sei. Que bom! Eu te aviso da data do depoimento. — Ele faz a menção de sair, mas eu o chamo.

— Eduardo, eu gostaria de pedir que... Eu gostaria de pedir que cuide do meu amigo. Lucca é precioso demais e tende sempre a ver somente o lado bom das pessoas e isso pode prejudicá-lo — falo um pouco acanhada.

— Fique tranquila, Aldria. Eu só quero o melhor para Lucca.

— Sim. Que bom! — Ele vira-se para sair. — Mas saiba que estou fazendo aula de tiro e acerto um alvo facilmente — digo e escuto sua risada grossa.

— Recado anotado, deusa! — ele fala com desdém no final e ambos rimos da situação.

Acho que meu amigo está em boas mãos e garantir isso me deixa muito mais tranquila.



Olho-me no espelho e realmente gosto do que vejo.

Uma grande garota realizando seu sonho de menina.

Cresci com valores morais rígidos e firmes, mas sempre senti que minha mente era diferente de tudo. Essa necessidade de mostrar o que eu sou e a que vim, sempre foi latente em meu peito.

Claro que como toda mulher, sempre sonhei em me vestir de branco e depois que conheci meu ser infernal, ninguém mais ocupava o lugar do príncipe encantado além dele.

Mesmo achando que todo príncipe no fundo é um “Dom Juan”, eu sempre quis vivenciar meu final feliz.

Olho através do espelho e vejo Vega passando pela porta. Minha amiga, praticamente irmã, está radiante.

— Olá, *chica!* — Me viro e vejo seus olhos marejarem.

Sinto o mesmo acontecer comigo e ela corre em uma mesinha, pegando lençinhos para ambas.

— Temos que nos controlar.

— Pois é. Droga de hormônios!

— Vim até aqui lhe desejar toda a felicidade do mundo, minha amiga. Eu sei que essa

faixa de durona é só por fora e no fundo você queria tudo isso mais do que qualquer outra pessoa. — Fico séria e a encaro. — Quero que saiba que ainda vou descobrir toda a história que ronda vocês dois, mas também quero que saiba que eu não poderia ter pensado em par mais perfeito para ambos. Vocês se completam. São opostos e iguais na mesma proporção. Eu desejo do fundo do coração que sua felicidade seja exatamente igual a que descobri ao lado do meu arrogante gostoso.

— Obrigada. — Não consigo dizer mais nada.

Ela se aproxima e delicadamente passa o lenço por onde uma teimosa lagrima caiu. Abraçamo-nos carinhosamente, sem provocações ou recusas de minha parte.

Ela é mais que minha amiga. É uma irmã.

— Agora vou deixá-la terminar de se aprontar. Não se atrase muito. Soube que Júlio está surtando no altar ao lado dos padrinhos.

Rio concordando e penso que eu bem que poderia demorar um pouquinho só para deixá-lo agonizado.

Fico sozinha novamente e me viro para o espelho, ajeitando meu cabelo e dando uma repaginada na cara de choro. A Vega me paga por fazer-me entrar no casamento com a cara inchada.

Noto um movimento atrás de mim e, sem me virar, me pronuncio:

— Não adianta falar mais nada. Eu não vou mais chorar, sua boboca! — Viro meu corpo rindo e já prevendo as respostas da Vega.

Meu riso morre e meu corpo todo se petrifica com quem está à minha frente.

Em um lindo vestido nude ajustado em seu corpo, o cabelo todo trabalhado em um penteado que valoriza seu pescoço alongado e uma maquiagem marcante. Embora ornamentada para a ocasião, ostenta um sorriso abertamente debochado. Isabela!

— Que merda você está fazendo aqui? — indago, mudando completamente meu humor.

— Nossa! Quanta hostilidade! Eu só vim dar meus parabéns, queridinha! — ela fala com uma mão na cintura e a outra escondida atrás de seu corpo.

— Já deu! Pode ir embora.

— Que isso, Aldria?! Era para eu estar ofendida já que você roubou meu homem. — Ela muda a face, mostrando raiva no momento.

— Você é louca! Eu nunca lhe tirei nada, até porque — Agora sou eu quem faz cara de deboche —, esse homem nunca foi seu.

— Não era isso que ele dizia toda vez que gozava em mim, queridinha! — Vejo vermelho.

Avanço sobre a lacraia segurando em sua garganta. Ela tentar conter minha mão do aperto em si, não obtendo sucesso. Vejo que a outra mão que ela escondia, traz uma faca bem afiada que tenta aproximar do meu pescoço, mas consigo impedi-la a tempo.

— Pare com isso, sua doida! — falo, segurando-a com uma mão pelo pescoço e a outra contendo seu braço para que não avance para minha jugular.

— Você... Você é uma maldita! Tirou tudo de mim. Meu pai está preso, eu não tenho ninguém... Você tinha que aparecer na vida dele?

Seus olhos me queimam de ódio.

Lembro-me da minha real condição e como isso pode prejudicar meu filho. Num ímpeto de loucura e desespero, giro meu corpo. Como sou maior que ela, isso a faz se desestabilizar e eu a lanço no chão.

Procuro pela faca que seguiu o mesmo caminho que a dona, mas não a vejo.

— Sua vaca, gorda, nojenta! — ela grita do chão.

— O seu problema foi perder um homem ou foi perdê-lo para uma gorda? — pergunto para ela.

— Eu nunca perco. Nunca perdi. Principalmente para uma coisinha ridícula e horrorosa feito você.

— Queridinha, acho que você está com sérios problemas de dor-de-cotovelo — falo com desdém.

— Até parece. Olhe para mim... Eu sou linda!

— Por fora pode até ser. Mas é podre igualzinho ao seu pai.

— NÃO FALE DO MEU PAI!

Isabela levanta num ato totalmente impensado e de descontrole, avançando sobre mim. Uma das coisas que aprendi nas poucas aulas que fiz na academia que Júlio frequenta, é nunca atacar com fúria, pois você fatalmente errará.

E é isso que acontece.

Isabela tenta avançar em mim e todos os sete anos de frustração e raiva que eu sinto dela, mais a soma do meu peso, fazem meu braço ser arremessado no meio da sua face em forma de soco.

Nocaute!

— ALDRIA! — Vega entra correndo no quarto quase me atropelando.

— Que susto, cacete! — digo com a mão no coração.

— Eu vi uma loira suspeita passando por mim, mas não imaginei que essa cobrinha teria a coragem de aparecer.

— Apareceu e tentou me matar.

— Que vaca! Eu daria nela, se já não estivesse desmaiada. O que você fez com ela?

— Devolvi sete anos de frustração e ódio de uma vez. — Dou de ombros.

De repente a porta se abre e passa por ela Caio, Júlio, Antônio, João, Lucca e Amanda.

— Amor? Você está bem? O que essa doida te fez? Eu vou matá-la! — Júlio me alcança

desesperado, passando a mão no meu rosto e inspecionando meu corpo à procura de ferimentos.

— Acho que não precisa. Sua mulher nocauteou a garota.

— Os federais estão chegando — Antônio anuncia, se colocando ao lado de Vega.

— Deusa! Como isso aconteceu? — Lucca pergunta, aflito.

— Conte tudo! Preciso aprender a fazer isso. Olha a cara dela. Aquilo é sangue? — Uma Amanda inconveniente e curiosa se abaixa ao lado da *Isacobra* para olhar melhor.

Caio verifica seu pulso e respira fundo. Acho que ela está viva.

Que pena!

— Eu estou bem. Júlio, vire de costas! — grito, lembrando-me de que ele não pode me ver vestida de noiva antes do casamento.

— Pare com isso, amo...

— AGORA! — dou um grito assustando a todos, inclusive ele.

Ele se vira, bufando.

— Como souberam dela?

— Sua sombra.

— O quê? — questiono Caio, que se levantou e está me encarando.

— A Srta. continua sendo vigiada pelas *sombras*. Sabemos das ligações anônimas e com Isabela ainda sumida, o Sr. Júlio e eu achamos que não seria conveniente dar folga.

— Então eu tenho uma babá fantasma e meu NOIVO não me fala nada? E como sabia das ligações, Caio? — pergunto e sinto meu corpo zunir de raiva.

Ele me encara por alguns minutos ou horas. Está ponderando a resposta e eu começo a hiperventilar. Eu não vou gostar disso.

— Eu mandei grampear — Júlio responde, virando-se para mim.

— Que absurdo! — Amanda fala ao canto.

— Quieta, Amanda! — Antônio a repreende.

— Vamos... todos sair, sim?! Esperaremos lá fora.

— Senhor, a garota desmaiada...

— Deixe, Caio. Os federais estão chegando e darão conta dela.

Caio é o último a se retirar e eu sinto meus olhos novamente marejados, mas não é emoção e sim raiva emanando.

— Você nunca vai falar a verdade, não é? Você não consegue!

— Eu? E você, querida noiva? Quando iria me dizer que estava recebendo ligações suspeitas?

Ficamos nos encarando e eu respiro fundo na tentativa de acalmar meu coração.

— É diferente!

— Como? Posso saber? Se eu não tivesse colocado alguém de olho em você, o que poderia ter acontecido aqui?

— Eu acabei com ela de qualquer forma — falo, cruzando os braços e provando meu ponto.

— Essa não é a questão! Fomos acionados assim que ela entrou na igreja, mas tivemos de agir com muita cautela. Eu não queria despertar a curiosidade dos outros, mas ela chegou mais rápido em você.

— Tudo bem — digo, bufando. — Entendi seu ponto, “Sr. tenho controle de tudo” — concordo, fazendo aspas com as mãos.

— Tudo bem, futura “Senhora boa de gancho”. — Rimos juntos e ele se aproxima de mim.

— Dá muito azar eu dar um beijo na noiva antes do casamento?

— Fui atacada por uma louca homicida que queria roubar meu futuro marido e além de tudo tive que nocauteá-la faltando alguns minutos para subir no altar. Acho que me beijar não vai mudar muito as coisas.

— Sua atrevida! — Júlio abraça minhas curvas e me beija apaixonadamente.

Rolamos nossas línguas necessitadas e mostramos nossa entrega um ao outro e a esse amor louco e confuso que sentimos.

— Com licença. — Caio bate à porta.

— Sim, Caio.

Júlio finda nosso beijo e limpa minha boca manchada de batom.

— Os federais estão aí.

— Ótimo. Limpe tudo. Avise Alexandre da tentativa de Isabela contra Aldria, mas que resolveremos isso depois, pois agora... Agora eu vou casar com essa mulher! — Ele ri e me abraça.

— Aceito.

— Graças a Deus! — Júlio solta o ar e eu rio com seu desespero.

— Que foi? — pergunto, fingindo inocência.

— Pra que demorar tanto a responder? Quer me matar do coração, mulher? — Escutamos o padre pigarrear e nos voltamos para ele.

— Pelo poder a mim investido, eu vos declaro: marido e mulher. Pode beijar a...

O padre nem termina de falar e Júlio me agarra no altar, me dando um beijo para lá de ousado.

A igreja inteira nos ovaciona, felicitando e aplaudindo. Finalmente findamos o beijo. Nossos padrinhos fazem uma fila para nos cumprimentar.

Primeiro, foram Vega e Antonio, minha madrinha de honra e organizadora de todo esse arranjo e seu deuso. O segundo casal foi Lucca e Eduardo, e por último, Amanda e Caio.

O casal temperamental não conseguiu manter o sorriso no rosto, mas pelo menos não deu nenhum bafão na minha cerimônia.

— Hora da festa! — Júlio sussurra e saímos pelo corredor da igreja com todos aplaudindo e nos jogando chuvas de arroz.

Como meus pais seguem uma tradição católica, resolvemos fazer a cerimônia na igreja. Todos os enfeites, incluindo meu buquê, tinham como base o lírio branco.

Depois de toda a explicação do meu amado marido sobre o significado da flor, eu exigi que Vega fizesse tudo usando-a como base.

Graças a Deus escolhi um modelo de vestido que me deixa mais à vontade devido à gravidez. Eu tinha medo que o vestido não servisse.

Optei por um lindo modelo. O vestido une a fluidez da *mousseline* ao romantismo da renda. Com transparência nos ombros, ele traz um forro modelo tomara que caia, deixando algo sensual na parte superior e algo leve e sonhador na parte de baixo, por conta das várias camadas de tecido delicado.

Entramos na limusine que nos levará para o lugar da festa.

A mansão dos Gouvêa.

Tentei argumentar, mas discutir com minha sogra e a mãe de Vega é realmente batalha perdida.

— E aí, contou pra eles, amor? — Júlio abre um champanhe sem álcool que estava em um balde à nossa frente.

— Estou caminhando para isso, querido — falo, evasiva.

Júlio para o que está fazendo e me encara.

— Você não falou? Aldria! Todo mundo já sabe do nosso filho e você não contou aos seus pais? — ele indaga em tom de repreensão e o medo que me toma toda vez que penso nisso se intensifica.

Começo a respirar fundo e um pânico começa a se formar dentro de mim. Início meu mantra de inspirar e expirar para buscar um pouco de calma.

— Eles vão surtar — afirmo, apavorada.

— Minha linda, eles não vão surtar. Além do mais, já estamos casados. Veja... — Ele pega na mão onde ostento uma linda argola dourada, beijando-a. — Vai dar tudo certo!

— Tudo bem. — Me acalmo.

Júlio tem esse dom. Ele desperta minha irritação e em contrapartida me traz calma quando preciso.

Chegamos à festa e entramos com uma salva de palmas. Todos comemorando e nos parabenizando pela cerimônia.

— Ai, amiga, você está linda! — Vega me abraça pela quinta vez, eu acho.

— E você está arrasando nesse vestido.

— Ninguém vai falar do meu terno? — Lucca reclama e caímos na risada.

— Você sempre foi gostoso, sua bicha má. Aliás, seu bofe está um pecado — falo, direcionando o olhar para onde Júlio, Eduardo, Antônio e João conversam.

— Nossos bofes, né, mona? Aquela roda ali é o paraíso para qualquer uma.

— Mas são todos comprometidos. Tirando João, que não tem jeito mesmo — Vega comenta.

— Escutem. Eu sei que sou dura e meio ácida. — Ambos me olham com as

sobrancelhas erguidas. — Tudo bem. Sou *muito* ácida. Mas eu gostaria de dizer que estou muito feliz por nós. Finalmente nós nos entregamos ao amor e, apesar das idas e vindas, estamos finalmente seguindo nosso caminho e muito bem acompanhadas.

— Pois é, amiga. Arrumamos homens com paus quilométricos e uma vontade de nos causar orgasmos múltiplos. — Vega e eu gritamos com o comentário de Lucca.

— Agora só falta Íris. Aliás, ela não vinha ao seu casamento? — Vega pergunta.

— Mandeí o convite. Mas ela tinha um congresso fora ou algo do tipo.

— Preciso ligar para ela. Aquela maluca só pensa em trabalho.

— E o que faremos com aquela maluquinha ali? — Lucca aponta com a cabeça e nos viramos para ver Amanda parada próximo à pista de dança, olhando as pessoas.

— Eu não sei. Ela quer algo que eu não sei se realmente tem futuro — Vega comenta.

— Caio é louco por ela — falo com descaso — e eu acho que se ela soubesse trabalhar isso, teria ele rapidamente em seu dedo mindinho.

— Aldria?! — Lucca me chama como sinal de advertência.

— Quê? — Faço cara de inocente.

— Deixe que eles se resolvam, ok? — Reviro meus olhos para o comentário do meu amigo. — Agora vamos! Temos que dançar e aproveitar para animar nossa menina petulante — Lucca fala enquanto nos puxa para a pista de dança de encontro à Amanda.

Júlio Gouvêa

Observo minha esposa de longe. É incrível como a cada vez que a olho, um fôlego é tomado de mim. Eu não sei explicar como, mas Aldria consegue cada vez mais entrar em meu coração e mente, tomando conta de tudo.

— Feliz? — Caio para ao meu lado.

— Como nunca estive em toda minha vida. Resolvido o problema com os federais?

— Sim. Alexandre vai incluir a tentativa de homicídio contra a Srta. Garcia e sobre o soco, bem, isso ficou esquecido.

— Sra. Gouvêa! — eu o corrijo. Ele ri, percebendo que usou o nome dela de solteira.

— Eu não entendo. Essa merda de flores e corações, isso é confuso demais.

— Na verdade, é simples. Quando você olha para alguém e sente como se seu coração batesse nela, é sinal de que o amor te tomou.

— Que filósofo! — ele desdenha e olho para seu rosto, vendo o esboço de um sorriso.

— Espero que você caia em si, amigo. Ela não vai te esperar a vida toda. — Caio endurece a face, mas não lhe dou tempo de retrucar.

Entrego minha bebida em sua mão e dou duas batidinhas em suas costas, indo em busca da minha mulher.

— Pensou em entrar na pista sem seu marido? — pergunto, abraçando Aldria por trás e dando um beijo em seu pescoço.

— Claro que não, marido! — ela responde com indignação exagerada.

— Atrevida! — Mordo seu pescoço.

Pego sua mão e a levo para o meio da pista de dança. A banda anuncia a primeira dança

do casal Gouvêa e as primeiras notas no piano de, *Just Give Me A Reason*, Pink, ecoam no salão.

Dançamos a música nunca tirando os olhos um do outro e tento mostrar à minha amada esposa que apesar de todos os desencontros, nós vencemos.

Como diz a letra: “foi escrito nas cicatrizes dos nossos corações”, e nada e nem ninguém pode nos tirar a chance de finalmente vivermos nosso amor.

— Eu não tenho mais dúvidas, nem medos. Você é meu tudo, Júlio Gouvêa, e prometo que nada mais vai nos separar.

Ela entende o significado da letra para mim e sua resposta me faz ter a certeza de que agora viveremos nossa história. Sem interferências, sem receios, somente amor.

— Te amo, minha linda. — E eu a beijo.

Depois das danças tradicionais do casal, com os pais e com os padrinhos, saímos da pista. Preciso levar Aldria para comer alguma coisa. Ela tem que se alimentar.

— Srta. Garcia... Quer dizer, Sra. Gouvêa... Parabéns pelo casamento. Está tudo muito lindo. — Lola chega acanhada, cumprimentando Aldria. Olho com desgosto para seu acompanhante.

Por que ele tinha que vir?

— Aldria, Sr Júlio, parabéns! Linda cerimônia. Você está linda! — Henrique cumprimenta Aldria e a elogia. *Babaca!*

— Obrigada! Que bom que veio.

Aldria abraça os dois e eu sou obrigado a socializar com o idiota.

— Agradeço. Se nos dão licença, preciso alimentar minha esposa.

Faço questão de mencionar o título para que o imbecil crave naquela cabeça dele que ela está fora de qualquer limite para ele.

— Precisava ser rude? — ela pergunta enquanto nos encaminhamos para nossa mesa.

— Ele que começou! *Você está linda*. Que babaca! — falo, imitando o elogio que ele fez à minha mulher.

— Pare com isso! Vamos comer, estou morta de fome — ela diz, abraçando-me pela cintura.

Aldria Garcia

Depois de conseguir me alimentar um pouco, emendamos em uma conversa sobre viagens e lugares a conhecer. Eu queria conhecer a Europa, mas como tenho exames e consulta com meu obstetra para ver como está indo a gestação, não podemos nos ausentar por muito tempo.

— Você vai adorar a Serra. É tranquilo e aconchegante — Lucca comenta sobre o lugar que visitou.

— Sim. Vai fazer bem a você e ao bebê, com certeza — Vega se pronuncia e a mesa fica em silêncio.

Merda! Vega bocuda! Eu mato essa espanhola.

— Bebê? — meu pai pergunta.

— Filha, você está grávida? — minha mãe também indaga, num misto de espanto e alegria.

— Provavelmente... — falo, revirando meu nariz para todos os lados.

— Sim! Ela está! — Júlio confirma, confiante.

— Mas como isso aconteceu? — Meu pai ainda parece indignado. Isso vai render horas.

— Olha, pai... Na verdade, isso é uma história bem interessante e o Júlio, meu marido, estava louco pra te contar. Não é, amor? — digo, sorrindo sem graça, e olho para ele.

— Estava? — Ele ergue as duas sobrancelhas para mim.

— Sim, estava — respondo atrevida.

— Então, meu rapaz. O que tem a dizer? — O silêncio na mesa se torna mortal e meu pai apoia as duas mãos na mesa, encarando Júlio.

— Senhor, eu sempre respeitei sua filha e nós não planejamos isso, mas aconteceu e eu não posso dizer que lamento. — Meu pai franze as sobrancelhas e eu observo sem dar um pio.

— Manchar a honra da minha filha foi algo normal para você? — meu pai questiona, incomodado.

— Não. Eu me entregar a ela e sentir sua entrega ao nosso amor foi algo sublime e se disso tudo Deus nos presenteou com um filho, eu me sinto o homem mais sortudo dessa Terra — Júlio responde, determinado.

Vejo um fraco sorriso surgir no rosto do meu pai e ele balança a cabeça em negação, voltando a comer.

— Esses jovens... Sempre apressados. — Finalmente sorri e eu solto o ar que estava segurando.

O assunto na mesa retorna com todos falando ao mesmo tempo e em uma troca de olhares com meu pai percebo que, mesmo não concordando, ele está feliz por mim.

— Eu tenho que ir ao banheiro. Sabe como é, né? Gravidez e xixi andam juntos. — Levanto-me e dou um beijo no rosto muito espantado do meu marido. — Desculpe-me — sussurro em seu ouvido e saio da mesa.

Ele queria que eu contasse e tecnicamente eu contei. Ele é o especialista em conter danos e resolver casos complicados. Tenho certeza de que lidar com meu pai não será nada para ele.

— Me solte, por favor! — peço em um lamento.

Estamos no chalé em nossa lua de mel. Chegamos aqui ontem e ainda não consegui conhecer totalmente esse paraíso. Júlio me mantém cativa no quarto, alimentando-me com comida, água e sexo. Muito sexo.

— Ainda não terminei com você — diz ele, beijando o lado interno da minha perna.

Estou na cama com as mãos amarradas por um cinto e Júlio está me torturando deliciosamente com sua boca pecadora.

— Eu também quero te beijar — falo manhosa.

— Você ainda está de castigo por me deixar sozinho para lidar com seu pai. — Sorrio.

— Eu estava ao seu lado e não foi tão difícil assim. Você é um advogado fodão, sabe lidar com isso.

— Com pelo menos quarenta minutos de sermão ininterruptos de como é importante respeitar a família e os bons costumes? — Agora eu gargalho.

Em resposta recebo um tapa estalado na lateral da minha coxa. Reclamo pelo susto e gemo, pois logo em seguida Júlio passa a língua na região que causou a dor.

— Vai judiar muito de mim?

— Sim! — responde e continua me beijando em todos os lugares, menos no local mais latejante entre minhas pernas.

— Ai. Ai, amor. Tá doendo. Ai.

— O quê? Espere. Deixe-me te soltar. O que foi? Fiz algo que machucou você ou o bebê? — Ele rapidamente solta minhas amarras e quando minhas mãos estão livres eu passo minhas pernas por sua cintura e puxo seu pescoço para próximo de mim, beijando-o desesperadamente.

— Sim. Você está me negando orgasmo e isso dói — falo, beijando-o novamente.

Num movimento rápido Júlio nos gira e eu fico por cima.

— Sua safada! Pronto. Agora sou todo seu — ele diz, colocando as duas mãos atrás da cabeça e balança suas sobrancelhas em sugestão.

— Ótimo! — Aproveito e passo as mãos por seu tórax e abdome malhado.

Deslizo pelo seu corpo e por onde passo minhas mãos o apertam e minha língua o degusta. Quando alcanço o cós da sua *boxer* branca eu passo minha boca por ali e vejo seu membro pulsar através do tecido.

— Tem alguém querendo atenção, amor — ele fala com sua voz tipicamente rouca de tesão.

Eu lhe direciono um sorriso de lado e com as duas mãos eu desço a frente do tecido e seu membro salta livre, grande e duro. Minha boca enche d'água e eu não ligo mais para o jogo de sedução e abocanho o máximo que consigo daquela coisa enorme e deliciosa.

— Oh, merda! — ele pragueja levando uma mão até minha cabeça, juntado um pouco do meu cabelo e dando um leve puxão. — Devagar, senão eu gozo — ele fala ofegante e eu amo vê-lo assim, entregue.

— Tudo bem, amor. Já está na hora de me alimentar mesmo — digo, safada, e volto a chupá-lo.

Transamos feito animais, o que já é comum para nós. Mas eu acho que a sensação de posse agora que estamos realmente casados se intensificou.

Tudo que queríamos está se concretizado e daqui para frente a vida nos guiará e nossos corações podem finalmente sossegar e aproveitar o tempo.

Com certeza não será um mar de rosas.

Eu sou atrevida e não abaixo a cabeça.

Ele é um cara obstinado e mandão. É meu ser infernal, que consegue me trazer a paz que sempre busquei na vida.

Tudo bem, não é uma paz *zen*, mas do nosso jeito maluco é a nossa redenção e isso torna tudo muito mais gostoso e atraente.



Capítulo 27

Hoje vivenciamos a realização de nossas vidas

2 meses depois

— Morrrrrrr... Acorda! — resmungo na cama.

— Hum... — Júlio vira de lado e não me dá bola.

Como pode ter o sono tão pesado? Ele não era desse jeito.

Estou revirando na cama de vontade de comer uma torta de café com um suco de limão. A combinação parece péssima, mas não consigo evitar a quantidade de água que se forma em minha boca quando penso nisso.

Semana passada tive desejo de torta de frango com cobertura de caramelo. Comi quase a torta inteira e depois passei a noite colocando tudo para fora por má digestão.

— Júlio, acorda! — reclamo, me sentando na cama.

Como resposta, escuto seu ronco. Bufo com impaciência e decido fazer o que qualquer mulher no meu estado faria.

— AI! TÁ NASCENDO, TÁ NASCENDO! — Júlio desperta imediatamente e na ânsia de levantar rápido ele tropeça entre as cobertas e se espatifa no chão.

Começo a rir da cena enquanto ele se levanta, ainda atordoado, e começa a procurar pela sua calça de pijama, vestindo-a.

— Calma! Amor, calma! Vamos para o hospital! — ele fala comigo e não nota que estou sentada calmamente, encostada em um monte de travesseiros.

Ele continua rodando em círculos no quarto, procurando por algo que eu realmente não sei o que é, até que para estático no quarto e vira-se lentamente, me encarando e colocando as duas mãos na cintura.

— Isso não se faz, atrevida! — ele reclama.

— Quero torta! E você não acordava nem por decreto — falo, fazendo bico.

— Amanhã a senhora tem consulta. Finalmente vamos confirmar o sexo do bebê e ficar comendo porcarias não vai ajudar — diz, me repreendendo.

— Você está me chamando de imensa? É isso? — Meus olhos marejam e eu sinto um nó se formando em minha garganta.

— Não, amor, claro que não! — Ele vem até a cama e se abaixa ao meu lado, segurando meu rosto e limpando minhas lágrimas. — Eu vou buscar sua torta, ok?! Agora se acalma e me diz o que quer.

— Torta de café com suco de limão — falo animada e Júlio torce o rosto em sinal de careta.

— Uau. Tudo bem. Essa criança já está provando de quem puxou o gênio — afirma, se levantando e indo para o *closet* buscar por suas roupas.

— Não entendi, Júlio Gouvêa! — digo, brava.

— Nada não, amor. Pensei alto. Eu vou buscar sua torta. — Ele me joga um beijo e sai do quarto.

— Então, doutor? O que é? — pergunto com curiosidade.

— É, doutor, fala logo! Daqui a pouco é minha vez — Vega comenta atrás de mim.

— Diz que é uma menina — Lucca pede, animado.

— Amor, deixa o médico falar. — Eduardo tenta conter a empolgação de Lucca.

— Anda logo com isso. Quero saber se parabenizo ou lamento por Júlio — Amanda brinca.

— Não entendi — agora é Júlio quem fala.

— Bem, imagina se vem uma menina com o gênio da Aldria? Você está perdido! — ela

comenta como se não fosse nada demais.

— Essa fedelha é petulantesinha mesmo! — falo alto para que ela escute.

Desde que descobrimos nossa gravidez, Vega e eu temos feito tudo juntas. Provavelmente nossos filhos serão gêmeos de pais diferentes.

Claro que toda a turma quis estar presente em cada momento e acontecimento até aqui, por isso a sala de ultrassom está cheia desse jeito.

— Fiquem quietos! Deixe o médico falar.

Júlio coloca ordem na empolgação e olhamos para o médico que se diverte com nossas estripulias.

— Então, doutor?! — pergunto, segurando a mão do meu marido.

— É um menino! — Meu coração se aperta e todos começam a nos parabenizar.

— Obrigado, minha linda. Você me fez o homem mais feliz do mundo. — Júlio se aproxima de mim, dando-me um beijo casto.

— Um menino! Ah, que coisa mais linda! — Lucca praticamente pula em cima de mim.

— Parabéns, *chica*! — Vega me beija.

— Espere um minuto!

O médico chama nossa atenção e meu coração dispara.

Será que tem algo errado com meu filho?

— O que foi, doutor? Tem algo de errado? Está faltando alguma parte? Sabia! Eu vi um programa sobre isso. Crianças que nasciam com alguma deficiência. Por Deus, eu...

— Acalme-se, Sra. Gouvêa! — O médico me olha sorrindo e eu respiro fundo.

— O que aconteceu, doutor? — Júlio aperta minha mão e eu sei que ele está tão assustado quanto eu.

— Não há nada de errado. Só uma sapeca que estava se escondendo atrás do seu irmão e

não consegui identificá-la de imediato.

Só escuto o barulho da máquina e vejo o médico sorrindo. Ninguém menciona nada e eu ainda tento entender o que ele disse.

— Vocês estão esperando gêmeos. Um casal — ele anuncia.

Sinto uma mão sobre minha barriga e uma gritaria ao fundo. Olho para meu ser infernal e o vejo olhando atônito para minha barriga protuberante.

— Como... Como não soubemos antes? — Ele olha para o médico.

— Bom, sua esposa se negou a fazer a transvaginal logo que descobriu a gravidez e como este é o primeiro ultrassom obrigatório, não tinha meio de descobrir que não fosse aqui — ele explica.

— É claro que me neguei. Você já viu o tamanho daquela coisa? É grande igual ao seu, amor. Só não tem a mesma espessura. Mesmo assim não queria aquilo dentro de mim — falo, indignada pelo médico achar que eu deveria, sim, ter feito.

— Aldria! — ele esbraveja com minha sinceridade.

— Cristo! Você não tem jeito! — Lucca lamenta minha falta de compostura.

— Gêmeos! Tem certeza, doutor? Eu não sei se dou conta. São duas fraldas, dois choros, dois banhos. Eles vão sugar meus seios até me secar. E a escola? Como vou dar conta? Júlio, faça alguma coisa! — Olho-o atônita. Finalmente cai minha ficha de que terei dois filhos de uma única vez.

— Minha linda, nós daremos conta. — Ele acaricia meu rosto, tentando passar tranquilidade.

— Como? — pergunto, aflita.

— Eu vou cuidar de vocês. E quando achar que está cansada ou estafada, eu vou te amar e te acalmar, então vamos lembrar juntos o quanto tudo isso é maravilhoso.

Sorrio para seu comentário.

— Essa sua boca sabe falar a coisa certa. — Eu me aproximo e beijo seus lábios.

— E fazer também, não se esqueça disso — ele sussurra para mim, mas pelo burburinho e uivos atrás de nós, os enxeridos ouviram tudo.

— Calem a boca! — xingo todos e eles começam a rir e nos abraçar, felicitando pela notícia dupla.

3 meses depois

— Meu Deus, como mexe! — Lola toca minha barriga no momento em que os gêmeos estão em festa ali dentro.

— Sim! Só ficam quietos quando o pai está por perto. Quando escutam a voz do Júlio eles param de se mexer — comento sorridente.

— Ah! Por falar nisso, essa tarde o senhor Ferraz da *Titan Lub* virá para a reunião de resultados. O Sr. Júlio disse que cuida da reunião para que a senhora não se desgaste.

— Não me desgaste? Mas é um idiota! Ele acha que me enrola, mas eu sei que ele não me quer perto do Sr. Ferraz. — Lola dá de ombros e volta a seus afazeres.

— Com licença?! — Olavo passa pela porta.

— Oi! Entra! — digo, animada.

— Passei pra dar um oi para os meus sobrinhos e pra você, delícia. — Ele me abraça e mexe com minha barriga.

— Deixa seu irmão ouvir isso.

— Não corro o risco. Ele está almoçando com a Deborah.

Olavo continua brincando com minha barriga e eu enrijeço.

— Quem?

— Nada! Eu não disse nada. — Ele tenta se afastar, mas eu seguro sua mão e aperto.

— Onde? — pergunto e aumento meu aperto.

— Ai! Cacete, Aldria, você está mais forte.

— Sim! E se não me disser eu juro que vou quebrar o seu parquinho de diversões — ameaço e ele automaticamente leva uma mão na sua região íntima, protegendo como pode.

— No café da esquina. — Eu o solto imediatamente e pego minha bolsa, saindo para ir atrás do meu marido, provavelmente errante.

Entro no café e rapidamente o identifico de costas para mim e uma linda loira exuberante está sentada à sua frente, falando sem parar.

— Olá, querido! — saúdo, jogando minha bolsa sobre a mesa.

— Aldria! — Ele e a lambisgoia loira levantam ao mesmo tempo.

— Eu mesma, sua esposa. Lembra? — falo, colocando as mãos na cintura e encaro os dois.

— Amor, o que você faz aqui?

— A pergunta é: o que você faz aqui? Quem é a loira azeda? — pergunto, apontando com o polegar para a magricela atrás de mim.

— Aldria! Comporte-se! — ele me repreende.

— Ótimo! — Viro-me para a loira. — Prazer, sou a mãe dos gêmeos. Tá vendo isso, queridinha. Tem dois aqui dentro. Já imaginou o tanto de pensão e tempo que ele terá que dedicar a esses dois e a mim? Pois é, coisa bem complicada. — Ela me encara com olhar divertido.

— Muito prazer, Sra. Gouvêa. Eu sou Deborah, corretora de imóveis e esposa do amigo do Júlio. — Ela estende a mão para mim e eu olho para ela e sua mão.

— Deborah veio até mim, pois conversei com Dantas, esposo dela e meu amigo, que precisava de uma corretora e ele a indicou.

— Corretora? — indago, sem graça, e sinto meu rosto queimar.

— Sim! Júlio, eu já vou indo. Aqui estão as chaves. Nós nos vemos na próxima semana para assinar a papelada de venda. — Ela entrega ao Júlio um molho de chaves e me olha. — Gostei de você, Aldria. Vamos marcar algo lá em casa. Tchau! — A mulher sai da cafeteria com

toda a elegância que pode.

— Acho que vou indo. Tenho uma reunião — digo, pegando minha bolsa e antes que eu consiga me virar e sair, Júlio me barra.

— Amor? O que foi isso? Agiu feito uma louca e pior, duvidou da minha fidelidade por você. E a confiança? — ele questiona, buscando meu olhar.

— Eu sei... Sinto muito. Estou maluca com a gravidez e os hormônios não colaboram comigo — falo em lamento e ele me abraça.

— Você precisa se controlar. Já te provei que só existe você em minha vida. — Ele beija minha bochecha e se afasta.

— Não transamos há uma semana! — reclamo finalmente do que vem me incomodando. Algumas pessoas nos encaram e eu sinto meu rosto queimar mais uma vez.

— O médico mandou manejar, Aldria! Você está entrando num período complicado. Ele quer manter os bebês o máximo de tempo aí dentro — ele pondera, tocando minha barriga.

— Tudo bem, entendi! Mas oral não tem penetração — falo, atrevida.

— Aldria! Pelo amor de Deus! Vamos embora daqui. — Júlio olha para os lados, preocupado que alguém possa ter nos ouvido.

— Srta. Garcia, continua formidável. — Sr. Ferraz beija minha mão e encara-me com olhar safado.

— Obrigada, Sr. Ferraz — agradeço a gentileza.

— Sra. Gouvêa! Ela agora é uma mulher casada, grávida de gêmeos e sabe como é, né?! Uma família grande e feliz para cuidar. — Júlio tira minha mão que Sr. Ferraz ainda segurava.

— Onde está a confiança agora, amorzinho? — sussurro entre dentes para que somente Júlio escute e em resposta recebo um beliscão na bunda.

Ai, doeu!

— Pois é. Eu não consegui físgá-la para mim, mas nada me impede de admirá-la.

— A não ser que fique cego. — Júlio fecha a cara.

— Júlio! — repreendo-o e ele dá de ombros. — Por favor, Sr. Ferraz, sente-se. Vamos começar, sim?!

Cada um se acomoda em seu lugar e eu dou início a apresentação dos resultados dos últimos meses de trabalho na *Titã Lub*.

No meio da apresentação eu começo a sentir uma pressão na região pélvica, minhas costas começam a arder e eu tenho dificuldades para continuar.

— Aldria? Está tudo bem? — Júlio me alcança e eu seguro sua mão, respirando fundo.

— Eu não sei. Estou sentindo uma pontada.

A pressão aumenta e eu sinto algo escorrer pelas minhas pernas.

— Amor? Você fez xixi? — Olho para baixo e vejo a poça de água formada no chão.

— Não, idiota! A bolsa dela rompeu. — Sr. Ferraz se aproxima de nós.

— Merda! — falamos juntos e sinto uma pontada aguda me rasgando por baixo.

Aperto a mão de Júlio tão forte que ele estremece.

— Precisamos ir. Preciso de um carro. Merda! Suas coisas estão em casa. — Júlio começa a se apavorar enquanto eu tento respirar para controlar minha dor.

— Eu levo vocês. Vamos! — Sr. Ferraz se prontifica.

— De jeito nenhum!

Júlio me segura, afastando-me da tentativa do Sr. Ferraz de me tocar.

— Não seja infantil. Seus filhos estão nascendo! — Ele chama Júlio a razão e os dois começam a discutir um monte de coisas que eu não entendo.

Uma raiva sem fim toma conta de mim e eu seguro Júlio pelo colarinho da camisa, aproximando-me de seu rosto.

— Vamos na merda do carro dele. Entendeu? — Ele só sacode a cabeça. — Ótimo!

Eu o solto e finalmente começamos a nos mover.

— Deus, estou exausto! — Júlio reclama, se jogando na poltrona ao meu lado. Eu o encaro com indignação.

— Você? Eu acabei de expelir dois melões pela minha vagina e você está cansado? — Fico indignada.

— Amor, nunca mais mencione coisas saindo da sua vagina. É nojento e eu realmente a amo. — Jogo um ursinho que estava do meu lado em sua direção.

— Estou orgulhosa de você. Não desmaiou na sala de parto — comento e ele se levanta, vindo sentar do meu lado na cama.

— Foi lindo, amor. Tirando a parte que você me bateu por eu ter lhe engravidado e por ter sido dois de uma vez — ele fala, lamentando.

— Desculpe-me. Eu estava com dor e você foi o responsável por isso. — Nós sorrimos e ele me encara.

— Então, que nome daremos a eles?

— Pensei para ele Rodrigo.

— Acho ótimo. Rodrigo Garcia Gouvêa. Soa bem.

Ele se aproxima e me beija.

— E para ela, eu pensei em Sara — falo e Júlio me observa.

— O nome da minha avó? Jura? — Sorri.

— Sim. Eu adoro o nome e acho uma homenagem bonita.

— É perfeito, amor. Você me faz um homem feliz a cada dia, minha linda! — Ele me beija e ouvimos um pigarrear atrás de nós.

— Olá, papais. Temos dois bebezinhos famintos, aqui.

Vemos dois pacotinhos, um azul e outro rosa.

— Ah, me dê — eu peço e Júlio se levanta indo até o berço móvel e pegando nosso filho.

A enfermeira pega minha filha e vem até mim, me entregando-a.

Nem percebo que estou chorando quando sinto Júlio limpando minhas lágrimas. Olho para cima e o vejo com nosso filho nos braços, tão emocionado quanto eu.

— Obrigada — digo.

— Acho que você roubou minha fala, sua atrevida — ele fala com carinho e se aproxima de mim, beijando minha boca.

Nossos filhos escolhem esse momento para começar a resmungar ao mesmo tempo, mas minha garotinha mostra um pouco mais de persuasão e solta um berro a plenos pulmões.

— Opa! Acho que alguém já está mostrando o gênio da família.

— O seu, né, palhaço?! — Faço careta e ele ri.

— Venha, filhão. Vamos deixar sua irmã se alimentar enquanto temos um momento de homens.

Júlio vai até a poltrona e fica brincando com os dedos do nosso filho enquanto a enfermeira me ajuda a alimentar minha pequena geniosa pela primeira vez.

Com o tempo tenho descoberto que estou longe de encontrar a paz que Júlio mencionou quando me pediu em casamento.

Nossa vida é turbulenta, cheia de intensidade e sentimentos que nos levam do chão ao ápice em questão de segundos.

Agora somos responsáveis não por um, mas por dois frutos desse amor louco. Acho que a paz que ele mencionou naquela época era na verdade o sentimento de realização, e isso, realmente nós conseguimos.

Nós nos entregamos ao amor e hoje vivenciamos a realização de nossas vidas.

FIM



15 anos depois

Júlio Gouvêa

— Volte aqui, Sara! — Minha filha sai batendo a porta do carro e não me dá ouvidos. —
Atrevida feito a mãe! — lamento.

— Calma, pai. Daqui a pouco passa — meu filho me consola e sai do carro, indo na
mesma direção da irmã para a entrada do colégio.

Eu não sei em que momento parei de ser o príncipe encantado da minha filha e me
tornei o vilão da coisa toda. Ela anda agressiva e relutante, não quer mais participar dos
encontros de família e nossos momentos pai e filha estão cada vez mais escassos.

Chego à empresa e vou direto para uma reunião da qual já estou atrasado. Pego o
material que preciso e quando entro, sou obrigado a parar.

Vejo uma linda bunda avantajada bem à minha frente, num vestido branco social colado
que marca todas as suas curvas gostosas. Entorto um pouco minha cabeça e continuo admirando
a paisagem.

Sou despertado com as luzes acendendo e uma Aldria com cara de safada me encara.

— Bom dia a todos! — Vou para o meu lugar e me intero da reunião.

— Bom dia, Sr. Gouvêa. Já estamos encerrando por aqui — ela fala, remexendo alguns
papéis e eu dou uma conferida no decote de seu vestido.

— Claro — respondo no automático.

— Como sempre, perfeita! — O imbecil do Ferraz não desiste.

Quinze malditos anos se passaram e ele ainda tenta cortejar minha esposa.

— Obrigada, Sr. Ferraz. Anabete, pegue as informações da reunião e encaminhe para o

assistente do Sr. Ferraz.

— Sim, senhora.

— Será que hoje você aceitaria almoçar comigo? — o imbecil pergunta.

— Não! Ela vai almoçar com seu marido, no caso, eu — digo, me levantando e indo para perto dela.

— Ah, Júlio. Você sempre tão estraga prazeres.

Esse cara gosta de me provocar.

— Na verdade, eu tenho outra reunião em trinta minutos, então, rapazes, não irei almoçar com nenhum dos dois — ela fala e recolhe suas coisas, saindo da sala apressadamente.

Não gosto de ser colocado no mesmo patamar que aquele idiota e vou ao encalço da minha mulher para tirar satisfações. Entro em sua sala batendo a porta e ela se assusta.

— O que foi? — pergunta.

— Não gosto desse cara. Já falei pra passar a conta pra outro.

— E eu já disse que não obedeço a você. Ele só quer te provocar — diz, revirando alguns papéis.

— Por quinze anos? Insistente, não acha?!

— Júlio, qual o seu problema? Estou ocupada!

Fico calado, encarando-a. Ela contorna a mesa e vem até mim, passando a mão pela lapela do paletó. Abraço-a pela cintura e me aproximo, cheirando seu perfume. Ele me acalma.

— Sara. Ela está estranha. Não fala, e quando fala, só grita.

— Dê um tempo a ela, querido. São os quinze anos. Fase *aborrescente*, lembra?!

— Mas Rodrigo é tão diferente. Compenetrado, objetivo, correto.

— Cada um é cada um. Venha, vou pedir algo gostoso e comemos rapidinho, o que acha?

Intensifico meu aperto em volta de sua cintura, começo a beijar seu pescoço e desço uma das minhas mãos para sua bunda, pressionando-a contra minha palma.

— Eu quero você — falo em seu ouvido e aproveito para chupar sua orelha.

— Agora? — Ela ofega. — Eu não posso. Tenho uma reunião.

— Uma rapidinha no banheiro. — A puxo e nos trancamos no banheiro.

Beijamo-nos intensamente e eu subo seu vestido só para comprovar minha teoria. Ela está sem calcinha.

— Sem calcinha, safada! — Dou um tapa em seu traseiro e ela geme.

Coloco minha mulher sobre a bancada da pia e abro meu zíper, tirando meu pau já muito duro para fora. Ela o segura firmemente e eu gemo de tesão. Sou tarado por essa mulher.

Ela esfrega a cabeça dele em sua entrada e eu constato o quanto ela está molhada. Estoco em sua entrada de uma vez e gememos juntos pela plenitude que nos toma.

Dou estocadas firmes e ritmadas, sentindo sua boceta pulsar em torno de mim. Isso eleva minha excitação e eu acelero meus movimentos.

Não demora muito e ambos atingimos o clímax.

— Delícia! Era disso que eu precisava.

— Uma foda rápida no escritório, benzinho?! — Aldria desdenha.

— Não, sua petulante! Precisava sentir você.

— Mas você me sentiu ontem à noite, não lembra?

— Sou um viciado. — Rimos juntos e eu saio dela.

Voltamos para o escritório e eu peço uma comida rápida enquanto reviso alguns documentos com minha amada esposa.

— Então, amor. Domingo as meninas vão levar uns amigos no churrasco de família.

— Tudo bem, sempre levam. — Não dou muita importância.

— E um amigo especial da Sara vai, então, comporte-se.

Paro o que estou fazendo e ergo meu rosto para Aldria.

— Amigo especial? — questiono, tentando não interpretar o que eu ouvi.

— Sim. Não estrague tudo! — Ela me alerta e eu não respondo.

Dizem que quem cala consente, então eu prefiro acreditar que quem cala não deixa provas para serem usadas contra si.

Um lindo domingo de sol se faz na mansão dos Gouvêa e como já é tradição, estamos todos reunidos aqui para mais um almoço em família.

Pena que eu só enxergo nuvens e trovões desde que Aldria me contou naturalmente que um amigo especial da minha filha, minha princesa, está vindo para esse almoço.

— Amor, eles chegaram. — Isso quer dizer que os amigos das crianças estão aqui e provavelmente o amigo especial da minha filha também.

Vou para a área da piscina e vejo todos conversando na mesa. Mais afastado, vejo a roda dos homens e vou até lá.

— E aí?! — cumprimento Antônio, Caio, Olavo, Eduardo e João.

— Então, hoje temos um amigo especial aqui? — Caio pergunta com a sombra de um sorriso no rosto.

— Nem me fale! — Eduardo lamenta. — Minha filha também começou com isso e eu tenho que lidar com Lucca me aporrinhando que este é um momento dela.

— Vega me diz a mesma coisa, mas eu ainda não soube de nenhum amigo especial.

— É porque ele sempre esteve aqui — Olavo fala e aponta para Ana Luz, que está sentada à beira da piscina e meu filho Rodrigo lhe faz companhia.

Olhamos um para a cara do outro, apontando a dúvida em nossas faces.

— Nãããão! — falamos com desdém e rindo da suposição de Olavo, que nossos filhos tenham esse algo especial.

— Olha lá. É o tal amigo especial.

Olho na direção que Antônio aponta e vejo um moleque meio fortinho, com cabelos mais compridos loiros e com pose de fodão, falando algo no ouvido da minha princesa e segurando sua mão.

— Eu mato aquele bostinha!

Saio feito touro bravo e sou barrado pela muralha chamada esposa.

— Aonde você pensa que vai, amor? — ela questiona sorrindo.

— Vou mostrar ao amigo especial, algo muito especial. Minha mão em volta do pescoço dele! — Bufo e tento desviar da minha mulher.

— Não vai, não. Ela estava com medo de trazê-lo aqui, exatamente por isso. Nossos filhos estão crescendo, querido. Temos que apoiar e direcionar, lembra?

— Eu não vou apoiar e direcionar esse projeto de merda para dentro da calcinha da minha filha — falo, indignado.

— Júlio Gouvêa! Comporte-se ou quem vai ficar de castigo será você.

— Está me ameaçando com sexo? — indago, perplexo.

— Sim!

Reluto em ceder a sua ameaça, mas se tratando de Aldria, eu sei que ela seria capaz de coisa bem pior.

— Atrevida! Você vai ter que me recompensar muito bem, está ouvindo? — falo, passando a mão por sua cintura e a puxando de encontro ao meu corpo.

— Pode apostar nisso. Agora, comporte-se. — Ela me beija e volta para a mesa.

Retorno à roda, cabisbaixo, e eles param o assunto.

— Ameaça com sexo? — Antônio pergunta e eu concordo com a cabeça. — Normal. — Ele dá de ombros.

Passamos um tempo ali conversando e minha tia anuncia o almoço. Todos vão para a mesa, mas sou parado por minha filha.

— Pai! Esse é o Túlio. Túlio, esse é meu pai, Júlio Gouvêa.

O garoto que parecia todo confiante, treme na minha frente.

— Muito prazer, senhor. Fico muito feliz de conhecê-lo. A Sara fala muito do senhor e de seu trabalho. — Minha filha é encantada pelo Direito.

Estendo a mão, cumprimentando o rapaz, e percebo minha filha ainda tensa, com medo da minha reação.

— Muito prazer, rapaz. Espero vê-lo mais vezes. — Ambos sorriem e minha filha pula em meu pescoço, dando-me um abraço.

— Obrigada, pai — ela sussurra para que eu ouça.

Afago seus cabelos.

— Comportem-se! — eu digo e saio dali. Olho ao longe e vejo minha esposa nos observando.

— Oi — digo quando me aproximo dela.

— Olá — ela responde o cumprimento com um sorriso no rosto.

A abraço e respiro fundo seu perfume natural. Somente no conforto dos seus braços eu consigo acalmar minhas inquietações.

— Eles crescem rápido — comento.

— Sim. Por isso estou aqui, com você.

Ela me olha com ternura e me beija calmamente.

— Obrigado, minha linda!

— Pelo quê?

— Por ter me dado a vida novamente, quando me aceitou de volta. Por aceitar minhas falhas e não desistir de nós. Por ter me dado dois filhos lindos e perfeitos. Por me amar.

— Estou grávida!

— O QUÊ? — pergunto mais alto do que previa e isso a assusta.

— Isso é... Isso é ruim? Você não quer outro filho? — ela questiona, receosa.

— Amor! Não se dá uma notícia dessas assim. Eu estou ficando velho.

Levo minha mão ao coração e ela sorri.

— Velhos não transam feito loucos e fazem filhos. — Ela sorri, safada, e eu a pego pela cintura, girando-a no ar.

— Minha atrevida gostosa!

— Meu ser infernal!

— EU VOU SER PAI! — grito e todos que estão na mesa começam a gritar e assobiar, tagarelando milhões de coisas.

Me esqueço do mundo e beijo minha mulher, meu amor, minha vida, e com certeza minha não-paz.

E eu agradeço a Deus por isso todos os dias de minha vida.

Fim!

Agradecimentos

E pela segunda vez em um curto espaço de tempo, estou eu aqui para fazer meus agradecimentos.

Essa obra tem um gosto bem diferente da primeira. No primeiro momento, achei que seria algo mais fácil falar de Aldria e Júlio, ledo engano. Tive muitos bloqueios, dúvidas e inseguranças, e se não fosse Helô Coimbra, minha beta/amiga/revisora, eu não conseguiria ter entregado algo tão bom.

Agradeço às horas incansáveis e incontáveis que MF Correa, Hellen Caroline e Letícia Tobias deram-me seu ombro amigo para ouvir todas as minhas lamentações e entraves durante a escrita.

Isso realmente não tem preço. Como sempre, ao meu marido, eu sou grata, pois abdicou do seu tempo comigo por saber que eu estava a cada minuto possível me dedicando a continuar o meu sonho. Sou muito mais do que grata as minhas famílias, de sangue e espiritual, que me apoiam a cada passo dado e acreditam que meu sonho vale a pena ser vivido.

Obrigada por compreenderem as horas afastadas do convívio de vocês e principalmente, obrigada Mãe Denise, por me ajudar a mostrar que aquilo que é tido como errado está na mente de cada um.

Não posso deixar de falar das minhas amigas e parceiras do Café com Letras, Meninas do Café e ASD, vocês são muito fodásticas. Conhecer cada uma de vocês é o grande diferencial do meu dia a dia literário.

As pequenas atrevidas, vocês me inspiram a cada dia, amo demais dividir meus “bebês” com vocês.

E por fim, agradeço a Dani Moreno que deixou de ser minha editora para se tornar uma

grande amiga.

Deixo uma frase que define minha vivência hoje:

“Se você pode sonhar, você pode fazer.”

Walt Disney